

Universidade Estadual Paulista
Instituto de Biociências
Programa de Pós-Graduação em Educação



Árvore - Cândido Portinari

Dissertação elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Biociências, da Universidade Estadual Paulista, *Campus* de Rio Claro, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Educação – Núcleo Temático de Educação Ambiental.

Rio Claro – SP
- 2005 -

574.5 Endo, Ronaldo Munenori
E56f A formação da paisagem urbana do Complexo Ribeirão Verde: uma proposta comunitária de educação ambiental / Ronaldo Munenori Endo. – Rio Claro : [s.n.], 2005
391 f. : il., figs., gráfs., tabs., fots., mapas

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Antonio Carlos Carrera de Souza

1. Geografia urbana. 2. História oral. 3. Centros urbanos.
4. Educação não-escolar. I. Título.

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO defendida em 29.08.2005

“História oral de formação do Complexo Ribeirão Verde: contribuições para um Programa de Educação Ambiental”

RONALDO MUNENORI ENDO

Comissão Examinadora:


Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza


Profa. Dra. Rosa Maria Feiteiro Cavalari


Profa. Dra. Maria Helena Rocha Antuniassi

Nota: Por recomendação da banca examinadora o título desta dissertação foi modificado para:

A FORMAÇÃO DA PAISAGEM URBANA DO
COMPLEXO RIBEIRÃO VERDE:
UMA PROPOSTA COMUNITÁRIA DE
EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Los Hermanos

(A. Yupanqui)

*Yo tengo tantos hermanos que no los puedo contar
En el valle en la montaña en la pampa y en el mar
Cada cual con sus trabajos con sus sueños cada cual
Con la esperanza adelante con los recuerdos de trás
Yo tengo tantos hermanos que no los puedo contar
Gente de mano caliente por eso de la amistad
Con un lloro pa llorarlo con un rezo pa rezar
Con un horizonte abierto que siempre está más allá
Y esa fuerza pa buscarlo con tesón y voluntad
Cuando parece más cerca es cuando se aleja más
Yo tengo tantos hermanos que no los puedo contar
Y así seguimos andando curtidos de soledad
Nos perdemos por el mundo nos volvemos a encontrar
Y así nos reconocemos por el lejano mirar
Por las coplas que mordemos semillas de inmensidad
Y así seguimos andando curtidos de soledad
Y en nosotros nuestros muertos pa que nadie quede atrás
Yo tengo tantos hermanos que no los puedo contar
Y una hermana muy hermosa que se llama libertad*

Tocando em Frente

(Almir Sater / Renato Teixeira)

Ando devagar porque já tive pressa

Levo esse sorriso porque já chorei demais

Hoje me sinto mais forte mais feliz quem sabe

Só levo a certeza de que muito pouco eu sei

Eu nada sei

Conhecer as manhas e as manhãs

O sabor das massas e das maçãs

É preciso amor pra poder pulsar

É preciso paz pra poder sorrir

E é preciso a chuva para florir

Penso que cumprir a vida seja simplesmente

Compreender a marcha ir tocando em frente

Como um velho boiadeiro levando a boiada

Eu vou tocando os dias pela longa estrada eu vou

Estrada eu sou

Conhecer as manhas e as manhãs

O sabor das massas e das maçãs

É preciso amor pra poder pulsar

É preciso paz pra poder sorrir

E é preciso a chuva para florir

Todo mundo ama um dia todo mundo chora

Um dia a gente chega e o outro vai embora

Cada um de nós compõe a sua história

Cada ser em si carrega o dom de ser capaz

De ser feliz

AGRADECIMENTOS & DEDICATÓRIAS

Às empresas Engindus e Protenco, por me permitirem a continuação de meus estudos e de meu desenvolvimento profissional.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação, do Instituto de Biociências, da Universidade Estadual Paulista – *campus* de Rio Claro.

Aos meus queridos Mestres do núcleo temático de Educação Ambiental – Luiz Santana Gentleman, Rosa Maria, Luiz Marcelo o Papa e Mestre Carrera – e à Prof.a Dr.a Maria Helena Rocha Antuniassi – do CERU / USP -, que contribuíram significativamente em meu desenvolvimento pessoal, intelectual e acadêmico.

Aos meus amigos de curso – Leiri Concepções e Práticas, Fabiana Leitinho, Vaguinão, Reça Balboa, Keka e Sandra Tinós –, pelos chopes e pelo sofrimento compartilhado neste tão solitário período de labuta.

Ao santista e meu grande Mestre Carrera, pela amizade e dedicação – mesmo em um período complicado de sua vida - na verdadeira orientação dedicada à pesquisa.

Aos colaboradores da pesquisa – Dona Marli, Professoras Rita e Marisa, Seu Carlos, Seu Pedro, Seu Geraldo, Dona Ramila e Rogério COE – e a tudo o que representa o Complexo Ribeirão Verde para minha vida e para meu crescimento humano e profissional.

À Sumi, por ter me aberto as portas para a Educação Ambiental.

A todos os meus companheiros da Pau Brasil, aos quais eu devo minha formação política em Ribeirão Preto e meu mais digno emprego.

Ao Mestre Aranha (Óh) e aos amigos da Ibiré, com os quais compartilho meu crescimento no ativismo social e meus sonhos de melhoria da sociedade.

Ao meu Môli Pezinho de Arface Sherecka Raio de Sol, por ser minha mulher no mais sublime sentido desta palavra.

Ao meu querido Pai, que me mostrou a firmeza de caráter e me ensinou o verdadeiro sentido da hombridade.

A minha querida Mãe, que com seu carinho me orientou para o caminho da espiritualidade, da compaixão e do amor.

Aos Grandes Mestres Sidharta Gautama, Dai Nitiren Shonin, Sathya Sai Baba e tantos outros de nossa humanidade, que cada vez mais me fazem pensar sobre o verdadeiro sentido do mundo e da beleza da vida.

À humanidade e a Deus, aos quais eu devo a minha existência.

RESUMO

Esta pesquisa foi desenvolvida no Complexo Ribeirão Verde, loteamento urbano em recente formação, com 15 mil habitantes predominantemente de classe média baixa, situado na Zona Leste do município de Ribeirão Preto – SP, fora da malha urbana da cidade e com relativo isolamento geográfico, com o objetivo de reconstruir a paisagem anterior e de formação deste conjunto habitacional, detectando algumas características circunstanciais que seriam determinantes e/ou limitantes de uma ação educativa diante da temática ambiental nesta comunidade, e traçando os principais problemas ambientais apontados por antigos moradores e pessoas que presenciaram este acontecimento. As entrevistas sobre a história de vida dos moradores locais durante a formação deste complexo formaram as principais fontes de dados da pesquisa e foram elaboradas conforme os procedimentos metodológicos de pesquisas em História Oral. Esta opção metodológica levou em consideração a importância da historicidade dos sujeitos e dos espaços sobre as transformações do ambiente, o sentido que os moradores dão aos acontecimentos de suas vidas, assim como as estratégias e táticas cotidianas das pessoas diante das circunstâncias de formação do referido loteamento urbanizado. Este trabalho possibilitou a detecção de algumas características circunstanciais determinantes e/ou limitantes de uma ação educativa diante da temática ambiental neste conjunto habitacional, o traçado dos principais problemas ambientais apontados por antigos moradores e o encaminhamento de reflexões sobre algumas contribuições da História Oral e da interpretação histórica e sócio-cultural para programas de Educação Ambiental em centros urbanos em formação.

Palavras-chave: Geografia urbana, História Oral, centros urbanos, educação não-escolar.

ABSTRACT

The research was carried out at Ribeirão Verde Complex, a recent formation urban lot, with 15 thousand low-medium class inhabitants, in Eastern Ribeirão Preto, in state of São Paulo, outside of the urban tissue and in relative geographical isolation, with the objective of rebuilding previous and in formation landscape of this complex, detecting some circumstantial characteristics which were determining and/or limiting to an educational action towards environmental issues in this community, and outlining the main environmental problems set out by its first dwellers and people who have observed this process. Interviews about the life history of local inhabitants during the formation of this complex were the main sources of data of this research and were carried out the research methodological procedures of Oral History. This methodological option took into consideration the importance of subject and space historicity upon environmental transformation, the meaning that the dwellers give to their life happenings, as well as day-to-day tactics and strategies towards the circumstances of the formation of the complex. This work enabled the detection of some circumstantial characteristics which were determining and/or limiting to educational action towards environmental issues, the outlining of the main environmental problems set out by some old dwellers and the reflection upon some contributions of Oral History and socio-cultural and historical interpretations to programs of Environmental Education in formation urban centers.

Key-words: Urban geography, Oral History, urban centers, non-formal education.

SUMÁRIO

Capítulo I – Vento Divino	15
1.1. Objetivos da pesquisa	16
1.2. Contexto do pesquisador no surgimento da pesquisa	17
Capítulo II – Urbanização e Educação Ambiental	34
2.1. O processo da urbanização	35
2.1.1. A urbanização: conseqüência e necessidade para o modelo da modernidade	35
2.1.2. Urbanização e a degradação sócio-ambiental	36
2.1.3. O processo de urbanização no Brasil: a região sudeste como destaque	37
2.1.4. A urbanização em Ribeirão Preto e seus problemas sócio-ambientais	39
2.2. Educação Ambiental em centros urbanos	52
2.2.1. Projeto Ribeirão Verde	52
2.2.2. Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde: uma sistematização necessária	60
2.2.3. Perspectivas da Educação Ambiental em centros urbanos	60
Capítulo III – Caminhos da Pesquisa	65
3.1. A construção da pesquisa	66
3.2. Procedimentos metodológicos	94
3.2.1. Caracterização da área de estudo: o Complexo Ribeirão Verde	95
3.2.2. A escolha dos colaboradores e as suas entrevistas	104
3.2.2.1. A escolha de Marli Célia de Souza Campagnoli e a sua entrevista	107
3.2.2.2. A escolha das professoras Rita Cristina P. Buzatto Fernandes e Marisa Aparecida Biagini Lopes e as suas entrevistas	109
3.2.2.3. A escolha de Carlos Faustino de Oliveira e a sua entrevista	112
3.2.2.4. A escolha de Pedro Alberto Aniceto e a sua entrevista	114
3.2.2.5. A escolha de Geraldo Alves dos Reis e Ramila Geralda de Paula Reis e as suas entrevistas	115
3.2.2.6. A escolha de Rogério da Silva Alves e a sua entrevista	117
3.2.3. A produção de documentos de pesquisa	120

3.2.4. A análise dos documentos produzidos	121
Capítulo IV – Paisagens do Ribeirão Verde	124
4.1. História de vida dos colaboradores	125
4.1.1. Marli Célia de Souza Campagnoli	125
4.1.2. Rita Cristina P. Buzatto Fernandes	126
4.1.3. Marisa Aparecida Biagini Lopes	127
4.1.4. Carlos Faustino de Oliveira	129
4.1.5. Pedro Alberto Aniceto	131
4.1.6. Geraldo Alves dos Reis e Ramila Geralda de Paula Reis	133
4.1.7. Rogério da Silva Alves	136
4.2. Reconstrução da paisagem anterior e de formação do Complexo Ribeirão Verde	138
4.2.1. Reconstrução da paisagem da região das Palmeiras	138
4.2.2. A paisagem de formação do Complexo Ribeirão Verde	146
Considerações finais	173
5.1. Uma proposta comunitária de Educação Ambiental e reflexões deste processo em centros urbanos em formação	173
Referências	184
Anexos	192
Carta de Cessão de Direitos sobre o Depoimento Oral para a Universidade Estadual Paulista	193
Documento produzido de Marli Célia de Souza Campagnoli	194
Documento produzido de Rita Cristina P. Buzatto Fernandes (R) e Marisa Aparecida Biagini Lopes (M)	236
Documento produzido de Carlos Faustino de Oliveira	267
Documento produzido de Pedro Alberto Aniceto	305
Documento produzido de Geraldo Alves dos Reis (G) e Ramila Geralda de Paula Reis (R)	332
Documento produzido de Rogério da Silva Alves	367

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1. Mapa de localização do município de Ribeirão Preto – SP	40
Figura 2. Crescimento do número de poços em Ribeirão Preto de acordo com os dados obtidos no cadastro SIDAS (DAEE 2001) e no DAERP	47
Figura 3. Aumento da profundidade dos poços em Ribeirão Preto	48
Figura 4. Zoneamento ambiental de Ribeirão Preto e localização do Complexo Ribeirão Verde no município	50
Figura 5. Wellington (agachado à esquerda) e Ronaldo (<i>Kami</i>) (agachado ao centro) em apresentação de trabalho científico, do Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde, durante evento no Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada / EESC / USP (21 de jan. 2002)	56
Figura 6. Preparação do Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde para debate e reflexões com moradores na rua sobre problemas do Complexo Ribeirão Verde (4 de fev. de 2001)	56
Figura 7. Apresentação do coral de moradoras e mães em conjunto com o Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde para alunos e professoras da Escola Sathya Sai, durante evento de comemoração do Dia do Professor (15 de out. 2003) ..	57
Figura 8. Trilha interpretativa com alunos e professoras da Escola Sathya Sai. (28 de mai. 2003)	57
Figura 9. Atividade de reflorestamento de mata ciliar do Córrego das Palmeiras com alunos da EMEF Prof. Domingos Angerami em conjunto com o Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde (7 de dez. 2004)	58
Figura 10. Atividade de plantio de mudas em áreas verdes do Complexo Ribeirão Verde por alunos da EMEF Prof.a Geralda de Souza Espin em conjunto com o Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde (19 de nov. 2003)	58
Figura 11. Viveiro de mudas doado pelos empreendedores do Complexo Ribeirão Verde para a ONG Ibiré com o intuito de subsidiar o Programa de Educação Ambiental local (23 de mai. 2002)	59
Figura 12. Apresentação do Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde durante evento de Educação Ambiental realizado na Escola de Enfermagem da USP	

/ Ribeirão Preto (17 de jun. 2005)	59
Figura 13. Processo de qualificação da pesquisa. Da esquerda para a direita, a Socióloga Prof.a Dr.a Maria Helena Rocha Antuniassi, o Biólogo e Educador Ambiental Ronaldo Munenori Endo, a Filósofa Prof.a Dr.a Rosa Maria Feiteiro Cavallari e o Educador Matemático Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza (20 de mai. 2005)	93
Figura 14. Vista aérea do Complexo Ribeirão Verde (2003)	95
Figura 15. Aspecto da fachada da EMEI e EMEF Prof.a Geralda de Souza Espin (29 de abr. 2005)	98
Figura 16. À esquerda, a Mata Reserva Legal do Complexo Ribeirão Verde; ao centro, a estrada de terra fechada ao acesso de veículos; à direita a EMEI e EMEF Prof. Domingos Angerami (18 de jul. 2005)	98
Figura 17. Instituto e Escola Sathya Sai de Valores Humanos de Ribeirão Preto (18 de jul. 2005)	100
Figura 18. Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde e seus cães-de-guarda (18 de jul. 2005)	100
Figura 19. Mapa do Complexo Ribeirão Verde e região das Palmeiras	101
Figura 20. Casas construídas com financiamento da Caixa Econômica Federal na terceira etapa do Complexo Ribeirão Verde (bairro Jd. Professor Antônio Palocci) (18 de jul. 2005)	103
Figura 21. Monumento em cruz representando a primeira missa rezada em Ribeirão Preto-SP. Junto a este símbolo temos alguns alunos da EMEF Prof. Domingos Angerami em atividade escolar (30 de ago. 2001)	103
Figura 22. Dona Marli (segunda da esquerda para a direita) em atividade artística com outras moradoras do Complexo Ribeirão Verde no Centro de Educação Ambiental do bairro (21 de jun. 2002)	126
Figura 23. Horário de Trabalho Remunerado na EMEF Prof. Domingos Angerami com definição de projeto conjunto entre o Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde e a escola. Ao centro e de frente para a foto, a professora Rita (20 de fev. 2002)	127
Figura 24. Professora Marisa (à direita da foto) em atividade com os alunos da	

EMEF. Prof. Domingos Angerami no interior da Mata Reserva Legal do Complexo Ribeirão Verde (11 de mai. 2004)	128
Figura 25. Seu Carlos (ao centro-esquerdo da foto) em atividade pedagógica no viveiro de mudas da ONG Ibiré com professora e alunos da EMEF Prof.a Geralda de Souza Espin (15 de jun. 2004)	130
Figura 26. Seu Pedro na área verde que sempre cuidou (em frente a sua casa) na segunda etapa (bairro Jd. Diva Tarlá de Carvalho) do Complexo Ribeirão Verde (18 de fev. 2005)	132
Figura 27. Seu Geraldo regando as plantas da área verde em que mantém cuidados na primeira etapa (bairro Jd. Florestan Fernandes) do Complexo Ribeirão Verde (17 de mar. 2005)	134
Figura 28. Dona Ramila e seu filho Ronaldo durante uma visita à casa de parentes em Nova Resende – MG (jan. 2000)	135
Figura 29. Da esquerda para a direita, Wellington, Rogério (COE) e Ronaldo (<i>Kami</i>) em viagem ao Parque Nacional da Serra da Canastra – MG (16 de nov. 2000)	137
Figura 30. Vista aérea do novo empreendimento. Fonte: FIPAI, 1995	144
Figura 31. Vista aérea a sudoeste da margem direita do Córrego das Palmeiras. (1) Córrego das Palmeiras; (2) Rodovia SP-330; (3) Várzea; (4) Empreendimento. Fonte: FIPAI, 1995	145
Figura 32. Vista aérea a norte-nordeste do empreendimento. (1) Rio Pardo; (2) Granja; (3) Mata da Fundação Sinhá Junqueira; (4) Cana-de-açúcar na área do futuro bairro Jd. Diva Tarlá de Carvalho. Fonte: FIPAI, 1995	145
Figura 33. Rede de esgoto sem tampa em meio a uma avenida entre os bairros Jd. Florestan Fernandes e Jd. Diva Tarlá de Carvalho (18 de jul. 2005)	162
Figura 34. Rua Emygdio Rosseto, via comercial e principal do Complexo Ribeirão Verde. Estacionadas à esquerda da rua (ao fundo da foto), vans do programa <i>Leva e Traz</i> (18 de jul. 2005)	163
Figura 35. Área verde com grandes dimensões no bairro Jd. Diva Tarlá de Carvalho (18 de jul. 2005)	164
Figura 36. Rebanho bovino pastando livremente em área verde do Complexo Ribeirão Verde (16 de set. 2003)	165

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Estimativa do desenvolvimento populacional no município de Ribeirão Preto – SP	44
Tabela 2. População de migrantes em Ribeirão Preto por estado de origem	49
Tabela 3. Desenvolvimento da população no município de Ribeirão Preto – SP	52
Tabela 4. Categorias e medidas dos lotes	96
Tabela 5. Características dos colaboradores	119

神風

Capítulo I - Vento Divino

1.1. Objetivos da pesquisa

- Reconstruir a paisagem¹ anterior e de constituição do Complexo Ribeirão Verde;
- Detectar algumas características circunstanciais que são determinantes e/ou limitantes de uma ação educativa diante da temática ambiental;
- Traçar os principais problemas ambientais apontados por antigos moradores e pessoas que presenciaram a gênese deste loteamento;
- Caracterizar um programa de Educação Ambiental voltado para a realidade dos habitantes deste conjunto habitacional;
- Encaminhar reflexões que levem em conta a metodologia de História Oral e estudos de interpretação histórica e sócio-cultural em processos de políticas públicas de planejamento urbanístico e de programas de Educação Ambiental para comunidades em centros urbanos em formação.

¹ Neste conceito, discutido por Schama (1996), a natureza e a percepção humana estariam situados em um campo inseparável e diretamente influenciados pela bagagem cultural. Por isso, a paisagem seria obra da mente, ou seja, a apreciação dos objetos naturais do ambiente pelos seres humanos transformaria os fatos terrenos e materiais não mais em algo exterior e estático ao homem, mas em uma experiência emocional. Desta forma, a paisagem se constituiria por imagens construídas tanto pela memória - através de lembranças, ritos e símbolos cotidianos - como pela experiência subjetiva de cada indivíduo.

1.2. Contexto do pesquisador no surgimento da pesquisa

Comunidade de destino já exclui, pela sua própria enunciação, as visitas ocasionais ou estágios temporários no lócus da pesquisa. Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados.

Ecléa Bosi

Iniciei minha graduação em 1993, no curso de Ciências Biológicas, motivado por meu fascínio pelos estudos da natureza, ecologia e vida silvestre, adquirido em minha infância - incentivado por meus pais - e na adolescência - pelas aventuras experienciadas com meus amigos do movimento escoteiro. Meu grande sonho na época em relação com a faculdade era a de estudar a vida silvestre através de expedições a paraísos naturais, como nas coleções de documentários - que eu assistia incansavelmente - de Jaques Costeau e do programa *Mundo Animal* da TV Cultura. Escolhi a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto (FFCLRP), da Universidade de São Paulo (USP), no interior do estado, pois não estava satisfeito com a vida caótica e ambientalmente degradante da cidade de São Paulo e porque estava muito presente na mídia da época a falácia de que Ribeirão Preto seria a nossa *Califórnia Brasileira*.

Esforcei-me muito nos estudos para poder entrar nesta faculdade. No entanto, em razão de quase a totalidade de minha família ter viajado ao Japão em busca de trabalho – meu pai em 1987 em função das dificuldades impostas pelo Plano Cruzado, meu irmão em 1989 e minha mãe em 1992 -, pelo meu espírito aventureiro e pela minha necessidade interna de conhecer e buscar a identidade de meus ancestrais, decidi que se não entrasse na faculdade, eu também buscaria trabalho naquele país. Felizmente estes planos foram adiados: passei no vestibular.

Logo em meu primeiro dia na universidade ganhei o apelido de *Kamikaze* em razão dos veteranos me considerarem um *suicida* (em um sentido cômico) por abraçar veteranas e me postar alegremente e sem restrições a qualquer tipo de trote, tamanha era a minha incontrolável felicidade de ter entrado na USP. Este apelido me rendia facilidades para iniciar relacionamentos afetivos e de amizade com estudantes não apenas da FFCLRP como também de todo o *campus* da USP de Ribeirão Preto, talvez por sua conotação de expressar uma pessoa louca, doidona, arrojada e criativa, atributos valorizados por nossa juventude. Dessa forma, este *quase nome* foi gradativamente incorporado em minha identidade, pois esteve sempre presente em uma das melhores épocas de minha vida: a graduação.

Após um primeiro ano de uma rica vida acadêmica - repleto de novas amizades, excursões, festas e eventos culturais – a saudade de meus pais bateu forte em mim e providenciei aquilo que adiei ao entrar na USP, que me instigava e sonhava em fazer: morar e trabalhar no Japão por pelo menos um ano. A fantástica experiência naquele país, um mundo completamente estranho para mim - mesmo sendo descendente de japonês -, ao mesmo tempo em que me estimulava um sentimento de admiração – por ser uma sociedade voltada para o futuro através da ciência e informação, e para o passado em seu respeito à ancestralidade e herança cultural –, imprimia-me profundas reflexões de identidade. Por um lado, lá no Japão, nós – os *dekasseguis*, descendentes de japoneses que vão ao Japão a trabalho - não éramos considerados japoneses em função de nossas peles serem mais bronzeadas, nossa fala marcada por sotaques ou incorreções, nosso analfabetismo diante do homérico trabalho de aprender os dois sistemas de escrita japonesa e os ideogramas chineses utilizados naquele país, e até mesmo por nossas vestimentas diferentes e maneiras de andar. Éramos confundidos com filipinos, tailandeses, e outros povos do sudeste asiático, etnias estas consideradas pelos nipônicos como inferiores ao do povo japonês.

Havia ainda o sentimento pejorativo de que éramos filhos daqueles que deixaram o país na época – início do século XX e nos períodos entre e pós-guerra - em que o Japão mais precisava de seu povo. Por outro lado, aqui no Brasil nós nipo-brasileiros, em função de nossos traços físicos de orientais jamais seremos considerados brasileiros, mesmo que o Brasil seja visto como um país de múltiplas etnias. Seremos sempre os *japas*, *chinas*, *Jaspion*, *Giraya*, *Bruce Lee* ou *Jack Chain*. A pergunta que me vinha à cabeça era: quem ou o que sou? Daí veio a necessidade de buscar ou formar minha própria identidade, deslocada de uma territorialidade específica e voltada para meus valores de humanidade. A distância de meu país natal aliada a experiência das condições de vida do povo japonês me privilegiaram no sentido de me permitirem comparar a duas culturas, de forma a construir minha própria identidade através da escolha daquilo que eu acho ser o melhor de cada uma. De um lado, a honestidade muito relacionada à honra, o respeito aos velhos no culto à ancestralidade e à família, a identidade histórica de seu povo, o sentimento altruísta perante a sociedade, o espírito de respeito ao próximo, o valor da educação e do trabalho na formação humana, a responsabilidade nos compromissos assumidos, o perfeccionismo nos detalhes de cada ação e movimento, o senso estético das artes, e os sentimentos de equilíbrio e compaixão presentes nos ensinamentos zen-budistas, são valores nipônicos que procuro cultivar. De nosso querido Brasil, guardo em meu coração, os valores da alegria e descontração de seu povo, da informalidade nas relações humanas, da criatividade do jeitinho brasileiro, da musicalidade diversa e contagiante, das riquezas naturais e de suas múltiplas culturas, da sensualidade e do gosto gostoso da miscigenação, do abraço e do beijo.

Voltando ao Brasil em 1995, recomecei a graduação com a tomada de consciência sobre questões políticas e sociais que imperavam na vida acadêmica através da participação

nas atividades do Centro Acadêmico da Filosofia, do Centro Estudantil da Biologia e, posteriormente, pelas representações discentes no Conselho Técnico Administrativo da referida faculdade e no Conselho Universitário da Universidade de São Paulo, nos anos de 1996 e 1998 respectivamente. Com estas experiências comecei a enxergar a complexa rede de interesses e tensões entre grupos, dentro e fora da universidade, que eram movidos muito mais por relações de poder político e econômico do que por produção de conhecimento. Dissipava-se a partir de então uma certa ingenuidade minha de pensar que a academia seria um lugar exclusivo do saber, isento de mediocridades e egocentrismos, entendendo-a como mais um reflexo de nossa sociedade. Sentimento parecido com este foi experienciado em minha adolescência quando participava de um grupo escoteiro em que nos rebelamos contra alguns membros da chefia, que não inspiravam confiança, capacidade ou autoridade para comandar nossas ações, e que tinham nestes cargos a oportunidade de usufruir algum tipo de poder. Passei então a compreender que qualquer tipo de instituição era composto por pessoas comuns, com seus interesses e conflitos, independentemente dos sonhos e imagens de *Olympos* do conhecimento e lealdade que nos eram mistificados antes de nossa passagem para estes mundos.

Neste período, também iniciei as disciplinas da licenciatura, as quais passei a considerar espaços privilegiados de discussão sobre problemas sociais, de ética e de valores. Nos estágios da disciplina de *Prática de Ensino de Biologia* e nas atividades da bolsa-trabalho *Experimentoteca nas Escolas*, comecei a ter tesão pela arte de lecionar. Este sentimento nasceu através do contato com alunos de ensino médio de escolas públicas de Ribeirão Preto, curiosos e comprometidos com o conhecimento, mas sem condições e oportunidades culturais e econômicas de, ao menos, saber o que fazíamos naquela universidade e para que servia esta instituição em suas vidas. Iniciava-se a partir da

licenciatura uma preocupação não apenas informativa, mas também política através da educação.

A moradia estudantil - lugar onde me instalei durante os últimos quatro anos de graduação - foi outra experiência que marcou minha vida acadêmica por considerá-la a minha verdadeira universidade. Lá realmente era uma universidade, no sentido daquele espaço se constituir como um universo grande e diversificado de conhecimento e de vidas, provenientes de várias cidades e estados brasileiros - inclusive estrangeiros -, onde se conversava de tudo e não apenas de questões ligadas às provas e festas da Biologia. Lá aprendi a compreender um pouco mais da visão de outras áreas do conhecimento através de contatos com alunos de outras faculdades e como estes pré-concebiam ou estereotipavam aqueles não pertencentes às suas próprias áreas de estudos. Na moradia também mantínhamos uma rede de contatos e informações de *caça* a eventos culturais, coquetéis e shows gratuitos ou economicamente acessíveis. Estes programas me fizeram conhecer diversas expressões culturais provenientes de todas as regiões do país e a enxergar o quanto a cultura popular brasileira é rica e diversa, mas que para conhecê-la é preciso se aventurar e buscar opções alternativas que não somente aquelas veiculadas pela indústria cultural e as grandes redes de comunicação em massa.

Foi principalmente a partir dessas três experiências – movimento político estudantil, licenciatura e vida na moradia dos estudantes – que se engendrou em mim uma lenta transformação em meus objetivos quanto a minha futura atuação na sociedade. Gradativamente meus sonhos que eram a de estudos naturalistas em reservas florestais passaram para intenções políticas e educativas nas arenas urbanas. Acreditava naquela época que não adiantaria estudar os animais e as plantas se, em razão das ações humanas de degradação ambiental, não houvesse mais ambientes naturais a serem preservados e

estudados. Apesar de atualmente achar que as áreas de pesquisa e de atuação docente não se excluam – pelo contrário, são indissociáveis – naquele momento passei para a educação todas as minhas intenções profissionais perante uma outra crença ingênua: que somente a educação resolveria os problemas do mundo e que eu faria parte desta revolução como educador. Desta forma, durante o último ano de graduação já tinha claro em mente que eu procuraria lecionar aulas de Biologia para só depois encarar uma pós-graduação. Esta decisão pesou mais forte porque além de querer atuar no mercado de trabalho para ganhar experiência profissional, eu não vislumbrava uma pós-graduação em que não fossem meus os questionamentos de pesquisa. Além disso, naquele ano as circunstâncias eram favoráveis, pois haveria um concurso público para contratação de professores para lecionarem no estado. Lembro-me que tinha em mente dar aulas apenas por dois anos, juntar dinheiro e fazer um mestrado em Educação Ambiental.

Colei grau no início de dezembro de 1998 e, poucos dias depois, prestei o concurso público para provimento de cargo. Neste período, a Dr.a Clarice Sumi Kawasaki - professora do Departamento de Psicologia e Educação da FFCLRP / USP - me convidou para participar de uma entrevista para contratação de um profissional e um estagiário para atuarem como Educadores Ambientais na periferia de Ribeirão Preto, em um lugar denominado de Ribeirão Verde, para substituírem os profissionais que já atuavam no local. Não tinha a menor idéia como seria um trabalho como este e muito menos por que duas construtoras estariam contratando Biólogos para trabalharem com Educação Ambiental junto a esta comunidade de periferia, mas fui para a entrevista com grandes expectativas de conseguir aquele trabalho. Um mês depois, em fevereiro de 1999, fui indicado então pela professora para ser contratado pelas empresas privadas ENGINDUS – Engenharia Industrial Ltda e PROTENCO – Projetos Técnicos e Construções Ltda, a fim de ocupar o

cargo de Biólogo e trabalhar como Educador Ambiental no Complexo Ribeirão Verde, empreendimento destas instituições e foco central desta pesquisa. Acredito que a escolha de meu nome pela professora para esta função deveu-se ao fato de sua percepção frente as minhas primeiras e ainda confusas preocupações sociais diante da temática ambiental, que demonstrei durante as discussões das disciplinas que ela ministrava.

Durante meus primeiros dias de trabalho no Ribeirão Verde me sentia perdido, sem saber por onde começar e o que fazer. Organizei um questionário com perguntas fechadas sobre o lixo, influenciado por algumas proposições do Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto ao Meio Ambiente (EIA-RIMA) do Complexo Ribeirão Verde e saí às ruas do então loteamento em formação. Havia ainda pouco mais de duas mil pessoas de modo que em menos de dois meses, já havia feito entrevistas em pelo menos vinte por cento das casas. Desconfiei dos resultados da pesquisa - ou de sua eficácia metodológica -, pois apesar das respostas se apresentarem muito condizentes com comportamentos ambientalmente positivos perante os resíduos sólidos, era visível o aumento de lixo e entulho em terrenos não edificados e áreas destinadas às praças.

Enquanto me aproximava da até então única escola do bairro - EMEF Prof. Domingos Angerami - mantinha o Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde aberto para as investidas curiosas das crianças que passavam pelo local, na volta das aulas para as suas casas. Organizei algumas atividades pontuais como gincanas durante a Semana do Meio Ambiente, trilhas interpretativas na mata do Complexo para alunos da escola, e cursos e oficinas gratuitas para mães e outras crianças do bairro. Ainda eram atividades informativas, comportamentais e normativas, sempre voltadas a temas de preservação ambiental. Sempre tive em mente que seria muito difícil eu realizar estas atividades de maneira isolada e, por isso, buscava auxílio através de amigos que ainda tinha na faculdade,

ao mesmo tempo em que procurava, na própria comunidade, pessoas que pudessem desenvolver oficinas para outros moradores. Estas atividades me conferiram grande popularidade diante das crianças e adolescentes do bairro e, gradativamente, também por parte de seus pais. Em conversas informais e bate-papos nas ruas do Complexo Ribeirão Verde comecei a perceber que eu era visto pela comunidade como uma pessoa que sabia muito de qualquer assunto e que possuía vários contatos que poderiam auxiliar os moradores na aquisição de emprego.

Algumas experiências com adolescentes foram bem sucedidas, mas, paulatinamente, passei a me questionar sobre a eficácia dessas ações pontuais e me aproximei definitivamente da direção e dos professores da escola, com o intuito de realizar atividades planejadas em conjunto para efetivação em todo o ano letivo. Durante estes trabalhos no Ribeirão Verde, outros acontecimentos confluentes tiveram significativa importância na trajetória de construção de minhas crenças, conhecimentos técnicos e de vida que marcaram minha atuação profissional. Em meados de 1999, fui convidado a desenvolver um programa de rádio, de cunho ecológico e de valorização da cultura brasileira, idealizado pela Associação Cultural e Ecológica Pau-Brasil, entidade ambientalista de Ribeirão Preto – SP - instituída no final da década de 1980. Como consequência, passei a frequentar as reuniões da entidade e a participar de suas atividades políticas reivindicatórias e propositivas realizadas em Ribeirão Preto e região, logo me tornando sócio filiado desta instituição. Considero as experiências de militância na ONG Pau-Brasil, na organização de eventos – Encontro de Educação Ambiental voltado para professores e militantes de ONGs ambientalistas -, em campanhas públicas de conscientização - contra as queimadas de cana na região - e a participação em questões reivindicatórias – sobre as discussões para elaboração e implementação de fato do Plano Diretor de Ribeirão Preto, de resgate dos

poderes deliberativos de uso e ocupação do solo pelo Conselho Municipal de Defesa do Meio Ambiente local, da instituição do Parque Curupira, de proteção do Bosque Municipal e da Mata de Santa Tereza - como uma escola política, no sentido de ter me proporcionado uma vivência e percepção de algumas nuances dos complexos interesses políticos e econômicos de certos grupos sociais que vigoram nesta cidade e que fazem desta *Califórnia Brasileira* uma região de grande concentração de renda, exclusão social e com problemas de degradação e conflitos sócio-ambientais.

No início do ano de 2000, Daniel Fonseca de Andrade, Biólogo e amigo dos tempos de graduação, acabara de retornar ao Brasil de seus estudos de mestrado em Meio Ambiente e Desenvolvimento Humano, na Inglaterra, e propôs que montássemos, em conjunto com outros colegas interessados na temática, um grupo de estudos em Educação Ambiental. Este grupo perdurou até novembro de 2000 e me proporcionou as primeiras bases para compreender a temática ambiental como sendo eminentemente de caráter social e fruto da crise da modernidade, e não prioritariamente objeto de estudos das Ciências Naturais. Estes dois acontecimentos influenciaram nas práticas que desenvolvia na comunidade do Ribeirão Verde a ponto de sentir a necessidade de um maior contato com seus moradores adultos, a fim de estimular uma organização mais politizada e dialógica.

Em meados do ano 2000, o estagiário inicialmente contratado para me auxiliar nas atividades de Educação Ambiental no Ribeirão Verde assumiu um cargo de coordenação na escola em que lecionava em Sertãozinho - SP. Para substituí-lo não queria alguém de fora da comunidade do Ribeirão Verde, pois achava que se meu companheiro de trabalho fosse morador, o seu comprometimento para com as atividades do programa poderia ser muito maior na medida em que estaria em jogo a melhoria de seu próprio bairro. Neste contexto, com o auxílio do Biólogo Erlon Honorato – também contratado pelas empresas para cuidar

da parte técnica de reflorestamento e licenciamento ambiental – é que foi contratado o novo estagiário e também morador do bairro - Wellington Luiz Alves Aranha - até então estudante do *CAPE* - um curso preparatório pré-vestibular de cunho popular. Na época ainda pretendente ao curso de Letras, Wellington foi gradativamente adquirindo experiência e conhecimentos na área - preocupações teórico-metodológicas sobre a Educação Ambiental, graças aos cursos e congressos especializados em que pôde participar comigo -, assim como minha confiança e amizade. Nossa amizade se estendeu aos seus familiares, vizinhos e amigos e começamos então a desenvolver algumas atividades com a igreja católica da comunidade, a associação de bairro e outros moradores.

Concomitante a este processo, no início de 2001, nascia - daquele grupo de estudos em Educação Ambiental em que eu participava - a Ibiré, ONG de cunho educacional e sócio-ambiental, que tem como dois de seus pressupostos básicos, a geração de autonomia e o desenvolvimento local de pessoas atingidas por seus projetos. Sua fundação foi viabilizada por uma parceria com as empresas loteadoras do Complexo Ribeirão Verde que doaram um viveiro de mudas, para que sua produção subsidiasse a manutenção desta nova instituição, assim como as atividades do Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde.

Neste mesmo ano, iniciei o curso de Especialização em Educação Ambiental e Recursos Hídricos no Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada, da Escola de Engenharia de São Carlos/USP (CRHEA/EESC/USP). Este acontecimento, aliado a algumas circunstâncias políticas e de amadurecimento técnico, estimulou-me a desenvolver inúmeras atividades um pouco melhor sistematizadas dentro e fora do contexto do Complexo Ribeirão Verde. Eu e o Wellington começamos a desenvolver cursos de formação continuada para professores das EMEFs deste complexo – em 2001 foi

inaugurada a EMEF Prof.a Geralda de Souza Espin – para o desenvolvimento de trabalhos conjuntos e planejados, ao mesmo tempo em que desenvolvíamos um projeto em parceria com a USP intitulado *Estágios Supervisionados em Educação Ambiental: uma Parceria entre Universidade e Sociedade*, que mantinha dois bolsistas licenciandos desta universidade estagiando e desenvolvendo trabalhos de Educação Ambiental naquelas escolas. Várias outras atividades foram desenvolvidas ao longo dos anos que se sucederam. Dentre as principais, eu destaco: (a) o programa de visitação de escolas da região ao Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde; (b) a formação de uma companhia de teatro educativo com adolescentes da comunidade desenvolvendo apresentações em escolas, praças públicas, eventos, instituições filantrópicas; (c) excursões didáticas para a Mata Reserva Legal do Ribeirão Verde; (d) levantamento histórico do bairro por alunos das escolas; (e) estudo do Córrego das Palmeiras e análise de suas águas; (f) confecção de materiais didáticos locais; (g) elaboração de trabalhos científicos e apresentação em simpósios e congressos especializados; (h) disseminação das metodologias de trabalhos de Educação Ambiental para outras escolas, secretarias e outras instituições sociais e; (i) trabalhos de organização comunitária e arborização urbana com moradores do complexo.

Em 2002, a convite de uma amiga da Ibiré, ministrei aulas como professor voluntário em um cursinho pré-vestibular de apelo popular e gratuito, ligado ao Centro de Cultura Negra *Oriünmlà*. Lá, muito mais do que aprender a dar aulas em cursinho, incorporei ensinamentos da cultura negra, suas lutas políticas contra o racismo e de sua relação com a natureza através de sua espiritualidade. Esta experiência me proporcionou mais reflexões sobre as questões culturais que influenciavam na visão de mundo e na relação homem-natureza na comunidade negra, assim como de conhecimentos de

estratégias deste grupo social – intrinsecamente relacionadas a sua identidade - para resistir à exclusão racial imposta pelo sistema hegemônico.

Neste mesmo ano, motivado em melhorar a sistematização e o aprofundamento de meus conhecimentos na temática ambiental, matriculei-me como aluno especial na disciplina *Meio Ambiente e Sociedade*, oferecida pela Prof.a Dr.a Norma Felicidade, do Programa de Pós Graduação em Sociologia, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Depois desta disciplina, arraigou-se em mim a idéia da problemática ambiental como fruto de complexos jogos de interesses e conflitos de concepções sobre o tema dentro das sociedades humanas, ocasionando resultados de impacto ao meio natural. Dessa forma, passei a entender a temática ambiental como objeto de estudos prioritariamente das Ciências Sociais e Humanas. No segundo semestre deste mesmo ano, matriculei-me novamente como aluno especial, só que agora no Programa de Pós-Graduação em Educação, UFSCar, na disciplina *Tendências Atuais nas Pesquisas em Educação*, oferecida pela Prof.a Dr.a Maria da Graça Mazukami. Nesta disciplina tive os primeiros contatos com esta área do conhecimento e suas tendências de pesquisa. Pude perceber o quanto a educação necessita de outros subsídios teóricos como a sociologia, antropologia, psicanálise, história, entre outros e como podia ser vasto o seu campo de pesquisa.

Em meio a este processo de aprendizagem comecei a refletir mais sobre minhas práticas educativas no Complexo Ribeirão Verde e, diante de inúmeras dificuldades de atuação, em virtude da grande responsabilidade e compromisso que sempre depus em meu trabalho, passei a compreender que a educação seria uma entre outras práticas sociais necessárias para uma transformação social - mas não a única – dado que esta se processaria dentro de um sistema de relações sociais. Comecei a questionar então o excesso de responsabilidade exigido à educação pela sociedade em relação à resolução de problemas

sociais e de impacto ambiental, sem que condições fossem oferecidas concomitantes a suas atribuições ou que circunstâncias locais fossem analisadas. No caso específico das responsabilidades pragmáticas atribuídas à Educação Ambiental pelo Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto ao Meio Ambiente (EIA-RIMA) do Complexo Ribeirão Verde, passei a olhar também para condições estruturais do loteamento associadas a questões sociais de pobreza e comecei a perceber a existência de algumas circunstâncias que dificultavam ou impossibilitavam a minha atuação e a de meu colega de trabalho - inicialmente estagiário e agora considerado por mim como co-coordenador do Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde -, em meio a um loteamento cuja população passou rapidamente - em menos de seis anos de existência - a ser estimada em 15 mil habitantes - de 1997 a 2003 - com todos os seus problemas sociais e ambientais advindos desta rápida ocupação populacional e de suas condições de interesse político periférico.

Fazendo uma retrospectiva histórica, para exemplificar estes questionamentos, observei, no ano de 2000, que um entre outros fatores que contribuía para a morte das mudas plantadas pelos empreendedores em cada lote seria o depósito de materiais de construção sobre as plantas nas fases de edificação, pelo fato do terreno ser de tamanho reduzido - 7,5 m x 20,0 m em média - em relação ao tamanho das construções - casos observados com até 11 pessoas residindo em apenas um terreno. As questões das dimensões reduzidas dos lotes, do número grande de pessoas vivendo no mesmo espaço, aliadas a falta de fiscalização, contribuía, em meu entender, para que, em muitos casos, tivéssemos casas com até 100% da área do lote edificada, impossibilitando trabalhos de jardinagem pelo Programa de Educação Ambiental local e manutenção de 25% de permeabilidade mínima por terreno, a fim de permitir a recarga do Aquífero Guarani como sugerido no EIA-RIMA do empreendimento e determinado por normas da prefeitura. Em relação à

arborização urbana, observei também que áreas de sistema de lazer com grandes dimensões favoreciam o crescimento excessivo da braqueária, o acontecimento de queimadas, depósito de entulhos e pastagem de gado, o que dificultavam a gestão pela própria população do entorno, atividade esta pretendida através da Educação Ambiental. Outros fatos referentes à mesma questão, mas agora de aspecto cultural e de prioridade social também influenciavam em sua constituição. Em conversas informais com moradores, por exemplo, um deles questionou a necessidade de uma área tão grande, que só crescia mato e onde as pessoas só jogavam lixo, para virar praça ao invés de servir para a construção de creches, escolas ou posto policial, desconhecendo a existência de áreas destinadas para estes fins. Em outros casos, moradores arrancavam as mudas, pois diziam que não gostavam daqueles tipos de árvores ou que suas folhas sujavam a calçada e as calhas de seus telhados.

Foram justamente estes exemplos de problemas, evidenciados por observações, vivências, conversas informais com moradores e conhecimentos ainda não sistematizados, que me indicaram a existência de problemas estruturais e de relações sócio-culturais para com o Complexo Ribeirão Verde, advindas do processo de ocupação, que não foram previstos no processo de planejamento de seu EIA-RIMA e me fizeram refletir sobre algumas reais possibilidades da Educação Ambiental diante do contexto urbano de formação deste e de outros bairros populares.

Mas não só os problemas marcaram minha vida profissional no referido loteamento. Em 2001, adquiri um lote na assim chamada *segunda etapa* do Complexo Ribeirão Verde - bairro Jardim Diva Tarlá de Carvalho - em virtude de minha aproximação afetiva com meu local de trabalho - através de meu relacionamento com moradores e crianças da comunidade -, de seu ambiente agradável e repleto de verde, e pela vida simples e pacata verificada neste lugar. A partir de março de 2003, fugindo do aluguel e com muito

sacrifício para conclusão da construção da minha casa própria, iniciei minha residência no local. Durante a fase de construção, passei a compreender as dificuldades financeiras e burocráticas para se construir uma habitação regulamentada e devidamente aprovada – em razão das altas taxas para aprovação e registro do imóvel, cobradas pelos órgãos públicos e pelos cartórios respectivamente - pela prefeitura na realidade sócio-econômica daquele conjunto habitacional. Com o privilégio de ter uma namorada arquiteta – atualmente minha esposa – passei a entender um pouco de arquitetura e dos trâmites de projeção, construção e aprovação de plantas e registros de edificações em Ribeirão Preto. Este conhecimento me fez entender e imaginar as dificuldades de planejamento e legalização das casas no Complexo Ribeirão Verde.

Todos estes questionamentos somente permitidos pela experiência local de trabalho e de vida – e talvez por isso não detectados pelo EIA-RIMA do empreendimento - me ajudaram a compreender os problemas do Complexo Ribeirão Verde através de um sistema intrincado de questões culturais, sociais e estruturais. Ao mesmo tempo, em várias participações em congressos e cursos especializados no Brasil, na Educação Ambiental e em áreas afins, nunca observei alguma iniciativa parecida como a ocorrida no contexto do processo de aprovação do Complexo Ribeirão Verde, e de seu programa de Educação Ambiental durante a formação de sua comunidade. Em nenhuma destas ocasiões cheguei a conhecer algum loteamento popular que desfrutasse de um programa de Educação Ambiental duradouro mantido exclusivamente pela iniciativa privada, ou seja, através de empreendedores de conjuntos habitacionais. Nasceu, a partir de então, uma preocupação histórica de registrar e pesquisar este inusitado acontecimento social para que não se perdessem o valor da beleza singular deste fato e as inúmeras possibilidades de reflexão e estudo para o campo da Educação Ambiental em bairros populares e urbanos em formação.

A maturidade de meu desejo em desenvolver uma pesquisa acadêmica sobre algo relacionado ao processo de formação do Complexo Ribeirão Verde, a ausência de um programa de pós-graduação em Educação em Ribeirão Preto com linha de pesquisa na temática ambiental, e a informação chegada a mim de que havia sido aberto um processo seletivo no recém criado - em 2003 – curso de mestrado em Educação, com um núcleo temático ligado à Educação Ambiental, na Universidade Estadual Paulista (UNESP), no *campus* de Rio Claro – SP - a 165 km de distância de Ribeirão Preto – motivaram-me a pleitear e conseguir uma vaga naquela instituição.

Continuo sendo chamado e conhecido carinhosamente como *Kami* pelas crianças e moradores do Complexo Ribeirão Verde e como *Kamikaze* por amigos e companheiros de Ribeirão Preto. Para mim este *nome* agora se incorpora a minha identidade não mais em seu sentido ocidental, mas em seu significado dentro de uma passagem da milenar história japonesa. No século XIII, Genghis Khan - líder do império nômade mongol - unificou a Ásia Central através de sangrentas batalhas de dominação e subjugação de outros povos. Seus descendentes deram continuidade as suas conquistas englobando também o território chinês até a península coreana aos domínios do império mongol. Khublai Khan, neto de Genghis Khan, tentou então por duas vezes conquistar o arquipélago japonês, único país ainda independente naquele extremo oriente. Na primeira investida, em 1274, com 40 mil homens e munidos de armas de fogo - até então desconhecidas pelos nipônicos – a esquadra mongol superava em número e em poderio bélico as defesas do exército de samurais. No entanto, em uma noite de descanso, um forte tufão assolou sobre a baía em que as embarcações mongóis estavam ancoradas, dizimando grande parte da frota inimiga e permitindo que os samurais expulsassem de vez aqueles invasores. Na segunda tentativa de invasão, em 1281, o exército mongol – agora com 140 mil soldados - se deparou com uma

forte e melhor preparada resistência japonesa. Os combates duraram cerca de dois meses até que, milagrosamente, um violento tufão fez mais uma vez com que as altas ondas do mar tragassem os soldados mongóis, obrigando Khublai Khan a se retirar do arquipélago japonês com o que sobrou de sua esquadra. Os japoneses denominaram os tufões que garantiram a vitória sobre os mongóis de *kamikaze* – que significa *vento divino* em japonês – pela crença de que o Japão seria uma nação protegida pelos deuses.

Este sentido faz com que *Kamikaze* se torne para mim um símbolo de sonho futurístico que orienta meu presente. Um sonho de que nossa comunidade construa uma identidade marcada por um lugar com qualidade de vida e de integração étnica e social, na qual um *vento divino* possa abençoar todas as nossas conquistas conjuntas. É justamente diante deste ideal e nas perspectivas de escoteiro, cidadão nipo-brasileiro, Biólogo formado no ambiente da USP de Ribeirão Preto e contratado pela iniciativa privada para atuar como Educador Ambiental no Complexo Ribeirão Verde, morador desta comunidade, militante ambientalista e pesquisador da primeira turma do núcleo temático de Educação Ambiental do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP - *campus* de Rio Claro, que iniciei esta estimulante pesquisa sobre a minha *Comunidade de Destino*.



Ronda infantil - Cândido Portinari

Capítulo II - Urbanização e Educação Ambiental

2.1. O processo da urbanização

2.1.1. A urbanização: conseqüência e necessidade para o modelo da modernidade

A modernidade teve sua origem marcada por um lento processo de transformação ética de afirmação humana baseado nos ideais burgueses dos séculos XVI e XVII de contraposição aos abusos dos poderes eclesiásticos e aristocráticos, que mantinham uma tradição de pensamento teológica para manutenção de suas orientações ideológicas e políticas. Este câmbio de postura ética rumo ao pensamento humanista e de ruptura com a tradição existente descartava qualquer tipo de evidência subjetiva e metafísica de ciência e buscava na razão e na valorização do indivíduo, uma pretensa objetividade científica. Pautada pela perda das qualidades sensíveis, esta nova ciência transformou os processos de interação social e com o meio em relações funcionais, de finalidade utilitária e de domínio da natureza, criando uma clara distinção entre sujeito cognoscente e objeto cognoscível (Grün, 1996).

Toda essa transformação trouxe consigo admiráveis avanços tecnológicos, que permitiram a materialização, no século XVIII, da primeira Revolução Industrial pela burguesia ascendente (Carvalho, 2000). Como conseqüência das novas condições trazidas pelo uso da ciência e da técnica, a Revolução Industrial imprimiu profundas modificações sociais e de transformação do território. Esta passagem de um meio natural¹ para um meio técnico² intensificou a lógica instrumental e de poderio humano diante da natureza através

¹ Apesar de qualquer transformação imposta às coisas naturais já se constituir uma técnica, Santos (1999) chama de meio natural uma determinada época da história do meio geográfico em que as técnicas e o trabalho do homem – ainda sem existências autônomas – se casavam com as dádivas naturais sem outra mediação. Nesse período, a sociedade local era criadora das técnicas utilizadas, comandante dos tempos sociais e dos limites de sua utilização, criando dessa forma uma harmonia sócio-espacial de razão preservacionista.

² Surge, segundo Santos (1999), a partir da emergência do espaço mecanizado pelos objetos técnico-culturais. Neste período, a lógica instrumental desafia as lógicas naturais. Com a utilização de novos materiais e a transgressão das distâncias, os tempos sociais tendem a se superpor e contrapor aos tempos naturais. Essa

da superposição dos objetos técnicos sobre as forças naturais observada na mecanização do espaço (Santos, 1999).

O desenvolvimento destes processos produtivos - aliado ao interesse liberal burguês - acelerou o aumento da divisão do trabalho e a intensificação das trocas, tornando necessário à existência de sistemas técnicos mais eficazes na mesma medida de sua expansão. Dessa forma, o progresso técnico e a força do capital tornaram a presença do modelo urbano de ocupação e utilização do território cada vez mais presente nos países e regiões em que puderam se instalar. Nestes locais o êxodo rural para estas aglomerações se intensificou e mobilizou enorme contingente de camponeses expropriados em torno das cidades industriais, sedentas por grande quantidade de mão-de-obra.

2.1.2. Urbanização e a degradação sócio-ambiental

A razão do comércio - e não mais a da natureza - é que presidia a instalação dessas novas aglomerações urbano-industriais. Dessa forma, transgrediam as lógicas locais preexistentes, trazendo consigo sua contra-face de degradação ambiental em razão da multiplicidade e intensidade de intervenções humanas (Santos, 1999). Como efeito nessa esfera, estas regiões urbanizadas passaram a manifestar algumas características macroecossistêmicas negativas como, por exemplo, a formação de um clima essencialmente distinto daquele circundante da cidade, através do isolamento térmico ocasionado por emissões de poeiras e gases das atividades industriais. A mecanização do espaço, por sua vez, trouxe mudança na morfologia do solo mediante escavações, compactação e impermeabilização nas áreas de loteamento e infra-estrutura de transporte, ocasionando sua

nova condição espaço-temporal desencadeia uma crescente divisão internacional do trabalho, um aumento na importância das trocas entre os grupos e uma presença cada vez maior de sistemas técnicos eficazes, estranhos e indiferentes às lógicas locais preexistentes.

subsistência e redução do nível do lençol freático nestas áreas. Na mesma medida, a necessidade cada vez maior de matéria-prima para produção industrial mostrou seus resultados inexoráveis através da geração e exportação de grande quantidade de resíduos sólidos, de efluentes domésticos e industriais, originando a eutrofização dos ecossistemas bióticos terrestres e aquáticos, que sobrecarregavam o próprio ambiente urbano e o ambiente periférico. (Di Fidio, 1985, *apud* Guzzo, 1999).

Aliado ao processo de degradação ambiental, este novo modo de produção imprimia também um processo de degradação social verificada em situações de agonia sobre uma população urbana composta principalmente de trabalhadores pobres, submetidos à exploração da força de trabalho em penosas e longas jornadas de trabalho nos ambientes insalubres das fábricas, além das péssimas condições de moradia em que se encontravam. Somente a partir de meados do século XIX, quando esta crise tornou-se generalizada – atingindo também as classes mais abastadas detentoras do poder – e alvo de grandes e massivas rebeliões é que providências foram tomadas para um aperfeiçoamento e uma reconstrução urbana sistemática (Carvalho, 2000).

2.1.3. O processo de urbanização no Brasil: a região sudeste como destaque

Durante séculos o Brasil como um todo esteve deslocado deste processo de transformação urbano-industrial, constituindo-se como um país eminentemente agrário e formado por subespaços que evoluíam segundo lógicas próprias. As capitais dos estados brasileiros eram, até o fim da Segunda Guerra Mundial, territórios basicamente administrativos – tanto públicos como privados -, com predomínio das funções públicas e fundada na agricultura, que era realizada em suas zonas de influência. Somente a partir das

décadas de 1940 e 1950 a lógica da industrialização³ - idealizada pelo poder público - ativou o processo de urbanização, tornando-a já a partir do terceiro terço do século XX praticamente generalizada em todo o território nacional. O crescimento urbano imposto por este modelo econômico, político e social foi evidente se analisarmos seu desenvolvimento durante as décadas de 1940 a 1980, período este marcado por uma urbanização acelerada, invertendo rapidamente o local de moradia da população brasileira da área rural para grandes e médios centros urbanos. Durante este período, a população total do Brasil foi triplicada ao passo que a população urbana se multiplicou por sete vezes e meia (Santos, 1993).

Somente a região Sudeste iniciou o processo de urbanização mais precocemente, em meados do século XIX, principalmente a partir da produção de café. Diferentemente do restante do Brasil a urbanização desta região foi impulsionada pelas formas capitalistas de produção, gerando mudanças nos sistemas de engenharia e infra-estrutura de transportes, e aumento do intercâmbio e do consumo, através dos influxos do comércio internacional que o ciclo do café originou. Esta mecanização do espaço ao serviço da expansão econômica contribuiu para uma divisão de trabalho mais acentuada nesta região, gerando uma tendência à urbanização muito maior e anterior às demais regiões do país.

A urbanização no Sudeste até a década de 1980 - principalmente nos estados de Rio de Janeiro e São Paulo – não se desenvolveu uniformemente sobre todo o seu território, mas de forma concentrada em torno das capitais através do fenômeno da metropolização. Somente a partir deste período, apesar deste processo não ter alcançado ainda seu nível de saturação e estagnação, houve uma aceleração mais vigorosa da desmetropolização com as

³ Este termo é empregado por Santos (1993) em seu sentido mais amplo como processo social complexo de formação de um mercado nacional e de esforço de integração do território nacional, com a expansão do consumo em formas diversas e acentuado crescimento da vida de relações de divisão do trabalho.

idades médias crescendo proporcionalmente mais do que as grandes capitais da região. No interior do Estado de São Paulo, por exemplo, o crescimento econômico gerado pela agricultura moderna a partir da década de 1970, acelerou o processo de urbanização em proporções muito maiores do que a expansão urbana da cidade de São Paulo (Santos, 1993).

2.1.4. A urbanização em Ribeirão Preto e seus problemas sócio-ambientais

Neste cenário, o município de Ribeirão Preto – SP (Figura 1), centro urbano médio com 543.885 habitantes (IBGE, 2005), localizado no norte-nordeste paulista – a aproximadamente 320 km da capital – em torno das coordenadas geográficas 21° 10' 42" de Latitude S e 47° 48' 24" de Longitude W Gr, apresenta uma história bem ilustrativa deste intenso processo urbano que se concretizou na região sudeste do Brasil a partir de meados do século XIX. Já conhecidas na primeira metade do século XVIII, as terras onde viviam os índios *Caiapós* – e que mais tarde viriam a constituir o território de Ribeirão Preto - eram utilizadas pelos bandeirantes que se dirigiam rumo a Goiás e Mato Grosso, em busca de ouro, pedras preciosas e capturar índios para o trabalho. Um século depois, com a decadência da mineração em Minas Gerais, várias levas de tropeiros e migrantes mineiros vieram para a região da Alta Mogiana, tocando a boiada e buscando trabalho temporário nas primeiras propriedades rurais - fazendas *Palmeiras*, *Retiro* e *Ribeirão Preto* – que por ali surgiram. Vivendo até então de pequenas explorações agropecuárias, somente a partir de meados do século XIX, com a aquisição de terras por mineiros, fluminenses e paulistas do norte do Estado, é que a população daquele recém formado vilarejo - ainda subdistrito de São Simão - começou a aumentar (Cione, 1995).

Já visando mais força perante a Província de São Paulo, em 2 de novembro de 1845, foi rezada a primeira missa no Bairro das Palmeiras – às margens do Rio Pardo - e fincada uma cruz de madeira na tentativa de demarcação de terras para formar um patrimônio de São Sebastião do Ribeirão Preto. Apesar das doações dos fazendeiros e da comunidade lo-

Figura 1. Mapa de localização do município de Ribeirão Preto - SP.



Fonte: Secretaria do Meio Ambiente de São Paulo.

cal, as terras não foram aceitas pela Câmara Episcopal de São Paulo em função da falta de cautelas legais e dos valores inferiores exigidos pela autoridade eclesiástica. Somente anos mais tarde, através dos 145 hectares de terras - ao lado das fazendas do *Retiro* e da *Barra do Retiro* e às margens dos mananciais de água do *Ribeirão Preto* e do *Córrego do Retiro* - obtidas de outras doações, é que as autoridades diocesanas legalizaram o novo patrimônio e

estabeleceram - em 19 de julho de 1856⁴ - a fundação do povoado então denominado de São Sebastião do Ribeirão Preto (Cione, 1992). Em 2 de abril de 1870, a Lei nº 51 elevou Ribeirão Preto à categoria de freguesia e, em 12 de abril de 1871, pela Lei nº 67, foi criado o município de Ribeirão Preto (Cione, 1987).

Até as décadas de 1860 e 1870 o desenvolvimento urbano inicial seguiu o padrão de ruas e travessas, em forma de um tabuleiro de xadrez ao redor do espaço - onde foi edificada, em 1863, a capela de São Sebastião – denominado de Largo da Matriz. O comércio se multiplicava à medida que surgiam novas quadras e lotes, mantendo a interdependência entre o novo povoado e a zona rural. Com a expansão da cultura cafeeira – que já havia dado muita riqueza na Baixada Fluminense e no Vale do Paraíba - para as terras férteis da região, entre os idos de 1870 e 1890, houve um grande ciclo migratório – principalmente de fluminenses - para Ribeirão Preto. Este processo foi acelerado com a introdução do café da variedade *Bourbon* – trazida pelas mãos do médico e cientista Luís Pereira Barreto – que logo se espalhou pela região, trazendo riquezas para os fazendeiros locais e imigrantes – formados, principalmente, por italianos livres em substituição ao trabalho escravo - em busca do sonho do *Eldorado Paulista*. A chegada da Estrada de Ferro da Mogiana, em novembro de 1883, aproximou a região aos centros de decisão, em São Paulo, acelerou o desenvolvimento econômico da cidade – pela chegada do telégrafo, telefone e eletricidade, e pela facilidade de transporte do café ao porto de Santos – e trouxe também aventureiros, investidores, curiosos e comerciantes, que transformaram Ribeirão Preto rapidamente na então chamada *Capital Mundial do Café*. Este fato começou a originar profundas modificações nas estruturas fundiárias e urbanas do município, trazendo transtornos ambientais à população local. Cione (1987) relata que Ribeirão Preto

⁴ Data oficialmente considerada como a de fundação de Ribeirão Preto.

Até 1901 era um povoamento sem calçamento, despida de arborização, desordenada, de passeios irregulares: nos tempos de chuva a cidade era um imenso lamaçal intransitável; na seca, suja e poeirenta (p. 153).

Mesmo com a elaboração do primeiro conjunto de normas do município – denominado de Código de Posturas da Câmara Municipal da Vila de São Sebastião do Ribeirão Preto – criado em 1874 e revisado em 1900 – determinando exigências com relação à higiene e saneamento básico da cidade – problemas decorrentes da expansão urbana desordenada de Ribeirão Preto continuavam a surgir. Com a implantação de novas ruas acompanhando os leitos dos córregos do Retiro e Ribeirão Preto – até então uma grande área inundável de várzea – houve uma restrição das margens destes corpos d’água a canais de pequenas proporções, o que iniciou um processo freqüente de inundações, como a memorável enchente de 1927 (Cione, 1987).

No final do século XIX, com a pujança econômica desfrutada por Ribeirão Preto, começava a surgir na cidade uma vida noturna com muito luxo e luxúria, através das chegadas do café-cantante *Eldorado*, do *Cassino Antártica* e de vários cabarés. A construção do Teatro Carlos Gomes (1897) pelo *Rei do Café* – Francisco Schmidt – impulsionou também o surgimento de uma vida cultural intensa com a importação de vários espetáculos da Europa para apresentação em primeira mão no Brasil. Em poucos anos surgiram o 3º Ginásio do Estado Otoniel Mota (1907), as fábricas da Antártica (1911), a Cervejaria Paulista (1914), grandes casas comerciais - como o Banco Construtor - e palacetes de estilo gótico bizantino como o solar da família Inechi. Este desenvolvimento econômico promoveu os primeiros cuidados paisagísticos através das iniciativas de ajardinamento, em 1907, do Largo da Matriz (atual Praça XV) –, da arborização urbana, em

1918, acompanhando o sistema viário, e da implantação da Praça Sete de Setembro, de modo que, até o final da década de 1920, Ribeirão Preto possuía muitas ruas arborizadas e muitas praças implementadas (Cione, 1987).

A fase áurea do ciclo do café em Ribeirão Preto foi até o ano de 1929 quando houve a grande crise mundial gerada pela *quebra* da Bolsa de Nova Iorque. Todos os mercados se retraíram, as exportações foram fechadas e as dívidas não puderam ser resgatadas. A saca do café, que até então era cotada a 240 mil réis naquela instituição comercial, passou a valer apenas 30 mil réis, arruinando a economia de diversas fazendas da região e a vida requintada usufruída na cidade através dos rendimentos da cultura cafeeira (Cione, 1987).

Mesmo com a crise, Ribeirão Preto não ficou estagnada como outras cidades da região e reagiu, principalmente pelas mãos dos imigrantes italianos que, em posse de muitas terras adquiridas de fazendeiros arruinados, substituíram a antiga monocultura do café pela diversificação da policultura da cana-de-açúcar, algodão, feijão e do milho. A partir de então, destituídos dos títulos de *Reis do Café* e impedidos de desfrutar o modelo cultural europeu, os antigos aristocratas iniciaram as inaugurações de grandes escolas como a Faculdade de Farmácia e Odontologia, a Escola Prática de Agricultura e posteriormente a Faculdade de Medicina (1952), atraindo para a cidade uma leva de professores e cientistas de renome internacional, e transformando Ribeirão Preto em um importante centro de pesquisa e educação no país (Cione, 1987).

Entre as décadas de 1940 e início de 1960, ainda recebendo um incremento populacional considerável, três iniciativas de planejamento urbano foram propostas, mas nenhuma foi implementada de fato. Enquanto isso, à medida que a população de Ribeirão Preto se expandia, iniciava-se um processo de especulação imobiliária – com o surgimento

de grandes vazios urbanos na cidade – através de ações governamentais que privilegiavam os grandes proprietários de terras na zona urbana. (Guzzo, 1999).

Os novos ciclos econômicos nas décadas de 1970 e 1980, decorrentes de atividades agro-industriais - sucro-alcooleiras e citrícolas – e, principalmente, do incentivo dado pelo programa Pró-Álcool, trouxeram riquezas - principalmente propiciadas pela monocultura da cana-de-açúcar - e retomaram o circuito migratório em grande escala para a região, ocasionando um grande adensamento populacional e preenchimento de áreas de baixa ocupação – já então transformados em lotes urbanizados e valorizados - na cidade de Ribeirão Preto (FIPAI, 1995). Neste período, o município apresentou a maior taxa de expansão urbana de sua história (Valadão, 1997), um crescimento demográfico superior a 10 mil habitantes por ano e um pico de aporte populacional de 50 mil pessoas entre 1973 e 1975 (Cione, 1996) (Tabela 1).

Tabela 1. Estimativa do desenvolvimento populacional no município de Ribeirão Preto -SP.

Anos	População	Anos	População
1873	5.522	1968	196.000
1915	20.000	1970	218.584
1940	53.156	1971	228.638
1950	92.160	1972	238.693
1955	122.450	1973	249.768
1960	149.360	1975	298.711
1967	186.000	1976	311.723

Fonte: Cione, 1995.

Com a criação do Conselho Municipal de Urbanismo e Habitação, em 1965, da Secretaria Municipal de Planejamento, em 1974 – Lei nº 2.897/74 –, e elaboração do Plano Diretor de Desenvolvimento Integrado, em 1977, - Lei nº 3.346/77 – Ribeirão Preto passou

a caracterizar-se pelo suporte do sistema viário, pela ação da COHAB como gestora de conjuntos habitacionais e pela consolidação das regiões sul e sudeste como áreas nobres da cidade (Valadão, 1997).

Com o crescimento econômico invejável das últimas décadas vieram também as destruições de aspectos urbanos ligados à memória histórico-cultural de Ribeirão Preto. Já no final da década de 1940, o Teatro Carlos Gomes foi um dos primeiros marcos referenciais da cidade que chegou a ser demolido. Em 1972, as máquinas e picaretas do progresso demoliram também o velho solar da família Inechi – antigo palacete de arquitetura de estilo gótico bizantino, lugar referencial de antigas recepções e festas sociais - para ser construído um complexo bancário do grupo Itaú (Cione, 1992).

Mesmo com a instituição da primeira Secretaria Municipal de Meio Ambiente do Brasil, em 1988 – Lei nº 5.329/88 -, o que se percebe é que, nas últimas quatro décadas, houve um intenso processo de expansão urbana desordenado, observado através da considerável degradação sócio-ambiental sofrida pelo município. Em relação à arborização urbana, por exemplo, não se tem notícias de programas, projetos ou planos duradouros que tenham sido efetivamente implementados ao longo dos últimos 50 anos. Neste mesmo período, muitas praças públicas e parques urbanos foram criados por leis municipais, mas a maior parte destas áreas verdes não foram efetivamente implementadas e sequer possuem projetos paisagísticos definidos. O resultado se mostra atualmente em uma arborização urbana deficiente, inadequada, altamente onerosa e contida em apenas 4,92 m²/habitante de espaço livre de uso público⁵ (Guzzo, 1999).

⁵ Em pesquisa realizada por Guzzo (1999) este termo é utilizado por abranger não apenas áreas urbanas com cobertura vegetal, mas como um espaço ao ar livre de conceito mais amplo que se contrapõe às edificações e que podem ser utilizados como um indicador de qualidade de vida por se constituir em meio de serventia

No que se refere ao problema de desflorestamento no município, os dois principais ciclos econômicos de Ribeirão Preto – do café e, atualmente, da cana-de-açúcar – contribuíram significativamente para que o seu território possua apenas 3,8% de remanescentes de matas nativas compostas por Mata Mesófila, Mata Decídua, Mata Paludícola e Cerrado (Kotchetkoff-Henriques, 2003).

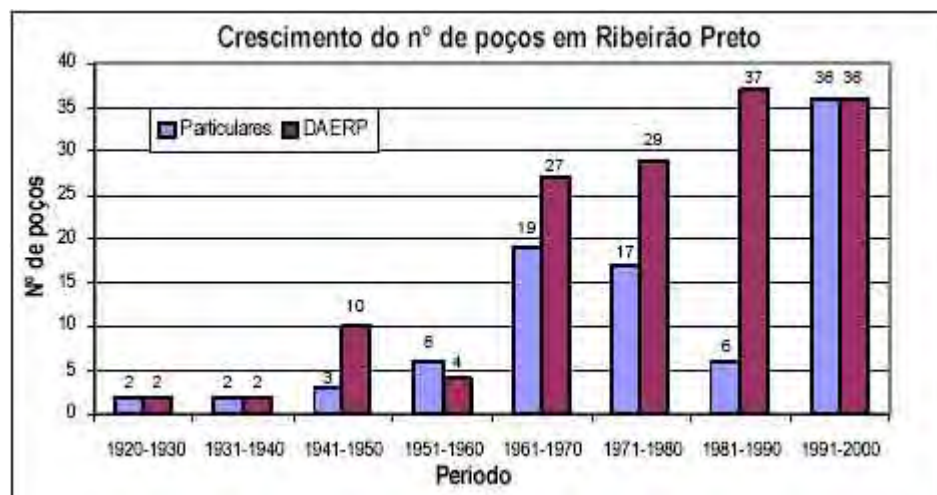
Outra situação ambiental preocupante está no fato de Ribeirão Preto ser um município totalmente dependente das reservas do Aquífero Guarani⁶. Seu sistema conta atualmente com dezenas de poços artesianos em atividade, com um consumo per capita diário de 615 litros de água da mais alta qualidade. Toda a exploração e abastecimento de água foram, desde a década de 1920, lentamente aumentando sua capacidade. A partir da década de 1960, o uso da água subterrânea intensificou-se no mesmo ritmo de expansão da cidade como reflete o número de poços perfurados a partir deste período. Já na década de 1990, notou-se um vertiginoso aumento também no número de poços particulares perfurados (Figura 2). Devido ao bombeamento intensivo e concentrado dos poços para atender este alto consumo e por Ribeirão Preto estar situada sobre área de recarga do Aquífero Guarani - sendo, por isso, limitada à exploração desmedida de seus recursos -, observou-se uma mudança do nível potenciométrico, formando um extenso cone de rebaixamento e obrigando a perfuração de poços cada vez mais profundos (São Paulo; Baviera, 2004) (Figura 3). As águas subterrâneas foram sensivelmente rebaixadas nos

ecológica, integrador de espaços diferenciados, oferecendo oportunidades de lazer, ensino e educação a toda população.

⁶ É o maior reservatório subterrâneo de água potável do mundo. Estende-se por quase metade do estado de São Paulo, da cidade de Bauru, passando por Ribeirão Preto, praticamente todo Triângulo Mineiro, o sul do estado de Goiás, uma pequena parte ao sul do estado do Mato Grosso, no Pantanal, quase todo o estado do Mato Grosso do Sul, metade dos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, uma parte significativa do Paraguai, uma boa parte do Uruguai e quase toda região Norte da Argentina, acima ao Rio da Prata (Gonçalves, 2001).

últimos anos e 84 poços já foram abandonados pelo Departamento de Água e Esgoto de Ribeirão Preto (Gonçalves, 2001).

Figura 2. Crescimento do número de poços em Ribeirão Preto de acordo com os dados obtidos no cadastro SIDAS (DAEE 2001) e no DAERP.



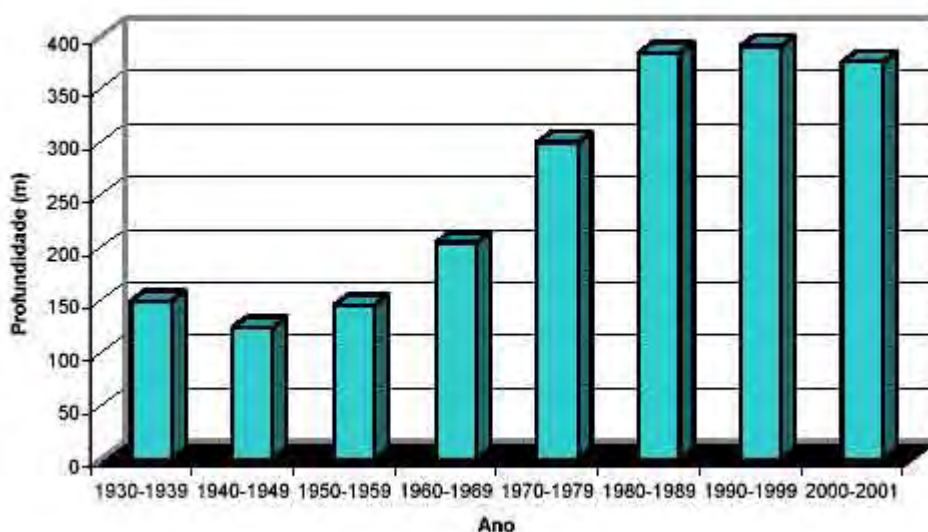
Fonte: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (Brasil); Secretaria de Meio Ambiente, Saúde Pública e Proteção ao Consumidor do Estado da Baviera (Alemanha), 2004.

Montenegro (1990) simulou o fluxo do Aquífero – considerando um aumento de 5% na demanda anual – e concluiu que, em 1995, o cone de depressão apresentaria rebaixamentos da ordem de 60 metros. Não obstante, em meados da década passada, uma equipe da Escola de Engenharia de São Carlos – USP - estimou que o Aquífero Guarani poderá atender a demanda de Ribeirão Preto até o ano de 2016, sem maiores certezas a partir desta data (Gonçalves, 2001).

A situação acima mencionada se torna mais alarmante se analisarmos a questão associada a da expansão urbana. Atualmente, Ribeirão Preto recebe migrantes de praticamente todos os estados brasileiros (FIPAI, 1995) (Tabela 2) e a cidade apresenta um

déficit de moradias populares da ordem de 10 mil unidades⁷. A área de maior expansão urbana no município de Ribeirão Preto é englobada parcialmente pela Zona Leste, sobre a Zona de Uso Especial - definida como área urbanizada no perímetro urbano ou em expansão urbana e assim classificada por abranger a zona de recarga do Aquífero Guarani - e vem tendo seus limites constantemente modificados para atender o vetor de maior crescimento populacional na direção Leste (FIPAI, 1995) (Figura 4).

Figura 3. Aumento da profundidade dos poços em Ribeirão Preto.



Fonte: Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (Brasil); Secretaria de Meio Ambiente, Saúde Pública e Proteção ao Consumidor do Estado da Baviera (Alemanha), 2004.

Dados de uma listagem das certidões de viabilidade de projetos urbanos da Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Ambiental mostraram que, do período de 1999 até o ano de 2005, 71 loteamentos e condomínios foram aprovados em Ribeirão Preto e 14 novos empreendimentos estariam em processo de aprovação. Do total de projetos

⁷ Informação oral obtida através de Cleusa de Aguiar Ferreira, Chefe do Setor Social da COHAB-RP, por telefone, em 28 de jun. 2005.

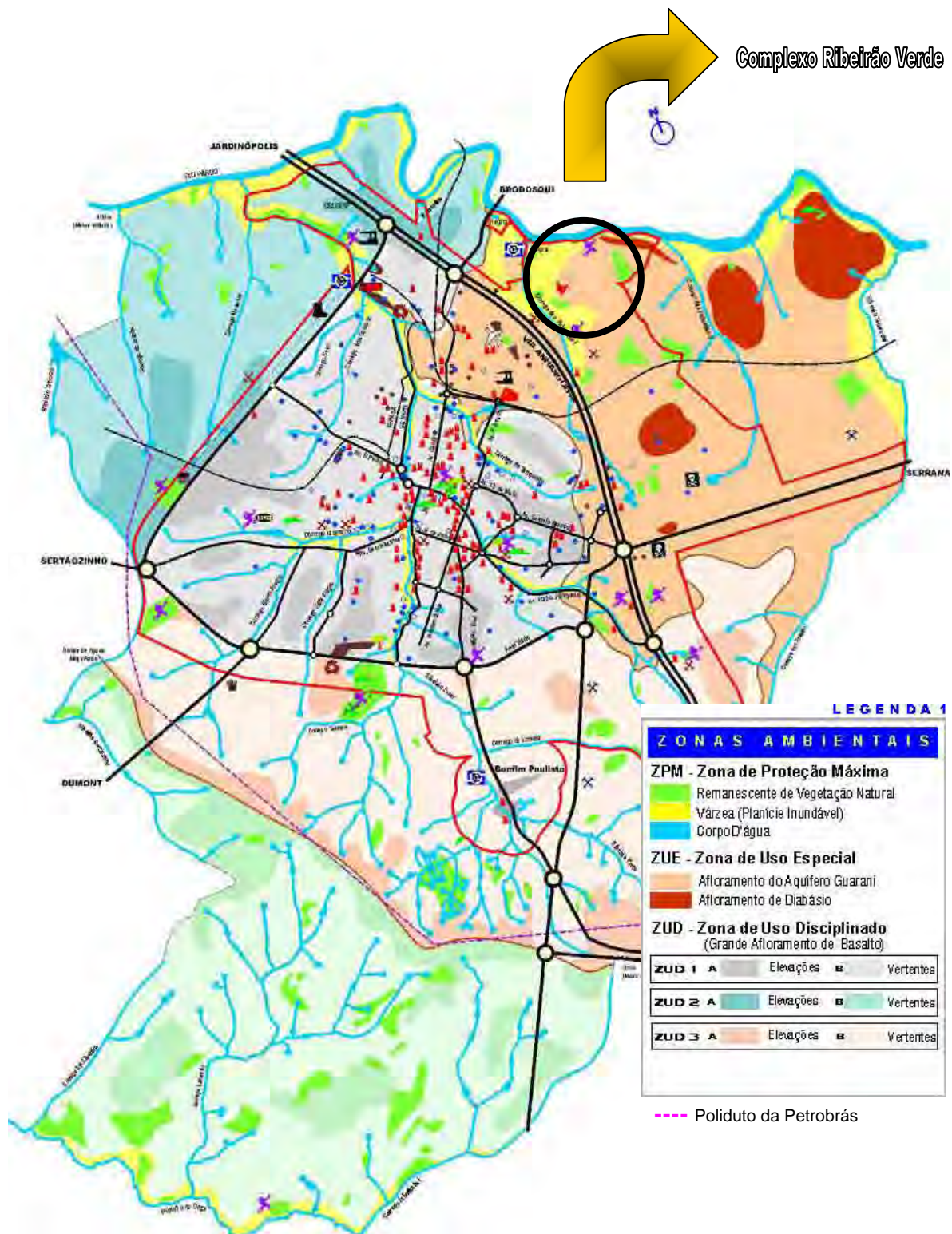
aprovados pelo órgão municipal, 15 destes foram implementados sobre a Zona Leste de Ribeirão Preto (Ribeirão Preto, 2005). Esta forte pressão imobiliária sobre a área de recarga do Aquífero Guarani dar-se-ia em razão do valor das terras nesta zona ser mais baixo em decorrência da inferior qualidade do solo para a agricultura, quando comparado com as de solos argilosos da formação Serra Geral, das Zonas Oeste e Sul da cidade (FIPAI, 1995).

Tabela 2. População de migrantes em Ribeirão Preto por estado de origem.

Estado de Procedência	População 1980	População 1995
Acre	27	-
Alagoas	619	34
Amapá	12	-
Amazonas	110	10
Bahia	2.594	95
Ceará	811	13
Distrito Federal	190	104
Espírito Santo	197	14
Fernando de Noronha	12	-
Goiás	2.155	276
Maranhão	138	16
Mato Grosso	598	54
Mato Grosso do Sul	368	59
Minas Gerais	28.794	1.936
Pará	142	26
Paraíba	404	10
Paraná	4.818	388
Pernambuco	1.352	32
Piauí	268	8
Rio de Janeiro	1.150	53
Rio Grande do Norte	422	7
Rio Grande do Sul	525	12
Rondônia	16	4
Roraima	-	-
Santa Catarina	272	1
São Paulo	120.338	7.546
Sergipe	320	5
Brasil – sem especificação	177	5
Total	121.107	10.712

Fonte: Dados Censitários do IBGE – CETREN / Secretaria do Bem Estar Social da PMRP.

Figura 4. Zoneamento ambiental de Ribeirão Preto e localização do Complexo Ribeirão Verde no município.



Fonte: Secretaria de Planejamento e Gestão Ambiental de Ribeirão Preto.

Do ponto de vista político, uma discussão definitiva sobre a regulamentação de uso e ocupação da área de recarga do Aquífero Guarani, em moldes democráticos e participativos, está difícil de se concretizar em razão dos conflitos entre os interesses dos setores imobiliários, agroindustrial, ONGs ambientalistas, conselhos municipais, organizações de classe, promotoria e órgãos públicos. Esta situação ficou mais evidente se lembrarmos que apesar de a elaboração da legislação básica - Lei de Parcelamento, Uso e Ocupação do Solo, Plano Viário, Código do Meio Ambiente, Código de Obras e Mobiliário Urbano e Código de Saneamento - do Plano Diretor do Município de Ribeirão Preto ter sido promulgada em 1995, por meio da Lei Complementar nº 501/95, até o final da gestão 2001-2004 somente o Código do Meio Ambiente havia sido totalmente debatido e regulamentado no Legislativo, através da Lei Complementar nº 1.616/2004 (Ribeirão Preto, 2004). Outro fato que corrobora esta percepção de situação conflituosa foi a grande repercussão na imprensa local da polêmica gerada entre os diversos setores da sociedade sobre a elaboração, pela Promotoria Pública do Meio Ambiente de Ribeirão Preto, de um parecer técnico, que definiu diretrizes para a expansão urbana, a construção de indústrias e a exploração agrícola em áreas de recarga do Aquífero Guarani. Baseado em dados técnicos e científicos do Ministério Público, da Associação Paulista de Tecnologia dos Agronegócios, assim como de outras fontes atualizadas e fornecidas por empresas estatais de licenciamento e proteção ambiental - DAEE, IBAMA, DEPRN, SABESP e EMBRAPA -, este parecer visou, dentre outras medidas, limitar a construção de loteamentos e criar normas de exploração agrícola nestas áreas, o que gerou protestos principalmente por setores ligados ao agronegócio, à indústria e à construção civil (Tribuna, 2005).

Enquanto esta discussão não se define, observa-se que a cidade continua apresentando um crescimento demográfico perto do exponencial e uma progressiva

urbanização quase que total de sua população (Tabela 3). Nesta situação de expansão urbana, o fator conflituoso da política se torna complicador na medida em que o Plano Diretor de Ribeirão Preto deverá – seguindo o Artigo 182, parágrafo único, da Constituição Federal de 1988 – ser totalmente regulamentado e aprovado até julho de 2006.

Tabela 3. Desenvolvimento da população no município de Ribeirão Preto - SP.

Município de Ribeirão Preto: Evolução da População					
Anos	População	Participação na População do Estado	População Urbana	População Rural	Taxa de Urbanização
1980	316.918	1,27%	306.837	10.081	96,81%
1991	434.142	1,38%	424.311	9.831	97,75%
1996	455.810	1,34%	453.684	2.126	99,53%
2000	504.923	1,37%	502.760	2.163	99,57%
2005	543.885	*	*	*	99,66%

Fonte: Fundação SEADE e Censo IBGE 2005.

* Dados não tabulados

Qualquer que seja a decisão política nesta questão – se haverá uma limitação do crescimento populacional na área de recarga do Aquífero Guarani ou se teremos obras e projetos mais sustentáveis na região – o fato é que existe a necessidade urgente de realização de novos estudos - nas mais diversas áreas do conhecimento - para que possamos contrabalançar os problemas, que certamente virão em um futuro próximo se nada for feito para mudar esta tendência atual.

2.2. Educação Ambiental em centros urbanos

2.2.1. Projeto Ribeirão Verde

Apesar dos inúmeros problemas complexos envolvendo conflitos entre os interesses de diferentes setores de sua sociedade, Ribeirão Preto viveu durante o final da década de 1980 e primeira metade da década de 1990, um dos períodos mais promissores no que se

refere à participação de uma parcela da sociedade civil organizada preocupada com as questões sócio-ambientais da cidade. Nesta época foi criada, em Ribeirão Preto, uma das primeiras Secretarias Municipais de Meio Ambiente do Brasil, foi fundada a Associação Cultural e Ecológica Pau Brasil - ONG ambientalista constituída em 7 de junho de 1988 - e foi organizado, na mesma cidade, um dos primeiros Conselhos Municipais de Defesa do Meio Ambiente (COMDEMA) do país. Instituído pela Lei Complementar 287 de 29/11/93, este conselho foi tido como um modelo de órgão democrático e participativo em relação com as questões ambientais em virtude de seu caráter deliberativo no que se referia ao uso, ocupação e parcelamento do solo.

Concomitante a este processo, no início da década de 1990, a Petrobrás iniciou um projeto de construção de um poliduto que transportaria combustíveis líquidos e gasosos de Paulínia – SP – a Brasília – DF – e passaria pela Zona Leste de Ribeirão Preto, sobre a área de recarga do Aquífero Guarani. Atendendo ao Artigo 225 da Constituição Federal, Parágrafo 1º, inciso IV (Brasil, 1988), a ONG Pau Brasil solicitou à Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Ribeirão Preto que houvesse a realização de uma audiência pública para apreciação do projeto pela sociedade civil (Verri Filho, 1993). A articulação daquela instituição com o COMDEMA e a promotoria pública de Ribeirão Preto, fez com que, em cinquenta anos de história, a maior potência econômica brasileira sofresse a única causa judicial de projetos totalmente perdida no Brasil, fruto da utilização de instrumentos legais que aquele cenário político oferecia. O projeto do poliduto foi então totalmente desviado, passando atualmente bem ao sul do perímetro urbano de Ribeirão Preto e se dirigindo para a base de armazenamento na Zona Norte da cidade (Figura 4). Este episódio fez da área de recarga do Aquífero Guarani em Ribeirão Preto, até então pouco estudada, o alvo de defesa dos ambientalistas locais. Em 1995, a eminência do lançamento do *Projeto Ribeirão Verde*:

Lotes Urbanizados - empreendimento idealizado por uma parceria entre a iniciativa privada (PROTENCO - Projetos Técnicos e Construções Ltda e ENGINDUS - Engenharia Industrial Ltda) e o setor público (COHAB de Ribeirão Preto) – sobre a mesma região do processo do poliduto da Petrobrás – agora enquadrada na classificação do Plano Diretor de Ribeirão Preto de 1995, em seu Artigo 42, parágrafo 2º, como Zona de Uso Especial (Figura 4) – fez com que, novamente, a ONG Pau Brasil, o COMDEMA e a promotoria pública do município solicitassem às empresas empreendedoras um Estudo de Impacto Ambiental e Relatório de Impacto ao Meio Ambiente (EIA-RIMA) do empreendimento, e uma audiência pública para análise deste estudo pela sociedade civil. Deste processo, algumas conquistas sócio-ambientais em relação às medidas mitigadoras foram incorporadas ao texto final do EIA-RIMA e desenvolvidas pelos empreendedores como: (a) cercamento e plano de manejo da Mata Reserva Legal do empreendimento; (b) reflorestamento de Área de Preservação Permanente - área de várzea - e sistemas de lazer; (c) arborização urbana e; (d) elaboração e execução de um Programa de Educação Ambiental para uma ocupação equilibrada do empreendimento por esta comunidade em formação (FIPAI, 1995).

Dentre estas medidas, talvez, a última se constituiu na mais inovadora e promissora mitigação de aspecto sócio-ambiental na perspectiva de estudos de impacto ambiental. Os empreendedores se tornaram as primeiras empresas privadas de construção civil que mantiveram, a partir de então, um programa de Educação Ambiental de caráter duradouro voltado para a população adquirente de um loteamento popular no Brasil. Por serem empresários da construção civil e não possuírem experiência sobre atividades de educação, estes empreendedores solicitaram auxílio à proponente do EIA-RIMA nesta questão.

O então Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde foi pensado originalmente pela Prof.a Dr.a Clarice Sumi Kawasaki – do Departamento de Psicologia e Educação / FFCLRP / USP - e mantido integralmente pelos empreendedores desde 1998, com a contratação de uma Bióloga responsável e uma estagiária, e através da adequação de um Centro de Educação Ambiental neste complexo para a realização de suas atividades.

Atualmente, este programa conta com a coordenação de dois profissionais: o Biólogo Ronaldo Munenori Endo (*Kami*) e o Literato Wellington Luis Alves Aranha (Figura 5), ambos especialistas em Educação Ambiental e Recursos Hídricos pelo CRHEA/EESC/USP e mestrados em Educação Ambiental e Educação Escolar, pelos *campi* da UNESP de Rio Claro e Araraquara respectivamente, e cujas atuações no programa constam dos seguintes aspectos: (a) junto à comunidade do Ribeirão Verde, através do programa permanente de doação de mudas, orientação para arborização urbana e de reflexões sobre os problemas locais (Figura 6); (b) junto às escolas do Ribeirão Verde através de projetos de formação continuada de professores, arte-educação (Figura 7), trilhas interpretativas (Figura 8), reflorestamento de mata ciliar (Figura 9) e arborização urbana (Figura 10); (c) em parcerias com universidades – USP - e secretarias municipais - Educação e Cidadania - oferecendo oportunidades de estágios; (d) em parceria com a ONG Ibiré na produção de mudas para subsidiar os projetos de Educação Ambiental, de reflorestamento de mata ciliar e de arborização urbana (Figura 11); (e) recebendo escolas públicas e privadas de Ribeirão Preto e região e orientando visitas monitoradas ao Centro de Educação Ambiental e à Mata do Ribeirão Verde; (f) subsidiando pesquisas científicas nas áreas de Educação Ambiental e Ecologia em universidades públicas como a USP e a UNESP e; (g) produzindo publicação científica e material didático, além de difundi-los em congressos especializados (Figura 12).



Figura 5. Wellington (agachado à esquerda) e Ronaldo (*Kami*) (agachado ao centro) em apresentação de trabalho científico, do Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde, durante evento no Centro de Recursos Hídricos e Ecologia Aplicada / EESC / USP (21 de jan. 2002).



Figura 6. Preparação do Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde para debate e reflexões com moradores na rua sobre problemas do Complexo Ribeirão Verde (4 de fev. 2001).



Figura 7. Apresentação do coral de moradoras e mães em conjunto com o Programa Educação Ambiental do Ribeirão Verde para alunos e professoras da Escola Sathya Sai, durante evento de comemoração do Dia do Professor (15 de out. 2003).



Figura 8. Trilha interpretativa com alunos e professoras da Escola Sathya Sai (28 de mai. 2003).



Figura 9. Atividade de reflorestamento de mata ciliar do Córrego das Palmeiras com alunos da EMEF Prof. Domingos Angerami em conjunto com o Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde (7 de dez. 2004).



Figura 10. Atividade de plantio de mudas em áreas verdes do Complexo Ribeirão Verde por alunos da EMEF Prof.a Geralda de Souza Espin em conjunto com o Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde (19 de nov. 2003).



Figura 11. Viveiro de mudas doado pelos empreendedores do Complexo Ribeirão Verde para a ONG Ibiré com o intuito de subsidiar o Programa de Educação Ambiental local (23 de mai. 2002).



Figura 12. Apresentação do Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde durante evento de Educação Ambiental realizado na Escola de Enfermagem da USP / Ribeirão Preto (17 de jun. 2005).

2.2.2. Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde: uma sistematização necessária

Todas as ações realizadas junto ao Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde sempre foram desenvolvidas através de conhecimentos empíricos do cotidiano de forma a atender as demandas pragmáticas do trabalho profissional em Educação Ambiental, advindas de um conjunto habitacional que em seis anos viu sua população chegar a 15 mil habitantes nas duas primeiras etapas do loteamento. No entanto, a necessidade de um maior rigor metodológico para diagnóstico de seus principais problemas surgiu na eminência da construção da terceira etapa do empreendimento em 2005, em que se estima um salto populacional dos 15 mil habitantes atuais para 30 mil até 2010. A avaliação deste vigoroso crescimento urbano traz consigo a preocupação dos impactos sócio-ambientais, que podem surgir em função desta rápida ocupação, e nos leva a refletir sobre uma nova indagação. Que tipo de pesquisa pode contribuir para ações mais sistematizadas diante de um Programa de Educação Ambiental oferecido a uma comunidade urbana em processo de rápida formação?

2.2.3. Perspectivas para a Educação Ambiental em centros urbanos

Desenvolvendo uma breve revisão bibliográfica, alguns trabalhos merecem destaque e oferecem perspectivas para pesquisas em Educação Ambiental, cujos objetos de estudos foram locais e comunidades urbanas, com enfoques metodológicos muito distintos e que utilizaram abordagens qualitativas e/ou subsídios antropológicos, sociológicos, historiográficos e geográficos em suas aproximações teóricas e de análise. Loureiro (1992), por exemplo, investigou a relação entre Educação Ambiental e classes populares de

favelados através da pesquisa-participante. A pesquisa deste autor comprometeu-se com o contexto de uma comunidade favelada do Rio de Janeiro - RJ, procurando tornar a Educação Ambiental uma parte concreta do cotidiano dos favelados, em resposta efetiva as suas necessidades e interesses.

Em seu trabalho de pesquisa Ruscheinsky (2001) entrevistou moradores da chamada volta do Saco da Mangueira, na Lagoa dos Patos, em Rio Grande – RS, com a intenção de coletar aspectos do discurso que compreenderiam suas representações sobre temas ambientais, englobando questões em que os entrevistados expunham suas opiniões sobre o meio ambiente, recursos naturais, os problemas de poluição dos bairros e da Lagoa e como percebiam a política do país e do município em relação aos problemas ambientais.

Barcellos (2000), por sua vez, desenvolveu um trabalho com representações sociais, mas em uma perspectiva histórica. Sua pesquisa foi realizada sobre o balneário Cassino, localizado no município do Rio Grande - RS, com o intuito de confrontar o entendimento das representações sociais do passado com as representações sociais das atuais populações, a fim de possibilitar a construção de conteúdos que possam ser implementados em uma proposta curricular que atenda as necessidades da população envolvida, professores, alunos, pais e a comunidade em um aspecto mais amplo.

Em uma perspectiva próxima, Speglich & Amorim (2003) desenvolveram um trabalho histórico-cultural no bairro da Serra, município de Iporanga, SP, através de uma pesquisa participativa em Educação Ambiental, em que se buscou resgatar as tradições desta comunidade como forma de fazer emergir novos sujeitos e novas possibilidades de identificação local.

Em outra abordagem metodológica, Janke & Tozoni-Reis (2003) recolheram e analisaram dados de diferentes atores sociais de distintos bairros da cidade de Botucatu – SP, buscando entender a relação do homem com o ambiente urbano, físico e social, originando uma fonte de dados sobre a questão da qualidade de vida para futura utilização em ações pedagógicas de Educação Ambiental.

Diante destas representativas perspectivas apresentadas e sob o impacto das novas tendências de pesquisas em Educação Ambiental, percebe-se o quão frutífero pode ser um trabalho que valorize as especificidades e as singularidades regionais, ou mesmo locais de uma comunidade urbana. Apesar de algumas pesquisas antropológicas, geográficas, historiográficas e sociológicas, não fazerem reflexões no domínio da educação, aquelas investigações podem fornecer subsídios para este campo de estudos. Com um enfoque histórico, por exemplo, Gonçalves (2002) recompôs a trajetória de formação do Núcleo Habitacional Vila Castelo Branco em Campinas – SP - através de procedimentos metodológicos que relacionaram o espaço, tempo e memória, com o objetivo de construir elementos para o entendimento do processo de formação/consolidação deste núcleo.

Em outra pesquisa historiográfica, Marcon (2003) abordou as relações entre memória, história e cultura dos caboclos do norte do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina e acrescentou um importante pressuposto de pesquisa ao superar a tendência descritiva do espaço, compreendendo-o em sua historicidade e levando-se em conta os distintos grupos que dele tomaram parte. Aproximou-se, desta forma, ao campo da geografia, mais especificamente ao da *ontologia do espaço* pensada por Santos (1999). Nesta abordagem o autor nos auxilia a compreender como que o espaço influenciaria nas

técnicas e formas de atuação – circunstancialmente determinadas - das sociedades humanas e vice-versa.

Estas aproximações teórico-metodológicas de cunho mais interpretativo e que valorizam aspectos histórico-culturais, apesar de não fazerem especificamente reflexões para a Educação Ambiental, podem, em muitos casos, oferecer subsídios para se entender determinados contextos de vida e de articulação social. Em pesquisa desenvolvida por Barbosa (1990), a autora utilizou-se de um acompanhamento sistemático da realidade de Paulínia – SP, desde 1985 e também de entrevistas qualitativas com médicos e moradores da localidade - nos moldes da História Oral - para traçar um perfil do município, através da construção de representações de trabalhadores e consumidores dos serviços de saúde acerca do ambiente e da saúde.

Da mesma forma, Amorim (1993) fez um estudo abrangendo duas experiências diferentes, mas ligadas pela continuidade do assunto. Nestas duas ocasiões, o pesquisador reuniu comunitários dos bairros de Belém – PA, técnicos da SESPA, pesquisadores da UFPA e mestrandos do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, e coletou dados através de uma técnica derivada da História Oral para desenvolver uma proposta de planejamento estratégico de desenvolvimento local e analisar o papel de movimentos sociais urbanos.

A relativa insuficiência de pesquisas nesta área fez com que Jacobi (2001), ao analisar as práticas de Educação Ambiental em contextos urbanos, ressaltasse a necessidade de um aprofundamento na obtenção de um maior número de dados qualitativos para a formulação de políticas públicas mais consistentes diante da Educação Ambiental em centros urbanos. Para isso o autor destacou a necessidade de análise dos determinantes do

processo, dos atores envolvidos e suas formas de organização social que aumentariam o poder das ações alternativas de um novo desenvolvimento.

As análises destes trabalhos de pesquisa, assim como as investigações de uma possível resposta aos questionamentos e constatações presenciados no Complexo Ribeirão Verde, fizeram parte dos caminhos trilhados pelo presente estudo, que propiciaram uma discussão e reflexão sobre alguns pressupostos teóricos relevantes para uma pesquisa educacional diante da temática ambiental em centros urbanos em formação.



Camino al cielo - David Cañedo - óleo em folha de alumínio, baixo relevo.

Capítulo III - Caminhos da Pesquisa

3.1. A construção da pesquisa

No exercício da pesquisa certas orientações e regras existem e são úteis e necessárias como referentes de validação e plausibilidade das análises. Mas, se não forem apropriadas e integradas pelo pesquisador em suas formas de pensar e agir, num certo conjunto lógico-vivencial, num estado de espírito que leva a um certo tipo de olhar, de perspectiva ante os eventos, estas orientações e regras tornam-se estéreis, porque mecânicas: levam tão somente à repetição, à imitação e não à apreensão criativa e consistente do entrelaçamento de fatos e dados em seus significados; também não levaria à discussão e conscientização de seus limites (Gatti, 2002. p.55).

Iniciei esta pesquisa com a intenção de fazer um levantamento histórico do processo de aprovação e implantação do Complexo Ribeirão Verde e de seu Programa de Educação Ambiental - através da análise de conteúdo de documentos oficiais como atas de audiências públicas, documentos de licenciamento ambiental, pareceres e determinações do COMDEMA e DEPRN, e EIA-RIMA do empreendimento -, e desenvolver estudos de percepção ambiental com os antigos moradores deste complexo e com os principais atores sociais envolvidos na elaboração das ações mitigadoras de impactos ambientais necessárias para a implementação do referido loteamento. Com estes estudos faria uma confrontação da visão dos agentes responsáveis pela aprovação do EIA-RIMA com a dos atingidos por este processo e esperava que, após as análises, pudesse contribuir com sugestões para uma melhoria de projetos de loteamentos e de programas de Educação Ambiental em ambientes urbanos.

Conforme entrava em contato com os estudos do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP de Rio Claro (PPGE), fui gradativamente mudando meus objetos de estudo a partir da melhor compreensão de fundamentos teórico-metodológicos de pesquisas em educação. Nas aulas da disciplina de *Pesquisa em Educação Ambiental* tive contato

com autores como Eco (1983), Gatti (2002) e Luna (2002), que me influenciaram na compreensão do que seria uma pesquisa em educação e o delineamento de seus problemas investigativos. Meu objetivo geral – o de sugerir caminhos e ações para melhoria das condições ambientais e de programas educacionais do Complexo Ribeirão Verde - foi totalmente modificado ao entender que este deveria estar relacionado com os meus problemas de pesquisa. Com a compreensão de que um problema de pesquisa em educação seria diferente das ações pragmáticas – sugerir caminhos e ações - e de respostas já sabidas por antecipação – melhoria das condições ambientais do Complexo Ribeirão Verde – ficou claro que estas proposições poderiam fazer parte de meu trabalho, mas como consequência das análises de questões aproximadas pela pesquisa e não mais como objetivo geral. Alguns objetivos específicos do anteprojeto de minha pesquisa - como o de contextualizar o surgimento do Complexo Ribeirão Verde e seu processo de aprovação, pelo poder público, promotoria e sociedade civil organizada – também foram entendidos por mim não mais como metas de trabalho – por não se constituírem em problemas de pesquisas - mas sim como uma parte inerente de meu estudo - por se tratar de um trabalho em Ciências Humanas – e, por isso, presente no capítulo II deste texto.

Ainda no anteprojeto minhas ações previstas eram enormes e pouco delimitadas. Comecei a perceber, conforme me aproximava das reflexões de Eco (1983), que a utilização de abordagens metodológicas diferentes em um mesmo trabalho de pesquisa - análise de conteúdo e percepção ambiental – e a quantidade de entrevistas que deveria realizar e analisar poderiam comprometer a qualidade e execução total da investigação no sentido de aumentar as chances de uma confusão conceitual e de uma impossibilidade de sua conclusão diante do pouco tempo para as atividades da pesquisa – dois anos para seu término como exigência do regulamento do PPGGE. Desta forma, fui aconselhado por meus

professores do núcleo de Educação Ambiental deste programa, a não me preocupar com a análise de conteúdo¹ do EIA-RIMA, pois reconheci que este tipo de estudo poderia se constituir em mais uma outra dissertação, por se tratar de um campo de pesquisa cuja metodologia já estaria de certa forma consagrada, e que envolveria um aprofundamento teórico muito oneroso para quem não dominasse entendimentos como os de lingüística. Desisti também de me aventurar na perspectiva das percepções ambientais, por também reconhecer que seria um campo diferente de pesquisa não dominado por meu orientador e por outros pesquisadores de nosso núcleo, e porque não queria concentrar meu foco de estudos exclusivamente sobre questões ligadas à subjetividade dos sujeitos. Iniciei a partir de então uma delimitação de meus objetivos de pesquisa apenas para possíveis problemas ocorridos durante o processo de ocupação do loteamento e formação de sua comunidade.

Na elaboração do seminário para a disciplina de *Educação: Problemas e Perspectivas* sobre o tema *Movimentos Sociais e a Educação Ambiental*, o contato com as análises de González-Gaudiano (2001), ajudaram-me a consolidar a idéia que já havia refletido - no grupo de estudos que ajudou a formar a ONG Ibiré - sobre a discordância de achar que a Educação Ambiental teria se desenvolvido de forma congruente no mundo inteiro, de que esta seria unicamente determinada por discursos oficiais das diversas reuniões mundiais promovidas pela Organização das Nações Unidas - Estocolmo (1972), Belgrado (1975), Tibilisi (1977) - assim como teria um enfoque voltado para as controversas diretrizes do desenvolvimento sustentável. Para este autor, enquanto nos países desenvolvidos a Educação Ambiental teria se processado basicamente ligada à conservação, enfatizando os seus componentes científicos e organizada no sistema formal de ensino, na América Latina e Caribe esta teria se desenvolvido mais no terreno da

¹ Sobre metodologia de análise de conteúdo ver Bardin, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1979.

educação não-formal, trabalhando mais com a população adulta, mais presente nas áreas rurais do que nas urbanas e com enfoques mais ligados ao desenvolvimento social e comunitário.

Meu histórico de militância em Ribeirão Preto me aproximou mais destas conclusões, assim como dos estudos de Antuniassi *et al* (1989). Nesta pesquisa os autores fizeram um levantamento histórico do movimento ambientalista brasileiro em um contexto paulista e reconheceram-no como um movimento social urbano que tomou as idéias-base - da necessidade de mudança das relações homem-natureza e de pacifismo - emprestadas do movimento de contracultura americano e europeu da década de 1960, em contraposição ao modelo desenvolvimentista brasileiro dos gigantescos projetos estatais, propondo empreendimentos em pequena escala, decisões a nível local, auto-gestão, democracia participativa e cooperativismo. Estudos de Carvalho (2001; 2002) e de Reigota (1998) também corroboraram as reflexões acima de González-Gaudiano em seus artigos que analisaram o histórico da Educação Ambiental e do movimento ambientalista no Brasil, muito mais voltados às lutas populares - tanto em zonas rurais como nas cidades - e ligados às questões culturais, sociais e políticas. Estes autores citaram como exemplo os movimentos populares das décadas de 1970 e 1980, atrelados à educação popular, à Igreja da Libertação e às Comunidades Eclesiais de Base, como importantes agentes na construção política da questão ambiental e na oposição ao então regime militar existente no país.

Passei então, a partir destas diferentes formas de atuação entre países ricos e pobres e seus diversos atores sociais, a compreender a Educação Ambiental como um nome convencionalizado historicamente para determinar as práticas educativas relacionadas com a questão ambiental, que foi ganhando uma grande variedade de conceitos e práticas –

principalmente a partir da década de 1980 (Reigota, 1998), fruto do processo multissetorial e ideológico do movimento ambientalista, de algumas tradições educativas adquiridas ao longo de suas caracterizações (Carvalho, 2002), e do oportunismo e/ou assimilação de outros segmentos da sociedade - locais e globais - em busca de seus interesses políticos e econômicos.

Ao ir mais adiante neste trabalho acadêmico fiz algumas análises que apontavam para a consolidação da perspectiva sócio-ambiental no Brasil, principalmente após a Conferência das Nações Unidas sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentado (Eco-92), em 1992. Durante e após esta conferência a questão ambiental foi se expandindo dentro do campo das instituições da sociedade civil, englobando outros atores e movimentos sociais (movimento de mulheres, movimentos populares, sindicais, etc.), que internalizaram de diferentes maneiras aquilo que era, até então, uma temática específica dos movimentos ecológicos. Com isso parece que a temática ambiental passou a ser entendida como constituinte da esfera pública das decisões comuns - mesmo que muitos atores sociais não a percebessem desta maneira - ganhando um caráter na arena social e política, e conseqüente inserção no campo teórico da educação (Carvalho, 2000). A temática ambiental foi então definitivamente incorporada ao cenário político brasileiro através da criação de várias Secretarias de Meio Ambiente em vários municípios brasileiros e implementação de políticas públicas de Educação Ambiental - organizadas pelo MEC - voltadas principalmente às escolas, influenciando a produção de pesquisas nesta área. De fato Reigota (1998) analisou que apesar dos primeiros textos e dissertações de mestrado sobre Educação Ambiental terem surgido no Brasil no final da primeira metade da década de 1980, houve um aumento considerável de teses, dissertações e monografias somente após a década de 1990.

Com estas novas perspectivas de entendimento sobre as práticas educativas relacionadas à temática ambiental, fui desenvolver uma revisão bibliográfica sobre pesquisas de Educação Ambiental em centros urbanos fora do contexto escolar, a fim de pensar sobre questões teórico-metodológicas que fundamentariam minha pesquisa no Complexo Ribeirão Verde, visto que necessitava buscar conhecimentos que subsidiassem ações para um programa de Educação Ambiental para a comunidade – e não só para as escolas – deste conjunto habitacional. De fato, constatei que até então existia uma insuficiência de trabalhos de pesquisa em Educação Ambiental que abordassem questões urbanas através de atores sociais não pertencentes ao contexto de instituições de ensino, com uma grande predominância de estudos relacionados ao ambiente escolar, como já apontado anteriormente por Reigota (1998) e Valentin (2004). Para exemplificar a escassez de trabalhos naquela perspectiva, dos 150 trabalhos apresentados no I e II Encontros *Pesquisas em Educação Ambiental* - ocorridos respectivamente em Rio Claro – SP (2001) e em São Carlos – SP (2003), promovidos pela Universidade Estadual Paulista, Universidade de São Paulo e Universidade Federal de São Carlos (Anais I e II EPEA), e que vêm se consolidando como o principal evento de pesquisa do Brasil no campo da Educação Ambiental - pelo menos 87 estudos (58%) faziam referências a pesquisas desenvolvidas no ou para o ambiente escolar. Dentre os demais estudos – zoológicos, museus, ambientes naturais preservados, ambientes rurais, turismo, comunidades tradicionais e ribeirinhas, meios de comunicação, materiais didáticos e ensaios críticos – tivemos apenas 13 trabalhos (8,7%) que de alguma forma pesquisavam questões urbanas não relacionadas com o ambiente escolar (Endo, 2005).

Propus, posteriormente, uma possível reflexão sobre esta situação a partir de contribuições de Gohn (2000; 2003) sobre o contexto de transformação das formas de

organização e atuação dos movimentos sociais urbanos no Brasil a partir da década de 1990, e de Gatti (2002) sobre a distância entre os centros de pesquisa em educação, os órgãos ligados às políticas públicas e os problemas práticos da sociedade. Na possibilidade de uma interseção das análises acima esbocei uma reflexão em que as pesquisas de Educação Ambiental em centros e comunidades urbanas sofreriam de insuficiência quantitativa e qualitativa em razão do declínio dos movimentos sociais urbanos, da mudança de suas formas de organização, de sua incorporação gradativa de seus líderes aos quadros governamentais e da distância entre estes órgãos públicos, a universidade e os problemas práticos da sociedade (Endo, 2005). Com estas conclusões, resolvi que tentaria desenvolver uma abordagem investigativa que me permitisse um relacionamento muito próximo com os moradores do Complexo Ribeirão Verde e as suas realidades vividas na comunidade, tentando aproximar pesquisa acadêmica e necessidades sociais.

Com conhecimentos de sociologia adquiridos em disciplinas anteriormente cursadas em programas de pós-graduação, na UFSCar, e durante as atividades de estágio docência na disciplina de graduação *Sociologia Geral*, do curso de Pedagogia, na UNESP / Rio Claro - mas sem fundamentos de pesquisa nesta área -, pensava sobre a possibilidade de desenvolver uma reflexão sociológica sobre o processo de formação do Complexo Ribeirão Verde. Com este pensamento lembrei-me do estudo de Jacobi (2001) onde, ao analisar as práticas de pesquisas de Educação Ambiental em contextos urbanos, o autor ressaltou a necessidade de um aprofundamento na obtenção de um maior número de dados qualitativos para a formulação de políticas públicas mais consistentes nesta área. Sobre esta afirmação, decidi não direcionar meus estudos para uma pesquisa quantitativa, no sentido da utilização de questionários fechados, grandes amostragens e posterior tabulação de dados. No entanto,

questionava-me sobre a possibilidade e/ou necessidade de critérios de representatividade estatística - baseados em um número significativo de entrevistas sobre a comunidade do Complexo Ribeirão Verde - diante do reduzido tempo estipulado pelo PPGE para a conclusão de minha pesquisa e da minha identificação com metodologias que privilegiassem o diálogo com os moradores daquela comunidade. Mesmo assim, ainda não sabendo como, gostaria de alguma maneira não me distanciar totalmente das preocupações sociológicas em minha investigação. Neste instante optei em não trabalhar com questionários fechados ou com entrevistas estruturadas e investi meus esforços na busca de procedimentos metodológicos de caráter menos quantitativo e mais dialógico. Com as leituras do pensamento desenvolvido por Gamboa (2000), sobre o falso dualismo entre quantidade e qualidade em pesquisas educacionais, pude perceber que o simples fato da técnica de coleta de dados não ser quantitativa não impediria a possibilidade de um enfoque sociológico ou de reflexões que me aproximassem desta abordagem. Compreendi que minha escolha não deveria ser feita por razões de validade técnica, senão por questões de construção lógica e de relação direta entre as técnicas, os métodos e uma base epistemológica bem fundamentada.

Nesta altura da construção de meu problema de estudo questionava-me como poderia dar um enfoque antropológico para a investigação sem perder de vista as aproximações sociológicas e históricas, já demonstradas em meu anteprojeto de pesquisa. Um vislumbre para este impasse começou a surgir durante as aulas da disciplina de *Pesquisa em Educação Ambiental*, onde diversas metodologias de trabalho em educação foram mostradas, a fim de propiciar aos pós-graduandos possibilidades de aproximação para com os seus respectivos objetos de estudo. Em uma destas aulas tive a feliz oportunidade de me envolver com as explicações do Prof. Dr. Álvaro Tenca sobre questões

como o trabalho, o ócio e a liberdade - baseadas em alguns dos pensamentos filosóficos de Hanna Arendt – e por alguns pressupostos teórico-metodológicos da História Oral – campo de estudos que até então desconhecia. Apaixonei-me por aquelas reflexões e a partir daquele momento vislumbrei a possibilidade de trabalhar com histórias de vida, o que acendia em mim uma grande curiosidade em saber mais sobre os fundamentos da História Oral. Por ironia e circunstâncias de minha vida, meu orientador – Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza (Figura 13) - tinha ampla experiência neste campo de pesquisa e decidimos que poderíamos desenvolver tranqüilamente um estudo nesta perspectiva.

Ao começar os estudos sobre esta abordagem, deslumbrei-me com as menções de seus estudiosos sobre o compromisso e a cumplicidade para com os seus sujeitos, chamados não mais de *objetos* de pesquisa – que conotaria algo manipulável e estéril –, mas de *colaboradores* (Meihy, 1996). Ao entrar em contato com o histórico de sua fundamentação teórico-metodológica fui percebendo uma possibilidade dialógica de aproximação de um trabalho com fonte orais sem que precisasse por isso perder seu caráter científico. Apesar da moderna História Oral - iniciada em 1947 - ter nascido com um aspecto elitista e sem uma preocupação de ordem científica - a de captar experiências de combatentes, familiares e vítimas da Segunda Grande Guerra e, posteriormente, na década de 1950, pelo interesse nos registros de histórias de vida de pessoas ilustres - foi somente a partir dos anos de 1960, que esta começou a ganhar respeitabilidade acadêmica através da retomada e sistematização de seus procedimentos pelo grupo da chamada *nova esquerda*, na Inglaterra. A partir de então, a História Oral passou a mudar seu caráter elitista, mostrando seu aspecto alternativo de retratar a vida de pessoas excluídas e oprimidas, sendo por isso, considerada como *uma outra história, uma contra-história* ou *uma história vista de baixo* (Meihy, 1996). Bédarida (2001) concluiu em seus estudos que esta posição

de enfoque nas pessoas excluídas da história oficial foi defendida principalmente em países germânicos, considerando aspectos alternativos, de liberdade e de emancipação, em ruptura com a história acadêmica institucional.

Estes aspectos alternativos de retratar temas da vida cotidiana e dar voz às pessoas excluídas e oprimidas vinham ao encontro de meus ideais, princípios e histórico como educador e militante ambientalista em Ribeirão Preto. Instigava-me a idéia de poder trabalhar com uma abordagem que estimularia muito o contato entre pesquisador e colaboradores, pela tentativa de romper com a visão dicotômica entre sujeito e objeto, fato este que me fez mergulhar definitivamente nesse campo de estudos em vista de minha relação de amizade e proximidade afetiva com muitos moradores do Complexo Ribeirão Verde. Meus estudos e desejo de desenvolver uma pesquisa afetivamente próxima aos moradores do Complexo Ribeirão Verde me aproximaram das reflexões de Passerini (2001). Seguindo sua lógica, a minha proximidade de pesquisador para com meus possíveis colaboradores me daria vantagens nas análises de pesquisa por estes sujeitos partilharem, possivelmente, muitas das mesmas categorias essenciais de vida - como as minhas no loteamento - e outras referências fundamentais, diferentemente dos historiadores e pesquisadores mais distantes, que apresentariam descontinuidades intelectuais, afetivas e psíquicas para com os homens e mulheres, cuja história escreveriam. O que seria um obstáculo para muitos procedimentos metodológicos mais ortodoxos em sociologia, na minha situação de pesquisa seria uma virtude - logicamente não desconsiderando suas limitações.

Foi justamente a possibilidade de utilização desta abordagem um tanto quanto dialógica que me fez procurar referências sobre as fragilidades teórico-metodológicas deste tipo de aproximação investigativa para um trabalho com fontes orais, que buscasse uma

cientificidade aceita no meio acadêmico. Ao entrar em contato com as análises de Trebitsch (1994), Meihy (1996) e Thomson *et al* (2001), interei-me acerca das críticas que partiam dos historiadores tradicionalistas sobre aquela nova abordagem historiográfica - durante o renascimento da História Oral nos anos de 1970 - baseadas fundamentalmente na confiabilidade da memória como fonte histórica, podendo aquela ser distorcida pela deterioração física e por influências do entrevistador e/ou entrevistado. Ora, pensei comigo, as influências sofridas por entrevistador e/ou entrevistado em uma possível pesquisa com moradores do Complexo Ribeirão Verde não seriam exclusivas da História Oral, senão de qualquer metodologia de pesquisa intervencionista, no sentido de haver algum tipo de relação entre pesquisador e sujeitos pesquisados.

Busquei então suporte reflexivo através de alguns autores que estruturaram argumentos para rebater as críticas de historiadores conservadores, que ambicionavam o status de discurso verdadeiro em detrimento daqueles que estes chamavam de manipuladores do conhecimento, deformadores da memória, falsificadores e falsários (Bédarida, 2001). Rousso (2001), por exemplo, foi enfático em sua constatação ao afirmar que tanto a fala espontânea de um indivíduo como a submetida ao interrogatório de um historiador, seriam legítimas por pretenderem recuperar com sinceridade e veracidade, seu passado e sua experiência. Além disso, mesmo aqueles pesquisadores que trabalhariam com outros tipos de documentos que não as fontes orais não poderiam eliminar qualquer possibilidade de escolha consciente, de manipulação ou interpretação de regras e de outros tipos de negociação, em razão da inexistência de um sistema normativo suficientemente estruturado que pudesse eliminar estas condições humanas durante a relação investigativa.

No entanto, questionava-me se apenas questões éticas de dar voz aos excluídos de uma história oficial ou o apontamento de fragilidades congruentes a outros estudos seriam

suficientes para que eu adotasse esta abordagem em minha pesquisa. Fui buscar então subsídios para entender em que perspectivas teórico-metodológicas a História Oral contribuiria para que eu pudesse pesquisar a dinâmica da vida de moradores do Complexo Ribeirão Verde durante o processo de sua a formação. Quando Cruikshank (2001) remontou estudos de Renato Rosaldo, nas Filipinas, e de Judith Binney, na Nova Zelândia, fiquei alerta sobre o erro de equiparar os depoimentos orais aos documentos escritos, concebendo a tradição oral como *uma narrativa não-distorcida, transmitida através de um conduto*, como nos termos positivistas. No mesmo estudo aquele autor aproveitou ainda para enfatizar que as narrativas seriam histórica e culturalmente determinadas, configurando-se não em histórias de um passado concreto e estático, mas sim elaboradas na ótica daqueles que vivem no presente.

A partir destes estudos parece que ficou claro para mim que o interesse pela História Oral assumido em meu trabalho não se direcionaria às fontes orais como mais um documento histórico de cunho positivista – no sentido de uma pretensa objetividade em descobrir *o que realmente aconteceu* - nem à negligência teórica sobre a limitação da veracidade dos fatos apresentada nesta perspectiva - deformados e/ou mitificados pelas fraquezas da memória - mas, sobretudo, ao processo de exploração subjetiva da experiência vivida, aos significados que as lembranças representariam para cada um dos entrevistados de minha pesquisa, e às razões que levaram os moradores a construir suas memórias e vidas de determinadas maneiras durante o processo de formação do Complexo Ribeirão Verde. Como bem salientou Joutard (2000), [...] *agimos muito mais em função dessas representações do real que do próprio real* (p.34). Com estas reflexões de fundamentação da História Oral formavam-se as minhas primeiras estruturações teóricas que abriam a

possibilidade de estudar aspectos culturais da comunidade do Complexo Ribeirão Verde a partir de fontes orais.

Outra motivação que me saltou aos olhos dentro desta perspectiva foi a possibilidade de produção intencional de um documento histórico-interpretativo, através do diálogo e da recuperação do vivido conforme concebido por quem viveu (Alberti, 2004). Esta construção conjunta de documentos das narrativas entre pesquisador e colaborador passou a ser um imperativo em minha pesquisa não apenas por uma iniciativa ética e política, mas necessária em razão da falta de documentação histórica sobre o recente processo de formação de um conjunto habitacional politicamente periférico – por isso, com pouca preocupação de registro de sua vida - e do caráter interpretativo em relação às fontes orais e a memória que esta abordagem poderia fornecer. Quando entrei em contato com as reflexões de Bosi (2003) consegui enxergar a possibilidade de construção de um único documento histórico-interpretativo passível de ser analisado por uma pesquisa científica, a partir de diversas histórias de vida de colaboradores, que viveram ou presenciaram aspectos anteriores e de formação do Complexo Ribeirão Verde. Através dos conceitos de *quadros sociais da memória* e de *memória coletiva* - termos emprestados de Halbwachs e discutidos por aquela autora - fundamentei a possibilidade deste tipo de elaboração científica entendendo que os fatos sociais além de se consistirem em modos de agir, pensar e sentir, coercitivos e exteriores aos sujeitos de uma dada sociedade, ainda perseguiriam a realidade inter pessoal de suas instituições sociais. Em outras palavras, nesta linha de raciocínio, a memória do indivíduo dependeria do seu relacionamento com a família, com sua classe social, com a escola, com a Igreja, com a profissão e demais grupos de referência e convívio peculiares a ele. Estes pressupostos - aliados ao de que a lembrança não se caracterizaria pelo ato de reviver a vida como ela realmente foi, mas no desfazer, no

reconstruir e no repensar as experiências do passado com as imagens e idéias de hoje - corroboraram a minha fundamentação teórica, fazendo com que as fontes orais deixassem de ser pensadas por mim enquanto fornecedoras de informações em si mesmas e relacionadas a um passado imutável, para serem reveladoras de significados, de valores e de práticas sociais presentes. Neste momento acreditei ter construído uma sólida fundamentação teórica não só para uma investigação voltada para questões de subjetividade humana como também para uma aproximação de caráter sociológico.

Com estes pressupostos teóricos agora mais voltados para a interpretação sócio-cultural - e não somente ligados à historiografia - pude enxergar sua possibilidade metodológica para o campo da educação. De fato, autores como Ferreiro & Amado (2001) já haviam discutido sobre o processo de diversificação multidisciplinar da História Oral, principalmente a partir do final do século passado, de modo que esta abordagem passou a ser entendida, a partir de então, como uma metodologia de pesquisa e não mais somente como um método do campo da historiografia ou ainda como uma nova e exclusiva disciplina.

No entanto, uma necessidade que os estudos sobre a História Oral me impuseram no momento de sua aproximação com o campo da educação foi a de buscar contribuições em outros horizontes teóricos - que não os ligados somente à História Oral - de conceitos e fundamentos de compreensão sócio-cultural. Nas reflexões sobre complexidade, modernidade e pós-modernidade, levantadas a partir do *Grupo de Pesquisa na Temática Ambiental* - ligado ao Departamento de Educação -, compreendi que, cada vez mais, quebravam-se as barreiras disciplinares nas pesquisas científicas, na medida em que se aumentava a interseção dos conhecimentos. Isto me tranquilizava no sentido da possibilidade de utilização, com coerência epistemológica, de diversas contribuições - da

filosofia, antropologia, sociologia, história, geografia e ciências naturais - em minhas investigações no campo da educação. Dessa forma, foi somente quando associei a educação ao seu sentido mais amplo é que entendi a importância de estudos de interpretação sócio-cultural para aquele campo de pesquisa.

Ao entrar em contato com as reflexões de Gohn (2001) compreendi que quando falamos em *educação* precisamos nos atentar para o seu sentido mais amplo. Esta minha compreensão se deu quando a autora refletiu sobre a concepção deste termo em seu sentido social associado ao conceito de cultura e não somente a aquilo que seria desenvolvido no e para o ambiente escolar. Fui então buscar ainda nesta autora e, posteriormente, em Geertz (1989) subsídios para meu melhor entendimento daquele conceito. Com a primeira autora entendi que se tomarmos a cultura como um termo semiótico, podemos defini-la enquanto uma feição de viver dos grupos humanos, que expressariam formas de vida e práticas sociais caracterizadas pelos modos e processos de atuação do homem na história, através de mecanismos simbólicos de leitura, interpretação e assimilação dos fatos, eventos e acontecimentos históricos que os indivíduos realizariam mediados socialmente em contatos com outros indivíduos, grupos e organizações. Com o segundo autor compreendi que a cultura só se construiria através do caráter eminentemente coletivo da sociedade e se faria presente em uma dimensão da experiência social continuamente influenciada por uma teia de significados, sentidos e valores tecidos pelo homem e atribuídos ao próprio processo de codificação e interpretação de todas as dimensões das relações entre as pessoas e entre elas e seus mundos. Com estes conceitos em mente não pude associar a cultura à idéia de um depósito morto de uma história dada, senão a um processo na história das relações entre os homens e os grupos sociais, e entre as sociedades humanas e seus ambientes naturais e construídos. Compreendi afinal – corroborando aqueles conceitos de *quadros sociais da*

memória e memória coletiva pensados anteriormente - a estreita e indissociável relação existente entre sociedade e cultura.

Um pouco mais adiante, ao entrar em contato com os estudos do pensamento filosófico de Arendt (2001), fui percebendo que o sentido e o valor seriam muito significativos nas ações humanas relacionadas com a formação e continuação de uma dada cultura. Esta autora expôs este ponto de vista através de críticas a crescente ausência de sentido do mundo, revelada pela dificuldade da sociedade moderna – pela transformação dos processos de interação social e com o meio em relações funcionais, de finalidade utilitária e de domínio da natureza - em identificar a diferença entre sentido e fim. Quando não fazemos distinções fundamentais entre sentido e fim, ignoramos que os atos de qualquer pessoa somente seriam realizados *a fim de*, e que a vida total deste indivíduo seria sempre governada por algo mais abrangente *por causa da qual*, antes de mais nada, tornou-se tal sujeito.

Estas afirmações sobre os significados da ação humana e de suas causas me fizeram aproximar das considerações de Ortega y Gasset (1958) sobre a formação do sujeito na sociedade. Para este autor, a vida de uma pessoa seria formada indissociavelmente por uma dimensão de sua *realidade radical* e outra por suas *circunstâncias*. Esta primeira dimensão referir-se-ia à subjetividade do ser humano, observada em uma realidade que se faria íntima e inquestionável somente para cada indivíduo. Na medida em que a vida sempre seria pessoal, intransferível e responsável, poderíamos pensar que esta seria essencialmente solitária – daí o sentido *radical* do termo. Isso ocorreria porque, diferentemente da natureza de outros animais - que viveriam exclusivamente em função das imposições externas do mundo em um sempiterno estado de alteração -, o homem teria a capacidade de poder, de vez em quando, suspender sua ocupação direta com as coisas do mundo e voltar-se para

dentro de si, a fim de atender a sua própria intimidade. Já aquele segundo termo utilizado pelo autor referir-se-ia à dimensão social do indivíduo responsável pela mediação de sua realidade radical, ou seja, seriam as suas *circunstâncias* – que poderiam ser econômicas, políticas, históricas, culturais, ambientais, genéticas, etc. – *por causa das quais* – aproximando-se das reflexões de Arendt – um indivíduo tornar-se-ia um não abstrato e determinado sujeito histórico.

Graças às aproximações filosóficas de Ortega y Gasset (1958) e - mais uma vez – as de Arendt (2001), consegui compreender, de uma outra forma, a existência de uma estreita e indissociável relação entre cultura, sociedade e - a partir destas considerações - história. As reflexões sobre as determinações impostas por nossas circunstâncias concretizaram meus fundamentos teóricos sobre aquilo que nos faz seres históricos. Na possibilidade de uma aproximação filosófica destes dois autores, compreendi que a vida das pessoas – e, portanto, de meus colaboradores de pesquisa – seria determinada historicamente - por suas mais diversas circunstâncias -, ao mesmo tempo em que seria livre em suas determinações - pela subjetividade de suas realidades radicais sempre mediadas socialmente. Estas reflexões me fizeram pensar que um trabalho de pesquisa com metodologia de História Oral me facilitaria à obtenção de dados referentes aos significados dos acontecimentos do processo de formação do Complexo Ribeirão Verde para os moradores desta comunidade, em função das narrativas dos colaboradores se darem muito próximas as suas experiências sociais de vida e existência neste conjunto habitacional.

Com estes aportes teóricos ainda me questionava sobre a importância de estudos sociais, culturais e históricos para o campo da educação. Apesar das reflexões de Gohn (2001) anteriormente terem me ajudado a pensar o termo *educação* associado ao conceito de cultura, ainda não havia compreendido qual a sua verdadeira relação com aquele campo

de estudos. Foi novamente a partir de reflexões filosóficas de Arendt (2001) – agora sobre a construção da tradição, seus processos de valoração e sobre a educação como processo social de continuidade da vida – é que comecei a perceber a possibilidade da História Oral em pesquisas de educação. Esta autora me fez pensar que os valores e significados culturais construídos por uma dada sociedade somente seriam sedimentados em processos de formação de uma determinada tradição. A consciência no valor da tradição foi analisada pela autora em suas reflexões sobre os acontecimentos históricos das revoluções de 1776 na Filadélfia a 1956 em Budapeste. Nestes estudos, esta filósofa observou que somente quando os protagonistas daqueles fatos haviam assumido sobre seus próprios ombros a iniciativa de tais acontecimentos é que eles puderam criar entre si, mesmo sem percebê-lo, um espaço público onde a liberdade pôde aparecer. No entanto, quando aqueles homens foram liberados daqueles compromissos e levados de volta a seus levianos afazeres pessoais, pareceu que houve uma dissolução da tradição e um esquecimento daquilo que conotava virtude e glória - a felicidade pública - através da separação entre o mundo da realidade social e da vida egocêntrica. Com estes estudos a autora constatou que sem a consolidação - através de uma tradição - de sentidos e significados culturais em uma determinada sociedade

[...] parece não haver nenhuma continuidade consciente no tempo, e portanto, humanamente falando, nem passado nem futuro, mas tão-somente a sempiterna mudança do mundo e o ciclo biológico das criaturas que nele vivem (Arendt, 2001, p. 31).

A educação, para esta autora, seria a base para a continuidade do processo social humano, através da sedimentação cultural dada pela tradição. Este atributo ao ato educativo ocorreria, segundo ela, em razão da continuidade da vida se dar através da natalidade. O fato de existir nascimentos constantes de novos seres humanos no mundo traria consigo a

necessidade da transmissão da herança cultural de uma geração à outra para que o mundo humano não caísse em ruínas. Compreendi com estas explicações que a educação se constituiria como atividade elementar e necessária para a mediação entre o velho e o seu precedente, visto que o mundo no qual seriam introduzidos os novos seres humanos, sempre seria um mundo preexistente - construído culturalmente pelos vivos e pelos mortos, e diferente do mundo natural – que somente preocupar-se-ia na preservação da vida e na prática de viver. A aprendizagem então se voltaria, inevitavelmente, para o passado, não importando o quanto à vida tivesse transcorrido no presente, uma vez que o mundo em que cada geração se faria receber seria sempre um lugar já transformado em algo antigo. Nesta perspectiva, a função da educação seria a de realização de um processo de ensinar às crianças como seria o mundo e sua relação com a vida, e não de instruí-las na arte de viver. Arendt (2001) afirmou que querer predizer e construir o novo através da educação poderia ganhar uma feição tirânica e correr o perigo de uma instauração ditatorial. Tal maneira de preparar uma nova geração para um mundo novo só poderia significar a desconsideração da coexistência de recém-chegados e adultos e/ou o desejo de arrancar das mãos dos recém-chegados sua própria oportunidade face ao novo e sua liberdade em suas determinações. A autora continuou em suas afirmações dizendo que somente quando nos referimos ao mundo dos adultos, a educação perderia sua função mediadora entre o velho e o novo - pois neste caso lidaríamos com aqueles que já estariam educados – e ganharia uma feição em um sentido político.

Mais adiante, com outras significativas reflexões de Arendt (2001) entendi que a educação, apesar de fundamentada na tradição, não poderia ser vista como um processo homogêneo e retilíneo de transmissão da cultura - no sentido de manutenção de uma tradição estável. Pelo contrário, a tradição – e, por isso, o processo educacional - se

adaptaria e se transmutaria por meio da interação da nova geração com seus problemas e questionamentos próprios, e também através da política de seu povo. Cruikshank (2001) corroborou a análise daquela autora através da seguinte afirmação

[...] a cultura não é um conjunto empírico de características passadas intactas de uma geração a outra; e sim, criativamente reconstruída a cada geração para solucionar problemas sociais e políticos do presente (p.164).

No momento em que entendi que os seres humanos seriam determinados pelas suas circunstâncias; que seriam, por isso, seres históricos; que seriam livres em suas determinações, pois seriam capazes de dar sentido e valor para suas realizações; que o sentido e o valor seriam fundamentos de uma tradição; que a tradição seria a base de sustentação para a educação; que a educação seria um processo social de continuação de uma dada cultura; que a continuação da cultura e da tradição não seria caracterizada por um processo retilíneo e que suas transmutações dever-se-iam a liberdade nas determinações dos sujeitos em criar soluções sociais e políticas para os problemas presentes, passei a acreditar que somente me restava fazer a devida aproximação da possibilidade teórica de utilização de estudos de interpretação histórico e sócio-cultural para pesquisas no campo da Educação Ambiental.

No entanto, em revisões bibliográficas do estado da arte, observei que as pesquisas de História Oral no campo educacional estavam confinadas à história da educação, em seus aspectos da vida docente - vidas de professores, suas carreiras e experiências, desenvolvimento profissional individual e coletivo em contextos e épocas diferentes (Fonseca, 1997; Gusmão, 2004) - e suas vidas políticas - participação política de professores em sindicatos, grupos e em acontecimentos históricos (Bernardes, 2003) -, e a estudos em que esta abordagem aparecia como metodologia de ensino em educação não-

formal (Pinto & Park, 2001), nada constando sobre possibilidades de aproximações destes estudos com a temática ambiental. As participações no VII Encontro Nacional de História Oral – ocorrido de 18 a 21 de maio de 2004, em Goiânia – GO -, no V Fórum Brasileiro de Educação Ambiental – entre os dias 3 e 6 de novembro de 2004, em Goiânia – GO -, e no Grupo de Estudos em Educação Ambiental ligado a 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação - no período de 21 a 24 de novembro de 2004, em Caxambu – MG -, corroboraram minhas primeiras observações sobre a inexistência de trabalhos de interpretação sócio-cultural e histórica com contribuições da História Oral em Educação Ambiental. Destas constatações vieram os meus questionamentos: como fazer a aproximação teórica entre estes dois campos? Ou ainda: como uma metodologia com contribuições da História Oral e de procedimentos interpretativos sócio-cultural e históricos poderiam contribuir em pesquisas educacionais ligadas à temática ambiental?

Algumas pistas para estes questionamentos - sobre possibilidades de imbricações conceituais que relacionassem cultura, sociedade, história, educação e meio ambiente - me foram aclaradas durante a produção de textos teóricos de avaliação para as disciplinas de *Filosofia da Educação e Educação Ambiental* e de *Fundamentos Filosóficos da Temática Ambiental*, através dos estudos conceituais sobre a experiência social da natureza e do meio ambiente para as sociedades humanas – por Bornheim (1985) e Latour *et al* (1998) -, a *ontologia do espaço* - por Santos (1999) -, a historicidade do meio – por Marcon (2003) e – posteriormente ao processo de qualificação de minha pesquisa – sobre as relações entre *paisagem e memória* – por Schama (1996).

Quando Bornheim (1985) fez um *passeio* sobre as gradativas mudanças conceituais e de concepções de natureza, processadas na história filosófica da sociedade ocidental, este autor me fez compreender que a problemática questão ambiental deveria ser enfocada a

partir de remates qualitativos do modo como a natureza tornar-se-ia presente ao homem e não apenas como aquilo que a ciência e a técnica veriam nela. Esta reflexão filosófica de Bornheim (1985) foi mais bem compreendida por mim no momento em que entrei em contato com as explicações de Latour *et al* (1998). Este segundo grupo de autores trouxeram uma série de reflexões ligadas as de Bornheim (1985), mas agora sobre as mudanças de percepção do conceito de meio ambiente a partir do momento em que este se fez notar pela sociedade moderna. Estes autores iniciaram suas explicações afirmando que enquanto o mundo ocidental percebia o meio ambiente como algo complementar de um conjunto de relações humanas, sua qualificação era sempre no plural, na medida em que existiam inúmeros exteriores envolvendo a sociedade. Conforme estes autores analisaram, a transição de uma compreensão plural e exterior de meio ambiente para uma unificada ao conjunto da sociedade se deu principalmente a partir do movimento científico-político² de trinta anos atrás, que interessava diretamente a comunidade científica – transformada em intermediária forçada – e aos políticos – atraída pelo poder da ciência no ideal de globalização dos Estados. Este mesmo movimento - que globalizou a ciência e a política – trouxe uma outra forma de globalização: o interesse mundial pelo meio ambiente principalmente nas discussões científicas e preocupações sociais. Iniciadas com a possibilidade de um inverno nuclear e mais recentemente pela controvérsia da incidência ou não do efeito estufa, o entendimento de meio ambiente como um evento global mudou a maneira pela qual o homem passou a valorar a natureza. Esta experiência trouxe o sentimento de que sua atitude de violador de uma natureza imutável, selvagem, dominável, de vidas complexas e inteligentes - que deveríamos proteger de nós mesmos - deveria ser substituída por uma figura de uma humanidade protetora de um cosmos no interior do qual

² Movimento que acentuou as relações entre o poder-saber.

voltamos a ser uma mera parte ao mesmo tempo em que englobamos todo o meio ambiente na inexistência de novos espaços a conquistar.

Com estas análises, Latour *et al* (1998) se aproximaram das reflexões de Bornheim (1985) ao afirmarem que as atitudes perante o meio ambiente, vinculadas ao poder social, econômico e político da sociedade moderna, também modificaram o sentido da natureza, de forma que esta deixou de ser pensada como um ser metafísico – uma Deusa Mãe – e se transformou em um sistema de objetos utilizados pelo homem a partir de um conjunto de interesses sociais. A natureza deixou de ser uma realidade externa e objetiva e passou a ser considerada como um objeto carregado de múltiplas intencionalidades que certos grupos tentam proteger de outros.

Com estas discussões filosóficas trazidas do campo das Ciências Humanas a discussão da temática ambiental, pude entender o meio ambiente não mais em seu sentido externo e natural – definido pelas Ciências Naturais -, mas como algo interno, ligado à experiência social e historicamente construído como resultado da apropriação do mundo por organizações coletivas com seus valores sócio-culturais específicos (Latour *et al*, 1998). Também não pude mais pensar a política ambiental como uma medida comum entre humanos e não-humanos. Qualquer referência contra ou a favor do meio ambiente não seria mais direta, mas mediada indiretamente por porta-vozes, que disporiam de autoridade legítima ou compulsória e que representariam e defenderiam os interesses conscientes ou não de outros atores sociais.

Mas não foi somente a maneira como as sociedades humanas percebiam a natureza e o meio ambiente que me deram fundamentação teórica para aproximação entre o campo de estudos sócio-histórico-culturais da educação e a temática ambiental. Como dito anteriormente, noções histórico-geográficas da *ontologia do espaço* de Santos (1999) e suas

proximidades com as reflexões de Marcon (2003) sobre a historicidade do meio me forneceram mais subsídios aproximativos entre aqueles dois campos de estudos.

Comecei meu entendimento destes conceitos a partir de Santos (1999), quando este autor iniciou suas explicações sobre algumas noções fundadoras da *ontologia do espaço*. Através do reconhecimento de alguns de seus processos básicos - originariamente externos a este conceito -, a técnica, o tempo e a intencionalidade formariam um conjunto indissociável de sistemas de objetos e ações que definiriam o espaço. O primeiro processo básico foi explicado quando o autor generalizou a idéia de que as produções culturais de grupos sociais teriam sempre uma ocorrência espacial. Como a técnica seria considerada a principal forma de relação entre o homem e seu meio, esta formaria um conjunto de meios instrumentais e sociais – objetos técnicos - com o qual se realizaria a vida humana, ao mesmo tempo em que este criaria e produziria o espaço. No entanto não seria este conjunto de objetos técnicos que originariamente moldaria o espaço, senão seu revés – o espaço que determinaria os objetos técnicos – segundo uma lógica de organização para sua utilização coerente em contigüidade com a ação conjunta e solidária que a vida em sociedade exigiria. O espaço seria na verdade uma forma que não teria existência empírica e filosófica se a considerássemos separadamente de seu conteúdo e um conteúdo que não poderia existir sem a forma que o abrigou.

Já o segundo processo básico seria entendido se considerássemos uma determinada sociedade como conteúdo do espaço. Nesta perspectiva, poderíamos ver que os grupos sociais criariam e instalariam um conjunto de objetos técnicos no espaço em momentos determinados - que permitiriam ou não sua chegada e presidiriam sua operação -, possíveis apenas em sua condição histórica – econômica, social, cultural, política e geográfica. Como cada objeto só se realizaria em um determinado lugar e as condições históricas estariam

presentes segundo equações de força originados em diferentes escalas e que mudariam ao longo do tempo, a visão do espaço como uma coisa estática e marmórea seria equivocada porque o seu conteúdo seria, em si mesmo, um conteúdo em tempo. Este processo básico do tempo das coisas em sua ocorrência espacial discutida por Santos (1999) aproximou-se das reflexões de Marcon (2003) - obtidas em sua pesquisa com caboclos do norte do Rio Grande do Sul e oeste de Santa Catarina -, no momento em que este segundo autor fez relações entre memória, história e cultura. Nesta perspectiva, o meio ambiente seria pensado em seus significados históricos, levando-se em conta os distintos grupos que dele tomariam parte, superando a tendência descritiva das relações homem-ambiente e como deveríamos entender as relações entre os diferentes grupos sociais e o meio ambiente.

Não obstante, ao continuar estudando as explanações de Santos (1999) sobre a *ontologia do espaço*, vi que o terceiro processo básico deste conceito seria composto pela materialidade dos objetos construída e/ou elaborada pela técnica, assim como pela vida que a animaria. Esta inseparabilidade dos objetos e das ações faria da noção de intencionalidade um conceito fundamental para entender o processo pelo qual ação e objeto se confundiriam, através do movimento permanente de dissolução e de recriação de sentido. Isso porque somente a intencionalidade humana faria com que um objeto tivesse existência - comportamento de relação com a consciência - e não apenas uma essência - características que o faria se diferenciar de outros objetos. Assim, toda criação de objetos responderia a condições sociais e técnicas presentes em um dado lugar e momento histórico, através de uma intencionalidade que daria sentido as nossas ações.

Com estas considerações de Santos (1999) e Marcon (2003) pude perceber então a existência de uma indissociável relação entre técnica e tempo histórico, tempo histórico e espaço, espaço e técnica, sujeito e objeto, intencionalidade e espaço, e espaço e sentido.

Apesar de, neste momento, já possuir fundamentação teórica suficiente para empreender uma pesquisa interpretativa histórica e sócio-cultural no campo da Educação Ambiental, o meu contato com as noções relacionais entre *memória* e *paisagem* discutidas por Schama (1996) corroboraram definitivamente a perspectiva de análise e de construção de meus documentos investigativos. Para este autor, a idéia de *paisagem* – conceito presente em meus objetivos de pesquisa – referir-se-ia não somente a objetos naturais do ambiente, distintos de nossa realidade sensorial, estáticos e com existência unicamente em si. Este conceito teria relações diretas com a memória, que por sua vez traria toda uma bagagem cultural consigo - mostrando que existiria uma profunda abstração pessoal desta apreciação – e, por isso, transformaria os fatos terrenos e materiais numa experiência emocional. Nesta perspectiva, como bem explana Schama (1996), por mais que

[...] estejamos habituados a situar a natureza e a percepção humana em dois campos distintos, na verdade elas são inseparáveis. Antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente. Compõem-se tanto de camadas de lembranças quanto de estratos de rocha (p.17).

Na verdade, nesta concepção, as imagens construídas pela memória e que formariam uma determinada paisagem se comporiam tanto de lembranças, ritos e símbolos que habitariam o nosso cotidiano, como também de quadros representativos daquilo que experimentaríamos em nosso interior.

Por tudo isso, passei a refletir sobre a possibilidade da metodologia de História Oral me fornecer subsídios para a Educação Ambiental não apenas através de um enfoque histórico e de identidade, mas também como catalisadora de elementos que me indicassem algumas circunstâncias – físicas, geográficas, econômicas, políticas, sociais e culturais – da vida dos moradores do Complexo Ribeirão Verde, que poderiam determinar ou limitar uma

prática educativa diante da temática ambiental nesta comunidade ou em outros centros urbanos em formação com características semelhantes a este conjunto habitacional.

Por fim, todos estes pressupostos teóricos - que tentei ordená-los com coerência epistemológica e que fui aproximando lentamente durante todo o processo de minha pesquisa - influenciaram, inclusive, na maneira com que redigi os capítulos deste trabalho que agora apresento. Este estudo foi desenvolvido não por um pesquisador abstrato, sem uma história, fora de um tempo e deslocado de um lugar definido, senão por um sujeito com suas próprias circunstâncias de mundo, pré-concepções³, posicionamento político e dentro de uma instituição de pesquisa específica (Capítulo I). Logicamente meus pressupostos teórico-metodológicos não foram elaborados de forma totalmente linear como apresentados neste texto, mas decidi que os construiria neste formato – nos moldes de uma História Oral de minha pesquisa - pela minha impossibilidade de acompanhar os meus próprios movimentos de regressão e digressão característicos do pensamento e da memória. Com a feliz iniciativa de montar um grupo de trabalho bem heterogêneo para o processo de qualificação de minha pesquisa no PPGE, recebi diversas e significativas contribuições para a melhoria conceitual e metodológica do estudo proposto. Com as louváveis contribuições da Socióloga Prof.a Dr.a Maria Helena Rocha Antuniassi, da Filósofa Prof.a Dr.a Rosa Maria Feiteiro Cavalari e do meu orientador, o Educador Matemático Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza (Figura 13) - professores componentes desta diversificada banca examinadora -, eu – um Biólogo de formação inicial - pude perceber uma insuficiente contextualização do surgimento do trabalho e dos problemas de pesquisa, uma certa ruptura e falta de ordenamento nos capítulos do texto redigido para aquela ocasião, a necessidade

³ Palavra utilizada de acordo com o sentido dado por Gadamer, H. G. em *Verdade e método*: traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica. 2 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998.

de uma maior aproximação teórica entre alguns autores em que me apoiei e um maior rigor metodológico na explicitação de meus procedimentos na escolha dos colaboradores e formação da rede de entrevistados.



Figura 13. Processo de qualificação da pesquisa. Da esquerda para a direita, a Socióloga Prof.a Dr.a Maria Helena Rocha Antuniassi, o Biólogo e Educador Ambiental Ronaldo Munenori Endo, a Filósofa Prof.a Dr.a Rosa Maria Feiteiro Cavalari e o Educador Matemático Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza (20 de mai. 2005).

Optei então em transformar dois capítulos – Capítulos III e IV – do texto, elaborados na ocasião, em apenas um - Capítulo III deste texto -, de forma que passei a desenvolver minha fundamentação teórico-metodológica a partir e concomitantemente aos meus caminhos trilhados na pesquisa, utilizando assim predominantemente uma narrativa na 1ª pessoa do singular. Esta foi uma forma de facilitar a redação de meu texto dissertativo – pois esta elaboração se deu vinculada a minha experiência social de pesquisa – e de situar o leitor diante do andamento da investigação que, ao meu ver, seria muito mais importante do que tão somente uma apresentação dos resultados de uma discussão epistemológica já concretizada, na medida em que houve uma contextualização do procedimento científico

utilizado no decorrer do estudo e um entendimento da maneira como o pesquisador articulou seu pensamento neste processo.

Creio que este modo de apresentação também definiu, de alguma forma, as características do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESP de Rio Claro e do núcleo de Educação Ambiental em que desenvolvi este estudo, assim como as suas influências sobre o resultado final desta cativante pesquisa. Por fim, deixei todos os resultados das entrevistas dos colaboradores em anexo, a fim de que leitores mais curiosos consigam se deleitar com os interessantes históricos de vida de indivíduos singulares e que outros pesquisadores possam fazer suas próprias interpretações e tirar novas, diferentes e mais criativas conclusões deste trabalho.

3.2. Procedimentos metodológicos

Embora pesquisa *qualitativa* não seja o termo mais apropriado para se definir uma abordagem epistemológica, este foi empregado neste trabalho, não na já superada contradição à pesquisa dita *quantitativa* (Santos Filho; Gamboa, 2000), mas no sentido de um termo genérico que agrupa diversas estratégias de investigação e que compartilham certas características. Na área da educação também é chamada de pesquisa *naturalista* em razão da investigação se dar nos locais em que naturalmente se verificam os fenômenos. Podemos citar como características desta abordagem: (a) presença de dados ricos em pormenores descritivos em relação a pessoas, locais e conversas; (b) não operacionalização mediante variáveis; (c) investigação dos fenômenos em toda a sua complexidade e em contexto natural e; (d) ênfase na compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva do sujeito da investigação (Bogdan; Biklen, 1994).

Além destas características, por se tratar de um projeto que utilizou a metodologia de História Oral, este trabalho abarcou, além do tema, da contextualização da pesquisa e da definição da área de estudo, explicações claras de como foi formada a rede de entrevistas, e como foram feitas as entrevistas, as transcrições, as conferências e suas análises (Meihy, 1996; Alberti, 2004).

3.2.1. Caracterização da área de estudo: o Complexo Ribeirão Verde

Esta pesquisa foi desenvolvida no Complexo Ribeirão Verde, situado na região do Bairro das Palmeiras, Zona Leste do município de Ribeirão Preto – SP, fora da malha urbana da cidade, na região da microbacia do Córrego das Palmeiras, às margens do Rio Pardo (Figura 14).



Figura 14. Vista aérea do Complexo Ribeirão Verde (2003).

O Complexo Ribeirão Verde compreende dois bairros residenciais e comerciais distintos – Jardim Florestan Fernandes e Jardim Diva Tarlá de Carvalho, também chamados respectivamente de primeira e segunda etapa por seus moradores – apresentando uma área total de 1.555.823,16 m², dividida em 3.461 lotes, onde 2.675 destes são de uso estritamente residencial e o restante de uso misto (Tabela 4).

O abastecimento de água deste conjunto habitacional é feito por um sistema de poços artesianos isolado do restante da cidade, planejado com estruturas que possam permitir expansões regionais no futuro. Todo o seu sistema de esgoto sanitário é interceptado à estação de tratamento de esgotos – E.T.E. Caiçara. Seu sistema de captação de águas pluviais é direcionado ao Córrego das Palmeiras e sua contribuição percentual de área na vazão da bacia é de 9,3%, ou seja, 7,5 m³/h.

As áreas de preservação permanente e a de reserva legal ocupam cerca de 22,63% da área total do Complexo Ribeirão Verde. Somadas as áreas destinadas ao lazer - ainda não totalmente implementadas -, atingem uma porcentagem de 36,03% do empreendimento (FIPAI, 1995).

Tabela 4. Categorias e medidas dos lotes.

LOTES	Testada média	Profundidade média	Área média
Residenciais e/ou uso misto	7,78 m	20,00 m	155,57 m ²
Comerciais	12,89 m	27,60 m	355,78 m ²

Fonte: Memorial Descritivo dos Projetos Urbanísticos (FIPAI, 1995).

O modelo de aquisição de seus lotes caracterizou-se por investimentos financiados em 40 meses, mediante a um custo acessível, para a construção da casa própria, o que ocasionou uma rápida ocupação do empreendimento por uma população predominantemente de classe média baixa. A entrega dos lotes urbanizados das duas primeiras etapas deste complexo foi iniciada ao final de outubro de 1996 e, atualmente, estima-se uma população de 15 mil moradores e com previsão de 17 mil habitantes ao final da ocupação total dos lotes não edificadas. As famílias que aí aportaram caracterizam-se

por possuir em média 4,5 habitantes, composição de 30% de crianças, 50% de jovens e adultos e 20% de idosos, e renda situada entre 1 e 15 salários mínimos (s. m.). Em ordem decrescente de faixa de renda familiar, observa-se que a faixa (classe) de 3-6 s. m. (41,32%) é a maior, seguida das classes 6-9 s. m. (26,34%), 9-12 s. m. (14,00%), menor que 3 s. m. (8,34%), maior que 15 s. m. (5,61%), e 12-15 s. m. (4,39%) (FIPAI, 1995).

Consta no EIA-RIMA do empreendimento que a construção, nas áreas institucionais, de escolas, postos de saúde, creches, posto policial e espaços de lazer e cultura, seria de responsabilidade da prefeitura, desde as fases de construção até a gestão de tais equipamentos, e ficaria dependente do grau de ocupação do loteamento (FIPAI, 1995). No entanto, na atualidade desta pesquisa, com quase 90% dos lotes do conjunto habitacional ocupado e com uma população elevada, estas determinações não se concretizaram totalmente. Observamos, no que se refere à educação, a existência de uma escola de ensino infantil e fundamental – EMEI e EMEF Prof.a Geralda de Souza Espin (Figura 15), com supletivo noturno de 5^a à 8^a séries - posta em funcionamento em 2001 e sucessivamente ampliada para atender a crescente demanda do ensino fundamental e, no início de 2005, do ensino infantil, outra – EMEI e EMEF Prof. Domingos Angerami (Figura 16) - ampliada para atender a demanda pela educação neste complexo, parte da EEPSG Prof. Dom Alberto José Gonçalves - do bairro Campos Elíseos – funcionando desde o primeiro semestre de 2005 nas dependências da EMEF Prof. Domingos Angerami e atendendo o ensino médio, uma escola gratuita de ensino infantil e fundamental – Escola Sathya Sai de Ribeirão Preto (Figura 17) – fundada em 2002 e mantida por uma associação de direito privado e sem fins lucrativos -, uma escola privada de ensino infantil e berçário, e o Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde (Figura 18) – mantido pelas empresas empreendedoras deste complexo. Segundo as diretorias das quatro escolas gratuitas temos



Figura 15. Aspecto da fachada da EMEI e EMEF Prof.a Geralda de Souza Espin (29 de abr. 2005).



Figura 16. À esquerda, a Mata Reserva Legal do Complexo Ribeirão Verde; ao centro, a estrada de terra fechada ao acesso de veículos; à direita a EMEI e EMEF Prof. Domingos Angerami (18 de jul. 2005).

um total de 2.134 alunos e déficit de 519 matrículas no ano letivo de 2005. No que se refere ao lazer e à cultura, o Complexo Ribeirão Verde possui apenas alguns espaços representados pela área da antiga sede da fazenda - atual Associação dos Moradores do Complexo Ribeirão Verde -, na área da saúde existe uma Unidade Básica de Saúde (UBS) só posta em funcionamento no segundo semestre de 2004, enquanto que na questão da segurança não existe ainda nenhum posto policial (Figura 19).

A sua comunidade é altamente dependente das ofertas de emprego das regiões centrais da cidade em razão de seu relativo isolamento geográfico e de sua situação urbana periférica - distante 17,5 km da região central da cidade de Ribeirão Preto - (FIPAI, 1995). Esta situação de aglomeração urbana relativamente isolada diante do restante da cidade contribuiu para que diversas instituições religiosas e comerciais se instalassem naquele complexo, a fim de atender as demandas simbólicas e econômicas existentes no local.

Em 2003 algumas famílias pertencentes ao Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra iniciaram a ocupação de algumas áreas do Complexo Ribeirão Verde destinadas à construção de praças - próximas de uma das entradas da Fazenda da Barra, nos limites deste complexo -, a fim de pressionar o governo federal no processo de reforma agrária nesta fazenda. O processo de assentamento de suas famílias iniciou-se no final de 2004, o que gerou mais demandas por aparelhos sociais no loteamento na medida em que seus integrantes procuravam no Complexo Ribeirão Verde o atendimento de suas necessidades de saúde e educação. Neste mesmo período foi aprovada a construção da terceira etapa - bairro Jardim Prof. Antônio Palocci (Figura 14) - do Complexo Ribeirão Verde, com previsão de entrega de seus lotes urbanizados - lotes a serem edificados por seus adquirentes - e de quinhentas casas edificadas prontas para morar - pelo sistema de financia

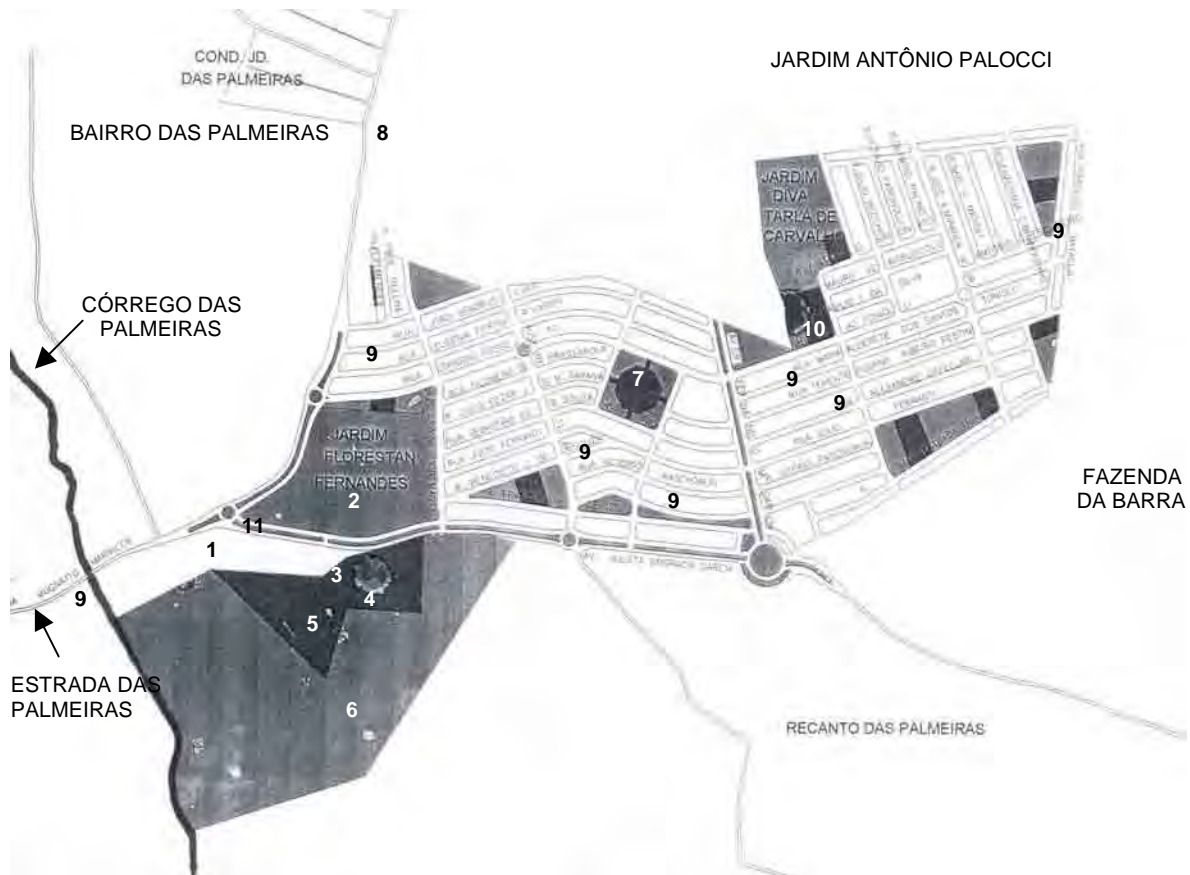


Figura 17. Instituto e Escola Sathya Sai de Valores Humanos de Ribeirão Preto (18 de jul. 2005).



Figura 18. Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde e seus cães-de-guarda (18 de jul. 2005).

Figura 19. Mapa do Complexo Ribeirão Verde e região das Palmeiras.



Legenda:

1. EMEI e EMEF Prof. Domingos Angerami.
2. Mata Reserva Legal do Complexo Ribeirão Verde.
3. Associação dos Moradores do Complexo Ribeirão Verde.
4. Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde.
5. Instituto e Escola Sathya Sai de Educação para Valores Humanos.
6. Área de reflorestamento da várzea do Córrego das Palmeiras.
7. EMEI e EMEF Prof.a Geralda de Souza Espin.
8. Bar do Galego.
9. Disposição dos locais (antigos e atuais) de moradia dos colaboradores do Complexo Ribeirão Verde.
10. Unidade Básica de Saúde.
11. Estrada de terra fechada ao acesso de veículos.

■ Áreas institucionais.

■ Áreas verdes de sistema de lazer.

mento da Caixa Econômica Federal através da COHAB - RP – até outubro de 2005 (Figura 20).

Assim como nas duas primeiras etapas deste complexo espera-se uma rápida ocupação deste novo empreendimento em razão da manutenção do modelo de aquisição dos lotes e parcelas relativamente acessíveis à população de menor poder aquisitivo e da entrega imediata das casas financiadas por recursos federais. Se for mantido o ritmo de crescimento demográfico através da ocupação dos lotes e edificações observadas na formação de seus dois primeiros bairros, o Complexo Ribeirão Verde alcançará uma população estimada de 30 mil moradores até 2010.

Apesar de estar distante 17 km da região central e ter uma condição periférica ao município a região do Complexo Ribeirão Verde possui ainda um importante marco histórico em área limítrofe ao bairro das Palmeiras - representada por um monumento em forma de cruz, onde foi rezada a primeira missa em Ribeirão Preto, ocorrida em dois de abril de 1845 (Cione, 1997) (Figura 21). Não fossem as circunstâncias da história, já discutidas anteriormente, as cercanias deste loteamento provavelmente formariam a região central da atual cidade de Ribeirão Preto.



Figura 20. Casas construídas com financiamento da Caixa Econômica Federal na terceira etapa do Complexo Ribeirão Verde (bairro Jd. Professor Antônio Palocci) (18 de jul. 2005).



Figura 21. Monumento em cruz representando a primeira missa rezada em Ribeirão Preto - SP. Junto a este símbolo temos alguns alunos da EMEF Prof. Domingos Angerami em atividade escolar (30 de ago. 2001).

3.2.2. A escolha dos colaboradores e as suas entrevistas

Um dos principais critérios de escolha dos colaboradores desta pesquisa foi a de poder entrevistar pessoas ou antigos moradores que de alguma forma presenciaram e participaram do período de formação do Complexo Ribeirão Verde até o presente, e que tivessem a disposição de fornecer depoimentos referentes a esta época sem a exigência de anonimato. Todos os colaboradores, de uma forma ou de outra, eram conhecidos por mim anteriormente ao período da pesquisa e já mantinham comigo uma certa relação de amizade. A opção de entrevistar pessoas próximas a mim foi feita em virtude de minha crença nas mesmas reflexões de Ortega y Gasset (1958), quando ele dizia que só contaríamos nossa realidade radical a aqueles que nos seriam mais íntimos. De fato, esta afinidade relacional facilitou os meus primeiros contatos com estas pessoas a ponto de não ter tido maiores problemas de obtenção dos depoimentos.

Mesmo que a maioria dos trabalhos de História Oral não se atenha a critérios de representatividade (Meihy, 1996), busquei uma ampla variação de idade – de 24 a 71 anos - dos colaboradores para permitir a obtenção de documentos sob a ótica de diferentes gerações, dados importantes em programas de Educação Ambiental em centros urbanos, que tenham uma população muito heterogênea como alvo de suas ações. O universo infantil foi aproximado através dos depoimentos de duas professoras que lecionaram e lecionam para alunos de pré-escola à 4ª série do ensino fundamental da EMEF Prof. Domingos Angerami. Privilegiei um equilíbrio de disposição espacial dos entrevistados em relação aos seus locais de moradia no Complexo Ribeirão Verde, de forma a obter depoimentos de moradores de diferentes localidades dentro da comunidade, entendendo que diferentes localidades poderiam influir nas relações com diferentes meios espaciais e com diferentes grupos sociais (Figura 18). Uma equidade de depoimentos entre o universo masculino e

feminino foi obtida, de certa forma, com os depoimentos das professoras entrevistadas. É importante ressaltar que estas colaboradoras nunca foram moradoras da comunidade da região das Palmeiras ou do Complexo Ribeirão Verde (Tabela 5). A importância de seus depoimentos para a pesquisa foi devido as suas interações com comunidade local desde os primórdios de formação do Complexo Ribeirão Verde através do cotidiano escolar.

As entrevistas formaram as principais fontes de dados da pesquisa e foram elaboradas conforme as orientações de pesquisas em História Oral, no sentido de serem muito pouco estruturadas e conduzidas ao sabor das circunstâncias dos depoimentos em sua relação com a investigação (Meihy, 1996). Optei por esta metodologia pela preocupação com possíveis respostas estereotipadas mais facilmente detectadas em questionários com perguntas fechadas e distanciadas das experiências sociais dos entrevistados. Fonseca (1997), por exemplo, ao utilizar-se de depoimentos de professores que estavam lecionando naquele momento, percebeu uma certa dificuldade na realização de sua pesquisa, ao constatar que as respostas de seus questionários seguiam aquilo que a autora chamou de um certo *senso comum de uma categoria*. No meu caso além desta dificuldade levantada pela autora havia a preocupação sobre um certo senso comum *para* uma categoria, na medida em que todos os depoentes sabiam anteriormente à pesquisa que eu trabalhava para as empresas loteadoras do Complexo Ribeirão Verde, reconheciam-me como *Biólogo responsável pelo verde do bairro e/ou como professor do meio ambiente* nas escolas, e poderiam me dar respostas relacionadas à problemas ambientais, influenciadas por pensamentos naturalistas e preservacionistas. Havia ainda em meu trabalho a hipótese de que certos acontecimentos e circunstâncias não seriam vistos ou percebidos pelos colaboradores como tendo alguma relação com problemas ambientais neste complexo e que, por isso, não seriam respondidos através de perguntas fechadas e desconectadas de

suas experiências sociais. Os pressupostos teóricos cristalizados no decorrer da pesquisa me fizeram compreender sobre a importância da historicidade e das circunstâncias sobre o sentido e o valor que o sujeito daria aos acontecimentos de sua vida. Nesta perspectiva e em função de minha experiência social no Complexo Ribeirão Verde orientei as entrevistas a partir de algumas questões relacionadas com: (a) a procedência do colaborador; (b) sentimentos a respeito da comunidade e do lugar; (c) vida cotidiana; (d) relacionamento com vizinhos e outros moradores; (e) aspectos referentes à aquisição e construção de suas moradias e; (f) visão de problemas e soluções para as dificuldades detectadas pelos colaboradores.

As entrevistas foram precedidas por pré-entrevistas, que corresponderam à etapa de contato prévio com os depoentes para preparação do encontro em que se deram as gravações, conforme sugerido por Meihy (1996) e Toutier-Bonazzi (2001). Todos os depoimentos foram concedidos em locais e horários determinados pela conveniência dos próprios colaboradores - com a ressalva de que oferecessem tranquilidade e não dispersão no momento da entrevista - e gravadas em fita cassete - marca EMTEC FE I ferro extra 60 min - com a utilização de um micro-gravador de voz portátil - marca Panasonic RQ-L31. Nas duas entrevistas que foram filmadas, houve a utilização de uma filmadora portátil - marca Panasonic AFX8 CCD - e fita de vídeo VHS - marca Nipponic EHP T120.

Em razão do grau de esforço e concentração exigidos às testemunhas diante de um depoimento de característica pouco estruturada - conforme previamente enfatizado por Toutier-Bonazzi (2001) -, da tensão pela responsabilidade para com a pesquisa e o colaborador, e pela tarefa cansativa dos depoentes de narrarem suas vidas, nenhuma entrevista ultrapassou à uma hora e cinquenta minutos de duração.

3.2.2.1. A escolha de Marli Célia de Souza Campagnoli e a sua entrevista

Em 2002, o Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde (PEARV) organizou e ofereceu um curso de artesanato para moradores da comunidade. Esse curso foi ministrado por uma bolsista – adolescente de 15 anos pertencente à comunidade do Ribeirão Verde - do Programa Ribeirão Criança em parceria com o PEARV. A grande maioria das alunas era formada por mães que deixavam seus filhos na Escola Sathya Sai e aproveitavam o período até o término das aulas de suas crianças para se dirigirem ao Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde (CEARV) no intuito de desenvolverem as atividades programadas de artesanato. Durante os três meses do curso - com frequência de duas vezes por semana – foi gerada uma grande aproximação entre as alunas, monitora e demais educadores – eu e o Wellington Luiz Alves Aranha - do Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde, através de um clima muito informal e de muita troca de vivências durante as aulas e encontros de confraternização. Foi durante estas atividades que conheci a Dona⁴ Marli (Figura 22) e soube que ela era uma das primeiras pessoas a se tornar moradora do Complexo Ribeirão Verde. Acredito que nossa amizade tenha se arraigado ainda mais pela confiança surgida através do fato de eu desenvolver atividades de Educação Ambiental com a sua filha na Escola Sathya Sai e pelo trabalho de direção e acompanhamento da monitora – que se tornou uma grande amiga das alunas - em suas atividades no CEARV naquela época. Posteriormente, no início de 2004, com a definição de minha pesquisa, lembrei-me deste episódio e procurei a Dona Marli para ver sua disponibilidade de ser uma potencial colaboradora de meu trabalho. Ao ser procurada para uma possível entrevista, Dona Marli se mostrou muito eufórica e contente, dizendo que

⁴ Forma popular de denominação das pessoas com o mesmo significado do pronome de tratamento *senhora*.

seria uma honra falar sobre a formação do Complexo Ribeirão Verde e que tudo que ela pudesse fazer em prol da melhoria do bairro ela faria. A escolha da Dona Marli para ser uma colaboradora desta pesquisa foi influenciada por algumas características de suas circunstâncias de vida como: ser uma das primeiras moradoras do bairro, ser uma mulher de meia idade e ser mãe, não ter área verde nas proximidades de sua moradia, ser de origem urbana, morar na 1ª etapa do Ribeirão Verde e demonstrar grande interesse em contar sua história de vida durante a formação do Complexo.

A data e horário da entrevista foram agendados conforme a disponibilidade da Dona Marli, com consentimento de gravação em fita cassete e filmagem, além de não opor resistência em relação à presença do Wellington para operacionalização da filmadora. A entrevista foi realizada na residência da Dona Marli, no dia 5 de maio de 2004, das 10h às 12h, com duração aproximada de 1 hora e 40 minutos, período este em que o seu marido estava trabalhando e sua filha estava na escola, estando presente apenas sua vizinha, que em nenhum momento se manifestou e em nada influenciou na entrevista. Esta sessão ocorreu na sala e foi gravada em fita cassete e filmada em fita VHS. Abri a possibilidade de uma pequena intervenção do Wellington no decorrer da entrevista por entender que sem a responsabilidade imposta pelo compromisso de condução desta sessão ele poderia captar algumas nuances do relato da Dona Marli que eu não perceberia em função de meu estado de tensão. Diante desta possibilidade de intervenção eu e o Wellington conversamos anteriormente sobre a pesquisa e a entrevista, e sobre nossas posturas pretensiosamente imparciais em relação com os relatos de nossa entrevistada. De fato houve duas pequenas intervenções de Wellington – devidamente sinalizadas no documento produzido da Dona Marli – que achei um pouco diretivas no sentido de fornecer em suas perguntas possibilidades de respostas pré-formuladas e palavras e idéias – ex.: a idéia de identidade -

não ditas pela colaboradora e presumidas pelo entrevistador. A entrevista se desenvolveu tranqüilamente apenas com uma pequena interrupção de uma chamada telefônica. Feita a transcrição encaminhei o texto escrito para a conferência da Dona Marli, que assinou a Carta de Cessão no dia 6 de abril de 2005, autorizando o documento produzido com pequenas correções referentes a nomes de pessoas e de estabelecimentos comerciais, e a exclusão da quantidade excessiva da cacofonia *né*.

3.2.2.2. A escolha das professoras Rita Cristina P. Buzatto Fernandes e Marisa Aparecida Biagini Lopes e as suas entrevistas

A EMEF Prof. Domingos Angerami, até então uma escola estadual, já existia na região das Palmeiras muito tempo antes da formação do Complexo Ribeirão Verde. Foi municipalizada em 1999, o que gerou uma demanda por contratação de novos professores na esfera municipal. Foi neste contexto em que as professoras Marisa (Figura 23) e Rita (Figura 24), colaboradoras desta pesquisa, assumiram, respectivamente, aulas para a pré-escola e para alunos de 1ª a 4ª séries do ensino fundamental, como professoras concursadas e efetivadas da escola. Desde então, em diversas ocasiões, participaram de atividades conjuntas com o Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde, principalmente nos anos de 1999 a 2002. Desde o início do ano de 2004, a EMEF Prof. “Domingos Angerami” e o Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde definiram um projeto envolvendo uma série de atividades de Educação Ambiental inseridos no planejamento da escola. Uma dessas atividades foi a realização de uma excursão à mata Reserva Legal do Complexo, onde os alunos e professoras participaram de uma aula sobre este importante aspecto natural de sua região.

Em uma conversa informal, ao final da aula na mata, a professora Marisa me contou sobre seu envolvimento com a região das Palmeiras, de seus laços de amizade com o senhor Domingos Angerami – professor que dá o nome à escola em questão - anterior ao seu ingresso como docente naquela escola, além de fazer comentários sobre as mudanças percebidas por ela em relação à vida e comportamento das crianças e pais de alunos da EMEF Prof. Domingos Angerami no decorrer dos anos. Nesta ocasião, perguntei se ela poderia me ceder uma entrevista sobre a história do cotidiano escolar, desde a época em que ela havia ingressado na EMEF Prof. Domingos Angerami até os dias atuais. Ao aceitar ser uma das colaboradoras da pesquisa, professora Marisa me disse que somente naquele ano, em 2004, assumira uma 3ª série e que até então, sempre havia lecionado apenas para pré-escola. Por isso, orientou-me que seria interessante se entrevistasse também a professora Rita, uma vez que esta sempre lecionou para as 1ª a 4ª séries. Concordei com o conselho da professora Marisa e fui procurar a professora Rita, que também concordou em ser uma das colaboradoras da pesquisa. No entanto, somente aceitou a gravação sonora em fita cassete, não concordando com a possibilidade de filmagem das entrevistas por alegar constrangimento e incômodo diante de uma câmera de vídeo.

A definição das professoras Rita e Marisa como colaboradoras nesta pesquisa deveu-se ao fato delas lecionarem, sem interrupções ou mudanças de escola, desde 1999 – período inicial de formação do Complexo Ribeirão Verde – até os dias atuais, para crianças da comunidade e região. Estes anos lecionando sempre na EMEF Prof. Domingos Angerami sugeriam para mim a possibilidade de obtenção de dados de uma provável transformação da clientela escolar – pais e alunos – durante o decorrer dos anos e minúcias de vida percebidas em relação com os habitantes da localidade.

Acertados os detalhes, comprei algumas latas de cerveja - apesar de ficar sabendo depois que as professoras não bebiam cerveja - e fizemos uma entrevista conjunta entre mim e as professoras e sem a ajuda do auxiliar, que se fez desnecessária nesta ocasião. A entrevista foi realizada no dia 1º de junho de 2004, na sala de estar da residência da professora Marisa, no bairro do Jardim Paulista, das 19h30min às 22h30min, entremeada por alguns intervalos de prosa e lanche oferecido pela anfitriã. Durante a entrevista não havia mais ninguém na casa além de nós da pesquisa, pois o marido da professora Marisa havia ido ao treino de futebol e seus filhos já não moravam mais com o casal. A entrevista apresentou duração estimada de 1 hora e 10 minutos e foi interrompida por razão de um telefonema do marido da professora Rita dizendo que necessitava do carro para ir ao treino de futebol. Não solicitei uma nova entrevista, pois fiquei satisfeito com a quantidade e qualidade dos dados que seriam analisados através de seus relatos. Durante a fase de conferência dos textos transcritos as professoras estranharam a forma como elas falavam, percebendo uma grande diferença da estrutura da linguagem escrita em relação à oralidade. Apesar deste estranhamento e de perceberem uma simplicidade de construção das frases na oralidade as professoras não fizeram nenhuma correção no texto transcrito, apenas me informando que não seria daquela forma - Chilibura - que se escrevia o sobrenome da antiga diretora - Márcia -, mas que elas também não se lembravam da grafia correta. Ambas as professoras assinaram a Carta de Cessão no dia 31 de março de 2005. Acrescentei a informação da origem das professoras através de uma conversa na escola, no dia 31 de maio de 2005, em horário de intervalo de aula na EMEF Prof. Domingos Angerami, sem a exigência de novas assinaturas de outras Cartas de Cessão.

3.2.2.3. A escolha de Carlos Faustino de Oliveira e a sua entrevista

Seu⁵ Carlos (Figura 25) foi uma das primeiras pessoas com quem tive contato no Complexo Ribeirão Verde logo que fui contratado como Educador Ambiental para atuar nesta comunidade. Contratado pelas construtoras do loteamento para zelar pelo Centro de Educação Ambiental, Seu Carlos se ocupa diariamente nos cuidados com a limpeza do local, na manutenção do viveiro de mudas para subsidiar os projetos de reflorestamento e Educação Ambiental, além de ser o responsável pela entrega e orientação de manutenção das mudas de árvores de arborização urbana para os moradores do Complexo. Em muitos casos, moradores do bairro vêm lhe pedir auxílio no tratamento de algumas doenças e lesões, e Seu Carlos fornece espécimes e orientações de uso de plantas medicinais para o tratamento de tais enfermidades. Por estes fatos, Seu Carlos goza de grande popularidade diante dos moradores do Ribeirão Verde, sendo uma pessoa muito querida e respeitada pela comunidade.

Durante todos estes anos de trabalho nossa amizade foi se estabelecendo graças ao respeito um pelo outro, pelo aprendizado botânico que eu tenho adquirido com a ampla experiência de vida em meio rural de Seu Carlos, pelo auxílio que tenho prestado a ele em épocas em que ele necessita de dispensa médica e, principalmente, pelos momentos de descanso em que temos a oportunidade de tocar e cantar uma moda de viola e prostrar um pouco sobre nossas vidas. Foram nestas ocasiões que Seu Carlos me contava episódios de sua história e as transformações da região do Complexo Ribeirão Verde desde que migrou para este local, muito antes da formação do loteamento urbanizado. Sua inserção na comunidade que vivia na região rural anterior ao lançamento do loteamento do Ribeirão

⁵ Forma popular de denominação das pessoas com o mesmo significado do pronome de tratamento *senhor*.

Verde e sua mudança para o bairro nos primórdios da formação deste complexo habitacional, sugeriam para mim a possibilidade de uma riqueza de detalhes nas narrativas de Seu Carlos sobre as transformações ocorridas neste processo de urbanização. Seu Carlos se mostrou muito contente e sem restrições em fornecer um depoimento de sua trajetória de vida na região do Complexo Ribeirão Verde.

Sua entrevista foi realizada na principal sala do Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde, no dia 22 de julho de 2004, entre 9h e 11h30min, com duração aproximada de 1 hora e 50 minutos. Antes do início da entrevista, Seu Carlos sugeriu que conversássemos andando pelo espaço onde era a antiga sede da fazenda para que eu filmasse os lugares durante os momentos de sua explanação. Sugeriu um local mais silencioso, pois havia um aparelho de som ligado em alto volume na vizinhança que certamente dificultaria uma gravação sonora de qualidade. Além disso, estava sozinho e não conseguiria operar todos os equipamentos de coleta de som e imagem. Seu Carlos permitiu que seu depoimento fosse filmado, operação esta que foi realizada com a filmadora de forma automática e com o auxílio de um tripé. Ao término da entrevista, Sr. Carlos solicitou o empréstimo da fita para que ele assistisse em casa com a sua família. A filmagem foi de extrema importância na fase de transcrição em razão da dificuldade de entendimento da fala de Seu Carlos gravada em fita cassete. Quando não entendia alguma parte de seu depoimento eu recorria à gravação filmada que possuía uma melhor qualidade de áudio, além de me permitir uma leitura labial e gestual. A filmadora de vídeo parou sozinha à uma hora e meia de gravação sem que eu percebesse este fato. Assim, o restante da transcrição foi feito apenas com o auxílio do gravador.

A conferência foi feita através de minha leitura do texto transcrito diretamente para o Seu Carlos em razão deste alegar que tinha dificuldade de enxergar a escrita. Esta

intervenção foi realizada no dia 19 de maio de 2005, das 11h às 12h e das 15h às 16h, com Seu Carlos fazendo algumas correções de nomes e omitindo outras denominações pessoais – representadas pelo símbolo “(.....)” em seu documento produzido - que poderiam causar-lhe algum constrangimento futuro. Seu Carlos assinou a Carta de Cessão logo após a leitura e correção do texto transcrito, solicitando uma cópia deste documento produzido para mostrar aos seus parentes e guardá-lo como forma de recordação pessoal. Prometi a ele também uma cópia da fita de vídeo de sua entrevista.

No dia 21 de junho de 2005, no período da tarde, tivemos uma conversa informal no Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde, não gravada e sem a necessidade de assinatura de outra Carta de Cessão, apenas para acrescentar detalhes sobre sua vida antes de ter aportado em Ribeirão Preto.

3.2.2.4. A escolha de Pedro Alberto Aniceto e a sua entrevista

Eu conheci o Seu Pedro (Figura 26) em uma de minhas atividades de plantio em áreas verdes do Complexo Ribeirão Verde. Nesta ocasião fiquei encantado com a área que cuidava em frente a sua casa e de suas reclamações pela falta de colaboração por parte de alguns vizinhos em relação aos cuidados daquilo que já aparentava ser uma pracinha. Fizemos amizade em virtude de tê-lo ajudado a plantar diversas mudas naquela área e contribuído em sua motivação de transformar aquela grande área em uma praça. Ele não seria entrevistado, pois não sabia que residia desde os primórdios da formação do bairro. A escolha de seu nome veio em razão da mudança residencial inesperada de um dos possíveis colaboradores para o estado de Minas Gerais no decorrer da pesquisa - antes da entrevista – e por descobrir em uma de nossas conversas informais que o Seu Pedro também residia no Complexo desde a época do início do loteamento. Além destes fatores, sua moradia

localizada em situação bem extrema na 2ª etapa influenciou em um critério de representatividade espacial, visto que esta localização favoreceria outros contatos com moradores próximos de sua residência.

Fizemos um contato prévio em que marcamos local, data e horário de nossa entrevista e onde expliquei os motivos e objetivos da pesquisa. No dia da entrevista pela manhã tivemos uma conversa informal não gravada em que Seu Pedro me contava um pouco de sua história de vida e seus sentimentos e visões sobre o Ribeirão Verde. Antes de iniciar a entrevista pedi ao Seu Pedro que escolhesse um local que lhe fosse mais agradável para nossa conversa e retomei novamente quais seriam as finalidades daquele diálogo. Sua entrevista foi realizada por mim entre as 16h30min e 19h do dia 27 de setembro de 2004, ao ar livre, ambos de pé em uma área verde cuidada pelo colaborador, em frente a sua residência, e gravada em fita cassete com duração aproximada de 1 hora e 10 minutos. Durante a entrevista em curtos espaços de tempo éramos interrompidos por transeuntes conhecidos que nos cumprimentavam e pelo barulho de ônibus, caminhões e automóveis que passavam nas proximidades. Feita a transcrição encaminhei o texto escrito para a sua conferência. A Carta de Cessão foi assinado pelo Seu Pedro no dia 2 de março de 2005, autorizando o documento produzido sem correções para as análises desta pesquisa.

3.2.2.5. A escolha de Geraldo Alves dos Reis e Ramila Geralda de Paula Reis e as suas entrevistas

Seu Geraldo (Figura 27) e Dona Ramila (Figura 28) foram pessoas sugeridas por Seu Eurípides Aranha – pai do Wellington – em uma conversa em que eu pedia sugestões de nomes da comunidade para possíveis entrevistas. Por serem vizinhos e muito amigos, Seus Eurípides conhecia alguns aspectos da história de vida daquele casal. Algumas

características de suas trajetórias na comunidade me chamaram atenção como critério de escolha destes colaboradores. Além de serem de fato um dos primeiros moradores do Complexo Ribeirão Verde, eles tiveram uma experiência com comércio e prestação de serviços mal sucedida no início da formação do bairro. Minha aproximação afetiva com o casal foi adquirida através do meu amplo relacionamento com a família Aranha e nas ocasiões em que eu ajudava o casal Reis na formação da área verde em frente as suas casas. Seus filhos sempre mostraram interesse de conversar comigo e de falar sobre as atividades de seus cotidianos escolares e infantis. Acredito que o fato de eu ter ministrado aulas de teatro no Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde e desenvolvido projetos de Educação Ambiental na escola – EMEF Prof.a Geralda de Souza Espin - do filho mais velho do casal tenha contribuído para o fortalecimento de nossa amizade e da relação de respeito mútuo.

Inicialmente conversei com a Dona Ramila marcando uma possível data para a entrevista. Ela me sugeriu que falasse com seu marido, pois ela não teria nada para contar. No entanto, no decorrer de nossa conversa ela passou a falar sobre suas dificuldades iniciais na época de formação do bairro com grande eloquência. Naquele momento sugeri que fizéssemos a entrevista em três pessoas - eu, Seu Geraldo e Dona Ramila. Marcamos a entrevista para a noite do dia 26 de novembro de 2004, dia em que Seu Geraldo estaria de folga em seu serviço. Neste dia, por volta das 14 horas, passei na casa do Seu Geraldo a fim de confirmar a entrevista da noite. Ao perguntar a ele sobre a entrevista estranhei a sua reação de desconhecimento do assunto. Dona Ramila não havia comunicado ao seu marido a intenção de nossa entrevista e comecei a conversar com o Seu Geraldo sobre a intenção da entrevista desde o início. A princípio ele disse que não havia nada para falar, mas conversando informalmente Seu Geraldo passou a me contar sobre a área verde que cuida

juntamente com alguns vizinhos, sua relação com o bairro, os primeiros anos de vida no loteamento, além de seus descontentamentos sobre alguns aspectos do bairro. A entrevista se deu na noite do mesmo dia, das 20h às 22h, na sala de sua residência, com duração aproximada de 1 hora e 20 minutos e uma pequena pausa para um café. Aproveitei nossa conversa informal da tarde para guardar várias perguntas para a etapa de gravação do depoimento. Na fase de conferência o documento transcrito causou risos no Seu Geraldo e na Dona Ramila pela grande quantidade da cacofonia “né” presente em suas narrativas, mas não fizeram nenhuma modificação da transcrição para o documento produzido. A Carta de Cessão foi assinada separadamente pelo casal – uma para cada cônjuge – no dia 11 de abril de 2005.

3.2.2.6. A escolha de Rogério da Silva Alves e a sua entrevista

Conheci o Rogério (Figura 29) quando ele ainda morava em uma antiga casa ocupada na beira do Córrego das Palmeiras – no ano 2000 - por intermédio de seu relacionamento de amizade com o Wellington. Em diversas ocasiões em que Rogério nos visitava - a fim de prostrar - no Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde, ele entrava em contato com nosso cotidiano de trabalho e de projetos a serem desenvolvidos na comunidade. Em 2001, aproveitando o trabalho já em andamento de Educação Ambiental junto com as professoras de 3ª e 4ª séries da EMEF Prof. Domingos Angerami, resolvemos – eu, Wellington e Rogério – iniciar um projeto de reflorestamento de um trecho de mata ciliar do Córrego das Palmeiras, em uma região situada dentro da propriedade do Rogério. Ele, além de preparar a terra e os berços⁶ das mudas - antes do plantio da mata ciliar pelos

⁶ Termo utilizado neste texto como sinônimo de buracos para plantio das mudas.

alunos da escola -, mobilizou grandes esforços - em conjunto com seu pai e sua mulher – após o término destas atividades a fim de regar e cuidar da manutenção do reflorestamento.

Neste mesmo ano, eu, Wellington e Rogério organizamos uma viagem para a Serra da Canastra – MG – a fim de conhecer a região e passarmos alguns dias em meio às belezas naturais daquele parque estadual (Figura 29). Os momentos vividos no acampamento e as aventuras e histórias pitorescas da viagem contribuíram para fortalecer nossos laços de amizade e relacionamento próximo. Em 2001, graças a uma parceria entre as empresas loteadoras do Ribeirão Verde e a ONG Ibiré, Rogério foi contratado para trabalhar no recém construído viveiro de mudas profissional do CEARV, que o estimulou ainda mais nos estudos de questões ambientais e de técnicas de manejo e recuperação florestal. Mesmo terminado o seu contrato de trabalho em 2002, Rogério continua, vez em quando, coletando sementes e frutos de espécies arbóreas nativas da região e fornecendo-as para a nossa equipe para produção de mudas no viveiro.

A princípio Rogério não seria entrevistado para este trabalho. A mudança de cidade de um dos possíveis colaboradores fez com que eu procurasse sugestões de nomes junto a família Aranha. Seu nome foi sugerido por Wellington pelo fato de Rogério ser também um dos primeiros moradores do Ribeirão Verde e por este ter trabalhado por algum tempo instalando postes de energia em várias casas do Complexo. Estas circunstâncias de sua vida sugeriam para mim que Rogério teria transitado por vários pontos do bairro e teria conhecido várias realidades de vida da comunidade local, principalmente por eu enxergar nele uma pessoa com características de comportamento reflexivo e de muita comunicação. Outro ponto em sua vida desde que chegou ao Ribeirão Verde que me chamou atenção como critério de escolha foi o fato de Rogério ter mudado três vezes de moradia - duas vezes dentro do próprio bairro e uma vez para a beira do Córrego das Palmeiras -, tendo se

instalado em uma casa na 2ª etapa e em duas moradias em locais diferentes da 1ª etapa do empreendimento.

Marcamos sua entrevista para o dia 24 de dezembro de 2004, véspera de natal, para ser realizada após as 14h, no bar do Galego, local situado na Estrada das Palmeiras, um ponto de referência para a comunidade do Ribeirão Verde. Chegando ao local iniciamos a entrevista em meio a uma rodada de cerveja, mas logo decidimos mudar de ambiente em razão das inúmeras interrupções ocasionadas por encontros com amigos e bêbados no bar. Rogério sugeriu que fizéssemos a entrevista em um pequeno clube fechado às margens do Rio Pardo. Sua entrevista foi realizada neste lugar entre as 15h e 17h, com duração aproximada de 1 hora e 15 minutos. Rogério não fez questão de ler o texto transcrito e assinou a Carta de Cessão no dia 9 de abril de 2005, sem nenhuma correção. Acrescentei a informação de sua origem através de uma conversa por telefone, no dia 5 de junho de 2005, sem a exigência da assinatura de uma nova Carta de Cessão.

Tabela 5. Características dos colaboradores.

Colaboradores	Idade	Sexo	Origem	Moradia	Natural de
Marli	37	Feminino	Urbana	1ª etapa	Penápolis - SP
Rita	44	Feminino	Urbana	*	Ribeirão Preto - SP
Marisa	49	Feminino	Urbana	*	Ribeirão Preto - SP
Carlos	71	Masculino	Rural	2ª etapa	Riacho dos Machados - MG
Pedro	58	Masculino	Rural	2ª etapa	Sacramento - MG
Geraldo	46	Masculino	Rural	1ª etapa	Nova Resende - MG
Ramila	36	Feminino	Rural	1ª etapa	Nova Resende - MG
Rogério	25	Masculino	Urbana	1ª e 2ª etapas**	São Paulo - SP

* Não reside no Complexo Ribeirão Verde.

** Atualmente reside na 1ª etapa.

3.2.3. A produção de documentos de pesquisa

As transcrições foram feitas por mim com o auxílio do mesmo gravador utilizado nas entrevistas e fones de ouvido - marca Philips SBC HL140 -, e diretamente digitadas em arquivos no computador. Em razão da indisponibilidade de tecnologias mais sofisticadas para a transcrição e da minha falta de experiência e habilidade auditiva e motora, este processo estimado em cinco horas de transcrição por cada hora de gravação - indicados em artigos especializados (Meihy, 1996) -, no meu caso foi realizado em dez horas de transcrição por cada hora de gravação. Estas dificuldades, aliadas ao tempo curto de conclusão desta pesquisa, não me permitiram uma segunda sessão de entrevistas como sugerido em meu projeto de pesquisa.

Preferi não desenvolver o processo de textualização devido às divergências diante das complicações interpretativas deste processo sobre as transcrições. Desta forma, mantive nas transcrições as repetições, discordâncias e erros de português conforme fazia a passagem da fonte oral gravada para a escrita. Busquei utilizar a escrita de forma a se aproximar ao máximo da sonoridade da fonte oral na tentativa de manter as características lingüísticas das falas dos depoentes. Optei em deixar que possíveis diferenças entre as gravações e o documento escrito produzido fossem ocasionadas por correções ou restrições pelos colaboradores durante a fase de conferência. A conferência se referiu à fase de autorização do entrevistado para a elaboração da versão final do texto da História Oral para serem usados na pesquisa. Nesta fase possibilitei negociações e oportunidades de novas mudanças no texto para completar o relato, conforme o desejo do colaborador como recomendado por Meihy (1996) e Toutier-Bonazzi (2001). Considero a transcrição corrigida e autorizada através da *Carta de Cessão* (anexo) – nos moldes da sugerida por

Alberti (2004) - para uso público da pesquisa como um documento produzido. Somente os documentos produzidos foram utilizados para fins de análise.

3.2.4. A análise dos documentos produzidos

As análises foram feitas quase que exclusivamente sobre os documentos produzidos. Procurei observar nas narrativas de vida dos colaboradores da pesquisa algumas indicações de determinantes e/ou limitantes das ações educativas diante da temática ambiental provenientes de circunstâncias do Complexo Ribeirão Verde, ligadas às conjunturas históricas do sujeito e da sociedade, às estruturas físicas do loteamento e a aspectos culturais de sua comunidade.

Durante o mini-curso sobre *Estudos Culturais*⁷ - em que participei na reunião anual da ANPED, em novembro de 2004 -, apesar de perceber que as preocupações dos objetos de pesquisa (televisão, revista, jornais) não fossem semelhantes as minhas, entrei em contato com a literatura de Michel de Certeau. Optei também por contribuições de sua metodologia de análise, pois após ler e reler os documentos produzidos sobre os processos de entrevista, transcrição e conferência, percebi que em função da formação do Complexo Ribeirão Verde ser um evento recente - diferentemente de muitas narrativas de histórias de vida que ocorreram em um passado mais remoto -, as narrativas apresentavam, vez em quando, características de acontecimentos cotidianos.

O livro *A invenção do cotidiano* de Michel de Certeau (1994) dá bases teóricas para análises através das *estratégias* de vida e *táticas* do dia a dia dos moradores do Complexo Ribeirão Verde diante das conjunturas e circunstâncias de formação desta comunidade.

⁷ Ver introdução a esta área de investigação e intervenção em Silva, T.T. (Org.). *O que é, afinal, estudos culturais?* 3ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004. 236 p.

Segundo este autor os sujeitos históricos desenvolveriam suas trajetórias de vida em determinados espaços – tecnocraticamente construídos, funcionalizados e escritos – onde estes indivíduos circulariam e formariam seus caminhos. Apesar de suas trajetórias serem feitas a partir de elementos sócio-culturais pré-estabelecidos, aqueles andarilhos teriam - em suas astúcias de interesses diversos – a possibilidade de desenhar alguns desvios e atalhos sobre suas determinações históricas - em razão das casualidades existente em muitos dos sistemas onde se desenvolveriam suas vidas – através de imprevisíveis e irreconhecíveis trilhas. Para caracterizar o que seria uma projeção sobre um plano e o que seria uma redução das indeterminações da trajetória de vida cotidiana, Certeau (1994) diferenciou o termo *estratégia* do outro denominado de *tática*. O conceito de estratégia seria a projeção e o cálculo de ações possíveis de um sujeito – de querer e poder – sobre um ambiente isolável, capaz de servir de base para uma gestão de suas relações com uma exterioridade distinta. Já a tática não seria antecipatória das circunstâncias e só teria lugar no momento dos fatos. Por isso, este segundo termo não se constituiria em uma forma discursiva e seria totalmente dependente do tempo e do lugar – na própria decisão e no momento da ação sobre algo -, combinando elementos heterogêneos e móveis para tirar proveito dos acontecimentos cotidianos – transformados em ocasiões.

A análise consistiu então em um breve resumo das histórias de vida dos colaboradores e, em seguida, a descrição da paisagem do Complexo Ribeirão Verde. Esta segunda forma de análise partiu do entendimento que as narrativas dos colaboradores seriam representantes da vida social desta comunidade como já discutido anteriormente com subsídios de fundamentação teórica fornecida por Bosi (1994). Aquelas contribuições e perspectivas relativas à memória coletiva deram suporte para a reconstrução da paisagem

anterior e de formação do Complexo Ribeirão Verde sem a necessidade de transposição de trechos das falas dos depoentes para o texto narrativo.

Por último, encaminhei uma proposta comunitária de Educação Ambiental para o Complexo Ribeirão Verde e considerações finais sobre reflexões que levaram em conta a História Oral e a interpretação histórica e sócio-cultural no desenvolvimento de comunidades locais para o planejamento de políticas públicas de Educação Ambiental em centros urbanos em processo de formação.



Construção no campo – Cândido Portinari

Capítulo IV – Paisagens do Ribeirão Verde

4.1. História de vida dos colaboradores

4.1.1. Marli Célia de Souza Campagnoli

Dona Marli (Figura 22) tem 38 anos de idade, é casada e possui uma filha de 7 anos de idade - atualmente estudante da Escola Sathya Sai. Nascida em Penápolis, pequena cidade do interior de São Paulo, foi criada com disciplina e respeito pelas escolas onde estudou e por sua família de tradição militar. Fez até o segundo ano do curso de Pedagogia – período este em que já lecionava em sua cidade – até que se mudou para Ribeirão Preto e parou os estudos. Morava com seu marido em uma casa alugada no bairro do Ipiranga e mantinha uma boa relação de amizade com seus vizinhos. Já conhecia o bairro das Palmeiras através de seu marido, que operava uma linha de ônibus cujo itinerário passava pela região. Logo que soube do lançamento do Complexo Ribeirão Verde adquiriu um lote na 1ª etapa do empreendimento e, tamanho era seu desespero de fugir do aluguel de sua casa no Ipiranga, iniciou as obras de sua futura moradia mesmo sem a liberação oficial para a construção. Através da ajuda de parentes e amigos, e mesmo grávida de sua futura filha, auxiliava seu marido na edificação de sua casa própria nos finais de semana. Em pouco mais de cinco meses já se mudara para o seu novo espaço habitacional. Ela se considera praticamente a primeira moradora do Complexo Ribeirão Verde e enxerga no sofrimento e nas dificuldades vividas durante a fase de edificação de sua casa e relacionamento cooperativo com seus vizinhos e parentes, razões e sentimentos que valorizam aquilo que avalia como sendo o seu bairro. Atualmente, dona de casa por opção, gosta de participar das reuniões da Associação de Moradores do Complexo Ribeirão Verde, sempre se mantendo informada sobre questões de melhoria das condições estruturais do bairro. Participa ativamente das atividades da igreja católica de sua comunidade auxiliando na preparação de festas e outros eventos da instituição. Sonha e se preocupa principalmente

com o futuro de sua única filha e enxerga na melhoria do bairro a oportunidade para esta não precisar sair da comunidade para se formar nos estudos.



Figura 22. Dona Marli (segunda da esquerda para a direita) em atividade artística com outras moradoras do Complexo Ribeirão Verde no Centro de Educação Ambiental do bairro (21 de jun. 2002).

4.1.2. Rita Cristina P. Buzatto Fernandes

Professora Rita (Figura 23) - hoje com 44 anos de idade - nasceu e foi criada em Ribeirão Preto e sempre morou na mesma casa no centro da cidade. Prestou concurso público para provimento de cargo e em fevereiro de 1999 foi efetivada como professora PI para lecionar nas escolas de ensino fundamental da prefeitura. No processo de atribuição das aulas preferiu os alunos de 2^a ou 3^a séries e não escolheu algumas escolas relativamente mais próximas a sua casa em relação à EMEF Prof. Domingos Angerami por achar que aquelas estariam localizadas em bairros mais perigosos. Inicialmente achou a escola muito afastada e de estrutura um tanto quanto precária, mas em decisão conjunta com seu marido resolveu ficar neste estabelecimento por estar situado em um bairro mais calmo e tranquilo. Outro ponto a favor desta escola na escolha da professora Rita foi o sentimento de bem-

estar ao ser recepcionada pela antiga diretora da instituição. Com o decorrer dos anos, afeiçãoou-se tanto pelas crianças da escola que, na hora de fazer a escolha de remoção para outro estabelecimento de ensino mais perto de sua casa, acaba ficando na EMEF Prof. Domingos Angerami. Nas festas juninas em que ajudava na organização e na condução destes eventos, professora Rita costumava levar seu pai para lhe fazer companhia e se divertir um pouco. Em seu cotidiano escolar, professora Rita vive em uma realidade de constante ampliação da escola e do número de alunos nas salas de aula em que leciona.



Figura 23. Horário de Trabalho Remunerado na EMEF Prof. Domingos Angerami com definição de projeto conjunto entre o Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde e a escola. Ao centro e de frente para a foto, a professora Rita (20 de fev. 2002).

4.1.3. Marisa Aparecida Biagini Lopes

Nascida e criada em Ribeirão Preto, professora Marisa (Figura 24) – atualmente com 49 anos de idade - morou durante alguns anos na Europa e depois voltou novamente para aquela cidade. Contratada pela prefeitura em fevereiro de 1999, escolheu trabalhar com as crianças pequenas da pré-escola, que funcionava junto a EMEF Prof. Domingos Angerami. Ela já conhecia a região das Palmeiras pelas visitas que fazia junto com seu

marido ao professor Domingos Angerami – professor que dá nome à escola -, antigo amigo do casal. Por esta razão não sentia que a escola era muito distante, situação esta que influenciou na sua escolha pelo local.



Figura 24. Professora Marisa (à direita da foto) em atividade com os alunos da EMEF. Prof. Domingos Angerami, no interior da mata Reserva Legal do Complexo Ribeirão Verde (11 de mai. 2004).

Esta professora também acredita que a direção seja muito importante na escolha de uma escola para lecionar e gosta da EMEF Prof. Domingos Angerami porque sente que lá não tem tantos problemas de violência e drogas quanto em outras escolas de Ribeirão Preto. Desde 2003, com a diminuição das classes de pré-escola na rede municipal e por não possuir uma boa pontuação que lhe rendesse uma remoção para uma EMEI mais próxima a sua casa, professora Marisa passou a lecionar para 3^{as} séries na própria EMEF Prof. Domingos Angerami. Em seu cotidiano escolar, ela também vive em uma realidade de constante ampliação da escola e do número de alunos nas salas de aula em que leciona.

4.1.4. Carlos Faustino de Oliveira

Seu Carlos (Figura 25) nasceu em 1933, na cidade de Riacho dos Machados – MG – onde viveu com sua família até os dezesseis anos de idade. Nesta fase de sua adolescência se mudou sozinho para a cidade de Maracaí, interior de São Paulo, onde ficou trabalhando na agricultura até os idos de 1954. Migrou para a região de Garça – SP – para a lavoura do café e depois de apenas um ano retornou para aquela mesma cidade paulista. Ficou em Macaraí por mais dezesseis anos lidando com a terra nas lavouras de arroz, milho, café e no corte de uma safra de cana. Em 1971, foi trabalhar na Usina Central do Paraná onde cortou cana e fez diversos serviços administrativos como o de fiscalização, a de sacaria e de talãozeiro. Em 1984, aos 51 anos de idade, foi convidado pela família Pômpolo para vir administrar a agricultura no engenho da Palmeirinha, na fazenda Santa Maria, em Ribeirão Preto. Trabalhou durante seis anos para o senhor Ricardo Titoto até que, em 1990, este antigo proprietário vendeu suas terras para o grupo Eletrorio. Seu Carlos continuou trabalhando na fazenda a convite do Doutor Carlos Eduardo - seu novo patrão – desenvolvendo as mesmas atividades que fazia anteriormente. Administrou a cultura da cana até o ano de 1994 quando começaram as primeiras obras de construção do então futuro loteamento do Complexo Ribeirão Verde. Até este período, Seu Carlos mantinha uma forte relação de amizade com a vizinhança que trabalhava na agricultura ou que tinha pequenas chácaras na região. Estas amizades se fortaleciam durante as festas que ele organizava em sua casa, sempre aos sábados, que se estendiam até a manhã do dia seguinte e onde compareciam todos os seus amigos da região. Era um período repleto de brincadeiras com a família, muita moda de viola e jogos de baralho com os amigos, sempre comendo muita polenta com carne e frango. Seus filhos foram todos criados juntos com as outras crianças da vizinhança e até hoje eles mantêm uma grande amizade. Sua filha e seu

filho mais novo estudaram na então escola rural das Palmeiras – atual EMEF Prof. Domingos Angerami -, onde Seu Carlos ajudava - junto com a comunidade - a manter aquele precário estabelecimento em funcionamento.

Ele tinha alguns cavalos, porcos e uma charrete que necessitou vender pelos sucessivos casos de furto de seus animais assim que começou a ocupação do loteamento. Até então, Seu Carlos morava em uma casa na sede da fazenda – atual Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde – mas, em 1996, ganhou do Doutor Carlos Eduardo um terreno na 1ª etapa do Ribeirão Verde para edificar sua nova moradia e ceder seu antigo domicílio para as funções ambientais do novo empreendimento.



Figura 25. Seu Carlos (ao centro-esquerdo da foto) em atividade pedagógica no viveiro de mudas da ONG Ibiré com professora e alunos da EMEF Prof.ª Geralda de Souza Espin (15 de jun. 2004).

Com o surgimento do Complexo Ribeirão Verde, ele passou a exercer trabalhos ligados ao reflorestamento, manejo da mata Reserva Legal, e cuidados com as dependências do Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde e com o seu viveiro de

mudas. Obteve ajuda da Engindus e do Doutor Ado – da Protenco – através da doação de materiais de construção para edificação de sua nova casa.

Atualmente Seu Carlos mora com sua esposa, sua filha, seu filho e sua futura nora. Vários de seus parentes e amigos que trabalhavam na antiga fazenda passaram a trabalhar na Brascopper - outra empresa do Doutor Carlos Eduardo – e estão residindo na mesma rua de sua casa, mantendo uma vizinhança que é considerada por Seu Carlos como uma grande família. Ele se orgulha desta condição de vizinhos próximos e de ter conseguido criar uma família tão honesta.

Hoje em dia, com 71 anos de idade, Seu Carlos se lembra, com nostalgia, daquelas festas do passado que não acontecem mais, pois muitos de seus amigos faleceram e outros mudaram para diversos pontos da cidade e da região. Ainda assim, ele mantém uma boa relação de amigos e conhecidos que o ajuda em seu transporte para a cidade ou em casos de emergências médicas. Sempre manteve uma postura de indignação perante moradores e forasteiros que de alguma forma desrespeitam o ambiente do Ribeirão Verde, ao mesmo tempo em que cobra destas pessoas mais respeito sobre este bem coletivo.

4.1.5. Pedro Alberto Aniceto

O Seu Pedro (Figura 26) é um antigo morador da segunda etapa do Complexo Ribeirão Verde. Nascido no município de Sacramento - MG, em 1946, mudou-se com sua família aos quatro anos de idade para o estado do Paraná. Viveu em região compreendida pelos municípios de Londrina, Rolândia e Arapongas com seus pais derrubando a mata, cortando toras de madeira, formando e cultivando a lavoura de café. Em 1979, aos trinta e três anos de idade e já casado, deixou seu serviço na agricultura e mudou-se com sua família para o bairro do Ipiranga em Ribeirão Preto, a pedido de sua esposa que possuía

parentes nesta cidade. Seu primeiro serviço em Ribeirão Preto foi na fabricação de blocos onde logo se machucou. Começou então a vender sorvetes em todas as sorveterias da cidade sendo conhecido por isso como *Pedro Sorveteiro*. Deixou esta profissão e foi trabalhar em um clube da Fundação Itaú. Mudou-se então para uma chácara alugada próxima ao Portal dos Ipês até ficar desempregado e conseguir comprar e edificar sua moradia no Complexo Ribeirão Verde – logo quando foi lançado o loteamento -, através do dinheiro arrecadado pelas indenizações trabalhistas. Seu Pedro mora com mais cinco pessoas em uma casa térrea construída por ele e com a ajuda de parentes.



Figura 26. Seu Pedro na área verde que sempre cuidou (em frente a sua casa) na segunda etapa (bairro Jd. Diva Tarlá de Carvalho) do Complexo Ribeirão Verde (18 de fev. 2005).

Atualmente com 58 anos de idade, cabeça um pouco marcada pela calvície, de bigode e cabelos grisalhos e corpo robusto, vive atendendo as crianças das proximidades

que não param de procurá-lo em sua casa em busca dos *bolões* – como são chamados os sorvetes em saquinhos plásticos que fabrica em sua casa – que vende para compor sua renda. Sua identidade é formada por valores de coragem, saúde e preocupações de ordem coletiva do homem do campo, além de cultivar um sentimento marcado pelo afeto à natureza e de participação política.

4.1.6. Geraldo Alves dos Reis e Ramila Geralda de Paula Reis

Seu Geraldo (Figura 27) e Dona Ramila (Figura 28) são primos por parte de suas mães e têm dez anos de diferença em suas idades – nascidos em 1958 e 1968 respectivamente. Ambos nasceram e foram criados na roça, no município de Nova Resende – MG, mas até a infância de Dona Ramila eles não se conheciam. Isso porque Seu Geraldo veio com 20 anos de idade para Ribeirão Preto, época em que Dona Ramila era uma criança e os dois quase não tinham contato. Vez ou outra Seu Geraldo retornava para Nova Resende para rever os seus parentes e amigos. Em uma destas ocasiões, em visita ao seu avô – o mesmo de Dona Ramila – conheceu sua prima Ramila. Namoraram durante dez meses e em 1991 se casaram para que Dona Ramila pudesse ir para Ribeirão Preto junto com seu marido. Em Ribeirão Preto o recente casal foi morar em uma casa de aluguel no bairro Simioni. Logo em seguida, mudaram para uma chácara no Peripau para fugir do aluguel, juntar dinheiro para construir uma moradia e dar melhores condições de vida para o seu primeiro filho que acabara de nascer. Depois de um ano mudaram para Vila Virgínia, um bairro mais próximo do depósito de gás onde Seu Geraldo trabalhava, porque na chácara não tinha pronto atendimento médico para seu filho pequeno, que sofria de convulsão. Ainda morando na Vila Virgínia, o casal comprou – em 1995 - um lote comercial na 1ª etapa do Complexo Ribeirão Verde, já pensando em abrir um comércio de

gás no novo loteamento. Depois de um ano e meio, mesmo sem a liberação oficial do empreendimento, começaram a construir sua residência com a ajuda de uns colegas. O casal pagou um amigo para levantar rapidamente dois cômodos. Depois de dois meses, ainda com a casa inacabada, Seu Geraldo e Dona Ramila vieram com seus dois filhos – um recém-nascido - morar no loteamento praticamente ainda sem vizinhança. Dona Ramila estava grávida enquanto construía e quando se mudou para o Ribeirão Verde, em 1997, ainda estava em período de resguardo dos pontos na barriga provenientes da operação do nascimento de seu segundo filho. Quando este nasceu, Seu Geraldo plantou um pé de limão em uma área verde em frente a sua casa como forma de representar nesta planta a idade de seu filho mais novo. Desde então, passou a cuidar desta área com a ajuda – dois anos mais tarde – de Seu Eurípides e, mais recentemente, de seu outro vizinho, Seu Edílson.



Figura 27. Seu Geraldo regando as plantas da área verde em que mantém cuidados na primeira etapa (bairro Jd. Florestan Fernandes) do Complexo Ribeirão Verde (17 de mar. 2005).

A família Reis foi uma das primeiras que se mudou para o Ribeirão Verde, época em que ainda não existia energia elétrica no bairro. Seu medo era deixar suas crianças em

um bairro muito escuro de noite e quase sem nenhuma vizinhança. Iniciaram a venda de gás em sua própria casa para as pessoas das chácaras da região, mas em menos de um mês desistiram deste comércio, pois não havia quase moradores para a compra de sua mercadoria, faltando-lhes capital para manutenção do alto custo de um negócio legalizado.



Figura 28. Dona Ramila e seu filho Ronaldo durante uma visita à casa de parentes em Nova Resende – MG (jan. 2000).

No início da formação do bairro Dona Ramila participou ativamente de processos reivindicatórios em relação ao transporte precário da região. Hoje em dia o casal Reis está um pouco afastado das participações políticas do bairro por alegar falta de comunicação e chamado por parte da associação de moradores. Seus parentes de Minas Gerais vêm visitar freqüentemente sua casa porque gostam da quantidade de matas existentes no local, do ambiente aberto e do clima fresco. Além destes fatores, Seu Geraldo e Dona Ramila gostam do Ribeirão Verde também em virtude do sossego.

4.1.7. Rogério da Silva Alves

Rogério (Figura 29) nasceu na cidade de São Paulo, no bairro do Cambuci, onde morou até os cinco anos de idade. Nesta época seu pai trabalhava como policial e se transferiu para Ribeirão Preto junto com sua família permanecendo definitivamente nesta cidade. Por circunstâncias próprias e pela busca constante de melhorar a qualidade de sua moradia, a família Alves mudou-se diversas vezes de casa, morando em vários bairros distintos de Ribeirão Preto – Vila Virgínia, Quintino II, Recreio Internacional, Alexandre Balbo I, Jardim Jandaia, Parque Ribeirão Preto – até mudar-se para o Complexo Ribeirão Verde. Apesar de sua origem urbana, Rogério teve a infância e adolescência marcadas por uma vida repleta de experiências em meio rural, na então periferia da cidade de Ribeirão Preto, na região da Fazenda da Barra. Junto com seus irmãos, pai e tio, Rogério passava horas andando de bicicleta, buscando manga nas mangueiras centenárias que existiam no local, pescando em lagoas e rios, e soltando pipa ao lado dos canaviais nos confins daquela região em que se ergueria futuramente o Complexo Ribeirão Verde.

Enquanto morava no Parque Ribeirão Preto, Rogério trabalhava na construção civil, exercendo diversas funções como ajudante de eletricista, ajudante de pintor, ajudante de gesso, ajudante de pedreiro, ajudante de calheiro, ajudante de marceneiro, ajudante de carpinteiro, ao mesmo tempo em que estudava no período noturno para ser Técnico Eletricista no SENAI. Ao saber do lançamento do loteamento, seu pai adquiriu um lote na 1ª etapa do Complexo Ribeirão Verde que, alguns meses depois, iniciou a aquisição de um outro lote na 2ª etapa do mesmo empreendimento. Um mês depois que seu pai começou a construir na 1ª etapa, Rogério iniciou a edificação de sua futura moradia no lote da 2ª etapa deste conjunto habitacional. A partir de então, já diplomado como técnico eletricista, começou a trabalhar no próprio bairro, instalando e montando centenas de postes do tipo

padrão da CPFL, fato este que lhe rendeu a possibilidade de conhecer vários moradores do Complexo e a maneira com a qual estas pessoas construía suas casas. Pela sua dificuldade em receber o pagamento de serviços prestados à comunidade local e por sua necessidade de edificar sua casa própria, Rogério começou a trocar seu trabalho por material de construção. Esta tática de escambo possibilitou a conclusão de sua moradia e sua permanência em sua nova casa.



Figura 29. Da esquerda para a direita, Wellington, Rogério (COE) e Ronaldo (*Kami*) em viagem ao Parque Nacional da Serra da Canastra - MG (16 de nov. 2000).

Em 2001 por motivos de incômodo pelo barulho de um estabelecimento comercial vizinho e por gostar de ambientes com muito mato, mudou-se junto com sua mulher para uma chácara na beira do Córrego das Palmeiras, deixando sua casa para seu pai e para sua família, que se desfizeram da outra casa na 1ª etapa. Enquanto residiu na chácara, Rogério ajudou o Programa de Educação Ambiental do Ribeirão Verde em trabalhos educativos com os alunos das escolas locais, prestou grande auxílio na preparação e manutenção do

reflorestamento de um trecho de mata ciliar do Córrego das Palmeiras em sua propriedade e trabalhou durante algum tempo no viveiro de mudas da ONG Ibiré.

Em 2003 mudou-se com sua mulher novamente para a casa em que morava seu pai e sua família, ficando por mais um ano neste local. Em 2004, vendeu sua casa na 2ª etapa do Complexo e edificou com seu pai duas novas moradias em um lote comprado na 1ª etapa do Ribeirão Verde: uma no fundo do terreno onde Rogério vive com sua mulher e outra na frente onde moram suas duas irmãs, um irmão, seu pai e sua mãe.

Rogério gosta do ambiente em que vive no Ribeirão Verde por seu aspecto agradável, de clima fresco, de paz e tranqüilidade. Ele cultiva um valor pela natureza surgido pela experiência de acompanhar o crescimento de árvores e pela ligação histórica de quem as plantou. Mostra-se preocupado com as novas gerações e acredita muito no exemplo da família na educação dos filhos. Atualmente adquiriu uma chácara em São Sebastião do Paraíso – MG – onde pretende futuramente se instalar em função da existência de muito mato e de nascentes de água, pela pouca densidade populacional e porque pretende mudar de vida, no sentido de ficar mais próximo ao campo e se realizar com pouca coisa.

4.2. Reconstrução da paisagem anterior e de formação do Complexo Ribeirão Verde

4.2.1. Reconstrução da paisagem da região das Palmeiras

No início da década de 1980, a região do Bairro das Palmeiras em que se situa atualmente o Complexo Ribeirão Verde compreendia duas fazendas contíguas – Fazenda Santa Maria e Fazenda da Barra – e pequenos sítios e chácaras ao redor destas duas grandes propriedades. Neste período, estas fazendas viviam da cultura da cana-de-açúcar para fornecimento de matéria prima para algumas usinas próximas, além de manterem uma

agricultura de subsistência e uma pequena produção animal para as demandas alimentares e de transporte dos habitantes das localidades. Sempre que solicitados os funcionários das fazendas abatiam animais para fornecimento e comércio de carne para as pessoas das proximidades. As vinte famílias – aproximadamente - que residiam naquelas cercanias eram formadas basicamente por chacareiros, sitiantes, agricultores, motoristas, tratoristas, mecânicos, entre outros, e trabalhavam em atividades diretamente ligadas à agricultura. Muitos eram donos de suas próprias chácaras, mas mesmo os funcionários das fazendas possuíam suas próprias hortas e estavam acostumados a um ambiente de muita fartura de alimentos. As pessoas começaram a se conhecer através do andamento do trabalho conjunto nas lavouras e dos momentos em que podiam prostrar com seus vizinhos. Estes encontros geravam situações de muita alegria e descontração, com muita moda de viola, brincadeiras e diversões. A aproximação afetiva foi gradativamente aumentando a ponto de tornar os encontros e reuniões festivas em atividades rotineiras naquela comunidade. Todos os sábados as famílias se reuniam ora na casa de um vizinho, ora na residência de outro compadre e todos se divertiam comendo polenta com carne e frango. Muitas vezes, as famílias pousavam na casa do anfitrião em razão das sucessivas disputas e partidas de carteados, jogando baralho até o raiar do sol e só retornando a suas residências na manhã do dia seguinte. Não eram raros os momentos em que as casas ficavam cheias de gente, com as famílias reunidas para apreciarem um bom churrasco e muitas brincadeiras. As crianças, criadas todas juntas, gozavam de uma infância muito saudável e repleta de amigos. Elas se divertiam muito na piscina e principalmente durante as festividades de comemoração de seus aniversários.

Era um tempo em que não havia violência, furtos ou roubos, e todos gozavam de confiança e hospitalidade entre a comunidade e também para com os forasteiros. As

peessoas dormiam com as portas de suas casas abertas, largavam todos os seus materiais e bens sem nenhum cuidado, e os caminhantes que passavam e pediam abrigo nos arrabaldes eram logo acolhidos por suas famílias. Aquela gente vivia ainda em meio a muito verde das matas e fazia parte de seu cotidiano o encontro e a observação de animais mateiros. A Fazenda da Barra possuía uma mata nativa de setenta alqueires que chegava até o Córrego das Palmeiras. Naquela floresta preservada podíamos encontrar vários tipos de animais silvestres como o cateto, o veado, o quati, o guaxo, a paca, o caixeiro do mato e a seriema.

Apesar daquela vida social intensa em meio a um ambiente saudável de existência, algumas questões se mostravam muito problemáticas para aquela população e exigiam grandes esforços coletivos para o contorno de situações complicadas, principalmente no que se referia ao conforto doméstico, ao transporte, à saúde e à educação. Naquele tempo, pouquíssimas pessoas tinham acesso à condução automotiva própria. Os principais meios de locomoção daquele pessoal eram as bicicletas, cavalos, charretes ou o ônibus circular. Para piorar a situação, este último meio de transporte era problemático, pois só passava três vezes ao dia - às seis da manhã, às onze horas e a meia noite -, demorando uma hora e meia para ir ao centro da cidade e três horas e meia para retornar à região das Palmeiras. A única via de acesso a aquela localidade era a Estrada das Palmeiras – ainda totalmente de chão de terra – e a urbanização ainda estava longe dos arredores daquela região rural. Ainda não havia nenhum tipo de pronto atendimento médico de forma que, para vencer as dificuldades de condução de pessoas enfermas para os postos de saúde da região urbana da cidade, as pessoas recorriam às poucas famílias que possuíam veículos automotores e que prontamente forneciam auxílio aos mais necessitados. A família Galego é lembrada como uma das mais prestativas da região no que se refere a esta prontidão em oferecer assistência a sua gente naqueles casos de emergência.

Em relação à educação havia apenas uma pequena escola estadual quase totalmente esquecida pelos poderes públicos - tanto do estado como do município - e em condições muito ruins para atender as crianças da região. No entanto, esta situação de descaso com a educação da comunidade aliada ao difícil processo de transporte e locomoção não impediam que as crianças viessem estudar naquele único estabelecimento de ensino das redondezas. Alguns pais de alunos traziam seus filhos através de charrete, de trator ou de bicicleta. Havia ainda um certo número de crianças que, para poderem prosseguir em seus estudos, todos os dias vinham a pé da Fazenda da Barra e do Peripau, enfrentando distâncias de até cinco quilômetros em longas caminhadas naquelas estradas e vias de terra. A escola funcionava em dois períodos - matutino e vespertino - e havia duas professoras para atender de quarenta a quarenta e cinco alunos. Em razão da precariedade estrutural deste estabelecimento, da falta de funcionários e da inexistência de ajuda pública na manutenção predial, a própria comunidade se organizava nas tarefas de limpeza das salas e do pátio e na estruturação do fornecimento de água e luz. Esta organização era liderada pela Dona Geralda - que era comendadora da igreja Santa Rita de Cássia e coordenadora da escola - que ia de casa em casa buscar os pais para as reuniões. Nestas ocasiões os pais de alunos e pessoas da comunidade interessadas na educação das crianças discutiam e planejavam ações para melhoria da infra-estrutura e manutenção da escola, cada qual fornecendo espontaneamente - segundo suas possibilidades - serviços e/ou materiais para esta instituição.

Em 1984, a Fazenda Santa Maria, com 90 alqueires de extensão e que abrangia o engenho da família Pômpolo, foi vendida para o Sr. Ricardo Titoto. A família Pômpolo ainda assim permaneceu por mais dois anos vendendo o restante da produção da pinga *Palmeirinha*, aguardente intitulada com um nome em alusão à localidade, o Bairro das

Palmeiras. Esta família era muito querida na região pelos seus serviços prestados a população local, principalmente no que se refere ao fornecimento de água para as atividades de funcionamento e limpeza da escola. Quando a família Pômpolo foi embora, houve um corte neste abastecimento de água, o que exigiu da comunidade uma nova organização para sanar o problema. Os pais de alunos se mobilizaram por conta própria e providenciaram a construção do encanamento de água, a compra de mangueiras, a alocação de uma caixa d'água e a perfuração de um poço artesiano. Enquanto os homens faziam estes serviços estruturais suas mulheres auxiliavam varrendo a sujeira, lavando e fazendo a limpeza do prédio. A participação era grande, havendo ocasiões em que até quinze famílias estavam presentes nestes mutirões de solidariedade à escola. Era um tempo em que todos se tratavam com muito respeito, havia união no namoro, os alunos obedeciam e não agrediam as professoras e não existiam drogas no ambiente escolar. As famílias do professor Angerami e da Dona Geralda se constituíram em figuras muito importantes na árdua tarefa de manter aquela escola em funcionamento mesmo naquelas condições de abandono pelos poderes públicos.

Seis anos mais tarde, em 1990, as terras da Fazenda Santa Maria foram vendidas e adquiridas pelo grupo Eletrorio - de propriedade do Doutor Carlos Eduardo -, e a fazenda passou a ser nomeada *Flora Agrícola*. No início desta década algumas pessoas da zona mais urbanizada de Ribeirão Preto já freqüentavam a região das Palmeiras, visitando amigos, parentes e/ou a passeio pelo local. Nestas situações, adultos e crianças aproveitavam o dia pescando, brincando no mato, soltando pipa e coletando frutos nas antigas e centenárias mangueiras que existiam na região.

Já em vista a construção de um loteamento nos arredores, o Doutor Carlos Eduardo iniciou uma negociação para a compra de cem alqueires de terra na Fazenda da Barra. Esta

tentativa foi frustrada em função da antiga proprietária desta estância impor como condição da venda a compra total de sua propriedade - e não apenas uma parte -, situação que se tornou inviável para o proponente do negócio. Com a transação não realizada, o foco do empreendimento imobiliário passou então a ser sobre a área da Flora Agrícola.

Até 1994, esta fazenda ainda era muito bem tratada, suas árvores estavam sempre bem podadas e o campo de futebol apresentava um gramado aparado e sem falhas. Neste ano fizeram a colheita da última safra de cana-de-açúcar nos domínios daquela fazenda para o início das obras de infra-estrutura e terraplanagem do novo empreendimento (Figuras 30, 31 e 32). Somente a região da várzea havia sido arrendada para uma família de japoneses e permaneceu com a cultura em andamento. A construção do novo loteamento, então denominado de Complexo Ribeirão Verde, foi feita de forma extremamente rápida - pelas dimensões da iniciativa empreendida -, com a presença de vários engenheiros e de intensa movimentação de máquinas, tratores e grades. Em um ano já iniciaram as vendas dos lotes através de uma parceria entre as empresas privadas Engindus – Engenharia Industrial Ltda e Protenco – Projetos Técnicos e Construções Ltda – empreendedoras do loteamento - e o poder público através da Companhia Habitacional de Ribeirão Preto, com o financiamento realizado pela Caixa Econômica Federal.

Neste início da década de 1990, o Brasil estava vivendo um momento de muita instabilidade econômica, com altas taxas de inflação e muita dificuldade principalmente para as classes menos abastadas da população. Os valores relativamente acessíveis das parcelas e o financiamento em quarenta prestações para aquisição dos lotes do Complexo Ribeirão Verde atraíram uma multidão, que se aglomerava em uma longa fila em frente ao local da COHAB – na Avenida Arnaldo Vitaliano - de venda e cadastro dos adquirentes, naquele único dia de negociação. Era um contingente enorme de pessoas, aguardando o dia

Figura 30. Vista aérea do novo empreendimento. Fonte: FIPAI, 1995.



Legenda:

- (1) Mata da Fundação Sinhá Junqueira.
- (2) Cana-de-açúcar no entorno do empreendimento.
- (3) Cana-de-açúcar na área do Jd. Diva Tarlá de Carvalho.
- (4) Mata Reserva Legal do Complexo Ribeirão Verde.
- (5) Antiga sede da fazenda Flora Agrícola (atual área institucional).



Figura 31. Vista aérea a sudoeste da margem direita do Córrego das Palmeiras. (1) Córrego das Palmeiras; (2) Rodovia SP-330; (3) Várzea; (4) Empreendimento. Fonte: FIPAI, 1995.



Figura 32. Vista aérea a norte-nordeste do empreendimento. (1) Rio Pardo; (2) Granja; (3) Mata da Fundação Sinhá Junqueira; (4) Cana-de-açúcar na área do futuro bairro Jd. Diva Tarlá de Carvalho. Fonte: FIPAI, 1995.

inteiro de baixo de um sol ardente. Muitas mães trouxeram seus filhos, havia vários parentes e familiares na mesma fila, além de um grande número de desempregados, todos com um só desejo: conseguir um lote no Complexo Ribeirão Verde, construir a casa própria e fugir do pagamento de aluguel.

Alguns até que gostariam de ter adquirido dois lotes por acharem o preço barato, mas não tinham o montante de dinheiro necessário para a compra dos terrenos naquele momento. Muitos chegaram na fila de madrugada e esperaram o dia inteiro para realizarem a tão almejada transação. Aqueles que souberam da venda e do financiamento dos lotes e não puderam comparecer no dia pediam para seus parentes e/ou amigos para fazerem o negócio por eles e reservarem um lugar naquele novo loteamento em construção. Outros que podiam estar no dia de aquisição dos terrenos, mas que não possuíam a quantia necessária para quitação da entrada do parcelamento, utilizavam-se de táticas de solicitação de ajuda financeira para amigos, parentes ou para conhecidos - como seus patrões e chefes de serviço - com melhor poder aquisitivo. A procura era tamanha que várias pessoas que não estavam com a documentação em ordem e voltaram depois no mesmo dia para completar o negócio já não conseguiram adquirir seu pedaço de terra.

4.2.2. A paisagem de formação do Complexo Ribeirão Verde

O início da formação do Complexo Ribeirão Verde é rememorado por seus moradores como de tempos difíceis e de sofrimento. Advindos de várias outras cidades e estados do Brasil estas pessoas vieram para Ribeirão Preto com a esperança de um lugar que ofereceria oportunidades de melhoria nas condições de suas vidas. Antes de aportarem em seus novos locais de moradia passaram por diversos bairros de Ribeirão Preto, principalmente em razão de suas sucessivas mudanças de emprego e/ou situações de

desocupação trabalhista, relacionadas com circunstâncias particulares e/ou de contexto econômico regional e nacional. Esta instabilidade financeira causava-lhes uma enorme angústia pela preocupação de sustento de suas famílias, o que trazia a reboque um anseio desesperador de fugir do pagamento de residências alugadas. Para estas pessoas, morar em locais que não fossem de suas propriedades imprimia-lhes um sentimento de não liberdade e de impossibilidade de sonhar um futuro mais promissor. O conhecimento do lançamento da venda de lotes urbanizados financiados com prestações de valores relativamente acessíveis do Projeto Ribeirão Verde propiciou novas esperanças de construção da casa própria em seus futuros adquirentes. Foram estes sentimentos - de agonia e de novas perspectivas - que estimularam o impulso inicial necessário para que estas pessoas enfrentassem situações mais penosas de existência, de modo que antes mesmo da entrega oficial dos lotes já iniciaram as obras de edificação de suas moradias.

A situação de pressa e de antecipação da construção das novas casas dificultava o andamento de suas obras e a própria vida destas pessoas em função da infra-estrutura do loteamento ainda se encontrar inacabada. Muitos passaram apurados, pois não tinham água encanada no começo e o poço do bairro só viria a ser perfurado algum tempo depois. Somente quem morava perto do poço da sede da antiga fazenda pegava água direto desta fonte de abastecimento. As empresas construtoras do empreendimento ajudavam os moradores mais necessitados, ligando a bomba hidráulica e mantendo o fornecimento de água através de grandes tambores disponíveis à população.

A construção de grande parte das casas no início da formação daquele conjunto habitacional foi desenvolvida pelos próprios moradores, que durante a semana esticavam suas jornadas de trabalho nesta atividade e nos finais de semana contavam com a ajuda de parentes e amigos no trabalho de edificação. Uma sensação de sofrimento era impressa

pelas longas jornadas de trabalhos diários durante a fase de construção e pelas condições de isolamento geográfico do loteamento em relação ao restante da cidade. A difícil situação econômica e de aflição durante o período de edificação das moradias trazia limitações na execução dos projetos estruturais almejados por seus moradores. A conclusão das casas sem um maior espaço desejado trouxe alguns ressentimentos em seus edificantes que ficavam impossibilitados de uma melhor organização de suas moradias e de realizarem algum tipo de hobby. Muitos construíram suas casas sem plantas arquitetônicas, conforme suas necessidades momentâneas e sem saber da existência destes desenhos estruturais disponíveis na sede da COHAB. Outros, mesmo sabendo da existência e disponibilidade destes dispositivos legais e de planejamento das moradias para todos os adquirentes, edificaram suas residências conforme suas condições financeiras e de vida presentes. Dessa forma, raros eram os exemplos de moradores locais que possuíam documentação completa do terreno e do imóvel e detectava-se uma quase inexistência de planejamentos arquitetônicos profissionais.

Toda a determinação e esforço conjunto entre amigos e parentes dos novos donos daqueles terrenos urbanos possibilitavam uma rápida edificação e a mudança residencial para o loteamento em poucos meses. Muitos faziam apenas um cômodo, cobriam com lona, deixavam a laje sem rebocar, o chão apenas com o contra-piso e já se mudavam para o local. Em período que logo se sucedia a esta conturbada situação vinham suas primeiras reflexões sobre aquele momento difícil da vida de suas famílias. Estas lembranças são tidas como formadoras de uma identidade trabalhadora, visto que se transformavam naquele momento em sentimentos de orgulho e êxtase diante de uma conquista tão suada. Tais sentimentos de realização pessoal vinham muitas vezes acompanhados de um

reconhecimento afetivo nas relações com aqueles amigos, vizinhos e parentes que ajudaram e estiveram presentes naqueles momentos difíceis.

Até o lançamento oficial do Complexo Ribeirão Verde as questões referentes ao transporte ainda eram muito precárias. A Estrada das Palmeiras não era asfaltada e havia poucos ônibus que se dirigiam para as áreas mais centrais da cidade. Estes circulavam pela região de forma irregular em poucos horários do dia e sem nenhum corujão – ônibus que circula tarde da noite – para atender as necessidades de emergência ou diversão daquela população. A única linha circular que rodava por ali era o itinerário *Palmeiras*, que passava pela Estrada das Palmeiras em direção às chácaras, mas não adentrava sobre o perímetro do loteamento que se formava. Aquilo obrigava os moradores das áreas mais altas e distantes do Complexo Ribeirão Verde a fazerem longas caminhadas em direção a aquela estrada de terra em busca de condução para as suas necessidades de transporte.

As pouco mais de trinta famílias que já moravam no bairro e que necessitavam de condução para trabalhar começaram a se conhecer nos pontos de ônibus – locais não indicados, mas habituais de parada dos circulares – e a se mobilizar para contornar aquela penosa situação. Iniciada por um grupo de mulheres, aqueles primeiros habitantes organizaram um abaixo-assinado e foram até a sede da empresa responsável pela administração dos itinerários de ônibus na cidade – Transerp - para reivindicar uma linha de transporte circular com horários mais frequentes e que passasse dentro do Complexo Ribeirão Verde. Este pedido foi negado inicialmente por alegação de que as empresas de ônibus não abririam uma linha para o local para atender um número tão pequeno de passageiros.

Além da debilidade infra-estrutural e do transporte, a situação dos desbravadores daquele futuro conjunto habitacional era extremamente penosa até nas ações mais simples

do dia-a-dia. As famílias passavam as noites sem saírem de seus domicílios, quase não transitavam pelas ruas do loteamento - devido as enormes distâncias que separavam uma casa das outras e pelo medo da escuridão – e permaneciam incomunicáveis com seus amigos e parentes de outras localidades, pois não existia ainda linha de telefonia fixa no bairro. Havia apenas um orelhão público para atender toda aquela população de modo que sempre se formavam imensas filas nos horários após as jornadas de trabalho para a utilização daquele único bem de serviço coletivo. Para poderem comer um pão fresquinho no café da manhã as pessoas tinham que se dirigir até o bar do Galego - na Estrada das Palmeiras - para fazerem suas compras, pois não havia ainda nenhum tipo de comércio no loteamento (Figura 18). Naquele tempo, os pioneiros que tentavam abrir algum negócio no Complexo Ribeirão Verde logo viam as suas portas se fecharem pela falta de clientela e geração de capital de giro para continuarem o funcionamento de seus estabelecimentos. Apesar da intranqüilidade destes primeiros moradores em relação à segurança diante de um bairro tão afastado, incomunicável, quase deserto e sem iluminação noturna, ainda não eram registrados casos de furtos, roubos ou outros delitos na localidade.

A várzea que existia na periferia da antiga fazenda permaneceu sendo cultivada por mais dois anos – desde que iniciaram a construção do empreendimento - até que, em 1996, com o loteamento em estágio avançado de conclusão e já com algumas famílias residindo no local, a área foi totalmente colhida e não mais utilizada para a lavoura (Figura 31). Com o início oficial do loteamento, em 1998, algumas medidas foram tomadas pelos construtores para atender as exigências legais do novo empreendimento em função de seus passivos ambientais. Uma das medidas adotadas foi o desenvolvimento de um projeto de plantio de mudas de espécies nativas na extensão da várzea - outrora cultivada com a cana-de-açúcar - transformando aquele local em uma área de reflorestamento. Uma outra ação

nesta direção foi a adequação de uma das casas da sede da antiga fazenda – anteriormente uma moradia de um dos administradores da Flora Agrícola - em um Centro de Educação Ambiental, a fim de dar suporte para as atividades pedagógicas e compensatórias – reflorestamento e arborização urbana – no Complexo Ribeirão Verde (Figura 18). O restante das casas - dos antigos tratoristas e mecânicos que viviam naquele espaço – e outras áreas de lazer – campos de areia e de futebol - foram passados para os domínios e cuidados da associação de moradores local e da prefeitura municipal. O grupo de ex-moradores expropriados daquele espaço pela desativação das funções administrativas da sede da antiga fazenda foi então chamado na sede do grupo Eletrorio para escolher terrenos próximos no loteamento para construção de seus novos domicílios, constituindo quase que uma rua inteira de residentes que já se conheciam de longa data. Muitos dos integrantes destas famílias deixaram as atividades agrícolas do cultivo da cana e foram contratados pela Brascopper – uma empresa de confecção de fios e cabos elétricos - também de propriedade do Doutor Carlos Eduardo.

A partir deste período - já com a infra-estrutura de água, asfalto e energia elétrica concluída e com a permissão legal de construir casas - o Ribeirão Verde foi rapidamente ocupado em um processo que marcou este complexo como um dos lugares de maior e mais rápida expansão urbana de Ribeirão Preto. Muitas vezes a opção pelo local da moradia foi influenciada pelas afinidades com as identidades culturais de seus adquirentes. A proximidade com a mata e a distância de um lugar com maior aglomeração foram exemplos de locais privilegiados em relação a outros mais centrais e com maior movimento de pessoas. Em outras vezes, a escolha era determinada pela vontade dos moradores de abrirem seus próprios negócios naquele novo conjunto habitacional que se formava. O fato é que aquele cenário - que há pouco tempo era despovoado - virou um grande *formigueiro*

humano, com diversas famílias aportando ao Complexo Ribeirão Verde em um curto espaço de tempo, transformando aquela paisagem até então rural em um grande canteiro de obras. Havia intensa colaboração recíproca neste estágio de desenvolvimento do loteamento com as pessoas emprestando ferramentas e trocando materiais de construção. Foi um período de inúmeros mutirões de trabalho, muita restrição econômica, excessivo cansaço físico, mas também de grandes conquistas daquelas pessoas humildes e trabalhadoras, que fizeram da cooperação e da ajuda mútua os marcos iniciais do surgimento de grandiosas e duradouras amizades.

No entanto, a chegada repentina de pessoas provenientes de locais espaciais e culturalmente muito distintos trouxe também na vizinhança já instalada um primeiro sentimento de insegurança perante o próximo. Aqueles antigos moradores da propriedade rural que se mudaram recentemente para residências no novo loteamento urbano deixaram de criar animais de abate e transporte todos soltos na antiga sede da fazenda em razão dos sucessivos casos de furto destes bichos por pessoas desconhecidas que passaram a residir ou transitar pela região. Pouco a pouco foram perdendo o sentimento de liberdade e começaram a vender e a se desfazerem de seus animais. Nestes primeiros anos após a entrega oficial do loteamento a população do Ribeirão Verde se sentia temerosa diante dos sucessivos casos de roubos e furtos semanais que se sucediam nas casas e nos ônibus que passaram a circular neste complexo, além de alguns casos de homicídios e assédios sexuais ocorridos na localidade. A quantidade de terrenos ainda não edificadas aumentava aquele sentimento de insegurança pela vulnerabilidade em que os moradores estavam expostos e perante a impossibilidade de contensão daqueles crimes. Estas situações fizeram com que as vizinhanças, na medida em que se aproximavam, usassem estratégias de convivência local e ajuda mútua, através de vigílias coletivas de suas casas e pertences diante de

qualquer movimentação suspeita nas redondezas das residências. Um outro caso de violência observado no loteamento foi o estupro de uma adolescente nas proximidades da estrada de terra que dá acesso a antiga sede da fazenda, à EMEF Prof. Domingos Angerami e mais recentemente à escola Sathya Sai (Figura 19). Este episódio modificou o comportamento cotidiano das mães de alunos que deixaram de andar sozinhas e passaram a andar em grupos, formando pequenas caravanas para levarem e trazerem seus filhos das escolas. Por estas diversas e inseguras circunstâncias e pelo choque cultural de pessoas estranhas que chegavam de diversas regiões, as primeiras aproximações entre os moradores do novo bairro se transformavam em momentos de isolamento, de desconfiança perante o próximo e de frieza nos relacionamentos iniciais. Até que vários contatos e aproximações fossem propiciados estes relacionamentos permaneciam distantes e sem muita amostra de afeição.

Em 1999, cumprindo as determinações da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação no Brasil referentes à municipalização do ensino fundamental, a escola estadual que existia na Estrada das Palmeiras foi repassada para as obrigações do município e transformada na EMEF Prof. Domingos Angerami, em homenagem ao professor que vivia na região (Figura 16). Esta mudança de responsabilidade exigiu do governo municipal a abertura de novas vagas para o magistério através de um concurso público. Apesar da precariedade estrutural do prédio, dos poucos equipamentos e materiais de ensino que a escola possuía e da grande distância até as regiões mais centrais da cidade, muitos professores escolheram aquele estabelecimento de ensino por perceberem um clima mais calmo e não tão perigoso em relação a outras escolas melhor posicionadas, além de uma empatia revelada para com a antiga diretora.

O início do funcionamento daquela escola foi marcado por um período muito conturbado no que se refere ao trabalho docente cotidiano. O prédio iniciou o ano letivo em reformas para atender o aumento da demanda constante de alunos requerendo vagas, fazendo com que as salas de aula da EMEF Prof. Domingos Angerami funcionassem em quartos emprestados pela associação de moradores, pelo Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde e em recintos do antigo casarão da sede. O número de salas era insuficiente pela quantidade de alunos, fazendo com que as aulas fossem ministradas em três períodos bem enxutos – de 6h e 45min às 10h e 45min, de 10h e 45min às 14h e 45min e de 15h e 45min às 18h e 45min - e em horários sucessivos. Somente as turmas do último período tinham aulas na escola em reformas, pois o ambiente da sede ficava muito escuro, não tinha comunicação telefônica e não oferecia segurança para as crianças e pais de alunos durante o primeiro semestre letivo em que esta situação persistiu.

O processo de mudança de perfil da população local de características rurais para urbanas foi muito expressivo no ambiente escolar da EMEF Prof. Domingos Angerami, sendo bem representado e percebido pelos profissionais que trabalharam e viveram na escola durante todo o período de formação do Complexo Ribeirão Verde. Até o ano de 2000, as crianças que estudavam nesta escola eram eminentemente provenientes das chácaras da região das Palmeiras, alguns alunos do bairro Jardim Aeroporto - que ainda não possuía um estabelecimento de ensino fundamental - e pouquíssimos estudantes moradores do Complexo Ribeirão Verde. Eram alunos muito carentes no que se referia às condições da vida moderna – sem televisão e telefone – e sem recursos financeiros para compra de materiais e roupas que não estritamente necessários. Nas festas juninas, por exemplo, não haviam fantasias ou acessórios comprados especificamente para as ocasiões. As famílias trajavam seus filhos de forma muito simples, apenas com as vestimentas cotidianas bem

arrumadas e os rostos dos alunos pintados. A escola dificilmente conseguia arrecadar dinheiro nestas comemorações, pois poucos tinham dinheiro para brincar ou comprar as guloseimas típicas da festividade.

Além de não gozarem de uma situação financeira favorável, os infantes apresentavam dificuldades iniciais de aproximação com a escrita e com o manuseio de materiais didáticos, e viviam em um ambiente com pouquíssimo acesso a revistas, jornais e livros, como sinal de um cotidiano basicamente não letrado. De fato, o dia-a-dia destas crianças era marcado pelas árduas tarefas domésticas das chácaras, pelo cuidado com os animais de abate e pela ajuda fornecida aos pais nos afazeres da lavoura.

Apesar de limitados em questões econômicas e de letramento, a vida no campo parece ter propiciado um desenvolvimento acentuado em outras características e habilidades humanas nas crianças. Tinham talvez, por isso, percepções temporais sobre processos naturais diretamente ligados ao trabalho rural como as observadas sobre o clima, as estações do ano e os ciclos da vida, muito mais aguçadas em relação aos meninos e meninas do Jardim Aeroporto e do Complexo Ribeirão Verde. Suas conversas giravam em torno de atividades ao ar livre e em meio à natureza como passear no mato, nadar no rio e pescar. Possuíam grande agilidade motora na confecção de seus próprios brinquedos e demonstravam conhecimento e desenvoltura na execução destas atividades, habilidades estas aparentemente passadas de pai para filho e muito praticadas de forma habitual. Os alunos provenientes do bairro vizinho e do loteamento em formação até tinham a ciência de confeccionar alguns brinquedos artesanais, mas parecia que as crianças originárias das chácaras sabiam produzi-los de uma forma mais bem acabada e com maior destreza. Estas, em diversas ocasiões, chegavam a ensinar os seus amigos de origens mais urbanas a elaborar ou aperfeiçoar os seus brinquedos e jogos infantis. As atividades lúdicas, as

músicas e as cantigas de roda daquelas crianças eram bem tradicionais. As brincadeiras eram sempre desenvolvidas em grupos mistos de meninas e meninos, muito diferentes das realizadas por grupos de crianças das regiões mais centrais da cidade e mais parecidas com aquelas praticadas pelas professoras em suas infâncias.

Apesar da carência financeira, as famílias dos alunos apresentavam boas condições de aquisição de alimentos hortifrutigranjeiros, que eram periodicamente ofertados às professoras em ocasiões festivas e comemorativas da escola. O analfabetismo dos pais de alunos ficava evidente quando a direção e/ou o corpo docente utilizava-se de bilhetes escritos para informar a aqueles adultos sobre algum evento ou compromisso escolar. Nestas situações, os profissionais da educação começaram a utilizar táticas de transmissão de informações via oralidade, através de recados falados e repassados para os pais ausentes por outros adultos que vinham buscar seus filhos na escola. Esta tática produzia bons resultados, com as informações rapidamente se espalhando pelas cercanias, o que sugeria a existência de uma certa coesão na comunidade.

Ainda nesta época, a maioria das crianças era trazida para a escola de bicicleta, charrete, ou vinha a pé do Jardim Aeroporto, das chácaras e até - em longas caminhadas de quarenta minutos - de outras localidades bem distantes como as do Caiçara. Mesmo com as dificuldades de uma realidade não letrada, da vida pesada das tarefas do campo e de precárias condições de transporte, as famílias eram mais presentes na escola, dificilmente não comparecendo nas reuniões de pais e mestres ou em ocasiões de problemas com seus filhos. Percebia-se que nestas situações os pais largavam seus afazeres na roça e apresentavam-se com suas vestimentas de trabalho somente para conseguir conversar com os professores, mesmo que precisassem ser muito breves e voltar rapidamente para o serviço. O modelo de família mais freqüente era a estruturada por um pai, uma mãe e vários

filhos. Estas crianças mantinham um acatamento muito grande para com as ordens das professoras por medo dos castigos impostos pela educação rígida de seus pais nos casos em que suspeitassem que seus filhos teriam desrespeitado o corpo docente e/ou a direção da escola.

Em 2001, a situação da procura de vagas na EMEF Prof. Domingos Angerami começava a se acentuar. Naquele ano, a inauguração da EMEF Prof.a Geralda de Souza Espin – nome homônimo e em homenagem à falecida Dona Geralda - na região central do Complexo Ribeirão Verde desafogou a difícil situação de inchaço de matrículas apresentado naquela antiga escola da região e possibilitou o oferecimento de vagas para as centenas de crianças que não paravam de chegar ao loteamento (Figuras 15 e 19). Neste período de consolidação deste conjunto habitacional era freqüente a chegada de novos alunos na escola durante todo o ano letivo, assim como as idas e vindas de crianças que já estudavam por ali e que acompanhavam as sucessivas mudanças de localidades residenciais de seus pais em função de suas difíceis circunstâncias financeiras. Estes adultos, muitas vezes desempregados, mudavam-se com toda a família para locais mais afastados ao sinal de qualquer serviço remunerado, mas findado o acordo de trabalho retornavam para o mesmo loteamento e rematriculavam seus filhos na mesma escola.

As sucessivas chegadas e saídas de alunos atrapalhavam o andamento das aulas ministradas pelas professoras da EMEF Prof. Domingos Angerami, pois elas não conseguiam dar uma contínua seqüência em suas disciplinas curriculares pela necessidade de retomada das lições a cada nova mudança do corpo discente. Para piorar esta situação, em 2002, com a construção de um novo estabelecimento de ensino municipal no Jardim Aeroporto, as turmas foram totalmente rearranjadas no meio do ano letivo em função do grande número de crianças que se transferiram para a escola no ou próxima de seus bairros

residenciais, exigindo um novo processo de readaptação. Mesmo com esta grande saída de alunos que se transferiram para o bairro vizinho, a EMEF Prof. Domingos Angerami continuou em constante processo de reforma predial para atender a enorme demanda por novas matrículas. Em pouco mais de um ano houve uma superlotação das classes existentes e um déficit no número de vagas na escola.

A partir do ano de 2002, o grupo de chacareiros foi gradualmente diminuindo - quantitativamente e percentualmente - sua presença na composição da população local com a expansão e crescimento do Complexo Ribeirão Verde. Aqueles antigos trabalhadores rurais começaram a mudar das chácaras para a cidade em busca de maior conforto e de oportunidades de empregos, pois muitos foram dispensados de seus afazeres por questões legais. A quantidade de processos judiciais de empregados sobre seus patrões em relação ao registro e o pagamento de direitos trabalhistas promoveu uma mudança no aspecto das contratações de funcionários pelas pequenas propriedades rurais. Os chacareiros deixaram de residir em seus locais de trabalho, mudaram-se para regiões mais urbanizadas e passaram a ser contratados como autônomos em serviços específicos e temporários.

A maioria das famílias que moravam na Fazenda da Barra (Figura 19) e no Peripau também se mudou para o Complexo Ribeirão Verde. A migração destes trabalhadores do campo para a cidade em busca de emprego e as chegadas maciças de novos moradores provenientes de outros bairros do município transformaram o perfil dos habitantes de uma origem essencialmente rural em uma de características mais urbanas. Tal fenômeno foi bem representado no ambiente escolar através da inversão na relação percentual entre os alunos oriundos das chácaras e os estudantes provenientes das áreas urbanizadas, agora com uma predominância deste segundo grupo sobre o primeiro. Esta mudança trouxe reflexos para o comportamento infantil e dos pais no que se refere ao cotidiano escolar. Apesar das

melhorias econômicas das pessoas - após o período de restrição econômica possivelmente causada pela construção de suas moradias – e de muitos já possuírem seus próprios meios de auto-locomotoão – muitos já traziam seus filhos para a escola de moto e de carro – os pais passaram a ser mais ausentes nas festas e reuniões da escola e acompanhar menos o aproveitamento escolar de seus filhos.

As famílias dos alunos já não possuíam mais um desenho tradicional no sentido de serem formadas por um casal fixo – um pai e uma mãe – e seus filhos. Fruto de um emaranhado de relacionamentos conjugais distintos, os adultos e crianças que originaram uma representativa parcela de moradores do Complexo Ribeirão Verde agora eram, respectivamente, cônjuges em seu segundo ou terceiro casamento e filhos de diferentes pais e mães convivendo no mesmo ambiente domiciliar. Muitos conflitos gerados nestas famílias de estrutura mais complexa não eram bem assimilados por seus filhos e afilhados e se refletiam em formas agressivas de comportamento e em casos de indisciplina escolar por parte destas crianças. As conversas naquele meio infantil deixaram de estar pautadas em práticas comuns de crianças que viviam em meio rural – como nadar no rio, passear no mato, pescar, dar comida aos animais e cuidar da horta – e voltaram-se para assuntos mais relacionados a programas televisivos e assuntos experimentados no bairro. As brincadeiras também passaram a ser mais individualizadas ou feitas em pequenos grupos de meninos e meninas separados, pois muitos pais passaram a não deixar seus filhos brincarem com outras crianças na rua ou na escola por sentirem que as suas brincadeiras seriam mais brutas e menos inocentes do que eram antigamente.

O que se observa atualmente é que as crianças vivem em uma realidade muito distinta e isolada em relação ao restante da cidade de Ribeirão Preto, dificilmente se aventurando em deslocamentos para fora do perímetro da região das Palmeiras. Andam

muito por todo o Complexo Ribeirão Verde para fazerem compras e ajudarem nas necessidades domésticas diárias de suas famílias. Brincam muito na rua mais com crianças que moram próximas as suas casas do que com companheiros de classe, mas sabem perfeitamente onde são as residências de seus amigos ou colegas de escola. Estas crianças conhecem muito bem as diferentes ofertas praticadas pelos comerciantes locais, apresentam facilidade em lidar com o dinheiro e conhecem vários pontos de referências da região. Por isso, quando as professoras criam situações problemáticas de ensino envolvendo analogias com as realidades presentes no Complexo Ribeirão Verde, os alunos logo obtêm êxitos em suas análises e respostas.

Em relação às questões ambientais muitos comportamentos culturais e sociais das famílias associados às limitações espaciais dos terrenos têm influenciado em mudanças de projetos arquitetônicos das casas e na impermeabilização quase que total das áreas dos lotes residenciais. Algumas famílias de origem interiorana e rural têm na cozinha um espaço cotidiano considerado o mais informal de suas residências, onde gostam de trazer seus parentes, familiares e amigos para fazerem uma boa refeição conjunta e prostrar por longos períodos. Para que possam gozar destes comportamentos culturais estas casas precisam ter uma cozinha com grandes dimensões, o que acarreta uma ampliação deste recinto e conseqüentemente uma reestruturação de outras partes da moradia. Associado a este fato, a utilização de piso branco nas cozinhas e outras áreas das casas – cor associada a um sentimento de limpeza - e o reduzido espaço para corredores laterais de acesso aos cômodos têm feito as mulheres pedirem aos seus maridos que cimentem qualquer espaço ao menor sinal de possibilidade de sujar de terra o chão que elas limpam. Nas situações sociais referentes ao crescimento familiar por agregação de mais parentes e/ou pessoas no ambiente domiciliar ou por nascimento de mais filhos, existe a necessidade de um novo

processo de edificação de cômodos e de outras áreas para facilitar as novas demandas de atividades domésticas. As casas e as áreas desocupadas são modificadas não apenas por aspectos de crescimento familiar, mas também por necessidades de lazer de seus moradores, que vivem executando reformas e ampliações de seus imóveis assim que as suas condições financeiras apresentam alguma melhora. Desta forma, foram raras as vezes que as plantas das casas oferecidas pela COHAB atendiam as necessidades circunstanciais - econômicas, culturais, de crescimento familiar e de lazer - de vida das famílias adquirentes daqueles terrenos populares, de modo que nas situações em que se fazia necessário um aumento da área construída das casas ocorria uma dificuldade ou impossibilidade de modificação estrutural na reforma destas residências.

Além destes exemplos de determinantes culturais e sociais, alguns limitantes de situação econômica dos moradores do Complexo Ribeirão Verde têm contribuído para o surgimento de conjunturas de degradação ambiental neste loteamento. Um exemplo freqüente de execução de obras ligado à restrição financeira e que trouxe prejuízos para a infra-estrutura de saneamento básico local foi a ligação dos encanamentos das águas pluviais na rede de esgoto no momento da edificação das novas casas. A necessidade de economizar recursos em uma fase financeiramente tão difícil para as famílias – a de construção da moradia própria – fazia com que seus integrantes limitassem a compra de tubos e conexões para o desenvolvimento de uma estrutura correta. Este procedimento incorreto por parte de inúmeros moradores do bairro tem gerado rompimentos nos condutores subterrâneos das ruas do loteamento nos períodos de chuvas intensas, pois sua estrutura não fora dimensionada para o volume de efluentes do loteamento acrescidos pelas suas águas pluviais (Figura 33). A partir daí, as águas pluviais se misturam ao esgoto,

extravasam pelas ruas e escoam pelas galerias de águas pluviais do loteamento, indo em seguida desaguar e contaminar os corpos d'água da região.



Figura 33. Rede de esgoto sem tampa em meio a uma avenida entre os bairros Jd. Florestan Fernandes e Jd. Diva Tarlá de Carvalho (18 de jul. 2005).

No que se refere às medidas de preservação e recuperação ambiental adotadas pelos empreendedores, as pessoas parecem respeitar os limites de aproximação da mata e do reflorestamento, sendo registrados pouquíssimos casos de vandalismo ou entradas escondidas de curiosos e/ou mal intencionados nas trilhas ali instaladas sem uma autorização prévia cedida pelos responsáveis daqueles ambientes. Quando transitam pelas proximidades da mata, os moradores observam sua feição, ficam impressionados com sua beleza estética, consideram muito interessante a sua existência e ficam curiosos em conhecê-la.

No entanto uma decisão de perspectiva ambiental - tomada logo no início oficial do loteamento - de fechar a estrada de terra que passa entre a mata e a área da antiga sede - que daria acesso a uma avenida comercial e se tornaria a principal via de entrada do Complexo

Ribeirão Verde – ao acesso de veículos automotores tem gerado, até os dias atuais, um clima de insatisfação nos adquirentes de lotes comerciais da avenida contínua a esta passagem (Figura 16). Muitos destes moradores que gostariam de abrir ou já instituíram um negócio em seus terrenos alimentam um sentimento de que teriam sido enganados, em função de terem pagado prestações mais elevadas que os lotes residenciais e não terem condições de abrir um comércio lucrativo em uma avenida sem movimento de transeuntes. Estes moradores reclamam que nada sobre o fechamento da estrada foi dito para eles e que este acontecimento prejudicou o comércio desta localidade. O fluxo de pessoas e veículos se deslocou para o atual acesso principal do Complexo Ribeirão Verde (Rua Emygdio Rosseto) e muitos dos comerciantes da rua sem continuidade para a Estrada das Palmeiras mudaram-se para aquela principal via comercial (Figura 34).



Figura 34. Rua Emygdio Rosseto, via comercial e principal do Complexo Ribeirão Verde. Estacionadas à esquerda da rua (ao fundo da foto), vans do programa *Leva e Traz* (18 de jul. 2005).

Já em relação com um outro tema ambiental deste loteamento, a arborização urbana aparece como uma questão ainda parcialmente resolvida e que exige ações mais complexas para atingir uma efetividade maior. Foram de dez a doze mil mudas de árvores produzidas

no viveiro do Centro de Educação Ambiental do Ribeirão Verde e plantadas nas áreas verdes do bairro – quarenta e dois mil mudas produzidas e plantadas se considerarmos as áreas de reflorestamento e manejo - mas que não chegaram totalmente em seus estágios de desenvolvimento adulto. Condições de planejamento urbanístico e estrutural do loteamento relacionadas com a grande dimensão das áreas destinadas à construção de praças e a falta de pontos de água de uso público nestes locais limitavam um cuidado destes espaços por parte dos moradores de suas proximidades (Figura 35). A saúde destas pessoas também interferia neste contexto, pois as atividades construtivas exigiam grandes esforços físicos dos moradores nas ações de manutenção e cuidados para com os potenciais espaços destinados às praças.



Figura 35. Área verde com grandes dimensões no bairro Jd. Diva Tarlá de Carvalho (18 de jul. 2005).

Os principais problemas detectados pelos habitantes que impediram o crescimento das árvores que formariam aqueles ambientes foram os relacionados com o pisoteio e destruição de inúmeras mudas pelo rebanho de gado que ainda pasta na região (Figura 36),

as formigas cortadeiras que existem em abundância nos locais de plantio e as queimadas urbanas freqüentes nas áreas verdes do bairro.



Figura 36. Rebanho bovino pastando livremente em área verde do Complexo Ribeirão Verde (16 de set. 2003).

O rebanho bovino parece que já existia pelas propriedades no entorno da região muito antes do Complexo Ribeirão Verde ser construído, mas começaram a pastar pelo loteamento em construção assim que a última lavoura da cana-de-açúcar foi cortada e as primeiras pessoas se instalaram no empreendimento. Até agora nenhuma providência efetiva em relação ao rebanho de gado foi tomada pelas autoridades municipais competentes, pelos empreendedores ou pela associação de moradores deste complexo, de modo que houve uma tentativa de contorno desta situação através da iniciativa de alguns moradores de cercarem as áreas que estariam cuidando com arames farpados e mourões. Outras medidas tomadas por estas pessoas preocupadas com a implementação e manutenção de áreas arborizadas no bairro se basearam no emprego de formicidas - a fim de evitar a destruição das árvores pelas formigas cortadeiras – e o combate ao fogo das

queimadas urbanas através da implantação de aceiros no entorno das áreas cuidadas por estas pessoas.

Apesar destas iniciativas serem bem limitadas em relação à totalidade de área verde existente no loteamento a ser efetivamente arborizada, esta situação apresenta-se bem promissora em relação à questão da arborização urbana nesta comunidade pelo fato de ser cada vez mais freqüente o aparecimento de iniciativas de moradores – ora por conta própria, ora por influência da vizinhança - que se interessam e prestam cuidados de implementação e manutenção de pequenos espaços públicos em frente as suas casas ou em canteiros espalhados pelo Complexo Ribeirão Verde.

No entanto, este processo de cuidados para com as áreas públicas do bairro não é consensual em toda a população deste conjunto habitacional. Parece haver uma omissão de grande parte da população no que se refere à resolução dos problemas causados pelo rebanho de gado - de degradação nas áreas verdes e de insegurança sobre a possibilidade de acidentes com as crianças e com o trânsito local - visto que este transita livremente pelo loteamento, os moradores sabem de onde ele vem, mas todos convivem com esta questão sem maiores preocupações de reversão deste quadro. Alguns grupos de moradores que trabalham em programas sociais de limpeza urbana da prefeitura acreditam também que as iniciativas de zelar por áreas verdes possam causar a demissão daqueles beneficiários pela diminuição das necessidades de seus serviços no loteamento. Outro caso de contradição nas ações de arborização urbana é o fato de que alguns moradores que cuidam de áreas verdes próximas as suas casas não se vêem interessados na resolução da questão da degradação causada pelo rebanho bovino, pois recebem e negociam a aquisição de esterco com os proprietários daqueles animais para adubar suas árvores e plantações.

Estes problemas ambientais locais são percebidos por alguns moradores como relacionados à falta de amor para com a natureza. Como solução propõem uma Educação Ambiental entendida como algo que valorize sentimentos estéticos, prazerosos, sistêmicos e comparados de natureza. Achrom ainda que a educação é a grande solução para o país e para o local, mas que para isso o processo educativo deva mudar, devendo ser menos contemplativo e informativo para se tornar mais empírico, demonstrativo e valorativo. Por isso, algumas medidas sócio-educativas são vistas como soluções para a melhoria das condições ambientais locais. Uma delas seria o incentivo ao plantio de árvores através do estímulo a trabalhos conjuntos de plantio de mudas pelos moradores do entorno dos espaços destinados às praças e as atuações coletivas de manutenção dos mesmos. Estas ações são vistas como facilitadoras, não onerosas em termos individuais e de grande eficácia para a melhoria da arborização daquelas áreas. Outra ação, agora no âmbito dos poderes legislativos e executivos da cidade, seria o incentivo legal por parte da prefeitura ao plantio de árvores em todas as residências e habitações do perímetro urbano municipal.

Independentemente daqueles que zelam pelas áreas verdes do bairro ou de outros que dificultam ou negligenciam estas ações, o fato é que na opinião de alguns moradores a inexistência de uma praça efetivamente implementada e com estrutura adequada tem limitado muitas possibilidades de integração, divertimento e de educação para a população local. As praças são vistas por muitos como importantes espaços de encontros e diversão para as pessoas de todas as idades. Estes espaços públicos formariam lugares de encontro para os casais namorarem e de pessoas idosas se divertirem, através de partidas de baralho, jogos de dama e de outras atividades lúdicas. Alguns moradores acreditam que a implantação efetiva destes ambientes recreativos diminuiria as preocupações dos pais quanto à segurança de seus filhos durante seus momentos de lazer, diminuindo os riscos de

acidentes causados por veículos que transitam nas ruas do bairro. Outra melhoria para a qualidade de vida da população local se baseia na crença de que as atividades lúdicas e pedagógicas envolventes desenvolvidas nestes locais com os meninos e meninas da comunidade afastariam o problema da ociosidade perniciosa da vida na rua – responsável, segundo alguns pais, pelo desvio de conduta moral e pela formação da delinquência juvenil – e contribuiriam para uma melhor formação destas crianças.

Interessante notar que, apesar de ser um espaço público, para alguns moradores a praça poderia ser utilizada também como um local onde as pessoas poderiam conversar sobre assuntos mais íntimos e com maior privacidade – através do controle da distância em relação aos outros frequentadores deste ambiente coletivo – do que em suas casas ou proximidades. Esta sensação de carência de ambientes reservados se dá pela pequena dimensão dos lotes, o que obriga a edificação de casas contíguas e sem a distância necessária para isolar à escuta de conversas e momentos íntimos entre a vizinhança. Em diversas oportunidades, esta situação de possibilidade involuntária de conhecimento da intimidade alheia tem feito com que as pessoas mudem suas rotinas diárias, a fim de evitar constrangimentos e manter a privacidade em respeito aos seus vizinhos.

Outra questão que toma contornos não consensuais se refere à manutenção ou não da moral nas ações desta comunidade. Para uns os atos de cada morador deveriam ser dirigidos pela responsabilidade individual e sem interferência social, enquanto que para outros a moral coletiva é que deveria organizar o comportamento de suas vidas. Esta segunda forma de maior ampliação no relacionamento e na coesão social parece ser mais evidente nos moradores de origem camponesa ou de grande contato com ambientes naturais do que naquelas pessoas provenientes de raízes mais urbanas. Além de serem mais voltadas para as tradições coletivas, as identidades daqueles moradores são fortemente marcadas por

valores relacionados com a saúde e a coragem para os afazeres diários, em função das duras necessidades impostas pelo antigo trabalho no campo. A vida urbana é vista como mais confortável, fácil e diversificada do que a do campo no que se refere ao acesso à saúde e educação, ao esforço exigido no trabalho e às oportunidades de emprego. Este grupo ainda demonstra apresentar uma percepção temporal relacionada aos ciclos da vida e de continuidade histórica das ações humanas que influenciam em suas atividades de forma a gerar um compromisso para com a coletividade e as futuras gerações.

Muitas outras questões sociais, que permeavam ou influenciavam diretamente a vida dos habitantes da localidade, também ganharam significados distintos e dividiram os julgamentos pessoais. Em meados do ano de 2003 até o final de 2004, por exemplo, diversos integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) permaneceram acampados em algumas áreas verdes centrais do Complexo Ribeirão Verde, na divisa com a Fazenda da Barra, a fim de pressionar as autoridades políticas no andamento da reforma agrária, desapropriação das terras daquela propriedade e assentamento das famílias reivindicantes. Esta ocorrência causou opiniões diversas no ambiente dos residentes locais, uns a favor de melhores condições para as famílias acampadas e outros contra a ocupação das terras vizinhas do loteamento por parte daqueles trabalhadores.

O relacionamento inicial, marcado por uma certa distância inter pessoal, não impossibilitou que seus moradores fossem gradativamente se conhecendo na medida em que iam se desfazendo as primeiras sensações de desconfiança. A maior parte dos relacionamentos mais intensos entre vizinhos apresentados atualmente são frutos ainda das amizades surgidas nos períodos sofridos e de esforço coletivo iniciais de formação do loteamento. Atualmente, poucos moradores são considerados maus vizinhos, mas são

creditados a eles vários aspectos negativos do bairro. Muitas vezes estas pessoas limitam as ações positivas de moradores preocupados com a melhoria das condições de qualidade de vida do local através de comportamentos individualistas e da falta de atitudes repreensivas diante de situações de desregramento ou inexistência de peia moral de seus filhos. Em outros casos o comportamento das crianças sofre influência direta das ações negativas de desrespeito para com o ambiente do bairro pelos próprios adultos. Estas atitudes são desaprovadas pela vizinhança que ora advertem estes adultos ora se afastam dos maus moradores, deixando-os viverem de forma isolada do restante da comunidade.

Não são apenas os conflitos de comportamentos morais que abriram uma lacuna no relacionamento entre certos grupos de moradores. Em algumas ocasiões são as inclinações e tendências religiosas que trouxeram divergências no convívio social. O Complexo Ribeirão Verde parece ser um lugar muito marcado pela espiritualidade de seu povo, fato aferido pela enorme quantidade e diversidade de seitas e religiões existentes no local. As matas nativas no entorno do loteamento também propiciam a existência de atividades espirituais de algumas seitas mais ligadas à natureza. Esta vida religiosa intensa tem afetado uma melhor aproximação entre certa parte da população que é católica e outra de orientação evangélica, a ponto de muitas pessoas evitarem o diálogo e um relacionamento social em função de uma intolerância de orientação espiritual.

Apesar destes casos contraditórios, divergentes e conflitantes de relacionamento social, todas aquelas situações de sofrimento inicial, de auxílio coletivo e de orgulho da conquista da casa própria fizeram deste complexo habitacional um local escolhido especialmente para morar, com poucas casas alugadas e reduzido número de propriedades não edificadas por seus próprios donos. Pouquíssimas residências foram construídas por empresas associadas com a COHAB e entregues de forma acabada aos seus adquirentes. As

peessoas que adquiriram suas residências desta forma parecem não demonstrar o mesmo entrosamento com a vizinhança e com as questões mais coletivas do bairro e aparentam - segundo dizem os moradores que edificaram suas próprias moradias - não darem tanto valor ao imóvel, não se identificarem com a vida no bairro e não sentirem o mesmo orgulho da conquista da casa própria.

As pessoas que vieram morar no Complexo Ribeirão Verde sempre sentiram dificuldades de lidarem com aspectos burocráticos e legais de seus cotidianos, mostrando uma certa incompreensão dos mecanismos necessários para execução de atividades que exigem certas habilidades de intercessão nestas questões. Nas ocasiões em que a burocracia se referia a questões ligadas à justiça, a dificuldade se misturava a um sentimento de receio das conseqüências advindas destes processos. Quando surgia alguma necessidade circunstancial que os obrigassem a encarar estas dificuldades pediam auxílio para conhecidos mais bem informados, superiores de trabalho ou pessoas de influência política. Outras necessidades diárias muitas vezes foram sanadas com a mesma tática de aproximação junto a pessoas influentes e de poder político. Na verdade, a cordialidade para com o próximo é valorizada como uma estratégia de aumentar as possibilidades de solução de dificuldades cotidianas através da ajuda daquelas pessoas com as quais mantêm um bom relacionamento.

Atualmente os moradores deste lugar gozam de um bom relacionamento com a vizinhança e consideram o Ribeirão Verde como um bairro tranquilo, planejado e um bom lugar para se viver. Os tempos difíceis na formação deste complexo trouxeram em seus habitantes um sentimento de valor no trabalho e na conquista da moradia pelo próprio esforço. Tal experiência de vida é vista como fator crucial para o aparecimento de um bom lugar para se viver. Desta forma acreditam que o incentivo da construção das casas

conforme as forças e o planejamento sobre as necessidades dos futuros moradores da terceira etapa do Complexo Ribeirão Verde possam contribuir para tornar o lugar ainda melhor para se morar. A melhoria na qualidade de vida pelas aquisições gradativas de linhas circulares de transporte coletivo e de alguns aparelhos sociais de saúde e educação – Escola Sathya Sai em 2002, um posto de saúde em 2004 e uma EMEI em 2005 – neste conjunto habitacional, têm contribuído para que seus moradores alimentem um sentimento de maior satisfação em relação com o lugar de suas moradas. Hoje existem vans do programa municipal de transporte – o *Leva e Traz* – que circulam periodicamente pelas estradas de terra da região das Palmeiras, transportando gratuitamente os chacareiros e sítiantes desta localidade para o Complexo Ribeirão Verde e vice-versa (Figura 34). Há uma linha de ônibus circular que vai diretamente para as regiões mais centrais da cidade, com uma frequência de até um a cada quinze minutos em horários de pico. O comércio se diversificou e se intensificou no bairro com a chegada de locadoras de vídeo, farmácia, um grande supermercado e outros de menor porte. A insegurança no bairro tem diminuído ano a ano – principalmente a partir de 2003 – e atualmente os moradores consideram este loteamento muito tranquilo e bem planejado. Esta sensação é compartilhada por seus parentes e amigos de outras cidades, que preferem pousar no Complexo Ribeirão Verde a ficar na casa de familiares em outras localidades de Ribeirão Preto, em função do clima naquele bairro ser mais fresco, aberto e arejado, e pela tranquilidade existente no local. Por todas essas conquistas, seus primeiros habitantes crêem que a construção da terceira etapa do empreendimento contribuirá para a melhoria da qualidade de vida da população local, pois alimentam a expectativa e o sonho de que a vinda de mais pessoas para o bairro e o crescimento do Complexo Ribeirão Verde também tragam consigo mais comércio, transporte, saúde e educação para a vida desta comunidade.

Considerações finais

5.1. Uma proposta comunitária de Educação Ambiental e reflexões deste processo em centros urbanos em formação

A partir da experiência empírico-interpretativa desta pesquisa foi possível construir algumas reflexões que poderão ser pertinentes a programas de Educação Ambiental, que atuem ou queiram operar em centros urbanos em formação, com características históricas, culturais e sociais semelhantes as do Complexo Ribeirão Verde. Sem querer fazer nenhum tipo de generalização ou prescrever normas de conduta e ações de Educação Ambiental em comunidades urbanas, faço aqui apenas algumas ponderações que, se não forem conexas a outras realidades de trabalho, pelo menos, serão merecedoras de atenção.

O que esta pesquisa pôde me revelar é que as causas dos problemas ambientais nunca se encontram apartadas de suas condições históricas, sociais e culturais. Um Educador Ambiental deveria, por isso, ter em mente que um mesmo espaço pode ter necessidades diferentes conforme as mudanças sócio-culturais vão se processando no decorrer do tempo, exigindo uma alteração nas ações e novos planejamentos a cada período que se sucede. Em meu estudo percebi uma série de transformações na paisagem que mudaram os sentidos dos espaços para um determinado grupo de pessoas durante o processo de urbanização da zona rural onde foi construído o Complexo Ribeirão Verde. O espaço da antiga sede da fazenda Flora Agrícola, por exemplo, ao ser transformada em área pública institucional – mesmo sem ter sofrido grandes transformações físicas e suas edificações permanecerem quase que intactas – e ter mudado seu sentido social – antes moradia privada, agora uma área coletiva – engendrou uma mudança nas relações de zelo da área e de interação com a paisagem pela comunidade.

No que se refere às outras condições de existência, as análises deste trabalho me fizeram pensar que um programa educacional diante da temática ambiental não deveria ser pensado em uma projeção abstrata e em forma de *receita de bolo* – no sentido de ser sempre a mesma em qualquer tempo, espaço e realidade -, senão relacionado a um momento histórico de um determinado lugar específico. O caso da formação do Complexo Ribeirão Verde seria um exemplo desta premissa no sentido de que, se um programa de Educação Ambiental iniciasse suas atuações em momentos distintos naquele processo de consolidação urbana, teríamos diferentes circunstâncias determinantes e/ou limitantes de tais práticas sociais. Enquanto, por exemplo, a região em que se instalaria o referido complexo era eminentemente rural, a relação econômica e de trabalho de sua população era mais localizada e menos dependente de transporte, uma vez que as pessoas produziam mais seus próprios produtos e necessidades básicas, havia mais trocas entre os moradores da localidade, e seus imperativos de vida eram menos diversificados em relação às condições de vida urbana. Esta situação de relativo isolamento da comunidade poderia ser considerada um dos motivos de uma situação financeira precária - apesar desta não ser sinônimo de baixa qualidade de vida, dada pelas circunstâncias de acesso a uma boa alimentação e de ambientes mais conservados e preservados.

Ainda em relação à condição financeira, a situação de vida dos moradores no período inicial de formação de um loteamento urbano como a do Complexo Ribeirão Verde seria marcada por muitas dificuldades econômicas. No entanto, diferentemente dos habitantes de origem rural, estas circunstâncias parecem que estariam mais relacionadas com as restrições causadas pelos gastos nas obras de edificação de suas moradias urbanas, no pagamento das parcelas de quitação de seus terrenos e nas constantes necessidades de transporte para o lazer e para o emprego. Este último gasto aumentaria consideravelmente

em uma população mais urbana, na medida em que seus habitantes teriam que buscar serviço e lazer fora de seus locais residenciais, pela diversificação das relações econômicas e de divisão do trabalho. Estes condicionantes rurais e urbanos iniciais, se relacionados a outras realidades de formação urbana semelhantes as do Complexo Ribeirão Verde, poderiam limitar a entrada de recursos nas ocasiões de realização de festas, rifas, bingos, formaturas ou outros tipos de arrecadações financeiras, e exigiria - neste período de uma comunidade com características rurais e de acomodação urbana - muita criatividade – no sentido de não demandar muito dinheiro - de Educadores Ambientais na concretização de atividades pedagógicas, tanto no ensino formal quanto na educação não escolar.

Um tipo de análise de significativa importância para um Educador Ambiental se atentar - na elaboração de um programa educativo neste campo – seria a possibilidade da existência de inúmeras circunstâncias limitantes e determinantes de um processo educativo diante da temática ambiental. Tais conjunturas podem ser de diversas ordens como, por exemplo, no caso estudado: (a) de estrutura física de um loteamento – grandes áreas verdes, dificultando o manejo pela população local; (b) de aspectos culturais – grandes cozinhas como espaços de reunião familiar, piso branco associado à limpeza e escolha de terreno próximo a uma mata; (c) de origem econômica – dificuldades financeiras de projeção arquitetônica da moradia e de compra de materiais para instalação adequada da rede de esgoto, dificuldade de obtenção de renda com comércio local durante o começo da formação do bairro, gastos excessivos com a edificação da moradia e quitação das parcelas do terreno no início do empreendimento; (d) de sentido – divergências entre moradores e trabalhadores de programas sociais no entendimento das ações de cuidados para com as áreas verdes do bairro; (e) de moral – presença ou ausência na comunidade; (f) emocionais – angústias de fugir rapidamente do aluguel, levando a uma rápida edificação de suas

moradias e um deficiente planejamento arquitetônico; (g) de processo histórico – existência secular de rebanho bovino na região e; (h) de cunho religioso – afastamento relacional por divergências de orientação espiritual entre católicos e evangélicos.

Há casos também em que circunstâncias subjetivas como as ocasionadas por um sentimento angustiante determinam positivamente ou negativamente uma relação entre os moradores e uma determinada paisagem. Quando, por exemplo, o sofrimento causado pelas condições de vida e trabalho no período de edificação de uma moradia fazia sentido e se relacionava com algum tipo de conquista – o da casa própria - este sentimento era valorizado, transformando-se em uma identificação positiva e havendo um reconhecimento afetivo de quem participou daquele processo. Ao contrário, quando o sofrimento era causado por alguma adversidade da vida – estupro - ou por uma perda – roubo, morte - esta emoção se transfigurava em um ressentimento. Com estas interpretações poderíamos pensar que certos trabalhos de Educação Ambiental - que envolvam conquistas coletivas - poderiam auxiliar em processos de formação de laços afetivos comunitários e na construção de uma identidade local sobre o efeito destas ações em grupos.

No caso da educação formal as circunstâncias sociais de déficit nas demandas por vagas em estabelecimentos de ensino e de mudanças na conformação estrutural das famílias urbanas formaram fatores sociais determinantes em relação ao cotidiano escolar e com os processos de ensino-aprendizagem nas escolas. Enquanto a primeira circunstância exigia constantes reformas nos prédios escolares, novas construções de estabelecimentos de ensino - para atender a demanda crescente de matrículas de alunos que chegavam ao loteamento em formação -, e determinava, por isso, uma série de discontinuidades no processo educacional formal, a segunda conjuntura agravava esta situação na medida em que os alunos, pertencentes a famílias desestruturadas – sem a presença de um pai ou uma

mãe - ou de formação mais complexas – como filhos de primeiro, segundo ou até terceiros casamentos convivendo em uma mesma residência - internalizavam os conflitos e problemas familiares, refletindo em seus rendimentos escolares. Estas análises me ressaltaram a idéia de que, em trabalhos de Educação Ambiental no contexto escolar, seria extremamente necessário um diagnóstico que levasse em conta o contexto social da comunidade em que estaria inserida uma determinada escola - e não apenas sobre os efeitos que se processariam internamente às paredes de seu prédio. Tal medida contribuiria no desenvolvimento de estratégias e de práticas pedagógicas em condições específicas de ensino e evitaria conclusões precipitadas e equivocadas sobre questões como as do fracasso escolar.

Estes exemplos me reforçaram a idéia de que, em muitos casos, seria fundamental um complexo diagnóstico social em projetos de intervenção em Educação Ambiental, pois muitos dos fenômenos limitantes e determinantes destas práticas educativas não seriam observáveis no momento da projeção de programas neste campo, pela própria condição histórica e processual dos fatos. Um outro fator positivo no diagnóstico social de uma determinada comunidade estaria relacionado com a melhoria da aprendizagem - tanto no ensino formal quanto no não escolar - de alunos e crianças sobre determinados assuntos se estes estivessem associados com as suas experiências sociais vividas. Esta aproximação permitiria uma melhor incorporação dos conhecimentos assuntados por aqueles programas em razão da possibilidade de construção de um sentido concreto para aqueles infantes na relação daquelas informações com as suas vidas.

A coesão de uma comunidade também poderia ser considerada um fator limitante de uma prática educativa na medida em que sua ausência seria capaz de inviabilizar muito dos projetos sociais voltados para a melhoria das condições ambientais de uma determinada

localidade. Quando interpretei o histórico de vida e relações sócio-culturais da população que vivia na região rural das Palmeiras percebi que o isolamento geográfico e as realidades mais localizadas de trabalho e de economia ofereciam mais oportunidades de relacionamentos inter pessoais a sua comunidade e experiências sociais muito similares. Estas circunstâncias favoreciam o aparecimento de uma maior coesão social, proximidade afetiva de sua população e organização comunitária, na medida em que a grande maioria destes habitantes dependia da ajuda coletiva e de suas próprias forças para contornarem as dificuldades cotidianas. Com a urbanização do Complexo Ribeirão Verde, houve uma intensa chegada de diversos e desconhecidos moradores – com realidades de vida e circunstâncias muito diferentes, provenientes de regiões e localidades de todo o Brasil - no loteamento. Aliada a este processo, a maior relação dos moradores locais com ambientes de serviço e de vida externos à região - em função da economia e do trabalho urbano gradativamente ter se diferenciado e se afastado do ambiente residencial de sua população - fez com que as oportunidades de relacionamento na localidade diminuíssem e as experiências sociais se diversificassem, gerando uma maior fluidez e heterogeneidade nas relações inter pessoais da atual comunidade em relação as daquele grupo rural anterior.

Através destas análises percebi então que o simples fato da vida residencial dos sujeitos que formaram o Complexo Ribeirão Verde se dar em um mesmo e delimitado espaço não deveria ser entendido como sinônimo da existência de uma certa homogeneidade sócio-cultural em sua comunidade atual. O trabalho de interpretação sócio-cultural com fontes orais me mostrou, por exemplo, a existência de inúmeros pontos divergentes e conflitantes – em relação aos cuidados com as áreas verdes, o rebanho bovino, a religiosidade, o movimento social dos trabalhadores rurais sem terra e a moral no Complexo Ribeirão Verde – na comunidade que limitaram e/ou determinaram ações diante

da temática ambiental. Com estas análises, consegui entender que este termo – comunidade - não seria sinônimo de algo já materializado ou de um grupo social com ausência de heterogeneidade em suas relações. O Educador Ambiental que encontrasse, portanto, uma situação próxima a esta deveria fugir de categorias classificatórias de grupos e de ações sociais totalizantes – como, por exemplo, classe média, classe popular e educação popular – como diagnóstico e caracterização de ações perante uma determinada comunidade, por estes instrumentos de análise e de projeção de ações oferecerem poucos subsídios e dados qualitativos para uma ação pedagógica melhor contextualizada em centros urbanos em formação. Pude pensar também que um trabalho que almeje uma certa coesão comunitária para o desenvolvimento de programas de Educação Ambiental em centros urbanos deveria tentar buscar constantemente a promoção de atividades e oportunidades de integração e diálogo entre as pessoas da comunidade - muito mais do que se embasar em atividades moralistas e individualizadas – para que haja maiores possibilidades de trocas intersubjetivas e valorização de sentidos socialmente objetivados.

Entendendo que cada tipo de pesquisa tem sua importância e deva ser pensada conforme as respostas buscadas, vejo que os estudos ditos qualitativos, que utilizam procedimentos metodológicos mais dialógicos e estrutura menos rígida - como os de questionários fechados - poderiam auxiliar o pesquisador na obtenção de respostas mais específicas e que ofereceriam melhores subsídios de compreensão dos fenômenos históricos e sócio-culturais. Procedimentos de pesquisa que estimulem reflexões inseridas em experiências sociais e em contextos particulares – com sujeitos não abstratos e com circunstâncias determinadas por um espaço e por condições histórico e sócio-culturais específicas - poderiam nos oferecer diferentes instrumentos de detecção de problemas ambientais não percebidos como tais por colaboradores no momento de suas entrevistas.

Um exemplo de um momento muito crítico – detectado por entrevistas de História Oral - em relação aos problemas ambientais foi o período de edificação das moradias pelos adquirentes dos terrenos. A experiência social de pesquisa no Complexo Ribeirão Verde me mostrou que parece ser um erro pensarmos que uma ação de Educação Ambiental deva começar após a instalação dos novos moradores em um determinado loteamento urbano. Muitas situações degradantes do ambiente poderiam ser minimizadas, revertidas ou equacionadas com a presença de um Educador Ambiental nos momentos iniciais de aquisição dos lotes – primeiro contato de aproximação e contextualização de seu trabalho – e durante a edificação das casas. Mesmo sem o conhecimento específico em áreas jurídicas e de planejamento arquitetônico, um programa de Educação Ambiental poderia oferecer subsídios de intermediação com estudos e profissionais competentes nestes assuntos.

Estas reflexões me fizeram pensar que, se por um lado o Educador Ambiental deveria procurar entender a dinâmica social de formações de determinados espaços e paisagens, por outro lado deveria buscar compreender os sentidos e significados formados no âmbito do reino da idéias, crenças e paixões, ou seja, no lugar da produção dos sentidos diante das ações cotidianas. Entender as raízes históricas e sócio-culturais destes fenômenos possibilitaria uma melhor tomada de decisão de Educadores Ambientais e um processo educativo mais consistente diante das circunstâncias sócio-ambientais locais. Um exemplo que ilustra a importância deste tipo de entendimento foi o programa de arborização urbana do Complexo Ribeirão Verde. A experiência de pesquisa e intervenção social nesta situação me fez compreender a existência de diversas conjunturas físicas – grandes áreas verdes -, de sentido – divergências no entendimento de ações de zelo para com as áreas verdes -, e históricas – de existência secular de rebanhos bovinos na região -, que limitaram e/ou determinaram o processo de arborização urbana neste complexo, acrescentando a

necessidade destas formas de aproximação da realidade para um melhor dimensionamento de programas desta natureza. Nesta perspectiva, as ações de arborização urbana não deveriam ser pensadas apenas em seus aspectos técnicos de escolhas de mudas de espécies adequadas, espaçamento de plantio ou de cuidados apenas com a rega. Deveriam, também, estar associadas a um planejamento urbanístico do loteamento, que levassem em consideração as circunstâncias histórico e sócio-ambientais da vida na comunidade, e a relação da paisagem das áreas verdes para com a população de seu entorno.

Muitas outras possibilidades de realizações concretas e de parcerias em programas de Educação Ambiental poderiam ser potencializadas com subsídios de pesquisas interpretativas. Buscar entender os sentidos subjetivos de escolha de locais de moradias poderia contribuir para o reconhecimento de moradores mais ou menos dispostos a fazerem parcerias e atuarem em atividades de Educação Ambiental. Ainda nesta perspectiva, saber quais as estratégias de vida dos moradores e como estes articulariam suas táticas sobre os imprevistos cotidianos poderia apontar para direcionamentos menos conflituosos e/ou distantes entre os objetivos de um programa de Educação Ambiental e a realidade destes habitantes, assim como para possíveis subsídios de ações mais contextualizadas socialmente e para o reconhecimento de parceiros catalisadores destes processos.

Alguns pontos que poderiam estar presentes nesta pesquisa e que mereceriam maiores reflexões, coletas de dados e aprofundamento analítico – processos impossibilitados pelo curto tempo da pesquisa - seriam aqueles relacionados com à problematização da idéia de progresso - muitas vezes suscitadas em discursos liberais - da urbanização e suas conseqüências e, por outro lado, a questão idílica de retorno ao passado – por sua vez, muito presente em certos ideais ambientalistas.

Outras reflexões, que foram propiciadas pelos estudos com histórias de vida e História Oral no Complexo Ribeirão Verde, estariam associadas a outras áreas científicas. Mesmo sem possuir conhecimentos em áreas de engenharia, arquitetura, planejamento urbano ou de viabilidade econômica para empreendimentos de construção civil, não me atenho a minha ingenuidade conceitual nestas áreas e, em razão das experiências sociais vividas na pesquisa, pretensiosamente, arriscar-me-ia em propor estudos que possibilitassem a elaboração de plantas arquitetônicas que permitam futuras ampliações planejadas de fácil acesso - conforme as necessidades de crescimento familiar e de melhoria nas condições financeiras dos moradores – e a projetos urbanísticos que possuam áreas verdes em maior número, com menores dimensões e melhor distribuídas por empreendimentos desta natureza.

Independentemente destas especulações sobre interseções com outras áreas do conhecimento humano, creio que se faz importante entender que a educação deveria ser analisada como mais uma prática social entre tantas outras, que necessita e dá suporte para as mais diversas instituições e dimensões sociais, que não age isoladamente de um contexto, e que sofre limitações e/ou determinações circunstanciais em seu processo. Podemos pensar nesta perspectiva que, em um processo educacional de políticas públicas diante da temática ambiental, esta condição de incompletude social da educação evoca em seus educadores uma busca por uma maior aproximação e um efetivo diálogo com gestores ambientais, planejadores urbanos, engenheiros, arquitetos, geógrafos, profissionais da saúde, biólogos, antropólogos, sociólogos, filósofos – e com os mais diversos profissionais de áreas do conhecimento pertinentes a esta temática – e, sobretudo, com os moradores locais de uma dada comunidade em questão, com o risco de que uma ausência de um maior

diálogo interdisciplinar possa resultar na perda de valiosas contribuições para a equação de problemas sócio-ambientais existentes.

Da mesma forma, os responsáveis por políticas públicas e por planejamentos urbanos deveriam dialogar com profissionais que levassem em consideração as questões históricas e sócio-culturais de formação de uma comunidade de determinada região, em que seria construído um novo empreendimento ou desenvolvido um programa de Educação Ambiental. Muitas questões sócio-ambientais podem se agravar e recursos podem ser perdidos ou usados com ineficiência se depositarmos todos os esforços somente em ações educativas dissociadas de uma experiência social e de outras práticas sociais complementares para uma ação direcionada a um bem coletivo e ambiental.

Por fim, na ciência de que o equacionamento destas questões não será uma tarefa fácil e simplificadora, fica em aberto a necessidade de mais pesquisas qualitativas e interdisciplinares para uma melhoria nas condições de políticas públicas de planejamento urbanístico e de programas de Educação Ambiental em centros urbanos em formação, para não correremos o risco destes processos se tornarem uma farsa, no sentido de não atenderem as necessidades históricas e sócio-culturais de uma determinada comunidade, nem aos imperativos ambientais em seus aspectos históricos, da ontologia do espaço, da paisagem e da experiência social do meio ambiente.

Referências

- ANTUNIASSI, M. H. R. ; MAGDALENA, C. ; GIANANTI, R. *O movimento ambientalista em São Paulo: análise sociológica de um movimento social urbano*. São Paulo: Textos - CERU, 1989. 108 p.
- ALBERTI, V. *Manual de história oral*. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004. 235 p.
- AMORIM, A. J. *Espaços temporários: torneiras e sede de cidadania – duas experiências da relação entre comunitários, a universidade e o Estado*. Dissertação de mestrado em Planejamento do Desenvolvimento, Universidade Federal do Pará. Pará, 1993. 152 p.
- ARENDT, H. *Entre o passado e futuro*. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001. 348 p.
- BARBOSA, S. R. C. S. *Industrialização, ambiente e condições de vida em Paulínia: as representações de qualidade ambiental para médicos e pacientes*. Dissertação de mestrado em Sociologia, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 1990. 226 p.
- BARCELLOS, J. Cassino história e ambientes: a educação e a sua preservação. In: *Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental*. v. 4, out-nov-dez, Rio Grande: FURG, 2000. 10 f.
- BÉDARIDA, F. Tempo presente e presença da história. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 219-229.
- BERNARDES, M. R. *As várias vozes e seus regimes de verdade: um estudo sobre a profissionalização (docente?)*. Dissertação de mestrado em Educação para Ciências, Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista. Bauru, 2003. 268 p.
- BOERNHEIM, G. A. *Filosofia e política ecológica*. Revista filosófica brasileira. Dezembro, n. 2, v. 1, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1985. p. 17-24.
- BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em educação*. Porto: Porto, 1994. 336 p.
- BOSI, E. *Memória e Sociedade*. 10 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. 484 p.

BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil*. 1988.

CARVALHO, I. C. M. A questão ambiental e a emergência de um campo político-pedagógico. In: LOUREIRO, C.F.B.; LAYARGUES, P.P.; CASTRO, R.S. (Org.).

Sociedade e meio ambiente: a educação ambiental em debate. São Paulo: Cortez, 2000. p. 53-65.

_____. Educação ambiental e movimentos sociais: elementos para uma história política do campo ambiental. *Educação: teoria e prática*. Rio Claro, v. 9, n.16/17, 2001. p. 46-56.

_____. *A invenção ecológica: narrativas e trajetórias da educação ambiental no Brasil*. 2. ed. Porto Alegre: UFRGS, 2002. 229 p.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994. 351 p.

CIONE, R. *História de Ribeirão Preto*. 1. ed. v. 1. Matão: Imag – Gráfica e Editora, 1987. 380 p.

_____. *História de Ribeirão Preto*. 1. ed. v. 2. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1992. 520 p.

_____. *História de Ribeirão Preto*. 1. ed. v. 4. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1995. 296 p.

_____. *História de Ribeirão Preto*. 1. ed. v. 5. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1997. 1030 p.

CRUIKSHANK, J. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In:

FERREIRO, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 149-164.

ECO, U. *Como se faz uma tese*. trad. Gilson César Cardoso de Souza. 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 1983. 170 p.

ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 1., Rio Claro, 2001. *Tendências e perspectivas*. Rio Claro, 2001. 1 CD-ROM.

ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2., São Carlos, 2003. *Abordagens epistemológicas e metodológicas*. São Carlos, 2003. 1 CD-ROM.

ENCONTRO NACIONAL DE HISTÓRIA ORAL, 7., Goiânia, 2004. *História e tradição oral*. Goiânia, 2004. 1 CD-ROM.

ENDO, R. M. Educação ambiental em centros urbanos: perspectivas e possibilidades. In: ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 3., Ribeirão Preto, 2005. *Prática de pesquisa em educação ambiental*. Ribeirão Preto, 2005. 1 CD-ROM.

FIPAI – FUNDAÇÃO PARA INCREMENTO DA PESQUISA E APERFEIÇOAMENTO INDUSTRIAL. *Relatório de Impacto Ambiental do Complexo Ribeirão Verde - Lotes Urbanizados*. Ribeirão Preto, 1995. 227 p.

FONSECA, S. G. *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas: Papirus, 1997. 230 p. (Magistério: formação e trabalho pedagógico).

GAMBOA, S. S. Quantidade-qualidade: para além de um dualismo técnico e de uma dicotomia epistemológica. In: SANTOS FILHO, J. C., GAMBOA, S.S. (Org.). *Pesquisa educacional: quantidade-qualidade*. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2000. p. 84-111.

GATTI, B. A. *A construção da pesquisa em educação no Brasil*. Brasília: Plano Editora, 2002. 87 p.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989. 323 p.

GOHN, M. G. *Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 108-117.

_____. *Movimentos sociais e educação*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001. 117 p.

_____. Movimentos sociais na atualidade: manifestações e categorias analíticas. In: GOHN, M. G. (Org.). *Movimentos sociais no início do século XXI: antigos e novos atores sociais*. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 13-32.

- GONÇALVES, A. C. *MercoÁgua: o desafio ecológico e as reservas de água do cone sul*. Ribeirão Preto: Fábrica dos Sonhos, 2001. 296 p.
- GONÇALVES, J.R. *Espaço, tempo e memória, recompondo a trajetória das vilas populares de Campinas: o exemplo da Vila Castelo Branco*. Dissertação de mestrado em Multimeios, Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2002. 192 p.
- GONZÁLEZ-GAUDIANO, E. Discursos ambientalistas e discursos pedagógicos. In: SANTOS, J.E.; SATO, M. *A contribuição da educação ambiental à esperança de Pandora*. São Carlos: RiMa, 2001. p. 389-396.
- GRÜN, M. *Ética e educação ambiental: a conexão necessária*. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1996. 120 p.
- GUSMÃO, E. M. *Memórias de quem ensina História: cultura e identidade docente*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 181 p.
- GUZZO, P. *Estudo dos espaços livres de uso público da cidade de Ribeirão Preto/SP, com detalhamento da cobertura vegetal e áreas verdes públicas de dois setores urbanos*. Dissertação de mestrado em Geociências, Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista. Rio Claro, 1999. 125 p.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Perfil municipal de Ribeirão Preto*, 2005. Disponível em: < <http://www.seade.gov.br/produtos/perfil/>>
Acesso em: 17 de mai. 2005
- JACOBI, P. 2001. Meio ambiente e educação para a cidadania: o que sta em jogo nas grandes cidades? In: SANTOS, J. E.; SATO, M. *A contribuição da educação ambiental à caixa de Pandora*. São Carlos: RiMa, 2001. p. 423- 438.

JANKE, N.; TOZONI-REIS, M. F. C. Indicadores sociais de qualidade de vida: um estudo em educação ambiental. In: ENCONTRO PESQUISA EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2., São Carlos, 2003. *Abordagens epistemológicas e metodológicas*. São Carlos, 2003. 1 CD-ROM.

JOUTARD, P. Desafios à história oral do século XIX. In: FERREIRA, M.M.; FERNANDES, T.M.; ALBERTI, V. (Org.). *História oral: desafios para o século XXI*. Rio de Janeiro: Fiocruz/CPDOC – FGV, 2000. p. 31-45.

_____. História oral: balanço da metodologia e da produção nos últimos 25 anos. In: FERREIRO, M. M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 43-62.

KOTCHETKOFF-HENRIQUES, O. *Caracterização da vegetação natural em Ribeirão Preto – SP: bases para a conservação*. Tese de doutorado em Ciências, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo. Ribeirão Preto, 2003. 221 p.

LATOUR, B.; SCHWARTZ, C.; CHARVOLIN, F. Crises dos meios ambientes: desafios às ciências humanas. In: ARAÚJO, H. R. *Tecnociência e cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998. p. 91-125.

LOUREIRO, C. F. B. *Educação ambiental e classes populares: teoria e prática de uma pesquisa participante*. Dissertação de mestrado em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 1992. 188 p.

LUNA, S. V. *Planejamento de pesquisa: uma introdução*. São Paulo: EDUC, 2002. 107 p.

MARCON, T. *Memória, história e cultura*. Chapecó: Argos, 2003. 350 p.

MEIHY, J. C. S. B. *Manual de História Oral*. São Paulo: Edições Loyola, 1996. 78 p.

- MININNI, N.M. Breve histórico da educação ambiental. In: PÁDUA, S.M.; TABANEZ, M.F. (Org.). *Educação ambiental: caminhos trilhados no Brasil*. Brasília: IPÊ, 1997. p. 257-269.
- MONTENEGRO, A. *Modelação matemática do manancial subterrâneo de Ribeirão Preto, SP*. Dissertação de mestrado, Escola de Engenharia de São Carlos, Universidade de São Paulo. São Carlos, 1990.
- ORTEGA Y GASSET, J. *El hombre y la gente*. Madrid: Revista de Occidente, 1958. 318 p.
- PASSERINI, L. A “lacuna” do presente. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 211-214.
- PINTO, A. L. G.; PARK, M. B. Ética e história oral: subsídios para um trabalho com populações em situações de risco. In: SIMSON, O. R. M.; PARK, M. B.; FERNANDES, R. S. *Educação não-formal: cenários da criação*. Campinas: Editora da UNICAMP/Centro de Memória, 2001. p. 97-106.
- REIGOTA, M. Educação ambiental: fragmentos de sua história no Brasil. In: In: Noal, F. O.; Reigota, M.; Barcelos, V. H. L.(Org.). *Tendências da educação ambiental brasileira*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 1998. p. 11-25.
- RIBEIRÃO PRETO. *Lei orgânica do município de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, 1990.
- _____. *Plano diretor do município de Ribeirão Preto*. Ribeirão Preto, 1995.
- _____. *Código do Meio Ambiente*. Ribeirão Preto, 2004.
- RIBEIRÃO PRETO. *Listagem das certidões de viabilidade*. Secretaria Municipal de Planejamento e Gestão Ambiental de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2005. 4f.
- ROUSSO, H. A memória não é mais o que era. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 93-101.

RUSCHEINSKY, A. Meio ambiente e percepção do real: os rumos da educação ambiental nas veias das ciências sociais. In: *Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental*. v. 7, out-nov-dez, Rio Grande: FURG, 2001. p. 26-44.

SANTOS, M. *A urbanização brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993. 157 p.

_____. *A natureza do espaço: técnica e tempo: razão e emoção*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 308 p.

SÃO PAULO; BAVIERA. *Sistema de informação para o gerenciamento ambiental dos recursos hídricos subterrâneos na área de afloramento do Aquífero Guarani no Estado de São Paulo*. Secretaria do Meio Ambiente do Estado de São Paulo (Brasil); Secretaria de Meio Ambiente, Saúde Pública e Proteção ao Consumidor do Estado da Baviera (Alemanha). São Paulo, 2004. 77 f. 1 CD-ROM.

SCHAMA, S. *Paisagem e memória*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. p. 13-30.

SPEGLICH, E.; AMORIM, A. C. R. Alquimia entre educação ambiental, tradições e identificações – um projeto de “resgate histórico-cultural” do bairro da Serra, Iporanga, SP. In: *Revista eletrônica do mestrado em educação ambiental*. v.11, jul-dez, Rio Grande: FURG, 2003. p. 1-9.

THOMSON, A.; FRISCH, M.; HAMILTON, P. Os debates sobre memória e história: alguns aspectos internacionais. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 65-91.

TOUTIER-BONAZZI, C. Arquivos: propostas metodológicas. In: FERREIRA, M.M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. 4. ed. Rio de Janeiro: FGV, 2001. p. 233-245.

TREBITSCH, M. A função epistemológica e ideológica da história oral no discurso da história contemporânea. In: FERREIRA, M. M. (Org.). *História oral e multidisciplinariedade*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 19-41.

TRIBUNA. *MPE apresenta diretrizes para proteção do Aquífero Guarani*. Ano XI, 1255. ed., 24 de mai. Ribeirão Preto, 2005. p. B-2.

VALADÃO, V. *Memória arquitetônica de Ribeirão Preto: planejamento urbano e política de preservação*. Dissertação de mestrado em História, Universidade Estadual Paulista. Franca, 1997. 294 p.

VALENTIN, L. Tendências das pesquisas em educação ambiental no Brasil: algumas considerações. In: *Anais da 27ª Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação*. Caxambu: ANPED, 2004.

VERRI FILHO, O. *Subsídios para o diagnóstico ambiental de Ribeirão Preto*. Promotoria do Meio Ambiente da Comarca de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 1993. 88 p.

Anexos

**Carta de Cessão de Direitos sobre o Depoimento Oral
para a Universidade Estadual Paulista**

1. Pelo presente documento, (nome),
(nacionalidade), (estado civil), (profissão)
....., carteira de identidade nº,
emitida por, CPF nº,
residente e domiciliado em,
bairro, na cidade de,
UF, cede e transfere neste ato, gratuitamente, em caráter universal e definitivo à
Universidade Estadual Paulista a totalidade dos seus direitos patrimoniais de autor sobre o
depoimento oral prestado no dia (ou entre os dias)
.....

2. Na forma preconizada pela legislação nacional e pelas convenções internacionais de que
o Brasil é signatário, o DEPOENTE, proprietário originário do depoimento de que trata este
termo, terá, indefinidamente, o direito ao exercício pleno dos seus direitos morais sobre o
referido depoimento, de sorte que sempre terá seu nome citado por ocasião de qualquer
utilização.

3. Fica pois a Universidade Estadual Paulista plenamente autorizada a utilizar o referido
depoimento, no todo ou em parte, editado ou integral, inclusive cedendo seus direitos a
terceiros, no Brasil e/ou no exterior.

Sendo esta a forma legítima e eficaz que representa legalmente os nossos interesses,
assinam o presente documento em 2 (duas) vias de igual teor e para um só efeito.

..... de de
(Local) (Data)

.....
Assinatura do cedente

.....
Prof. Dr. Antonio Carlos Carrera de Souza
Pesquisador responsável

Documento produzido de Marli Célia de Souza Campagnoli

Cinco de maio de dois mil e quatro, estou aqui na casa da Marli, Marli do quê mesmo?

Marli Célia de Souza Campagnoli.

Trinta e oito anos, né? Então Marli, é aquilo que a gente tava conversando antes. Eu queria que você contasse um pouco, assim, desde o início, a formação do bairro aqui, sua vida aqui no bairro, né.

Bom, como eu tava te falando, eu conheço o bairro bem antes, né. Aqui era uma fazenda, eu conhecia, aqui antes era uma fazenda. Meu marido na época era motorista da Andorinha, e eu já conhecia o bairro, né, essa fazenda aqui que eu passava com o ônibus, com ele, era tudo estrada de terra, né. Palmeiras, ela tem o nome de Palmeiras porque tinha uma fábrica, né, uma pequena fábrica de cachaça, chamava Palmeirinha. Quando eu passava de ônibus a comunidade comentava dentro do ônibus e aí eu fui confirmar realmente se era verdade e era um caso verídico mesmo. Então, era tudo terra, só que jamais eu ia sonhar que eu ia tá morando aqui. Aí a cobradora do motorista do meu marido ficou sabendo que tava havendo o loteamento, né. Ele não trabalhava mais na Andorinha, não fazia mais Palmeiras, tava fazendo o Quintino na época. E ela ligou em casa, avisar né, era do Francisco e tá tendo ... está fazendo inscrições, né, para o loteamento. E aí eu fiquei o dia inteiro quietinha até cinco e meia pra conseguir, aquele sol ardendo, quase desmaiando.

Aonde que foi?

Foi ali, se eu não me engano, é na Arnaldo Vitaliano, lá da COHAB. Quase que eu desmaiei, né, de fome, mas eu consegui meu pedacinho de chão.

Tinha muita gente?

Muita gente! Muita família, era desesperador naquela época, o quanto que as pessoas ficavam assim ... sua casa, né. Todo mundo tinha as opções de ter a casa e ter um teto, né. Eu fiquei lá o dia inteirinho, a minha inscrição era cinco e meia da tarde e por isso que eu já levei todos os documentos, que muita gente ficou na fila e não tinha levado o documento, né, aí teve que voltar e quando voltou já não tinha mais, tanto que a procura era muito grande. Aí eu consegui fazer a inscrição, né, ainda meu marido teve que pedir pro patrão,

porque o que ele ganhava não dava pra pegar o terreno, sabe, tinha que ter o limite mais alto, aí patrão ajudou ele, né.

Naquela época você não tava trabalhando?

Não, eu tava desempregada de novo, como sempre, né, eu tava desempregada. E o terreno era muito barato, o preço que na época era assim, um preço era tão acessível, eu tinha pegado dois, né. Porque a família minha é muito grande, tanto a do meu marido quanto a minha. Então tive que fazer ... aí eu fiz uns, só uns três cômodos rápido porque a Grace veio antes da hora. Então eu queria sair do aluguel, né, a vida era muito difícil, tal.

Aonde você morava?

Morava no Ipiranga. Morei lá cinco anos. Era muito bom, muito gostoso, os vizinhos também, sabe, muito bom. Trabalhava o dia inteiro, cuidava da minha casa. Era os vizinhos que nem eu saio aqui, sabe, se eu saio, todo mundo tem chave. Minha vizinha de frente, a Kely, né, a irmã da Kênia, elas cuida da casa pra mim, se tem roupa no varal elas pegam e tiram minha roupa, sabe. Elas cuidam dos meus bichinhos de estimação. Uma coisa que eu não me preocupo, eu me sinto bem à vontade, que nem eu morava no Ipiranga. Mas aqui eu fico, assim, mais feliz e dou graças a Deus porque é meu, né. Se eu quero mudar um móvel eu posso mudar, se eu quero trocar, mudar, furar um prego, colocar um quadro, é meu, né. E onde que você mora e que se é alugado você não pode fazer isso. Tudo que você tem, tem história. Então, minha alegria maior é essa, sem mais preocupação, é pequeno, mas é meu. No começo foi assim, né, a vida, agradeço a Deus, né, por ter conseguido, porque teve muitos ali que saíram até chorando, no dia, e não conseguiram.

Você chegava a conversar com alguém lá da fila? Você chegou a conversar com alguém?

Muitas pessoas, inclusive tinha parente, né.

O que vocês mais falavam?

Ah, o desespero de sair do aluguel. A palavra chave era essa: sair do aluguel, todo mundo. Ainda mais, no meu caso era mais triste porque eu que venho de uma cidade pequena, né, de Penápolis, não conhecia ninguém, vim morar com os tios e o meu marido já ... eu sou segunda esposa, ele já foi casado, né. Ele ainda dava mesada pros filhos, ele tem um casal, né, então, era aí ... ficava mais difícil, era época do Collor, né. Então, você chegava no mercado de manhã era um preço, você chegava dez horas era outro, você chegava uma hora

era outro, então nós ganhava praticamente pra pagar aluguel e pagar a extensão. Tinha época que não tinha o que comer dentro de casa, tinha que correr pra cunhada, né, então tinha que sair do aluguel de qualquer jeito. Então eu vou lutar, eu falava da minha época pra vizinha, ela ficou assim, né, até emocionada porque enquanto todos namoravam, eu e meu marido, a gente fazia faxina à noite, né. Ele trabalhava na Andorinha, eu trabalhava no escritório, né, do Mário Benedini, e meu marido saiu pro almoço, né, tinha terminado o serviço dele, era motorista particular dos filhos dele, ainda vendia produtos da Du Loren e fazia faxina nos prédios à noite para sobreviver. Pra pagar um ...

Isso quando você mudou pra cá?

Comprei o terreno. Daí eu tinha comprado o terreno e eu ainda tava pagando ele. Fez um ano que eu já tinha pago, né, não podia construir ainda.

Ah, não podia construir?

Não, não podia ainda. Aí teve um amigo nosso, né, que tava na fila, hoje ele não mora mais aqui, mas ele vendeu a casa dele. Um dia eu encontrei com ele, ele se arrependeu amargamente de ter vendido, ele tá ali na Caramuru, né. Foi eu e ele, enfiamos a cara e começamos a construir e aí todo mundo começou a construir. Todo mundo queria sair do aluguel, né.

Ah, foi muita gente ao mesmo tempo?

Muita gente ao mesmo tempo, mas quem começou primeiro foi eu e o nosso amigo Sérgio que hoje não mora mais aqui, né. E aí fomos construindo e foi tudo, assim, foi bonito que parecia umas formiguinha, sabe. Então, acabava o meu cimento, eu corria lá “oh, você arruma um pouco?”, outro “aí, acabou isso daqui”, sabe, “você tem uma barra de ferro?”. Então, sabe ...

Teve bastante troca?

Troca, trocava muito, sabe, um ajudava o outro, era cano, era pedra, era areia, um vinha com carriola, outro vinha com uma lata, sabe. Então, foi ... o mais interessante e bonito foi isso, né. Então, começou todo mundo do zero, sabe. Todo mundo é simples, né, então construiu essa união que é a parte importante, né, você construir um bairro e ter união e até hoje tem essa união. Então, nós somos muito privilegiados, foi tudo pessoas simples, né, as amizades continuam, oito anos que eu tô, né ... nove anos que eu estou aqui, eu sou uma das

primeiras moradoras, né. Então, as amizades continua todas, né, então, a parte mais bonita é isso, a parte mais interessante de mim é essa, da minha vida.

Quanto tempo você demorou pra fazer sua casa, assim?

Seis meses eu tava morando nela.

Seis meses você já tinha mudado, né?

Porque foi feita com amigos, né. Os amigos vinham no final de semana.

Amigos da onde? Daqui ou de fora?

Ah, muitos daqui e amigos do Ipiranga.

Do Ipiranga também ajudaram?

Vieram todos os meus amigos. Vieram todos.

Parentes também, não?

Não, parentes ... porque eu tenho meu tio, né, mas meu tio, ele tava também construindo no Heitor Rigon, né, que também foi quase na mesma época, então não tinha como ele tá me dando uma força, né. Bem que ele queria, mas não teve jeito. Foi realmente meus amigos do Ipiranga que me ajudou, esse meu sobrinho Elias, né, infelizmente faleceu, ele me deu uma mão e meu falecido pai que me ajudou também. Minha mãe que vinha, tadinha, ela viajava quatrocentos quilômetros mais o meu pai pra me dá uma mão. Então, quer dizer, foi construindo assim com muito amor, como eu te falei.

E as pessoas daqui também?

Daqui também, o pai, né, da vizinha ...

Vocês acabaram conhecendo aqui?

Tudo aqui, morávamos no Ipiranga e não sabia que também tava aqui, né. Aí fomos pegando contato, um ficou conversando, um ajudando o outro, sabe.

E, deixa eu perguntar uma coisa. Você falou da COHAB, né? Vocês foram lá. Toda a transação foi feita com a COHAB?

Com a COHAB, com a COHAB e com a Engindus, né, um grupo que iniciou.

O que é que você fez na COHAB e o que é que você fez na Engindus?

A COHAB e a Engindus, elas são uma empresa que se une, né, pra tá fazendo, ou as casas, né, ou os terrenos. Eu preferi o terreno pra fazer do jeito que eu queria. Tá certo que fizemos nas pressas, tudo correndo pra sair do aluguel, que nem eu tava te falando, mas o atendimento deles foram muito ótimos, foram muito fiel no compromisso deles, né. As

taxas e os juros, como eles ... foram realmente de acordo como tava no contrato, sabe. Então, foi um ótimo negócio que eu fechei.

Como que era o contrato?

O contrato era trinta e nove parcelas, demos uma entrada ... quarenta, né, e trinta e nove parcelas. Ia subir por ano, IGPM, ia subir, né, e subia muito pouco. Então, assim, pra gente que era assalariado, foi uma benção de Deus, né, porque muitos, hoje, os financiamentos, você entra no financiamento, você paga cem, quando você for ver no próximo ano, você tá pagando trezentos. E ali não, subiu só aquele juros sobre aquele valor. Então, subia muito pouco no ano.

E houve alguma orientação da COHAB ou da Engindus na hora da construção, como que foi?

Houve. Tinha, como que se fala, a planta lá na COHAB a disposição da gente, né. Só que eu na hora eu não fiquei sabendo, que meu desespero era pouco pra sair do aluguel, então eu fui lá pra ajudar o meu marido, eu tive que construir correndo, né.

E a construção seguiu uma planta, alguma coisa?

Não, não seguiu nada.

Foi ...?

Foi à força de vontade. Agora sim que ... meu marido agora que ... eles vão ter condição de pegar uma planta pra gente estar mexendo.

Não tem habite-se?

Não.

Não tem escritura?

Não tem escritura, a escritura a gente vai tá passando agora.

Não tem planta?

Não tem, a escritura a gente vai tá passando agora, eles tão ligando pra tá ... só que eu não vou poder passar porque eu vou ter que desmanchar.

E a maioria das pessoas aqui que você teve contato, como que foi essa questão de planta, legalização?

Então, nós vamos legalizar agora, né, tanto é que eu vou ter que tá mexendo na minha casa de novo, né, porque vai vir um engenheiro, tá vendo, tá mudando.

E os vizinhos?

Mesmo caso.

Mesma forma? Tudo, começaram a construir sem a planta?

Poucas pessoas que fizeram com a planta. É que eu não tive na época informação, depois que nós mexemos é que eu fiquei sabendo que tava tendo na COHAB estas plantas.

Na hora não houve informação?

Não, se teve informação, eu não obtive essa informação na hora.

Os seus amigos também já falaram alguma coisa sobre isso?

Não, não falaram, depois que eu já tinha levantado, eles falaram.

Mas eles sabiam?

Não, também não sabiam, ficamos sabendo depois.

O que você esperava daqui antes de vir pra cá?

Olha, sinceramente, desesperador.

Não esperava nada?

Eu não esperava nada, nada assim, porque a única coisa que eu tinha em mente era sair do aluguel, né. Porque eu tava te falando, o desespero era esse, porque, como as coisas subiam muito, você não conseguia nada, você não conseguia o que comer, então o que eu queria era sair do aluguel porque, eu acho que pra mim, ia aliviar, né, ia sobrar um pouco pra mim fazer alguma coisa. Então, aí depois eu fui vendo, sabe, foi tudo de bom, um pedacinho do céu que a gente ganhou. Uma que eu ganhei novos amigos, né, que um lugar assim que ficou que nem tipo uma cidade pequena, na época, no começo.

No começo?

É, no começo. Agora tá só assim, um pouco mais povoada, né, então tá que nem tipo uma ... como se fala ... não é nem um bairro, é uma cidade já, como o nosso bairro ficou desse jeito. Mas no começo você podia ... eu dormia com as portas abertas, não tinha preocupação, sabe, porque eu deixava lá fora ... graças a Deus, nunca mexeram na minha casa. Saio, eu viajo, fico semana fora, graças a Deus, aqui a gente não tem essa reclamação, pelo menos, assim, na nossa parte aqui, nunca ouvi falar “olha, sumiu isso” ou “deixei fora alguma coisa”, sabe, não. Nunca eles ... eles tão ajudando, se vê pessoa diferente na porta, um tá avisando “olha, eu vi uma pessoa diferente na sua porta hoje”. Já aconteceu um caso de eu vê, né, mas assim, sabe, então foi tudo de bom. Logo, assim que a gente mudamos, logo, já entramos com água, com energia, né.

Já tinha tudo isso no começo?

Asfalto, tudo, eu comprei desde o começo, né.

Luz?

Luz, tinha energia, né.

Água?

Água, esgoto, porque o Cândido Portinari, eu tenho um terreno lá, hoje que tão pondo esgoto, nem isso não tem.

E você tem um outro terreno lá?

Tenho outro terreno lá.

E lá não tem nada, não tinha nada?

Não tinha nada, agora ... tinha só água, força e luz.

Esse terreno você comprou depois ou já tinha antes?

Não, eu ... depois que eu vim pra cá, né, que Deus me abençoou, que eu sai do aluguel, meu marido, assim, depois futuramente, acabou de pagar a pensão dos filhos dele, daí a gente foi dando uma respirada, uma aliviada pra poder adquirir alguma coisa. Que aí eu já tava ganhando até mais ou menos, um pouco que sobrou, eu já tinha a Grace, então, pensando no futuro dela, da faculdade dela, eu falei “se a gente guarda o dinheiro eu vou ali e gasta”, né, porque você não pode guardar, eu falei “vou fazer tipo uma poupança que eu não gasto”. Aí eu comprei um terreno bom lá, né, pra morar, fiz tipo um rancho, né, pra final de semana a gente tá lá. Tem piscina, lá é maior, né, tem uma piscina pra gente nadar, pra ela brincar, tudo, né.

Você falou que a Grace veio de repente, né?

Foi.

Que época que ela veio?

Ela veio em noventa e sete.

Noventa e sete você já tava aqui, ou não?

Não, eu vim pra cá ... eu vim em noventa e oito.

Noventa e oito?

Noventa e oito.

Naquela época você tava construindo, então?

É, eu ainda tava construindo.

Quando a Grace veio?

Foi.

E me fala um pouquinho como que foi essa época, quando a Grace chegou?

É, ela veio sem avisar, né. Eu tava esperando ... eu tava, assim, planejando, eu e meu marido fazer ela no meu aniversário, em abril, pra mim ficar, assim, grávida mais ou menos em abril e eu já fiquei grávida em dezembro. Aí eu fiquei grávida da Grace em dezembro, aí, assim, a parte mais legal que eu vinha mesmo grávida, já nem o chinelo não entrava no meu pé, porque eu fiquei uma baleia, né. Eu pesava meus cinqüenta e oito quilos, minha filha ... eu fiquei grávida, virei um monstro, fui pra cento e cinco, que eu só comia. Então eu ajudava o meu marido aqui, até na cavação, sabe, porque eu me sentia bem, ótima, tava junto.

Mesmo na gravidez você vinha aqui ajudar?

Mesmo barrigudona, desse tamanho assim.

E ele que vinha construir?

Eu, ele e mais os amigos dele. Então, sei que foi tudo lindo, né, foi maravilhoso, depois que eu tive a Grace ...

Mas quando que era a construção, era no final de semana?

Final de semana, sábado e domingo, era só nesses dias, né, e vinha à noite dar uma olhada, né. Mas do jeito que tava permanecia, se você largava uma enchada num canto, ficava, sabe, um cuidava “olha você esqueceu a enxada”, “você esqueceu alguma coisa”, então guardava, então acho que a gente ... a parte bonita, né, é a união que teve, tal. Agora falando da Grace, aí eu tive ela, né, aí com cinco meses eu já tava morando aqui.

Quando ela tinha cinco meses?

Cinco meses, ela ia fazer cinco meses, né. Eu mudei pra cá dia vinte e quatro de janeiro, e vinte e dois de janeiro a Grace tinha feito quatro meses. Ela nasceu em agosto ... agosto ... cinco meses, né? Cinco meses mesmo. Eu comecei tudo aqui, minha vida, minha história de vida foi praticamente tudo aqui, primeira casa minha, simples, mas é minha.

E quantas pessoas começaram a morar na sua casa aqui, no começo?

Algumas pessoas, eu, meu marido e minha filha, só.

Como era no começo, assim, a vida aqui? Como que foi?

Ai, foi tão bom, tão bom que a primeira noite que nós dormimos aqui, perdemos a hora do emprego. Muito silêncio, né. Acho que a emoção de tá no que é seu, né, você quer falar “ah, é meu! Graças a Deus!”, então foi uma emoção muito grande, nós choramos muito, né, meu marido foi ... assim ... foi uma benção, né, foi uma luta. Então nós dormimos e nunca perdeu a hora. Eu mudei do sábado para o domingo e aí meus pais vieram me ajudar na mudança, né, viajaram de Penápolis pra tá lá.

Eles que ajudaram a mudança?

Foi, meu pai que vieram. Quatrocentos ... quase quatrocentos quilômetros, né, aí eles vieram de ônibus dá uma força e tal. Aí acho que juntou canceira, né, alegria em tá morando no que é meu.

E quem que fez a mudança, assim, caminhão essas coisas?

Com caminhão, né, um senhor aqui da Recife.

Ah, da Recife?

Aqui da avenida Recife, um colega do meu marido.

Ele ... vocês alugaram, como que foi?

Foi, nós alugamos, o senhor ... ele ... foi alugado na época, aí eu tive que fazer duas viagens, mais das minhas plantas, né, mais plantas do que móveis eu tinha. Aí vieram esse senhor, meu marido, né, e meu pai e minha mãe, que eu não podia, né, que eu tava ainda ... fazia pouco tempo, né, então eu não podia tá pegando muito peso, muitas coisas, eu fiz só podendo ajeitar. E veio os meus amigos do Ipiranga ajudar, vieram todos, né, a maioria vieram tudo ... eu cheguei, eu tava arrumando o almoço, né, que foi muita gente. Foi muito gostoso, muito .. inesquecível, se eu não me engano acho que eu tenho toda essa parte filmada, que foi muito bonito. Ele filmou todo mundo construindo, sabe, levantando, muito bonito! Tinha os vizinhos do lado rindo, aqui ... esse quarteirão era só eu.

Só você?

Só eu.

Então, como era ... me fala um pouquinho mais, como que era essa vida tendo só vocês aqui? O dia a dia, você falou que ... você já tava empregada?

Já, já tava empregada.

Quando você construiu, acabou de construir, né?

Isso, já tava empregada, eu tava trabalhando, né, com uma doutora lá no Alto da Boa Vista. Eu era secretária dela num consultório de psicologia, onde ... foi aí que a gente começou a dar uma melhorada aqui na casa, porque eu entrei e ainda faltava muita coisa, né, tava pintado, tinha piso tudo.

O que é que faltava ainda?

Faltava terminar o muro ali na frente, né, fechar direito porque não tava muito fechado. Então foi assim, aos poucos, né, mas assim, inesquecível, saber que é meu, então foi muito bom. A parte melhor da vida da gente, acho que é isso, você ter um canto, né, você dar uma cama pra sua filha dormir, né. Então, acho que o principal é isso, viver de aluguel não tem condição, você não pode sonhar, você vive de aluguel você não sonha, um dinheiro que não tem ... vai, né, quando você não tá mais pagando aluguel, você pode sonhar. Aquele dinheiro que você jogava fora, né, você pode comprar outras coisas, você pode tá, né, pensando no futuro da minha filha. Que nem, eu quero dar uma faculdade para ela, como eu não terminei a minha, né, eu parei no segundo ano de pedagogia, eu quero dar a dela, que ela ... bom, ela fala com seis anos que quer ser médica ... médica, vamos ver, né, quando ela crescer, é, vamos ver. Então, a parte ... depois que a gente é mãe você só pensa no filho, né, então, minha vida é ela. Só isso que eu tenho pra te falar é isso.

E, voltando a aquela época, no começo, né, você trabalhava nessa clínica com a doutora, seu marido ainda trabalhava na ...?

Não, meu marido já ... ele já ... não, ele era motorista na Andorinha.

Motorista?

É, aí tava naquela época de muito assalto, né, e tinha um mocinho que trabalhava comigo no escritório. Aí ele falou, tinha comentado “se eu não me engano, acho que foi o seu marido que foi assaltado ontem de noite”, né.

Aonde que ele foi assaltado?

Foi lá no Quintino.

Quintino?

É, no ônibus. Eu falei “será?”, né. E na época eu falei “não pode ser” e meu marido não comentou nada, ficou quieto, sabe. Aí entrei em desespero, né, eu falei assim “meu Deus”, né, “ele não pode ficar nessa vida”. Aí saí comentando com as amigas minhas, né, se precisasse de um motorista particular e tal, né, aí eu liguei pra moça, uma amiga minha da

Fri-Ribe, né, a Vilma, aí eu falei “oh, Vilma, eu queria, sei lá, se puder tá fazendo um currículo, né, uma entrevista. Ela disse assim “mas se tivesse me avisado antes, contratou um senhor, né, aqui pra ser motorista da perua”. Eu falei assim ... o dono da Fri-Ribe, né, aí eu falei assim “olha, então eu posso deixar o nome do meu marido? Se caso ... acontecer uma desistência, né, de repente, né, pode acontecer”. Ela falou “não, pode deixar, qualquer coisa eu te aviso”. E foi graças a Deus, o rapaz não gostou e meu marido foi contratado. Tá onze anos lá, tá onze anos lá como motorista do doutor Álvaro.

E como que você fazia com a Grace?

Com a Grace? Eu tinha uma babá desde que ela nasceu, lá no Ipiranga.

Lá do Ipiranga?

É, lá no Ipiranga. Aí como ficou muito difícil a minha vida, né, porque a gente não tinha carro, onde eu morava lá no Ipiranga era um corredor muito fininho e cabia só moto. E aí as polícias já começaram a pegar, né, a lei mudou e não tinha como eu já andar de moto com a Grace, porque ela era nenezinha, né, então, aí eu tive que tá mudando pra cá e já tive que optar, né, por pegar um carro. Aí nós compramos um carro, aí eu já arrumei outra babá aqui que cuidava da Grace, né.

Aqui mesmo?

Aqui mesmo no bairro, mora aqui, uma vizinha minha cuida da Grace pra mim.

Você ia trabalhar de carro, ou não?

Carro ou, às vezes, a moto, carro ou moto.

E o seu marido?

Também, ele ia comigo, nós trabalhava no mesmo prédio, é, no New Century, ele trabalhava no nono e eu trabalhava no último andar, né. Então, o serviço terminava no mesmo horário, então, a gente ia junto e voltava junto, aí facilitou um pouco a vida.

E a vizinhança? Como que é aqui?

Muito hospitaleira, muito bom. Aqui, né? Ah, muito, muito bom, até hoje, né, não tenho do que reclamar. De vez em quando apareceu uns inquilino meio ... da pá virada, mas graças a Deus já mudou.

Como que era isso daí?

Horrível! Entrei em depressão.

Como assim?

Ai, não é ... assim falando, né, não generalizando, mas ...

O que é que aconteceu, assim, que você fala?

Ai, foi horrível, porque a gente tinha uma vida, assim, simples. E pra começar, pra ser vizinho, você tem que respeitar o espaço, tá, e o meu respeito começa onde termina o seu, tá, uma frase que vem comigo desde pequena. E esses vizinhos não respeitava o seu espaço. E como eu tava trabalhando na ... agora, até um pouco tempo atrás, no Pão de Açúcar, que você me viu lá eu trabalhando, então, eu chegava uma da manhã. E eu pedi delicadamente, gentilmente, não pros vizinhos, parente deles que moram atrás, né, na casa deles, se pudesse colocar o som mais baixo, que eu trabalhava até uma da manhã. Não tenho nada contra rap, mas era um rap que doía a alma da gente. Mesmo educadamente, eles colocaram o som pra fora, sabe, pra fazer uma pirraça, pra mim eu achei que foi uma pirraça.

Você achou que foi pirraça?

Com certeza, e colocaram o som na ... mais alto o volume, porque atrapalhava todos os vizinhos, ninguém tava agüentando mais, tanto é que o dono pediu a casa, eles saíram a dois sábados atrás, que foi o alívio nosso.

Quanto tempo que eles ficaram?

Infelizmente, um ano.

Um ano?

Sofremos um ano.

Era só esse vizinho?

Infelizmente, só. É só paz que você tá vendo, óh, parece que você tá numa fazenda, isso aqui é o nosso ... era o nosso ... é o nosso normal. Final de semana todo mundo, às vezes, faz um churrasco, uma festa, mas todo mundo tem o seu respeito, tem limite, eles não tinha. Eles provocavam, eles tacavam pedra, na sua casa, eles arrebutaram meu portão com bola, xingava. Tinha uma vez que eu tava dormindo mais minha filha, né, que eu acordo muito cedo, eu cheguei e fui dormir com ela um pouquinho e eu acordei com os meu lixo voando pra dentro. Todos os nomes que, infelizmente, o ser humano não pode ouvir, né, do nada!

Quantas pessoas que viviam nessa família aí?

Seis, era a mulher e os cinco filhos dela.

E os ... idade?

Olha, idade eu não sei, mas eram quatro jovens e um menino, infelizmente.

E todos eram, assim, agressivos com a vizinhança?

Todos, a mãe também.

A mãe também?

Era mais comigo, era mais comigo porque eu fui, né, pedir educadamente, gentilmente, que eles abaixassem o som, né, porque eu queria dormir, não tinha como eu dormir. Quando eu chegava uma da manhã, acordava hoje às seis horas, quase eu não dormia, levava a Grace pra escola, quando eu chegava eu queria dormir um pouco, né, pelo menos umas duas a três horas de sono, eu não podia. Assim, eu entrei em depressão, eu não dormia, fui emagrecendo, né. E não tinha acordo pra conversar que a mãe também era desse estilo, a mãe não, sabe, não tinha como você conversar, você não tem como sentar e conversar, né. Infelizmente, como minha família inteira é da polícia, eu tinha que socorrer direto com a polícia, eu chamei a polícia pra ir umas quatro vezes, só.

E o que é que acontecia quando a polícia vinha?

A polícia ia lá e conversava, só que a polícia virava eles já faziam pior, aí eles te tacavam pedra, eles te xingava, aí jogava bola no portão. Aí o policial falou “olha, toda bola que cair você pode rasgar e jogar no lixo, não devolve mais”. Aí eles rebentaram meu portão, meu portão tá arreventado, né, me xingava de tudo quanto é nome. A gente saía aí ... teve um dia que choveu muito, eu pensei que era granizo que tinha caído, era pedra deles, aí eu acordei de manhã e fui chamar a dona da casa, que a dona é minha amiga, é minha vizinha. “Moça!”, aí eu falei pra ela “olha aqui na frente, a frente tá parecendo uma favela”, porque a primeira coisa quando acorda, minha mãe sempre falou, a frente da casa, não importa o que tá dentro, mas lá fora você tem que tá varrendo, se não fica frente de viúva, né. Casa assim fica frente de viúva, né, ela entra em depressão que não limpa nem a frente da casa. Aliás, é a primeira vez que você acorda, vai à porta da casa e tem lixo na lixeira, nem isso eu podia fazer, os meus lixos voltava pra dentro. E eles colocavam aquelas música de favela, porque a outra vizinha de cima falou que eu tinha chamado eles de favelado e, realmente, esse caso não foi verdade.

Que música de favela?

Todas as músicas de favela, cantava música de favela o dia inteiro pra me pirraçar, dia e noite. Se você ia lá fora, uma vizinha chegava pra conversar, eles colocava a música, eu não conseguia conversar. O telefone tocava, eu não ouvia, o meu interfone eu tive que desligar

porque eles quebraram, fizeram questão de quebrar o interfone, né, então eu já peguei e desliguei, né, na época. Agora que eu vou tá arrumando de novo.

E você falou que caiu em depressão ...

Ah, em depressão porque ...

O que é que isso influenciava na sua vida?

Ah, é chato porque você fica em estado de nervos, né. Eu saía lá fora, eles me ameaçavam, entendeu. Até o dia em que eu tive que chamar a polícia, né, esse caso ia até pra ouvidoria, né, porque eu não queria envolver meus irmãos, porque eu tenho meus dois irmãos, tenho dois irmãos que são tenente e um é da polícia ambiental, que meu cunhado também foi tenente e meu co-cunhado também foi tenente em São Paulo. E fica chato porque a pior coisa na sua vida é você ter ...

... que me faz isso, eu não tô. Porque fazia mais quando a mulher não tava aí, mas depois eu fui percebendo que mesmo a mulher tando aí ela fazia, ela ria na minha cara, entendeu. Então, eu não tive ... como que se diz, o ... a chance de tá lá me conversando com ela, de tá falando, né. Eu tive que ir até lá falar que ela tá fazendo isso. Porque como eu pago impostos, né, que é o salário da polícia, é o imposto, é o IPTU que a gente paga, então o policial mesmo falou isso “quando tá perturbando, vinte e quatro horas nós estamos a serviço da comunidade, a senhora pode tá ligando”.

E o quê que a polícia fez neste caso?

Ela pediu pra eu tá indo lá na Duque de Caxias, registrando uma queixa de perturbação de lar, né, que ia tá chamando eles, né. Aí como a dona da casa falou que já tinha pedido a casa ... Eles revoltaram mais comigo, os vizinhos também tavam tudo de, entre aspas, de saco cheio. Aí eu falei “ah, vou deixar quieto”, então, já que mudou, vai mudar, né. Tive que agüentar mais quatro meses ainda de sofrimento. Aí voltei melhor, mas influencia porque você ... te agita, você fica nervosa, né, às vezes eu gritava com a Grace, sem poder ... você entendeu. Mas é tudo que vai te prejudicando, música alta, eles te xingando, te tacando pedra, vão tacar, assim, do nada! É horrível, a parte mais feia da minha vida é isso.

Você falou que gritava com a Grace, né. E que mais que você acha que mudou o seu comportamento em relação à família, emprego, trabalho, por causa dessa depressão, essa agressividade?

Olha, emprego ... assim ... uma que eu ... eu não dormia, né, então, você vê, já fica irritada, né. Então, eu tinha horário pra tudo, né, eu fazia cursos de manhã, alguma coisa lá na sede, eu tinha nove horas outro curso aqui com as amigas minha de bordados, né. Então, assim eu já não tinha mais ... eu queria ficar mais fora do que dentro de casa, porque dentro da minha casa eu não tinha paz, porque o som era muito alto, me incomodava. Meu relacionamento, você fica ... meu marido mesmo falava “bem, a gente não pode tá falando com você, você tá irritada”, né. Aí eu só chorava porque ... eu chegava pra dormir e não tinha sossego, né, mesmo sendo uma da manhã, acordava de manhã, essas gritaiera no meio da rua, né. Porque, se falar que aqui no bairro não tem ocupação, tem, a sede tá a disposição, você vê lá, né, você como testemunha, que a sede tem futebol, agora tá tendo aula de, não sei se é judô, se é kung fu, né. Tem muitas coisas que você pode tá ajudando, voluntário, que eu sou voluntário da escola da Grace, sempre que eu ... como eu posso tá ajudando, eu to lá, né. Então, falar que não tem ocupação, tem, é só você procurar, né, você não pode ficar dentro de casa e esperar que alguma coisa vem querer emprego, tem que ir a luta.

E antes, tinha bastante ocupação aqui no bairro?

Sempre teve, sempre teve, sempre teve, desde quando começou.

O quê que teve?

Futebol pra menino quanto pra menina.

Desde o começo?

Desde o começo, né. Na igreja, né, na igreja ... a mãe dele, a mãe do Wellington, sempre tratou bem, a gente tinha cursos, a gente ajudava na igreja, voluntário da igreja, tanto é que construímos o muro da igreja, nós que fizemos no final de semana. A gente fazia gincana, quermesse, cada um tinha a sua barraca, né. Então você ajudava no que podia ... eu levava bolo pronto ou um pudim pra fazer rifa, né. Então, você sempre tem alguma ocupação, é só você procurar, né, fica aí na rua perturbando as pessoas, tanta coisa boa que você pode tá fazendo, né.

Falando de coisa boa, né, você falou da igreja. Participava desde o começo da igreja?

Desde o começo, desde o comecinho.

Bastante?

Muito.

E a comunidade do Ribeirão Verde também participava bastante?

Muito, muito. Você vê que tem muitos bairros que, às vezes, não tem nenhuma, assim, uma comunidade fixa, né. Nós temos aqui da ... Santa Rita, né, que tem uma história também sobre o ... a primeira missa rezada em Ribeirão Preto, foi aqui no nosso bairro. Tem aquela cruz na entrada do Palmeiras, ali foi a primeira missa, né, esses dias tava até passando na televisão, primeira missa rezada em Ribeirão Preto foi aqui no nosso bairro das Palmeiras, aqui, depois que teve o Ribeirão Verde. Então, é uma comunidade muito hospitaleira, um ajuda o outro, sabe, passa um telefonema “olha, eu tô ajudando”, “me liga da escola”, sabe. “Ah, tô precisando de não sei quantos pães”, um dia que eu mais ajudei, “trezentos pães pra daqui uma hora”, aí eu saí correndo pros vizinhos “ai, que pode tá me ajudando”, aí veio meus amigos, tudo correndo aqui, a gente fazendo o pão, levei correndo, pra levar ... o negócio da escola da Grace, né. Dia vinte e um fizemos setecentos pães, não deu, aí teve sábado, meio de semana, fiz mais trezentos, né, com minhas amigas, correndo pra lá, vamos fazer os patês, sabe. Então, essa é a parte gostosa daqui, o que eu gosto muito do Ribeirão Verde, que me lembra a minha cidade é isso, um tá ajudando o outro, né. É muito gostoso! Você sabe que você pode contar, de uma forma ou de outra, que o povo tá ali pra te ajudar, né, a parte boa é essa. E o começo do meu dia a dia é isso até a hora que eu durmo.

E as dificuldades aqui do bairro, você acha, assim, no começo, tentando relembrar, quais que eram os problemas?

A dificuldade era o transporte, transporte que a gente não tinha, não tinha transporte. A entrada do Palmeiras era tudo terra, né, então quando chovia era um caos.

Ah, não tinha aquela estrada ainda?

Não, não tinha, era tudo terra, era esburacada, né, então se chovia era uma lama total. Como eu não tinha carro ainda, era só moto, né, apesar que minha moto era grande, mas aí meu marido, nós adaptamos uma carrocinha atrás pra levar ferramenta, né. Então, mal parava a gente em cima da moto, era muita lama, né, mas, assim, era com muito amor, com muita alegria você saber que você vinha pra tá fazendo uma coisa sua, né. Mas logo já passou, né, o Palmeiras ele é o que ele é hoje graças ao Ribeirão Verde, né, porque não tinha esse asfalto até na igreja, tava tudo lama, né.

Você acha que o Ribeirão Verde influenciou nessa ...?

Muito, muito.

Que mais que você acha que influenciou, o Ribeirão Verde?

A área verde que a gente tem, né, que foi preservada, que eu gostei muito, que não mexeu. Uma coisa que falta ... falta algumas coisas, mas é um bairro que é privilegiado. Você veja bem, já temos escola, né, a gente tamos praticamente tinha essa escola. Agora vai fazer ... futuramente já tá nos planos, né, tamos correndo atrás da creche. Tem um posto novo pra gente, né.

E no começo como é que era?

Olha, no começo foi difícil porque a gente não tinha posto, a gente ainda não tem posto policial, né, faz falta no bairro.

E quê que isso atrapalhava, assim, no dia a dia, assim, por exemplo?

Olha, no dia a dia não... atrapalhava muito até o posto policial porque se a gente precisava de uma emergência a gente não tinha, tinha que contar com o carro da Vila Virgínia, né, ou do Simione. Até chegar aqui, supunhamos, num caso de emergência, né, ainda mais que na época não tinha asfalto no Palmeiras, se caso fosse de morte a pessoa já morria. Até você chegar, né, pra ser socorrida. Eu graças a Deus se eu falasse que eu precisava, eu não precisava porque eu ainda tinha moto, né, apesar da Grace pequena e tudo e o convênio, né, tem do emprego do meu marido e a empresa que eu trabalhava, que é a parte principal, né.

Você lembra de um caso, assim, vizinhos, amigos?

Eu lembro de uma senhora, uma senhora muito de idade que morreu, morava aqui, né, morava sozinha e morreu sozinha na casa dela. Agora eu não sei se foi cuidado médico, se foi ... ela tinha problema de saúde, né, que aí os vizinhos ... via que ela não saía pra fora e tal, né, chamou, os meninos... não responderam, ela morava sozinha, aí nós entrou ... aí ela tava na casa, eu fiquei sabendo, né, aí ela tava falecida, né.

Uma hora você falou área verde e depois falou que ainda falta muita coisa. Quê que falta?

Olha, pra mim o que falta, assim, que eu gosto muito, eu que morei em cidade pequena, é uma praça. Então, a praça, eu acho ela assim, é tão fundamental num bairro porque as pessoas já vem ... você acaba seu serviço num sábado, num domingo, é gostoso você sentar, né, com seus amigos numa praça, né. Você pode ... tem espaço pra criança brincar, né, andar de velotrol, um lugar que você pode ficar, assim, sem ... “ai, ir pra rua”, ainda mais que eu moro numa rua que passa o ônibus, né. Então, às vezes, a Grace quer andar de bicicleta e eu fico “filha, cuidado!”, aí eu marco “ óh, daqui a aqui”, porque eu posso tá te

vendo, né, porque, às vezes, passa muita gente correndo, é o ônibus que vira de uma vez, né. Então, uma praça pra gente hoje seria assim, sabe, tudo de bom.

Que mais que seria ... tá faltando, assim? Porque que você acha que a praça é tão importante, assim?

Porque eu acho que tiraria um pouquinho essas crianças do meio da rua, né, porque ainda tem um pouco, você vê o ... cem por cento, noventa e nove vírgula nove das crianças saíram da rua porque tem ocupação e tão na sede, mas se tivesse uma praça aqui na primeira etapa, pelo menos uma praça na segunda etapa, as crianças ficavam ali pra brincar, né. Eles podiam brincar de amarelinha, podia ter uma quadra de areia pras crianças tá brincando, né.

E aqui no Ribeirão Verde não tem praça?

Não tem praça, não tem praça. Porque eu tiro dos bairros que fazem na minha cidade que eu nasci, lá quando montam um bairro, né, tá criando o bairro, eles colocam toda infraestrutura do bairro, eles já colocam creche, colocam escola, colocam posto policial, faz uma casinha, mas tem. Todo bairro lá da minha cidade tem isso, então, tem toda a estrutura ...

Mas quem que faz isso?

O prefeito lá da minha cidade.

A prefeitura que faz?

A prefeitura. Tem escola, tem creche, tem asfalto, tem energia, tem tudo, tem praça, tem, é ... lá eles falam “casarão”, sabe, tipo ... uma quadra de esporte, então tira todas as crianças da rua, você não vê criança na rua.

E aqui no Ribeirão Verde, porque que você acha que ...?

Então, porque ... eu fui criada assim, que nem cuidar de aula, então você vê criança na rua, só aprende coisa que não presta. Vamos pegar o caso da minha vizinha, que nem aconteceu comigo. Aí, então, junta aquela turminha, não tem nada o que fazer, sabe, atormentando, se tem ocupação, se tem uma praça pra eles estar brincando, né, mais cultura, livros pra eles tá lendo, né, ter ocupação, falta uma religião nas escolas, sei lá. Falta uma religião nas escolas, que nem da Grace tem. Você vê, por quê que nossas crianças que estuda na Sathya Sai são umas crianças calma? Porque elas tem religião, elas tem horário, entendeu, tem horário pra entrar, tem horário pra sair. Ela, a Grace tem tempo ... o horário é sete e vinte, sete e trinta é a tolerância, sete e trinta e um ela não entra. Não sei se você sabia disso. Sete e trinta e um, se você chegar com a criança, ela não entra, então quer dizer, já começa a

impor limites. A Grace sabe que sete horas ela tem que tá de pé, sete e quinze ela tem que tá pronta, sabe, ela tem horário pra tudo. Ela chega, ela já que fazer a tarefa, eu falo “não”, eu dou o almoço, ela tem horário, três horas a tarefa dela, sabe, ela lava as mãos, faz sua a tarefa, então, a pessoa tem que ter limite, tem que ter horário. Então, se tivesse uma praça, uma biblioteca aberta pras crianças, né, pra tá pesquisando, pra ela tá estudando, sabe, uma religião nas escolas, que eu tive.

Você acha que não tem?

Não, não tem. Não tem! Só a Sathya Sai que é privilegiada, que eles colocaram uma religião, assim, ensinamentos, né, ensina amor, verdade, retidão, não violência, só a Sathya Sai. Por isso que eu falo, que o nosso bairro tá abençoado até nisso, né, que se preocupou com as nossas crianças.

E por quê que você acha que aqui, diferentemente lá da cidade que você falou que veio, Penápolis, né, não tem essas coisas?

É o que eu queria de saber também, porque deveria ter, né.

Por quê que você acha que não tem?

Não tem causa ... porque eu fui ensinada numa religião na base da católica, na nossa escola e hoje, você vê, diversificou, tem muita religião. Então, é uma coisa que você nem pode comentar, que nem fala, religião, política e futebol. Mas eu acho que devia pôr nas escolas, não falando sobre questão da religião adventista, metodista, católica, espírita, mas falar um pouco de Deus. Porquê nós estamos aqui, porquê nós viemos, qual que é o nosso fundamento, sabe, o porquê de você tá aqui, hoje. Suponhamos, eu tô com trinta e oito, né, então, eu vou ter uma história de vida, então você já fazer os seus degraus, saber o porquê que você tá indo, sabe, no quê que eu errei, o quê que eu posso tá corrigindo até a hora de chegar lá em cima, não errar isso de novo. Então falta muito Deus no coração das pessoas hoje, né, se ensinasse um pouquinho ... eu quando eu fiz o meu magistério em Penápolis quando dava onze horas tinha aula de sobre religião. Então, falava muito sobre isso, sabe, de amor fraternal, do amor de uma comunidade. Então, falta muito, eu acho que nas escolas, hoje, devia ter, né. Pra gente diminuir ... eu tenho certeza que diminuía cem por cento a violência, a forma disso que você tá vivendo, né, você pode ver que muitas pessoas, hoje, tem carência disso.

Disso?

De amor, né, de amor. Às vezes, ela não tem do pai e da mãe, porque a escola da minha filha me ensinou muita coisa, que, às vezes, que nem eu sou um pouco “roçuda”, um pouco ... muito nervosa, acho que vem um pouco do signo, porque aqui em casa é tudo é fogo, né, meu marido é Sagitário, eu sou Áries, minha filha é Leão, então, é tudo fogo ascendente fogo. E a escola dela me ensinou muitas coisas boa, então nós conseguimos ter equilíbrio, né, então, às vezes eu falava alguma coisa “mãe, você não deve falar”. Olha que coisa mais linda. Então, como influencia a religião na escola.

Que mais que influenciou dentro da família? Como que era e como que é agora?

Ah, muda muito! Muda assim, o seu dia a dia, às vezes palavras, né, não falar palavrões, nunca mais eu ouvi, atitudes, né, às vezes, corrigir, você, sabe ... você ... porque a minha filha ... Meu marido me falou que eu sou fardinha porque eu fui criada no meio de policiais, né, na família é tudo policial, eles me chamam tudo onde eu vou de sargento. Então eu sou mais aqui ... agora um pouco mais leve, sabe, eu sei medir as palavras, eu sei ... como eu falei, eu só gritava, né. Então, agora ...

Gritava muito?

Gritava, assim ... então agora, assim, eu sento e converso, eu chamo atenção da Grace, “olha, não é assim”, né, então, ela me corrigiu. Então, por quê? Por causa da escola dela, eu tenho certeza que foi por causa da escola, porque nós mães comentamos lá “foi a melhor coisa que aconteceu foi isso”. E eles falam da religião em todos, né, porque lá tem criação, tem várias religiões, tem espírita, né, tem católica, tem evangélica, né, então, foi muito bonito isso daí. Eu acho que devia, todas escolas, ter um pouquinho, pra falar um pouquinho de Deus, pelo menos uma meia hora, né, que nem tinha na minha escola. Tem que tirar, sabe, meia hora, porque a Grace, ela chega e elas faz oração pra entrar, faz oração pra lanche, faz oração pra voltar pra classe, faz oração pra brincar, faz oração pra sair, né. Então, quer dizer, elas tão pedindo a proteção de Deus, né, porque a vida da gente é assim, hoje você tá aqui, amanhã você não sabe, se você dorme, se você acorda, né, então é fundamental. E as crianças, elas não mente, são puras, elas pedem verdadeiramente, né, elas pedem com a alma, com o coração. Então, não existe presente melhor de ter uma escola dessa.

Eu gostei de algumas coisas que você colocou aqui, gostei não, me chamou atenção, né, eu queria saber um pouquinho mais, o quê que falta? Você falou que falta muita coisa

ainda, apesar do bairro ser bom, mas falta muita coisa. Que mais? Você falou de praça ...

Um posto policial, né.

Um posto policial.

Eu acho o que falta ...

E pros adultos, assim, a praça também é importante?

Também, porque às vezes você quer tomar um ar, suponhamos, né, como diz nós aqui. “Ai, quero tomar um ar lá fora” tem que ficar sentada, né, na porta. Às vezes o sol bate de contra você, isso dá muito porque o nosso bairro, apesar de ser uma área verde, mas o Ribeirão é uma cidade muito quente, tanto é que é conhecida como Califórnia Brasileira, não tem praia, mas realmente, um fervor quando ... Então, tem tempo que é muito quente, às vezes, você pode também num sábado tá sentado numa praça, né, pra tomar um ... não tem, tem que ficar aqui dentro de casa, tem que ficar lá fora.

E o que isso atrapalha na vida das pessoas?

Fica chato porque, às vezes ...

Você acha que atrapalha alguma coisa na vida, na família, no emprego? O que você acha? Ou no bairro como um todo?

Atrapalha porque ... eu acho assim, eu acho assim que fica chato porque os nossos terrenos aqui são pequenos, eles são pequenos, são cento e vinte e cinco metros quadrados, é sete de frente por vinte de fundo. Então, se você fala aqui, você ouve ali, agora, imagine você numa casa, o pessoal tá conversando, às vezes, você não tá nem falando, às vezes, você tá falando até uma intimidade, tá conversando com o vizinho uma coisa assim mais ... é ... mais íntima, outro vizinho sem querer tá ouvindo porque é muito pequeno, né. Então, se você tem uma praça, você pode sentar, você pode conversar, tem outro pessoal longe de você, né. Ou se não, às vezes, você quer conversar, você tem que pra um lugar que os outros não te atrapalhe.

Aqui tem muito problema de falta de intimidade?

Não, não é falta de intimidade, as pessoas faziam suas intimidades. Nossas casas, praticamente, uma grudada na outra porque o terreno é muito pequeno, então sem querer você ouve, entendeu. Porque que nem o meu banheiro, é, fica grudado com o quarto da pessoa, então, às vezes, assim, eu evito, como ... eu tomo banho durante ... até quase antes

das oito, porque esse nosso vizinho é policial, ele chega onze, onze e pouco, às vezes, se eu vou no banheiro à noite eu ouço conversa dele. É chato porque é a privacidade da pessoa, né, meu quarto fica de fundo com a cozinha da mulher aqui, então os terrenos são muito estreito, então, às vezes, você ouve coisas que as pessoas ... é chato. O meu vitrô, quando tá muito calor tem que ligar o ar condicionado, às vezes, porque é chato. Às vezes, não é porque você quer, sem querer você ouve. Entendeu como que é a coisa? Se pôr uma praça, você pode ficar lá fora na praça, né, vou podendo levar sua criança pra brincar num sábado à tarde, se não eu tenho que tratar de fazer inscrição lá na sede. Aí tá a questão, hoje eu tenho bastante vizinho, mas na época ainda não tinha. Às vezes, eu descia com a Grace e o meu medo de subir! Ali tinha um deserto. Uma mãe ... uma mãe disse, que tem o caso do estupro, né.

Teve caso de estupro?

Teve caso de estupro numa moça, que nem se fosse hoje, o rapaz ... ela foi estuprada, ela foi espancada, ela só não morreu por Deus.

Aonde que foi?

Bem na entrada da sede, ali.

Bem na entrada da sede...

Bem na entrada ali do Damata, né. Então ... então, é perigoso.

E esse tipo de fato, assim ...

Assusta as mães, né.

Tem assustado, isso é geral assim?

Muito, é geral. Teve até há um bom tempo atrás, daqui acho uns dois ou três meses, antes de começar as aulas, uma mãe tava descendo, grávida, o pessoal correu ... um, né, um maníaco, falar assim, correu atrás dessa mãe. Se não fosse o pessoal do Damata, tinha feito alguma coisa com essa senhora. Então, a gente desce com um monte de mãe junta e sobe com um monte de mãe junta, pode reparar. Às vezes, você quer falar comigo, eu fico assim, então, ele me espera, né. Aqui, quando dá onze e meia, a gente sobe aquela turma de mãe, ninguém já fica mais pra trás, tá sempre todas mães juntas, né, porque evita, né. Ou se não, quando eu tô com pressa, eu vou que demorar, então, eu desço de carro ou eu desço de moto pra evitar. Ou então você tá distraída, né, já teve caso de eu chamar o seu Geraldo, de

eu vê um rapaz fumando droga na porta ali da sede, aí eu chamei o França e o Seu Geraldo, ainda eles olharam pra mim, começaram, sabe, “páh”, a fumaça de longe.

E como vocês costumam reagir quando acontece essas coisas assim?

Então, nessa hora se a gente tivesse um posto policial ficava mais prático. A gente ... você já ligava e o pessoal já vinha de encontro. Até você ligar, aquilo que eu tava te falando, vem lá do Simione ou da Vila Virgínia, então quer dizer, se ... nos casos desse, a gente tá de mãos atadas, não tem como você socorrer. E se essa pessoa ... a maioria hoje ... antigamente, as brigas era ... você chamava, você até pegava porque você não tava armado, hoje todo mundo tá mais armado que a polícia. Que eu fui criada, nascida no meio de família de policial. Os bandidos tão mais bem armado que a própria polícia, não é. Meu irmão trabalha com uma trinta e oito na cintura, o bandido tá com uma sete meia cinco. Outro dia pegaram na televisão um arsenal que nem a Arábia Saudita tem, né. Assaltaram até esses dias um ... uma ... parece que até brincadeira, né, assaltaram a base da aeronáutica no Rio de Janeiro, a base do exército do Rio de Janeiro, né. Levaram todas as munições, tudo. Então, quer dizer, fica difícil pra gente, então você fica com medo, às vezes, até de ...

Um sentimento da maioria das pessoas daqui?

É o medo, é a represália! Porque eu fico praticamente sozinha com a Grace, meu marido, às vezes, viaja muito. Tanto é que ele fez uma grade ali, que nem uma cadeia, que aí eu tranco, né, com uma chave tetra pra mim ficar sossegada com a Grace.

E esse medo, quê que tá influenciando na vida de vocês, assim?

Ah, o medo ... o medo gera insegurança.

Na casa, nos vizinhos, no trabalho, o quê que gera?

A insegurança, a insegurança de você deixar, às vezes, um filho sozinho, né. Eu não tenho coragem de fazer isso com a Grace.

Então você tá mudando sua vida pra ... você não deixa ela sozinha?

De jeito nenhum, de forma alguma.

E quando você precisa fazer alguma coisa fora?

Olha, quando eu presto um concurso, né, às vezes, é final de semana, meu marido fica com ela. Ou se eu preciso de uma emergência, eu conto com o vizinho, que eu posso confiar mesmo, que eu confio, tanto é que a Grace gosta tanto que chama ela até de mãe. É, não tem nem idade pra dá uma de mãe, ou seja, nem namora, a Grace chama ela de mãe, tanto é

que a gente gosta dela. Então, é minhas duas vizinhas prediletas, que é a Kely e a Kênia, que eu curto e cuida pra mim como uma mãe, né, da Grace. Onde elas tão, elas cuida da minha filha pra mim, se eu tô ... emergência ou saio, vou me atrasar, aí eu ligo “Kênia, Kely, me socorre”, elas já desce e busca a Grace. Tanto é que até o nome delas tá lá, né, que é eu, meu marido e as duas que eu posso confiar pra segurar, porque não tem como deixar... você deixar um filho sozinho, né, ainda mais com uma menina. Até com menino também, hoje em dia, não tem mais condição. Na minha época eu brincava de calcinha na rua, até meus oito ou nove anos, não tinha malícia, não tinha maldade, né. Hoje eu tenho minhas amigas que já são avós, né, que casaram primeiro do que eu, que, às vezes, falam “nossa, que vontade que dá de você voltar a ser criança na minha época”, da Grace já não tem mais essas coisas. Você vê, brincar uma menina com um menino hoje, já uma brincadeira mais ... é ... como se diz assim, já não tem mais aquela doçura, né.

Como que é as brincadeiras, assim, da Grace daqui com os amigos da rua, assim, como que é?

Olha, na rua eu não deixo.

Não deixa sair na rua?

Não, de forma alguma, porque aqui tem muito menino, tem menos menina, não tem menina, então, ela não vai pra rua.

Como você acha que é essa meninada de hoje na rua?

Não tem uma brincadeira sadia como era na minha época, eu sei, que eu sou mãe, eu vejo, né. Até tem um vizinho aqui, o rapaz disse assim “ah, piscina assim ...”, não, só tinha menino nadando na piscina, só minha filha de menina. Nada preconceito, mas ... as brincadeiras, que já teve um fato na escola da Grace, que um menino bateu com a cabeça dela na cabeça, ela tem aquela mancha no olho por causa disso. Se não fosse a Ivonete, minha filha poderia até tá cega, né, ela... socorreram na hora. Então, eu já não gosto, eu já falo pra ela, ela sabe disso, a professora já sabe, eu não gosto que ela brinque com menino. Porque na classe dela ela afasta, porque a professora fica, né, a Régia, ela tem um pulso firme, o Dalton e a professora dela, que ela sabe que eu não gosto, eu falo que eu não quero e não é, se for pra ela ... não que eu não quero que ela brinque com menina, mas com menino, eu tenho medo porque a Grace só tem tamanho, mas é uma menina muito sentimental e ela é uma menina, ela é feminina, ela é bem feminina, não tem nada meu. Eu

sou mais um sargentão e ele é bem feminina, eu não gosto de maquiagem, eu não gosto de batom, eu não gosto de ... ela adora, ela vai maquiada pra escola, leva duas horas maquiando, então, tem que acordar ela cinco pras duas, e eu já não gosto, nunca gostei, né. E ela é super feminina, ela é muito delicada, ela é muito sentimental, sabe, então, assim, ela brinca com menino e tudo, os amiguinhos vem aqui, dentro de casa eu deixo, mas lá fora, não.

Lá fora, não?

Não.

Por quê que você acha que essas crianças tão assim hoje aqui no bairro?

É aquilo que eu te falei, não só aqui no bairro, mas no mundo todo, falta pregar uma ... falar mais das palavras mais bonitas, não só das palavras, mas pregar o amor dentro da escola, não violência, retidão, a verdade, né. Às vezes, os pais, antigamente, o pai só que saía pra trabalhar, a mãe ficava em casa cuidando da criança. Hoje a necessidade obriga o pai e a mãe sair pra fora, que, às vezes, a mãe não tem condição de colocar o filho numa escola particular, né, e, ou uma creche particular pra pessoa cuidar da criança o dia inteiro, né. Aí, eu fui abençoada, eu e as mães do Ribeirão Verde porque a escola Sathya Sai, né, que tem uma escola que prega tudo isso, que prega o amor, que prega a religião, né, agradecer a Deus, a todo o dia, por você tá neste mundo das coisa boas que tem de hoje em dia, que não são muitas, né, mas que a gente tenta. Então, assim, o pai e a mãe não pode tá vendo o filho vinte e quatro horas mais pela obrigação do serviço. A mãe, né, hoje também tem que sair pra ajudar, então, fica assim muito difícil, então o que falta mesmo é religião na escola, eu acho se tivesse religião na escola amenizaria muito ...

Por isso, porque eu fui criada praticamente numa escola militar, né. Então a gente tinha horário para tudo, tinha religião ... como se fala ... o hino nacional foi muito importante, todos antes de entrar na classe, né, tinha que cantar o hino, o hino da sua escola. Respeitar, uma pessoa adulta chegava na porta da sua classe, tinha que ficar de pé, então quer dizer, é uma forma de respeito, enquanto seu professor não mandava você sentar, você não podia sentar. Hoje não... (interrupção pelo telefone).

Isso você acha que é por causa da religião?

Eu acho. Respeito, né, acabou o respeito. Porque hoje, você vê professora agredindo aluno, aluno agredindo professora, né. Não existia isso na minha época.

Sobre problemas. Já que a gente tá falando de problemas, problemas na escola, problemas..., falta religião, você falou que falta posto policial, falta praça, que mais que falta aqui no Ribeirão Verde, ou na rua, ou na casa? Que mais que você acha que falta? Tem mais alguma coisa?

Olha, emprego você falando, falta no Brasil todo, falta também. Mas assim, o bairro do Ribeirão Verde é, o que falta mesmo é um posto policial agora, né, e a praça, pra mim, na minha opinião, porque as outras coisas já tá tudo encaminhada.

O que é que são as outras coisas?

É o posto de saúde, que vai ser inaugurado agora, o posto novo pra gente. Já tem planos pra fazer uma creche, porque necessita de uma creche, porque a maioria das mães quer trabalhar, mas não tem condição de pagar, porque a creche particular é um absurdo. Você deixa na casa de uma pessoa, às vezes, você não conhece a pessoa direito, não sabe se... como vai cuidar do seu filho. E a creche, né, ela assume que vai cuidar do seu filho, que as creches, bom, que eu vejo, a maioria não tem reclamação, cuidam muito bem do seu filho, tem horário pra tudo, né, então você pode trabalhar tranquila, né. Então falta, a cheche já tá encaminhada, já tem o espaço, já ganhamos os terrenos para construir, já ganhamos o terreno que vai fazer até o segundo colegial pras crianças.

Ah é?

Vai.

Tem terreno?

Tem, conseguimos ali na Bola de Ouro, aquela frente, ali que é o ponto de ônibus. Já ganhamos, vai ser ali.

A escola?

A escola. Então quer dizer, pro futuro, né, as crianças já não precisam sair daqui, que nem a maioria, né, que sai e vai fazer lá no centro da cidade.

Você falou ganhamos. Quem ganhamos?

Nós do Ribeirão Verde.

Do Ribeirão Verde? E quem que foi atrás, assim?

O João Gilberto e o França.

Ah é?

Então passou pra gente, porque eu fico só lá no meio, pra saber o que tá acontecendo. Ôpa!

E como você participa dessas coisas?

Eu vou me informando, eu vou, pergunto pra um, pergunto pra outro, quando, que dia que vai ter reunião dos moradores, né, da associação dos moradores. Eu peço pro França, ligo pra ele, eu sou a que mais enche o saco, do bairro, sou eu. Tô atrás pra saber, porque você tem que participar, não adianta você só morar no bairro.

Como são essas reuniões?

Olha, são muito bem aproveitadas, a gente aborda muito tema, a gente procura o que tá mais necessitado pro bairro, né, e o França, sabe, não tem pessoa melhor para representar o nosso bairro que nem o França. Sabe, erramos no começo com alguns, né, benefício próprios ...

Como assim erramos?

Ah, a gente... teve algumas pessoas, né, não me lembro o nome agora, que foi candidato, se candidatou, né, pra assumir a associação do nosso bairro aqui, e que só andou pra trás o bairro, não fazia nada. Usou em benefício próprio, né.

O que é que aconteceu assim?

Não fazia nada! Ele não fazia nada, falava que fazia, fazia, fazia, não fazia nada. Agora o França, ele praticamente não fala, ele faz, você só vê resultado, né. Ele vêm e fala o que importa, ele tá explicando, ele tá te orientando, quando nós precisávamos, já tinha conseguido todo o material, então estamos conseguindo a escola pras crianças, só faltava conseguir o terreno. Eu paro ele, onde ele tá ele te dá a maior atenção, eu ligo, eu vou na casa dele, ele fala “eu tô precisando Marli, você me ajuda, conversa com seus vizinhos, me ajuda, vamos comunicando”, ele saía passando, falando, né.

E como vocês reagem, assim, quando...?

Olha, alegria imensa, né, porque todo mundo quer participar.

Mas participa como?

Nas reuniões, nós vamos na reunião, nós vamos na câmara, nós fazemos protesto.

Já fizeram várias vezes?

Já, fizemos várias vezes. Fizemos a última agora, né, e nós ganhamos. Fomos parabenizados lá na câmara pessoalmente, né.

Foi difícil a situação?

Foi lindo! Foi agora que a gente conseguimos, né. Dois anos atrás conseguia o terreno para a escola da Grace, na Sathya Sai. E já conseguimos a de cima agora que vai ser ... não foram colocado ainda, mas já me passaram, que conseguiu pra fazer primeira à quinta série. Primeira à quinta série ou primeira à quarta série, porque terminando a escola ali de cima, na Espin, né, aquelas crianças vão passar pra lá e ali vai ser da Sathya Sai, vai ser escola da Sathya Sai.

O casarão?

O casarão. Porque a Sathya Sai tá emprestada, ali é o Instituto Sathya Sai, né. Vai ser pesquisa, vai ser estudo, vai ser tudo ali.

E como, assim ... eu queria que você falasse mais dessa participação das pessoas, nas coisas do bairro, dar exemplo de acontecimentos...

Porque é assim, a associação ... a associação é assim, de cada bairro. Não adianta você só falar, não adianta você só criticar. Você tem que ajudar o presidente do bairro, porque ele sozinho não faz nada. Não adianta ele ir lá, olha, nós lá tá precisando que inaugure um posto de saúde, suponhamos, né, não adianta só ele. Tem que ir todo mundo, o bairro tem que ser ... se ajudar, se quer que funciona. Então ...

Como que o pessoal ajuda? Me dá exemplos, assim.

A gente fica sabendo e vai todo mundo, o bairro vai inteiro, uns vai .. a perua da prefeitura vem pra dar uma mão, né, a Andorinha fornece ônibus pra gente. Mas todos ficam sabendo, avisa a vizinha, avisa aqui, a outra vai avisando, vai todo mundo ajudando e vai aquela carreata. Então é muito bonito.

O pessoal vai mesmo?

Vai mesmo, ninguém falta. Se não posso eu, meu marido vai, entendeu. Eu tava trabalhando, meu marido ia mais a Grace. A vizinha “não, eu vou também”, sabe, “eu também vou, claro”, largava tudo, todo mundo larga tudo, o bairro fica vazio, pelo menos uma de cada casa vai, isso eu te garanto. Sabe, então, a participação, o que nós conseguimos aqui é porque o povo do Ribeirão Verde, eles participam, então por isso que nós conseguimos. Nós vamos atrás e nós ganhamos porque aqui nós somos, nós somos, não somos ... é ... como diria a palavra, diz o meu amigo, perseverantes, não. Não, nós somos persistentes mesmo, nós luta, sabe, nós, nós é ... corremos atrás.

Você deu exemplo da Sathya Sai. Que mais? Que exemplos que você dá que aconteceu isso?

A Sathya Sai só existe pela prefeitura que cedeu espaço do terreno e pelos voluntários.

Que outros exemplos que você dá além da Sathya Sai, assim? Que aconteceu isso, que todo mundo se juntou, foi atrás, foi na câmara, câmara.

Olha, o nosso ... bom eu não sei, porque assim, no Ipiranga que eu cheguei já tava pronto, mas aqui é união. Pra você ver, desde quando eu comecei “ai, tem como você arrumar um pouco de cimento?”, “olha, minha terra acabou”, então quer dizer, é a união que faz a força. Pra mim foi muito ...

E você acha que é no bairro inteiro ou mais em alguns pontos assim?

Inteiro, o bairro inteiro, o bairro inteiro é assim.

Você conhece bastante o bairro?

Inteiro, eu conheço gente daqui, da última rua, lá do final da rua, do começo da rua, sabe, eu conheço todo mundo e todo mundo me conhece, todo mundo sabe que eu sou mãe da Grace. Tem pessoas que a Grace conhece que eu não conheço, ela que me apresenta, minha filha é mais comunicativa que eu ainda, né. Então assim, é a união, a gente conseguiu muito aqui com a união, sabe, então, um ajuda o outro, então é a parte boa aqui do nosso bairro, e a gente ... fé em Deus a gente vai conseguir muito mais ainda. Sabe, eu me preocupo não agora da Grace, mas lá na frente, eu não quero que ela sai e ... eu, eu tenho assim a ... a vontade, e ... eu tenho fé em Deus que há de a gente ter até faculdade aqui pra essas crianças, pra elas não ter nem que sair do bairro, sabe, não tem que gastar com transporte, pra elas ficarem aqui. Meu sonho é esse, o que eu converso com o presidente lá da Sathya Sai, o Dalton, meu sonho é que tenha e é o sonho deles também, de ter uma faculdade da Sathya Sai pras crianças também.

Não sair daqui por conta só de fator econômico ou de fator social, da comunidade?

Social da comunidade e econômico.

Pra ficar na comunidade?

Pra ficar na comunidade, porque a nossa comunidade, sabe, ela tem muita união, ela tem muito amor, você pode contar com qualquer um aqui, você pode chegar, sabe, eu me sinto conforme interior, no meu bairro. Eu chego e posso perguntar para minha vizinha “olha, tem como você me arrumar isso aqui pra mim”, você não ouve “não”. Se a pessoa não pode

te ajudar ela fala “ah mas eu sei quem pode te ajudar, ah porque a fulana ali, eu sei que ela pode te dar uma mão”, entendeu. Então você vê, vai num outro bairro aí, você não ouve isso. Vai lá no Alto da Boa Vista, se o povo te dá pelo menos um “bom dia”, nem te olha, então quer dizer ... aliás o “bom dia” deles não precisa. Então, nosso bairro precisa, então, você tem hospitalidade. Você sai lá fora “bom dia”, a pessoa nem te conhece “bom dia”, tirando esse vizinho, que se pode dizer que esse que mudou. Mas, teve um outro vizinho, que nem te conhecia, ele chegava, “óh, bom dia, tudo bem”. Tem um que chega “você pode tar me ajudando, eu preciso de tal coisa”, então, sabe. Então, isso é muito importante, essas pequenas coisas que a gente vai conseguir as grandes coisas aqui do bairro. Porque isso aqui era um bairro que ... eu mesmo não dava nada, eu ficava assim quando eu vim pra cá, quando eu vinha pra construir.

No começo?

É, aquele bairro ... aquele breu, que não tinha nada. As vizinhas à noite, TV, eu tomava banho no Jornal Nacional. Eu falava “bem do céu, eu sozinha aqui, eu que parei sozinha sem ninguém”. E aí de repente aquele formigueiro, quando nós começou a construir, aquele formigueiro, todo mundo construindo. Nossa! Aquilo me emocionou muito! E aí quando já vinha mudado, aquele monte de gente, né, aquele monte de gente já cuidando, se mudando, sabe, fazendo um cômodo só com banheirinho, e vinha. Então, isso é muito lindo! É gostoso você começar do bairro do zero, você ver a dificuldade que a gente teve, transporte, que não tinha ônibus. No começo lá não tinha asfalto, na entrada, o telefone..., demorou para colocar o orelhão e o residencial também.

Não tinha ônibus ainda?

Não. Não tinha ônibus

E como que as pessoas faziam?

A gente parava no... tinha só o Palmeiras, lá. Pro nosso bairro Ribeirão Verde, não tinha, tinha só o Palmeiras, lá. Você parava lá na entrada, praticamente, depois ele seguia reto, o Palmeiras passava reto, seguia e ia lá pra chácara. Era dificultoso, porque era mais de uma hora pra esperar um ônibus.

Mais de uma hora pra esperar um ônibus?

Mais de uma hora, era só ele que tinha, né. Aí depois nós conseguimos, né, com um ano nós conseguimos a linha, um ano depois conseguimos a linha setecentos e dois.

Como vocês conseguiram?

Olha, a união faz a força. Fomos lá, conversamos com o ...

Fomos quem? Quem que foi lá?

O França, nós todos conversamos com a TRANSERP. Esqueci o nome daquele senhor, aquele carequinha que passava na televisão, né, aí que ele já tava, que já tava pra passar uma linha pra cá, só faltava passar pra prefeitura tudo, porque tem que legalizar tudo certinho. Aí, conseguimos a linha setecentos e dois, porque o nosso projeto aqui é, é Ribeirão Verde, o projeto, mas o bairro é Florestan Fernandes, mas ficou como Ribeirão Verde, conhecido como Ribeirão Verde, aí ficou até o ônibus Ribeirão Verde, mas é Florestan Fernandes. Aí conseguimos também o ônibus, e logo conseguimos o telefone, né, já tava colocando orelhão, telefone nas casas, porque tinha linha no Ribeirão Verde, no Ipiranga pra passar pra cá. Então ficou melhor cem por cento, o bairro, só tá crescendo. Duro é quando o bairro estaciona, pára e não vai. Porque nós somos persistentes, nós vamos atrás, nós corremos, comunicamos, “ela tá precisando disso”. Fundamental agora as mães se uniram para uma creche, que todas as mães quer trabalhar e ... e já vai ter a creche.

Então, voltando a nossa pergunta, por que é que você acha que um bairro lá em Anápolis, por exemplo, começa com ...

Penápolis.

Penápolis, começa com um monte de coisa e aqui não começou com quase nada assim?

Eu acredito que não é o orçamento daqui do Ribeirão, porque o bairro é muito grande. O Ribeirão, ele é muito grande, não se compara a Penápolis, porque lá é uma cidade pequena. Então, como é uma cidade pequena, e lá ... eu não sei também o porquê, eu também queria saber, né, porque já começa com a infraestrutura, já sai pronto, demora, mas quando sai, já sai tudo pronto. Então Ribeirão, pra mim, no meu ponto de vista, é porque ele é muito grande, ao mesmo tempo quando começou fazer aqui, eu tava fazendo ali, entendeu, é tipo uma pipoca, o Ribeirão não pára. Jamais eu ia imaginar que um dia eu ia tá morando aqui, que isso aqui ia se formar um bairro, porque isso aqui era uma deserto, só tinha gado. Então, já estamos encostando em Jardinópolis, praticamente, o Ribeirão, então não existia, você precisa de ver, pra lá, pro Jardim Juliana, né, agora você vê, quantos bairros já têm, depois daqui do Ribeirão Verde, são inúmeros os bairros. Imaginou se todos os bairros, eles tiver que dar toda a infraestrutura? Então é difícil mesmo. Então, é aquilo que nós

conseguimos aqui, é a união pra gente conseguir mais rápido. Então tá construindo outro bairro, aí tem que fazer posto de saúde lá pra ele também, ele tem que usar do vizinho. O nosso posto de saúde vai pegar o bairro do Ribeirão Ver ... o Florestan Fernandes, o Ávila e já a terceira etapa. Já ficou um monstro isso aqui, futuramente. Então, agora, Penápolis, o que eu falo, quando eles faz lá um bairro, nossa, não chega a unha disso aqui, entendeu. Só o meu bairro aqui, lá é metade de um bairro que eles vão fazer, porque aqui, praticamente, é gigantesco em vista do que fazem lá. Entendeu como que é a diferença? Porque aqui é que nem uma pipoca, vai estalando, né, e vai formando um bairro, e vai formando um bairro, e vai formando, você pode ver que não pára. Ou é loteamento, é um condomínio, né, que nem tem um condomínio aqui, tá saindo outro condomínio, Ipanema, acho que Copacabana. Então vai indo, e vai ... necessita de gente, necessita ... são várias famílias, necessita de casa. Agora, Penápolis é uma cidade pequena, agora que ela tá crescendo, né. É uma cidade, ela tem esse fator econômico, tem indústria e agropecuária, tem o gado Nelóri, então cresce mais rápido ainda. Ribeirão não tem, Ribeirão é mais comércio, então cresce menos, ela vai crescendo, mas é aos poucos. Lá é difícil, mas o desemprego lá é bem menor.

Aqui o desemprego é grande?

Aqui é muito grande, aqui você vê, eu tenho o segundo ano de Pedagogia, tranquei minha matrícula no segundo ano de Pedagogia. Eu, se eu for procurar de empregada doméstica eu não consigo. Se eu voltar pra minha cidade eu consigo emprego, eu consigo até dar aula, que é o que eu fazia lá na época. Agora, se eu fizer aqui eu não consigo nem de empregada doméstica. Eu tenho que correr, eu tenho que fazer um currículo elaborado, você tem que ter experiência, eles não te dão chance, você tem que ... ah porque ... ah suponhamos ... qual o ... ah então vai, entendeu? Não é por sua capacidade, eles não te dão uma chance. Eu agradeço muito o que as empresas ... a ... o que eu fui hoje, o que eu consegui hoje é... é uma pessoa que é um segundo pai meu, que é o doutor Mário Benedini. Que eu entrei na imobiliária dele, eu não sabia colocar uma folha na máquina. Ele me ensinou do zero, eu agradeço muito ele hoje, que ele me deixou eu começar do zero. Então se todos aqui do Ribeirão desse essa oportunidade, olha, eu não sei, mas eu tenho força de vontade, eu sei que eu sou capaz, eu sei que eu vou conseguir, entendeu, porque eu sei que eu vou conseguir. Porque as pessoas não dá isso, eles não deixa.

Só uma pergunta também. Eu queria que você me falasse assim, você falou muito no começo, né, muito assim, falou muito da estrutura do bairro também, falou muito como que vocês conseguiram as coisas, tal, eu queria que você me falasse agora, assim, o que é que foi mudando no bairro conforme ele foi crescendo assim? O que você acha? Em tudo, em todos os aspectos. O que é que você acha que foi mudando, ou se mudou ou se não mudou?

Olha, a gente ...

De lá pra hoje.

Olha, a gente conseguiu uma cidade de um mercado maior, conseguimos o Mialich, que veio pra cá. Então, que tudo que tem num mercado grande o Mialich tá oferecendo pra gente, tem. O que mudou de bom foi isso, um mercado maior, não que o Pioneiro ... que o Pioneiro, não ... você tinha, mas faltava algumas outras coisas que a gente tava precisando, um mercado maior.

Por exemplo, o que é que faltava?

Alguns produtos que, às vezes, você não achava nesse, no Mialich têm. Não deixa essa questão de lado, tem um supermercado maior, nele tem, tudo o que você procura, você acha.

O que é que foi mudando no bairro assim?

Olha, um pouco assim, começou a violência, por causa de droga, não tinha no começo.

Não tinha no começo?

Não, não tinha, e hoje a gente, infelizmente, vê criança fumando ... criança, né, porque um jovem de quinze, dezesseis anos, pra mim, tá começando a vida. Você vê fumando droga na rua, você passa, você vê, às vezes, fumando maconha. Eu como ... se fica mais esperta, eu dei aula, a gente bateu muito nessa tecla, sobre droga na minha época, né. Então, eu sei o cheiro, por causa do ... eu nunca usei, não bebo, não fumo nem nada, mas eu sei o cheiro, nós trabalhamos sobre isso, né, e você vê, né, isso daí, então, dói muito. Às vezes o pai e a mãe tão trabalhando, não sabe que o filho tá fazendo isso, né. E aí, depois, que você vê o jovem sendo assassinado na rua como ... como um bicho, né, porque hoje, se passa por cima, né, não dá muita importância porque tá acostumado ver. Criança não tem aquela ... quando ... eu na minha juventude, quando eu via isso, pra mim era um choque, então essa parte eu não gostaria que tivesse. Mas eu volto ...

E como que vocês reagem ... ?

Fica triste, né, porque sai o nome do nosso bairro, é chato. Eu não gostaria que tivesse.

E quando que foi surgindo esse tipo de ...?

Veio de fora, né, veio de fora, não veio daqui, não era morador, às vezes, era inquilino. Ou, às vezes, era rica que tinha em outro bairro, mudou pra cá, vinha e fazia isso, né. Bom, eram os noticiários que a gente ficava ouvindo. Mas é chato quando sai o nome, o seu bairro na televisão, você, todo mundo, saía seu bairro, tá passando, que tá inaugurando o posto agora, então, isso que é bom. É deprimente ver como a coisa assim, ou no bairro ou na sua cidade, né, muitos bairros de Ribeirão Preto, que eu tive muitas oportunidade boa, que eu tive, enfim ... então fica chato, né. Eu gostaria que não tivesse, infelizmente tem, né, no Brasil e no mundo inteiro.

Como que as pessoas reagem em relação a essa violência, a essas droga? Como que o pessoal reage, os moradores ou você reage?

Quanto ao bairro eu não ... pela comunidade, pelas mãe, né, que eu vou buscar a Grace, quando chega uma mãe conversa com a outra, uma com a outra, a gente se preocupa já com os filhos da gente. Então por isso que aquilo que eu volto a te falar de novo, tem que ter religião na escola. Por quê? Porque hoje eles são umas crianças, porque a gente tem que preparar nossas crianças lá na frente. Por quê que eu digo isso? Porque elas já vão saber o caminho que elas vão escolher. Que nem o professor nosso, sabe, o professor Wellington, numa música, que resumiu tudo, que lá na frente você escolhe entre o bem e o mal. Se uma criança é bem estruturada, que é que vai acontecer? Lá na frente ela vai falar “ôpa, meu pai e minha mãe me falou aquilo” eu tenho certeza disso. Por que hoje, eu fui no cemitério, porque meu pai, né, eu precisei dele, então hoje eu lembro, certeza, as palavras do meu pai. Ele falava assim “filha, se tudo o que você tiver que fazer na sua vida, você não pensa uma vez, você pensa mil vezes, pensa se você fizesse com a pessoa, o que vai fazer de errado com uma pessoa, se ela gostaria que fizesse com você, tenta sentir na pele isso, entendeu. E a religião como parte da ... não importa qual ela seja, que é a parte fundamental que falta muito nas salas, é isso. A pessoa ... a pessoa não vai fazer aquilo, se a pessoa tem Deus no coração ela não vai fazer isso daí. Eu tenho certeza, eu ponho a minha mão no fogo, ela vai pensar mil vezes antes. Falta muito isso daí, respeito, né, uma religião ... quando uma pessoa tiver isso daí, ela não vai fazer.

Que mais que tá faltando, quer dizer, que foi mudando no bairro? O que é que você acha?

(Wellington) Falando... sabe quando ela começou a falar, uma coisa que me veio muito à cabeça, quando ela falou assim que quando comentam alguma coisa do bairro e a coisa não é boa, é ruim, e como... o jeito que ela colocou, assim, não sei, me veio muito à cabeça uma coisa de identidade, quer dizer, como se tivesse falando dela, tá falando mal do bairro... falando dela.

É, identifica, identifica porque aí a pessoa, aí eu vou lá pro Ipiranga, né, porque meus amigos tudo é lá, com a casa que eu morei e tudo, que eu vou lá, a dona da casa, agora que mora o irmão do dono da minha casa, ele mora lá agora, que é muito amigo nosso. “Ah ih, seu bairro tá famoso, hein”. Então, me dói! Me dói porque eu ajudei a construir, eu furei esse chão, eu vim grávida pra cá, entendeu, e enchendo a banheira que eu tava... meu pé tava... buxuda de tão gorda que eu fiquei. Então me dói, é como se estivesse falando mal de um filho meu, entendeu, eu como mãe, hoje, então isso chateia a gente.

Qual que é a visão dele, assim, do pessoal do Ribeirão Verde, assim?

Ah, então, todo mundo, que nem, até o meu ex patrão, esse Mário Benedini, ele ficou assim, ele ficou admirado “nossa como que cresceu o bairro!”, uma cidade!

O que é que ele veio te falar, assim?

Porque ele vem pra cá, ele tem imobiliária, como outro dia ele falou “mas lá é uma cidade, lá tem tudo!”. Então, quer dizer, tudo que você andar, nesse bairro tem, você tem loja de roupa, roupa boa, você tem loja de calçado, você tem sapateiro, você tem farmácia, você tem lugar agora que paga as suas contas, se você não quiser sair daqui, você tem lugar pra pagar água, força, telefone, tem tudo. Você tem mercado bom, né, você tem as coisas do lado, tem o cabeleireiro, então, tem tudo. Então, assim, a gente tem que procurar ter amizade, não ter violência, sabe, pro nosso bairro continuar bom. Quando o bairro é bom, todo mundo quer vir pra cá. Você pode olhar, você pode procurar, você pode vê que não tem casa pra alugar. Por quê? Porque todo mundo, as maioria, são morador, né. E quando sai uma casa pra alugar, que nem o vizinho dessa aqui minha, que o pessoal que saiu, é uma disputa acirrada, aqui o povo ...

Ah é?

Nossa! Dá briga, todo mundo quer vir morar. Aquele dali já não quer nem ... você quer vender, porque dá briga, porque, nossa ...

Quem que é que briga, assim, entre aspas pra vir pra cá?

Todo mundo que fica sabendo. Se você põem uma plaquinha, se vem a imobiliária e põem uma placa, nossa, é que nem abelha no mel, sabe, a pessoa já vem, já aluga e quer acertar, pela paz que a gente tem aqui. É o ônibus que tá na porta, você conhece todo mundo, né. E a maioria dos moradores que vieram da nossa situação, assim, tudo pra sair do mesmo estilo meu, pra sair do aluguel. Esse meu vizinho, suponhamos que aqui eles falam, ele vendia ... pra você ter uma idéia, ele vendeu todos os presentes dele de casamento. Você acredita numa coisa dessa? E ele foi e ainda foi e explicou pras pessoas. Ele é policial, né, a mulher dele trabalha lá no COC. Ele chegou e contou pra mim, veio ... e daí que foi pra mim assim, marcou! E cada um tem uma história pra contar. E cada um tem, sabe, isso daqui, óh, pra falar de cá. E ele também tem amigos, os amigos dele que não sai, vive tudo aqui. Vieram ... eu tinha vez que ele que fazia cimento, cal, deixa aí na minha área, às vezes tava chovendo e eu corria, meu marido tampava, sabe, pra não molhar. Então, quer dizer, ele foi pedindo desculpas pros amigos, né, do casamento dele, foi explicando, olha, pedindo ... “gente”, olha que coisa mais interessante, “dá pra você ficar com isso daqui que eu preciso comprar não sei o quê”, “porque eu estou construindo”, as pessoas entendeu a necessidade dele. Então pra você vê que coisa mais interessante e legal. Que a gente queria também sair do aluguel, né, queria construir uma casa pra ele. Então, a gente tem que dar valor aqui, um cuida da casa do outro. A pessoa viaja, então chegou tal pessoa na sua casa e “eu perguntei quem era e ela falou que era o irmão do seu marido”. Aí eu fiz ele falar o nome completo, né. Então quer dizer, olha que ... ele se preocupou com a minha casa, se preocupou com ... né, com as minhas coisas, então um se preocupa com o outro. Outro dia, teve aqui também a vizinha, ela saiu, eu vi que tinha uma pessoa diferente na porta da casa dela, eu perguntei pro senhor “o que o senhor, o senhor precisa de alguma coisa?”, eu tava fazendo serviços pequenos, né, aí o senhor falou assim ... ele virou, né, ele deu aquela olhada, eu vi que não era uma pessoa assim, eu falei “eu vou chamar meu marido”, ele montou na bicicleta e correu. Então, alguma coisa ele queria, alguma maldade, tal, né, nunca se sabe. Aí eu cheguei de noite ...

Isso é uma pergunta. Tem pessoas que não gostam daqui?

Olha, teve uma, mas ela era inquilina.

Inquilina?

Ela era inquilina.

E o que ela falava assim?

Que ela não gostava daqui, que ela gostava do Ipiranga.

Por que ela não gostava daqui, ela falava?

Eu acho que porque tinha o pessoal dela, os familiares era tudo de lá, pela forma de entender, porque quem veio pra cá, quem lutou, quem ajudou, quem cavou buraco como tatu ...

Você acha que isso fez diferença?

Com certeza, cuida daquilo que ... é mesma coisa de um presente, tem a diferença, vou chegar no mercado, vou comprar essa caixa de bombom pra dar pra uma pessoa e você pegar e fazer o bombom. Com certeza até a pessoa que vai receber vai falar “puxa, ela que fez”.

Tem casas aqui que não foram construídas pelas pessoas?

Ah, não, a maioria foi.

Tem casa da COHAB aqui?

Tem casa da COHAB. Tem algumas que fizeram pra tirar, acho que o pessoal do ... e agora eu não sei se foi da favela do Simione, se foi da ... foi do Simione, da Mogiana? Mas vieram as pessoas super finas. Imaginamos que o bairro ía ... mas não, né. Aí todo mundo ficou ameaçado, né, porque fala que é favela e já pensa que ... né, mas não. Eu tinha uma vizinha aqui, olha, veio de lá, mas olha, parece que ela veio do Alto da Boa Vista, assim, sabe, muito gente fina, muito educada.

Como foi este processo de adaptação desse pessoal, assim?

Foi difícil porque quando fala, quando já fala essa palavra “favela”, a gente já acha que é um povo, sabe, sem qualificação, sem qualidade, sem estrutura, sem educação, né. Mas surpreendeu até pra gente os moradores. Foram um pessoal, sabe, que foram se adaptando, que foi como o prefeito na época, o Palocci, né, falou “olha, a gente vamos, né, dar uma chance pra eles, vamos tirar eles de lá”. E realmente foram, porque tem casinhas que fizeram hoje que são bem melhores do que a nossa, fizeram muro, que ficaram bonito. As pessoas entraram no nosso convívio do dia a dia. As pessoas, realmente, sabe, de uma

estrutura, de uma educação que vamos tirar o chapéu. O bairro não caiu, sabe, e nem aumentou, ficou do jeito que tava. Eu tirei o chapéu pra esse pessoal que vieram da favela, que foram ... pra eles também ...

Mas tem gente que tem problemas com eles, assim?

Não, não, não, eu não ouvi falar. Ficamos com medo, porque pensamos “nossa, agora o bairro cai”, né, mas não. Foi super dez, super gente fina, vamos se orgulhar de tirar o chapéu pro pessoal. O pessoal que realmente necessitava, né, que mostraram interesse, que cuidaram da casa, que tão cuidando. Fizeram o muro, a maioria já tão fazendo o contrato com a COHAB, pagando todo o mês certinho, né. Eu gostei, sei lá, agora eu gostei, né. Na época eu não tinha gostado também não, eu também assustei, porque a casa ficava praticamente so ...

Por que você assustou? O que é que você achava, assim?

Então, isso que eu tô te falando, porque quando a gente já havia falado que ia morar ao lado de uma favela, a gente já fica imaginando assaltante, traficante, você não vê coisa boa. A gente tá acostumado a ver na televisão, a favela da Rocinha. O que você vê? Você não vê nada de bom, só vê a parte ruim, as parte boa ...

Na televisão?

Na televisão, você não vê a parte boa. Precisa entender que tem gente simples, gente que é honesta, gente que trabalha.

Você acha que tem parte boa?

Tem muita parte boa, com certeza. Aqui no bairro tem tanta coisa boa como tem ruim também, né. Ali na favela, ali tem policial que antigamente fazia questão de chegar com a farda. Hoje, se ele chegar, ele é metralhado, ele nem pode falar que é policial, que a maioria tem que falar de costas, que nem a voz tem que ser modificada, que a roupa dele, ele lava e tem que estender dentro da casa, escondido, nem o vizinho pode saber que ele é policial. Você entendeu como que tá agora a situação, então, fica difícil, né. Então a gente fica imaginando “o pessoal vem daquela favela, ai meu Deus”, a gente fica então “nossa, o tráfico vai piorar aqui”, né, “ai meu Deus do céu, ai, como que vai ficar as nossas casas?”, “como que a gente vai sair pra trabalhar?”, “ai meu Deus, será que a gente vai poder largar as coisas fora”, né. Você tira uma peça de roupa sua, faz falta, pra você que é assalariado, você que começou do zero, né. Graças a Deus, não.

E como que você acha que foi mudando essa visão?

Deles mostrando pra gente que eles não são aquilo, eles mostraram que eles não são aquilo. E eu convivi, eu convivi com a vizinha aqui.

Como que as pessoas reagiam em relação a eles?

Eles ficavam com vergonha de falar que eles vinham da favela. Eu tinha amizade com a mulher aqui, eu sabia que ela veio da favela porque as casinhas tão construindo pra esse pessoal que vieram da favela. Ai um dia ela tava aqui, muito comunicativa, uma senhora da minha idade, né, já era até avó, tinha as moças e tudo, e ela foi mostrando que não, que são gente também. O povo fica com medo deles, mas que eles são gente, que eles têm essa estrutura pra chegar, ao meu ver, num convívio social, a de ter respeito. Você viu como que é a mulher, o respeito dela, dos filhos.

Quantas casas você acha que foram ..?

Olha, eu não sei o total, foram algumas casas, eu não sei se são umas trinta, quarenta, tem muitas casinhas.

Você chegou a conhecer bastante gente assim?

Conheci, conheci essa vizinha, ela mudou, né, ela mudou, acho que foi pra cidade, mas, uma gracinha, muito hospitaleira, muito simples também, sabe, ela ficava até com vergonha de falar.

Ela ficava com vergonha de falar?

Ela ficava, quando ela ... aí quando pegou muita amizade, aí ela falou. Aí eu falei “nossa, que engraçado, mas não parece”.

E a turma, assim, como que, assim, a vizinhança aqui do bairro, no começo, como que... qual que era o comportamento com relação a eles?

Cheia de bloqueio, né.

Como que era esse bloqueio?

O povo ficava com medo, é que nem eu tava te falando, né.

Mas como era traduzido em comportamento isso daí?

O povo ficava na dele, não se juntava, entendeu.

Não se juntava?

Não, e aí depois ...

E como foi se juntando?

Então, aí você vai conversando com a pessoa, um “bom dia” daqui, “como vai?”, a mulher veio conversar com você, eu conversava com ela, ela vinha na minha casa, eu ia na casa dela, aí esse convívio, aí você foi vendo que não é aquilo, então aquele bloqueio sumiu, né. Então, é isso que se falta, quando a gente vê a favela na televisão, essas coisas, você vê morte, você vê tráfico, você vê só coisa ruim. Mas, mostra do lado bom, que o SENAI agora tá mostrando, né, o SENAI tá mostrando muito o lado bom da Rocinha, que tá tendo educação, que tá tendo aula disso, aula daquilo, sabe, então tá mostrando a estrutura do lado bom, né. Então a pessoa tem que escolher também, né, não é porque ela mora ... não é que eu moro em tal lugar que eu tenho que ser aquilo, não, né. Então é isso que eu falo, você tem que dar uma chance pra aquela pessoa. Se ela tem força de vontade, se ela quer, mostra ... dá uma oportunidade pra ela, pelo menos isso.

Você quer perguntar alguma coisa a mais?

(Wellington) Ela falou do... voltando a aquela questão da identidade ainda, de certa forma você criou uma identidade com isso, quer dizer, o bairro é uma extensão de você. Você conversou com os moradores, você sente que acontece com eles também?

Também.

(Wellington) Acontece essa identidade, e isso levaria hipoteticamente a uma... alguma coisa, assim, um conjunto grande ou é... ou não?

Sim, porque nós começamos, né, do zero, todo mundo começou do zero, praticamente, como se diz o ditado, com a roupa do corpo, um ajudando o outro. E nós continuamos nessa evolução, um ajudando o outro, um se preocupa, sabe. “Ah, porque o marido daquela vizinha tá desempregado?”, então, a gente tenta, sabe, ela passa comigo, comunico o meu marido, sempre pára um querendo ajudar, um querendo ver o bem do outro.

Você sente que essas pessoas que, por exemplo, você falou assim, quem construiu, quem souo, quem batalhou, teve uma identidade.

Dá mais valor.

E quem veio de uma casa pronta, por exemplo, da COHAB, o que você sente, essa identidade das pessoas?

Que ela tá fora, é mesmo um peixe fora d`água.

Você sente que falta essa identidade delas?

Falta, falta ... é porque, é que nem aquilo que eu tô te falando, é mesma coisa que você chegar no supermercado e comprar um bombom pronto, daquilo que você faz. Você dá muito mais valor naquilo que você fez.

Como que você vê esse valor nas pessoas, traduzindo em comportamento, assim?

A alegria de ter conseguido.

Elas não ... Você vê que elas não têm muito ...?

Não, então quem fez sabe o valor disso.

Essas pessoas participam do...?

Participam, participam porque a gente sempre fomos juntos, né. Inclusive as mães da associação, a gente sempre tá junto, uma comunica com a outra, uma liga pra outra, “olha a mãe do”...

Elas participam por causa de vocês, então?

Por causa da gente, que nem a mãe do Wellington, ela me encontra “Marli, você não vai lá na igreja”, “Marli, que não sei quê”. O pai dele “olha, tá fazendo falta”, então quer dizer, você tá fazendo falta, então porque você é importante.

E isso tá acontecendo com o pessoal que mudou para as casas já construídas da COHAB?

Já construídas, porque elas não dão, propriamente dito, o valor de ter construído, ela já chegou e pegou pronto.

E você acha que ela ... que isso atrapalha na identidade do bairro?

Eu acho, atrapalha na identidade porque nós sofremos aqui, entendeu. Eles não deram essa oportunidade pra gente, porque se ele desse a oportunidade pra todo esse pessoal que vieram de casa pronta, né, talvez eu não daria tanto valor como eu dou hoje, porque aqui foi eu e meu marido que construímos. Eu vinha aqui à noite, a gente não tinha energia, a gente pedia energia para um vizinho, lá, pra “ah, eu preciso soldar”, tal, “eu tenho que pôr um negócio”, né, tinha que fazer aquele portão lá “você me arruma energia”, meu vizinho pegou energia minha, entendeu. Aquela igreja crente ali, de lá eles pediu, pegou uma extensão pra pegar energia, pra soldar as coisas, entendeu. Então, é você dar valor naquilo que você fez.

Tem muita gente que mora de aluguel aqui no bairro?

Não, que eu saiba é muito pouco.

Muito pouco?

Muito pouco.

Você sente essa diferença desse pessoal que mora de aluguel ou não?

Eu sinto porque não é dono.

Mas em relação ao bairro também?

A gente sente porque, os que são dono, a gente sabe o quanto que custou, sabe da onde que a gente tirou, o sofrimento que a gente veio. Agora, que vem e já tá pronto, não dá a mesma ... agora, é mesma coisa inquilino, que ele não tem, é como se diz, ele não tem, não tem nada a perder, ele não tá pagando ali ...

E isso você vê no dia a dia ou não? O que é que você vê no dia a dia, por exemplo?

Porque, óh, no dia a dia, você vê, aqui trabalha, chega de noite, né, aqui também trabalha o dia inteiro, final de semana a mulher tá limpando, tá cuidando, ela dá uma educação pros filhos dela, pra você vê. As que tavam aqui na minha frente, a mulher tinha cinco filhos, ela não tava nem aí, ela ria da sua cara, os filho colocava o som alto, ela não dá valor porque ela não tem casa. O dia que ele tiver que lutar e cavar um buraco pra fazer a primeira parede dela, ela vai dar valor, ela vai ter que respeitar o vizinho, porque se ela não respeitar o vizinho, não vai dar certo. Pensa bem, porque se você não tem respeito com o vizinho, como que vai ser? Não dá certo. Pra você morar num bairro que você tá construindo tudo, você tem que ter respeito. Eu acho.

Bom, Marli, se você quiser falar mais alguma coisa, eu estou satisfeito.

Ah, se gostou tá bom. Eu falei muito? Não, eu falei porque quando você me permitiu, eu fiquei honrada, né, de você ter me chamado porque eu ... sei lá ... eu, nossa, eu chorava todo o dia, quando já falou em “ah, esse terreno é nosso” eu já chorava de alegria, saber que eu já ia construir, não importava como, né. Eu me senti honrada, nossa, pra mim é uma honra falar do meu bairro pra você. Só sai daqui só depois de morta, já falei pro meu marido, daqui eu não saio. Gosto muito do outro que eu comprei, mas daqui eu não saio, gosto demais daqui, porque foi aqui que eu comecei.

Documento produzido de Rita Cristina P. Buzatto Fernandes (R) e Marisa Aparecida Biagini Lopes (M)

Dia primeiro de junho de dois mil e quatro, eu tô aqui com a professora Rita e com a professora Marisa. Então, eu gostaria que ... a gente pode começar com você, né, Marisa?

M: Pode ser.

Você quer falar um pouquinho como que foi que você chegou lá no Angerami.

M: É, eu prestei um concurso, né, na prefeitura e nós fomos, acho que tanto eu ... acho não, tanto eu como a Rita, nós fomos contratadas em fevereiro de mil novecentos e noventa e nove. Então, quando a gente foi fazer a escolha, eu particularmente, comecei na secretaria de educação a descobrir, eu queria uma escola onde eu pudesse trabalhar com pré-escola, que eu gosto muito das crianças pequenas. E eu me lembro que no Angerami é que tinha pré-escola. Então, eram crianças de seis anos, pelo pré III, era exatamente o que eu queria trabalhar. E eu já conhecia aquela região das Palmeiras porque nós éramos amigos da família do professor Angerami, que tinha uma chácara em frente à escola, acho que até hoje é da família Angerami aquela chácara. Então, eu estava, assim, familiarizada, mais ou menos familiarizada com o local. Então, pra mim pessoalmente, não era uma coisa tão distante, era um local que eu já havia ido várias vezes, que eu já conhecia e, junto com isso, o fato de ser uma escola. Então, por isso eu fui parar no Angerami. E, quando nós chegamos, eu me lembro que a diretora era a Márcia “Chilibura” (?) e nós chegamos e nós trabalhávamos na sede da fazenda. Lá naquela época funcionava não só a pré-escola.

R: Tudo junto.

M: Tudo junto, né, Rita. Então, se eu não me engano era pré, primeira e segunda?

R: Terceira e quarta.

M: Terceira e quarta também.

R: Em baixo tava reformando e nós subimos, lembra?

M: Então, mas quando nós chegamos, em noventa e nove, já havia começado a reforma da escola de hoje?

R: Da primeira.

M: Que acabou e voltou normal. Não mudou ... foi.

R: Éramos três períodos.

M: Tinha um das quinze pras sete ...

R: Até quinze pras onze.

M: Quinze pras onze.

R: Que era o seu horário. O meu horário era de quinze pras onze as quinze pras três. Aí lá em cima não tinha condições mais de ficar o vespertino, que era muito escuro, afastado, não tinha telefone. Aí tinha que descer e eles faziam de quinze pras quatro as quinze pras sete. Inclusive tinha horário de quarta série nesse horário. Aí a criança tinha que ficar muito... lembra disso?

M: Lembro.

R: Era muito escuro ali, ficava muito escuro, não tinha ... a iluminação era precária ali. Tinha acabado de fazer aquela ... aquela rua das Palmeiras ali, né. Que é, assim, tava ... o bairro de cima tava começando, lembra disso Ma?

M: É, o Ribeirão Verde, né.

R: Tava iniciando, as Palmeiras já tinha, né. As crianças eram muito das Palmeiras e o Ribeirão Verde tava dando início.

M: Inclusive, a Márcia, eu lembro que ela tinha um trabalho muito importante com a comunidade das Palmeiras, você lembra disso?

R: Lembro.

M: Ela trabalhava muito com a comunidade, inclusive ela tinha várias pessoas da comunidade que iam ajudar na escola. Então, tinha uma pessoa ... como que chamava aquele senhor?

R: Seu Carlinhos.

M: Não, aquele alto, gaúcho.

R: O Gaúcho.

M: O Gaúcho.

R: É que a gente não lembra o nome, mas ele era gaúcho.

M: Tinha o apelido de Gaúcho e ele fazia todos os serviços da escola de marcenaria, consertava porta, tudo que quebrava na escola era ele que consertava. E a esposa dele, que era a Maria, era funcionária da escola.

R: Não funcionária efetiva, contratada.

M: É, e ela tinha... a Márcia, trabalhado muito, assim, com a comunidade. A gente percebia que a comunidade tava bem, assim, muito participante na vida da escola.

R: Mas naquela época a comunidade, realmente, era menor por ser das chácaras.

M: Ah, sim.

R: Então, eles eram próximos da escola, próximos mesmo, porque muitos antes ... meus alunos vinham de charrete, cavalo. Eu tinha aluno que andava no cavalo sem a cela. E uma vez ele passou ali na frente da escola, a criançada “ôhu ...”, como se fosse a coisa mais natural, pra eles era muito natural isso. Você chegou a ter alunos que vinham de charrete?

M: Não, porque meus alunos eram pequenos.

R: Era pequeno. Os meus... já chegou e ...

M: Eram crianças de cinco anos e meio e seis, então, as mães levavam. Mas, por exemplo, eles chegavam na escola ...

R: De bicicleta, muito de bicicleta.

M: Muito mesmo.

R: Isso já ... hoje ainda tem, mas iam muito de bicicleta, cavalo, charrete, a pé muito também ...

M: A pé.

R: Muito, eles vinham ... andavam quarenta minutos a pé, lá da beirada ... lá perto da .. do Caiçara. Eles vinham de lá e tinham um caminho de nada, uma caminhada muito longa, não tinha van, não tinha parece que ônibus. Tinha um ônibus? Acho que não tava ...

M: Não, não, não tinha nenhuma linha de ônibus que passasse por aqui.

R: Parava só por ali, né, próximo, antes de chegar nas Palmeiras.

M: Nas Palmeiras. E a nossa clientela era uma clientela, como a Rita tava comentando, de chacareiros quase que exclusivamente.

R: Mas eu lembro de ... não dos donos das chácaras.

M: Não.

R: Dos trabalhadores das chácaras.

M: É, dos caseiros ...

R: Dos filhos dos caseiros, a grande maioria.

M: A minha pelo menos era.

R: A minha também.

M: Inclusive eles tinham hábitos bem rurais ...

R: Bem.

M: E conhecimentos bem, assim, empíricos a respeito de plantas, de estação do ano, de época de colheita, de, assim, frio ou calor, chuva ou seca. Uma coisa que você percebia que passava de pai pra filho, né. Você contou o caso da pipa ...

R: É, da pipa ...

Como foi o caso da pipa?

M: Nós fizemos uma ...

R: Acho que foi no Folclore. E aí nós incluímos as brincadeiras e uma delas era pipa. E a mininadinha, a hora que falou “pipa”, parece que elas trouxeram a brincadeira pra dentro da escola, né. Aí aquele fogo, fazia uma, fazia duas, fazia três e uma mais ... acabaram ficando pipas muito bonitas. Aí resolvemos, então, fazer um campeonato das pipas no dia, ficou lindo, o céu ficou todo cheio de pipa, ficou muito lindo aquele dia. Ali é muito espaçoso, não tem fio nada, né. E aí nós começamos a notar que não era dificuldade pra eles a hora de cortar o papel de seda, nem de amarrar, porque eles nos explicavam ... foi ... eles foram ensinados aqui e nós tentamos e fomos fazer aquilo. Então, tem que ter toda uma ... aí, como é que fala? “A senhora não entende, né, ela tem que tá ...”

M: Uma enver ... a envergadura correta ...

R: Correta, amarradinha no meio, centraliz ... é uma coisa assim, ela tem uma ... tipo uma arqui ... não é uma arquitetura.

M: Uma estrutura, né.

R: Tinha que tá certinha, né. Então, eles me explicavam isso com uma autonomia de quem era conhecedor, mas era lindo o que eles estavam falando, que pelo jeito o avô ensinou o pai, o pai ensinou e aquilo foi passando. Aí tinha um que cortava o papel de seda com o barbante, ele apoiava, assim, o pezinho, o joelho, assim, no chão. Aí ele passava o barbante, o papelzinho de seda cortava, ele colava, amarrava, a pipa tava boa. Aí ele falava que a rabiola, né, tinha que ser de tal jeito que se não ela ... Aí eu fui soltar pipa com eles, aí, né ... e aí ele falavam “vem aqui ajudar” e eles puxavam e o outro enrolava, aí saía dali ajudar o outro, o outro ... porque se não acho que a pipa perde, então, eles vão puxando e a linha caindo e o outro ... então, um sabe a hora ... sabia a hora que um precisava de ajuda. Aqui,

enrolou abre, então, ficou ... era de uma, assim, de uma simplicidade pra eles aquilo, fazia parte.

Todos?

R: Ah, os que ... aí nós atendíamos um povo do Aeroporto, né, você lembra disso?

M: Tinha algumas crianças, não muitas, né.

R: Mas poucos, né.

M: Mas tinha crianças do Aeroporto, que não tinha escola, né, no Aeroporto.

R: E o Aeroporto a gente atendia um pouco as favelas também, né.

M: Era uma região bem carente.

R: Era uma região ... agora eu acho que melhorou bem o bairro, mas era uma região, supostamente, era mais carente que as Palmeiras, porque a gente percebia que as Palmeiras, eles eram humildes, carentes, mas tinham família.

M: E fartura em casa.

R: Isso. O pai trabalhava, a mãe trabalhava e as crianças ficavam na chácara, né. Então, a gente notava, assim, que se eu falasse, não sei a da sua, mas se eu falava assim ... Eu tinha um aluno que ele chamava ... agora eu não me daqui a pouco eu lembro o nome dele, eu lembro o nome da mãe, a dona Rosa. Eu falava assim ... Renatinho, ele era muito pequenininho, “Renatinho, se eu chamar a dona Rosa ...”, “não, não, não precisa chamar a minha mãe que eu não vou fazer mais”. Porque a mãe dele era atuante, ela chegava ali, falava assim “eu converso com ele”. E era aquela mãe que era dona de casa, precisava dela na escola era dois tempos, ela ia lá, andava, mas ... sabe. Então, acho que eles aqui, eles tinham o pai, tinham a mãe, irmãos, tinham uma família. A gente notava mais estrutura familiar, apesar de ter ... não ... de terem dificuldade financeira também, né.

M: Sim.

R: Mas ia com o uniforme com tudo, ia com o material escolar básico, mas tinha, né.

M: Inclusive, o que eu notava bastante, que isso aconteceu bastante, é que na pré-escola eu trabalhava muito com brincadeiras folclóricas com eles e brincadeiras, assim, tipo ... passam mesmo de pai pra filho. Cantiga de roda, e eu notava que eles ... as crianças brincavam as mesmas brincadeiras que eu brincava quando eu era pequena e que a gente não via mais pela cidade, criança de cidade fazendo isso.

M: É verdade.

R: E era ... fazia parte do cotidiano deles. Na hora das brincadeiras eles reuniam e iam brincar.

M: Exatamente, então, as músicas, as cantigas de roda, eram antigas e eram assim, você percebia que as crianças da cidade já tinham outro tipo de brincadeira, que ainda não tinha chegado lá. Eles estavam com aquelas que passavam mesmo, que os pais ensinavam ...

R: Pouca televisão.

M: Ah, quase nenhuma.

R: Quase nenhuma. A gente não notava ... não tinha comentário de televisão. O comentário era “eu fui no rio”, né, “eu fui no rio ...”.

M: “Eu fui pescar ...”.

R: “Eu fui pescar”, “eu brinquei”, “ah, eu cuidava da horta”, “eu cuidava das galinhas”, isso era ... eles tinham a rotina deles.

M: Inclusive, teve uma vez que eu dei ... eu me lembro bem era uma menina, a Aline, ela parecia uma camponesa, de cabelinho comprido, loira de olhinho azul, e ela usava uns vestidos bem cumpridos e estampados, então, é uma gracinha a menina. E um dia eu dei uma atividade numa folhinha pra ela fazer e ela voltou com aquela folhinha suja. Fez a moda dela, mas toda suja. Eu falei “Aline, mas o quê que aconteceu com a sua folhinha? Eu avisei que o que era pra trazer era a folhinha limpinha com a atividade direitinho”, “não, professora, é que quando eu tava fazendo minha mãe pediu pra que eu desse comida pras galinhas e eu levei a folha de baixo do braço e a folha caiu no chão e sujou”. Quer dizer, então, o dia a dia deles era rural, eram as atividades que eles tinham eram essas, né. Então, eu tinha muito problema com isso, se ia um caderninho de desenho voltava sujo, porque ou eles iam pra horta, ou eles iam dar comida pras galinhas. Então, eles não tinham um ambiente assim, eu imaginava que ... uma mesa onde eles faziam as tarefas, as lições. Não, eles ... a tarefa era feita no ambiente doméstico junto com as atividades que eles faziam.

R: Não era ... não era um sujar porque não tomou cuidado.

M: Não.

R: Hoje a gente nota, assim, os cadernos não são tão bem cuidados, mas eles ... não porque rasgava por falta de cuidado, né, porque é o manuseio mesmo, aquele jeito com a mãozinha mesmo suja de terra.

M: É, exatamente.

R: E essa questão da cidade e da moçadinha que era ali das Palmeiras, a gente tava falando das pipas, os que não sabiam fazer aprenderam e eram os do Aeroporto. Eles aprenderam com as nossas crianças a fazer melhor porque eles sabiam também, mas não tinha aquele ... aquela habilidade, não tinha. Aí eles aprenderam a fazer melhor, fazer, assim, com mais ... com mais acabamento, com mais ... sendo mais ... como que fala, assim? Sendo mais ... o acabamento dela mesmo, pra ela ficar ... pra ela voar direitinho, ficar no ar. Eles aprenderam com a meninadinha das Palmeiras.

M: Inclusive, naquela época, hoje não tem mais isso, né, o bairro cresceu, nós temos poucas crianças que vem das chácaras, né.

R: Poucas.

M: Mas naquela época era comum, eu ganhava, por exemplo, um saco de mandioca. Então, os agrados pras professoras era um saco de mandioca, uma bacia de laranja ...

R: Verdura.

M: Verduras.

R: Inclusive, no dia do professor.

M: Ah, sim.

R: Eu tinha um profes ... uma avó, que trazia no dia do professor, porque eu dei aula lá e a primeira turma foi uma segunda série e eu peguei essa turma novamente na terceira série. Então, eu peguei eles na segunda, aí era a mesma turminha porque só tinha uma turminha na segunda, na terceira. Então, eu peguei um ano segunda, no outro ano eu peguei uma terceira e eram os meus mesmos alunos que eu tinha dado nesse aqui. Essa avó, ele foi meu um ano e outro, dia do professor ela me dava uma sacola de verdura, ela fazia um saco de verdura e me dava, do jeitinho dela, né. E ela me dizia que ela era analfabeta, que ela não podia assinar reunião e não lia, então, eu assinava por ela, mas ela ia. Ela levava, ela buscava, ela pegava todos os recados. E o menino manifest ... ele tinha muita dificuldade, ele não escrevia, ele desenhava, inclusive ele não era cego. Mas não era falta de condição, não. É porque acho que ele não tinha um ambiente muito letrado.

M: Esse problema nós sempre tivemos.

R: É.

Qual o problema?

M: O problema da falta de letramento das crianças, porque a gente percebia que eles não tinham contato com revistas, com jornais, com livros ...

R: Pouca televisão.

M: Com livros, então, nulo, né. Pouca televisão, então ...

R: E a nossa biblioteca na época, ela não era muito grande.

M: Não.

R: Nós tínhamos pouquinhos livros, né, a nossa biblioteca era um ... a Márcia fez até muita força quanto a isso, você lembra, a nossa biblioteca era muito pequena.

M: Bem pobre.

R: Pouquinhos livros, uns livros que já tavam, assim, muito usados, mas que dava pra usar perfeitamente, né. E eles não tinham, realmente, esse contato, né. Livros, muito pouco.

M: Não.

R: Muito poucos.

M: Então, quando a gente tinha que trabalhar, eu por exemplo trabalhava com o pré, mostrar as letrinhas, mesmo números, pra muitos, crianças com cinco anos e meio e seis anos, pra muitos era a primeira vez que eles estavam vendo.

R: Lateralidade também.

M: Lateralidade também.

R: Às vezes, na terceira série ou na segunda, às vezes, você falava assim “cor”, dependendo da cor eles não tinham muito conhecimento.

M: Verdade.

R: Uma cor comum, não, mas uma cor meio que não faz muito parte ... lateralidade tinha muito, noção do caderno, né.

Por exemplo, lateralidade, o que seria isso?

R: Seria direita, esquerda, em cima, em baixo, né. Às vezes, vinha pra gente na terceira, às vezes, eles iam pegar o caderno, eles não sabiam se o caderno era daqui pra... do fim para o começo, não sabia a margem, não tinha muito... era falta de contato com a...

M: E crianças... inclusive eles pegavam livros de história, várias crianças, de cabeça pra baixo, entende. Então, você percebia que era o que a Rita tá falando, era falta de contato.

R: Não com todos.

M: Não, não, não todos, mas tinha algumas crianças... Então, era a falta de contato mesmo que eles tinham, porque quando eles começaram a manusear na escola, eles aprenderam e acabou o problema. Então, em casa eles não tinham esse contato.

R: Pouca televisão, pouca, pouca.

M: É, eles não tinham o...

R: Não usavam muito a televisão, acho que porque o bairro, talvez, não sei, se era dificuldade de... E também tinha muita religião que não deixava usar a televisão. Começou a vir algum tipo... não sei nem quais eram as religiões porque a gente não entrava muito em detalhes, mas tinha uma que não podia ter televisão em casa.

M: Inclusive...

Como que vocês sabiam disso?

R: Eles falavam.

M: Eles falavam, inclusive, eu tive um problema com uma criança que foi na época que começou a dar piolho. Então, era uma criança que tinha um cabelo muito comprido, e andava de cabelo comprido, e eu... e ela vinha, às vezes, com o cabelo embaraçado pra escola. Então, eu mandei um bilhete pra mãe pedindo, explicando que tava dando piolho, se ela podia fazer o favor de cortar um pouco o cabelo da criança e observar, tal. A gente ensinou alguns remédios caseiros, lembra, pra eles, né. E eu mandei esse bilhete. E no dia seguinte, veio a criança e veio a mãe junto. E a mãe tava brava porque eu tinha pedido pra cortar um pouco o cabelo da menina. Aí eu perguntei “por quê?”, né, porque eu tinha explicado o motivo, né, que ficava mais fácil pra cuidar. Aí ela falou assim “não professora, Deus não gosta de cabelo curto, na nossa religião as crianças não pode cortar o cabelo, nem nós mulheres”. Aí eu percebi que ela tinha um coque bem grande, assim, um cabelo bem grande, e a criança tinha um cabelo na cintura e não podia cortar. Hoje, este ano, pelo menos, eu não tenho nenhum aluno com este problema.

R: Cabelo também eu me lembro, eu tive problema de cabelo e calça comprida.

M: Também, calça comprida.

R: Às vezes, na educação física as meninas convinhavam que viessem de calça comprida ou shortinho, assim, uma bermudinha. Elas também não podiam usar porque a... era comum, lembra.

M: Comum, muito comum.

R: Hoje parece que não tanto. Até eles falavam assim pra mim “ eu tô cansado, hoje não deu pra fazer a lição”. “Mas por quê, né?”, “ah, professora, o culto...”. Você lembra disso? Eles vinham e ficavam muitas horas, eu acho, e aí, tal, tinha sono. Aí, outro dia acordava cedo muito cansadinho...

M: Não, eu acho que a realidade deles mudou bastante, mudou muito.

Quando que vocês começaram a perceber essas mudanças, assim?

M: Olha, no meu caso, eu trabalhei em noventa e nove, dois mil, dois mil e um eu já comecei a notar alguma diferença, no terceiro ano que eu estava lá.

R: Eu acho que pra mim foi mais ou menos isso.

Vocês podem dar alguns exemplos, assim, que vocês lembram?

R: Olha, eu me lembro que eu não tinha, no início, nenhum aluno que o pai levasse de carro. Acho que só o Gaúcho que tinha um carro, seu Carlinhos, que eram, assim, algumas pessoas que não eram empregados, que não... donos ali da chácara. Depois eu comecei a perceber que os pais iam trabalhar e já largavam as crianças, você começou a perceber isso? Porque eles iam levar... chácara... pediam até “me desculpa” porque eles iam de chapéu, bem já... saía do trabalho, às vezes em reunião, você chegava a notar?

M: Chegava de botina suja...

R: É, de quem tinha lidado.

M: De terra, de quem tinha lidado com a chácara mesmo.

R: Hoje a gente já nota que... primeiro que nós não temos muito criança mesmo da chácara, nós começamos... eu comecei a notar, assim, que os pais já não trabalhavam muito mais na chácara, dava pra perceber que eles iam pro trabalho. Aí começou assim “eu não posso ir na reunião porque eu tenho que ir trabalhar”.

M: Exatamente.

R: Ao passo que quando era da chácara, eles largavam ali, não por muito tempo, que eles tinham as atividades. Então, eles davam uma largadinha no trabalho, iam do jeito que tava, aí eles falavam com a gente e voltavam. Então, eles... eu pelo menos comecei a notar que as crianças começaram a mudar a maneira de chegar na escola, alguns até chegavam de carro, mas bicicleta... o pai passava de bicicleta, largava e ia pro trabalho.

M: Isso, e a partir, eu acho que dois anos pra cá começaram as motos...

R: E carro.

M: E os carros, este ano, principalmente, tem muita família que tem carro, né.

R: Você sabe o que aconteceu uma vez? Meu pai me acompanha muito nas festas que acontecem na escola, ele gosta, né. E tinha festa junina, o ano passado teve, um ano ele foi comigo e já foi lá em cima, já foi... não era mais... não, foi na sede.

Que ano que foi, você lembra?

M: Dois anos atrás, talvez.

R: Não, esse aconteceu três anos atrás.

M: Três anos.

R: Foi.

M: Porque há dois anos também foi na sede, né.

R: Não, mas aí foram três anos atrás porque o ano passado... o outro, o outro. Então, foi há três anos atrás. Meu pai veio comigo, e aí tinha muita criança, muita gente mais humilde, meu pai falou “nossa, Rita, mas tem muita gente aqui sem muita condição financeira”. Aí meu pai até, ele ficou, assim, rodeando, porque nós ficamos trabalhando, não sei se a gente se encontrou nesse ano, e ele acabou ficando com dó e comprou, assim, cachorro quente, pipoca. Aí depois ele falou assim “ah, meu dinheiro agora acabou”, acho que não imaginava, assim, que ia, né, que ia precisar do dinheiro, né. Aí no outro ano ele foi também comigo na festa junina. Aí ele falou assim “nossa, Rita, não tem tanto...” ele usou o termo, assim, “pobre”, mas ele... não é que ele quis dizer no sentido da pessoa, mas ele notou que os pais, foi até uma surpresa. Você lembra que os caixas todos ficaram... nós não imaginávamos que ia ter tanta fila. A condição... parece que a condição melhorou um pouquinho.

M: Melhorou, é.

R: Você tá lembrada, não foi ano passado, foi retrasado, né, que melhorou a condição e deu até fila nos caixas.

M: Há três anos, acho que foi... há três anos atrás, eu me lembro que nós montamos um bingo numa festa junina, nossa, mas o que deu de dinheiro naquele bingo. Que aí eu acho que o pessoal já tinha uma condição melhor. Então, a gente levou as prendas, né.

R: Foi.

M: E eles, realmente, eles participaram muito, você percebia que eles já tinham um poder aquisitivo um pouquinho melhor.

R: E meu pai foi lá um ano e depois foi no outro, então, ele falou “nesse ano eu senti que tá melhor, eu tô sentindo que os pais tem dinheiro pra comprar”. Coitada, a Regina não gostava de fazer, ela ficava com dó porque a festa junina era pra escola, tinha que fazer, mas ela ficava com dó porque vendia coisa partindo muito. Docinhos...

M: Vinte centavos, trinta centavos.

R: Isso. Aí meu pai ficou... há uns três anos atrás ou quatro, né, mas eu acho que é três, ele “até o dinheiro que eu posso...” do outro... quando foi do outro ano ele foi mais abastecido, ele achou que ele ia precisar, né. E ele sentiu, assim, ele até doou cachorro quente pras criancinhas... mas não foi assim. Ele sentiu... aí na hora que nós estávamos voltando, quase ele não fez comentário comigo “oh, Rita, os pais estão com mais condição aqui”, ele falou, né. “Nossa, daquela vez tinha tanto pobre que eu fiquei com dó, dessa vez eu não precisei... eu trouxe mais e não precisei tanto”. Então, pra você vê, é uma pessoa externa, mas que percebeu ao longo de um ano, você vê, não é tanto, hein. Agora, esse ano que passou a festa junina... teve, Marisa? Teve, mas foi mais uma festa de apresentações.

M: Foi, é, há dois anos ainda foi uma festa, assim, maior, foi lá na quadra, né, e a gente conseguiu vender mais, e já conseguiu fazer as guloseimas, né, um pouquinho mais caras, eles já conseguiram comprar. Outra coisa que eu venho notando, por exemplo, nos primeiros anos quando a gente fazia festa junina tinha muita mãe que não conseguia comprar um vestidinho caipira. Às vezes, tinha criança... coisa simples, mas de acordo com uma festa junina, eles iam com que eles tinham. De uns três anos pra cá as crianças vão vestidas de acordo, com o vestidinho caipira, com a calça comprida toda incrementada, o chapeuzinho de palha, então, daí você também percebe que melhorou o poder aquisitivo deles.

Como que elas vinham antes?

R: Elas vinham com que elas tinham, com a roupinha que elas tinham e a mãe pintava o rostinho.

M: Passavam...

R: Roupinha normal que elas tinham, mas se divertiam muito.

M: Eu acho que... ah, com certeza, muito.

R: Agora eu não sei se a Marisa concorda comigo, naquela época as crianças vinham mais simples, eles tinham menos condição só que a família vinha mais.

M: Com certeza.

R: Hoje, trazer família pra escola é difícil.

M: Muito difícil.

R: Nós fizemos... minha última festa do dia das mães, nós falamos de sorteio, né. Nós fizemos uns brindes e sorteamos pras mães pra vê se a gente conseguia atrair mais.

M: Pra atrair.

R: É difícil, né.

M: Exatamente, eu acho que é por causa daquilo que você comentou, eles saem pra trabalhar.

R: E o compromisso com a escola eu acho que diminuiu.

M: Com certeza.

R: Eu acredito que sim, porque há... se eu chamasse uma época uma mãe, eu lembro o caso da dona Rosa porque o Renatinho era muito gozado, né. As crianças... e sabe o quê que era também, “mas por quê que o Renatinho tá faltando?”, “ah, mas ele tava brincando lá na porta da chácara”, “ah, mas eu vi ele lá no bar do Galego”, eles gostam muito do bar do Galego, né, era um referencial.

M: Até hoje.

R: É, e a igreja Santa Rita, ali também eles sabiam. Eles... era o referencial enorme, “chega no bar do Galego, vira à direita”, “chega no bar do Galego, sobe mais um pouquinho”, você lembra disso?

R: Vamos ver, então, como eu cheguei lá, né, no Angerami, que a Marisa falou dela. Eu também prestei concurso na mesma época dela, foi em noventa e nove, né, aí, pra ingressar eu também fui lá pra escolha. Eu, ao contrário dela, preferi os maiores, eu preferi, assim, uma segunda ou terceira, né. E o que tinha pra mim nas séries que eu gostava mais, tinha algumas escolas que eram em bairros mais, supostamente, mais perigosos eu acho. A hora que a gente comentava o pessoal falava “ah não, aquele bairro não”. Aí eu olhei essas escolas e eu fui pra conhecer. Só que pra ir, o meu marido me levou, porque eu não lembrava mais como que chegava lá. Eu achava assim... me assustou porque eu achei um pouco longe a princípio, né, mas eu tenho um pouco de dificuldade de caminho. Aí nós fomos. Aí o que me agradou muito foi que hora que nós chegamos, a Márcia na época que era diretora, tava lá. E a secretaria... a escola era precária, assim, bem pequena e

reformando, nós chegamos lá, tava reformando. Eu... apontou, assim... e ela falou “ah, que bom”, né. Eu me apresentei como uma possível escolha, não que... “ah, eu vim aqui pra conhecer, talvez, né, eu escolha aqui”, “ah, vem sim, aqui é uma escola boa, não se preocupe que eu venho em quatorze minutos, eu não tô mentindo”, porque da casa dela até a escola é quatorze minutos. Aí enquanto eu conversei com ela na secretaria, que era uma janelinha, tinha aquele elemento vazado, a escola era bem mais precária, não tinha aquela frente, as salas eram bem ruins, né...

M: Pequeninhas...

R: Pequeninhas, sem ventilação, sem forro. “Ah não, vem pra cá, a comunidade é um...”, que ela tinha muito contato mesmo, né. Enquanto eu fiquei conversando com ela, ela me agradou muito, porque a escola também é direção, né, ela me agradou como pessoa. E meu marido, acho que foi dar uma olhadinha em volta, né, acho que ele foi ver um pouco a segurança, alguma... nesse sentido, e viemos. Aí passamos numa outra escola que era próximo dali e nós, apesar de ter uma estrutura física, a escola tinha um quarteirão inteiro, nós... Aí, nós... no caminho de volta meu marido falou assim “ah, eu acho que é melhor você escolher o Angerami que é um pouquinho mais afastado, mas fica ali mesmo, eu acho que o bairro é mais calmo, mais tranqüilo. E você não vai ficar assim... acho que é menos perigoso do que... E na hora da escolha eu optei o que me sobrou ali...

Só tinha aquelas duas escolas?

R: Não, tinha até um pouco mais, mas os bairros eram, supostamente, muito perigosos, então, aquelas eu eliminei a princípio. Na hora da minha escolha tinha essas duas, que era a Angerami e mais uma. Aí eu fiz a opção pelo Angerami, pelo bairro ser mais calmo apesar da estrutura física da escola ser bem precária, era bem precária.

E você não conhecia o bairro antes?

R: Não, antes não. Eu já tinha ido, assim, algumas vezes, mas muito pouco, né. Aí, fomos, eu escolhi, depois eu comentava, as pessoas falavam assim “nossa, mas é lá que você vai dar aula, é muito longe!”, né. E, realmente, a Márcia tinha razão, eu gasto um pouquinho mais porque ela mora no Jardim Paulista e eu um pouco mais, mas não dá mais que vinte minutos mesmo, né. Agora eu me acostumei, não acho nem um pouco longe, e aproximou mesmo, a cidade chegou ali, né, a cidade foi... A gente andava mais trajetos... eu lembro que tinha lá muitas árvores que eram muito antigas e, como na época do nosso ingresso, a

Marisa vai lembrar disso, deu uma chuva muito forte, e o caminho... foi caindo árvore, muito raio. Eu demorei a chegar porque tinha umas ruas que inundavam porque não tinha... não que não tinha asfalto, acho que não tinha sistema de esgoto pra correr a água, acho que foi isso. Então, no começo, se dava uma chuva forte acabava a luz, o telefone parava, qualquer chuva um pouco mais forte, a escola ficava escura. Então, o telefone parava, a hora que a chuva acalmava, voltava. Então, e ao chegar lá, né, eu peguei na época uma segunda série que eu gostava muito e a criançada foi agradando muito, a gente se afeiçoava muito a eles, né, eles eram uma graça e eram mais das Palmeiras do que da cidade. E com isso, hoje, isso é um comentário que, às vezes, eu faço com a Marisa e com outras pessoas, a gente até poderia se remover para uma escola, talvez, mais perto. Mas aí a gente pensa, pensa, e acaba, ano a ano, ficando por lá mesmo.

Você tem pontos pra assumir outras escolas?

R: Tenho, assim, outras, não, às vezes, assim tão próxima da minha casa, talvez a distância não vai ser tanta, mas... mas aí a gente acaba ... eu pelo menos me afeiçoei muito à escola, muito às crianças e aí na hora, assim, fazer uma escolha de mudança a gente... eu nunca... eu nunca entrei em remoção. Eu já pensei, olhei a lista de remoção, mas eu não cheguei a entrar nenhuma vez em remoção. Você já entrou Marisa?

M: Eu entrei, eu entro todo o ano em remoção. Na verdade, não que eu não goste de lá, eu gosto muito da clientela de lá porque eu acho que lá a gente ainda não tem os problemas que têm em outras escolas, né.

R: Exatamente.

Por exemplo?

M: Por exemplo, problema de violência dentro da escola, problema de droga dentro da escola, a gente tem um caso ou outro.

R: Mais briga entre criança.

M: Mais briga.

R: Briguinhas.

M: É, exato, é, né. Mas eu... eu como... eu gosto de trabalhar com os pequenos, eu gosto de trabalhar mais com pré-escola, pela minha classificação na escala e por terem diminuído as salas de pré, eu não tenho tido chance mais de pegar a pré-escola no Angerami. Então, eu sempre tento me remover pra pegar uma pré-escola mais... a minha pretensão é um pouco

alta, eu quero ficar aqui perto da minha casa e eu não tenho pontuação pra isso, então, todo o ano eu tento, mas eu não consigo por esse motivo. Mas eu já coloco assim, as escolas bem próximas daqui e as EMEIs, se não eu fico lá mesmo. Pra ir pra outra escola sem ter esses pré-requisitos eu não vou porque eu gosto muito de lá e eu acho que a direção, igual a Rita falou, é muito importante. E a Regina é uma pessoa muito humana, ela se preocupa muito com as crianças, ela se preocupa muito, assim, com um bom andamento da escola...

R: Ela conhece os alunos que ela tem.

M: Conhece todos.

R: Ela conhece a história, os problemas, as necessidades. A gente até tem, né, porque a criança, ela permanece na escola.

M: Exato.

R: A criança, ela entra lá no pré, aí ela vai indo porque ela... é a escola que ela tem mais próxima, eles só saem se mudam. E é muito... acontece muito disso, né.

Acontece bastante de mudar?

R: Bastante, aconteceu mais, né, Marisa.

M: Olha, ainda tá acontecendo. Esse ano, só nesse ano eu tive três alunos transferidos.

R: Eu também, acho que eu já tive uns quatro.

M: Pra bairros ali próximos, aqui eles mudam bastante.

R: Mas aí sabe o que era muito comum, eles trabalhavam na chácara e aí o pai perdia aquele emprego e ia embora pra cidade, quando... no mesmo ano eles retomavam pra chácara, voltavam pra mesma sala da gente. Tinham ido pra uma outra escola e voltava, e aí seguiam. No outro ano, às vezes, saiam de novo e voltava porque o pai perdia o emprego e perdia a casa, né, de moradia. Agora parece que não, quando eles saem, eles saem mesmo, vão embora do bairro. Assim, tavam morando ali, talvez, não sei se foram morar na casa deles, aí já no Ribeirão Verde, né. Aí quando pede remoção eles vão embora, aí a mãe argumenta, ou perdeu o emprego, ou foi ter que morar com uma avó, foi o que aconteceu comigo, emprego, mudou de cidade. Mas antes era muito comum, eu tinha aluno que começava o ano, daí uns meses ia embora, daí uns meses voltava com a gente. Tinha acontecido isso com você? Acontecia muito com a gente.

E o quê que vocês sentiam que acontecia com os alunos na sala de aula? Tinha alguma mudança, isso acontecia?

R: Quando eles saíam depois retomavam, voltavam pra nós? Ah, a criança ela é... a gente nota que as nossas crianças elas são um pouco passivas em relação a isso, né, Marisa.

M: São, inclusive esse ano eu tive um aluno que aconteceu isso, acabou de acontecer, ele saiu no final do ano, a mãe mudou de bairro, ele mudou de escola. Agora que eles estão de... umas três semanas ele voltou. E a mãe voltou pro bairro e ele voltou pra minha sala de onde ele tinha saído. E não notei, assim, nenhuma diferença, como que eu tô falando, são crianças pacatas, tranqüilas, elas não têm grandes problemas de comportamento, são problemas normais...

R: Nem de adaptação, também.

M: Nem de adaptação.

R: Entrou uma garota comigo faz uns três dias, a hora que eu cheguei pra ficar na fila, as crianças “professora, chegou uma aluna na nossa sala”, já recebi a notícia pelas crianças. A criança, a garota tinha chegado naquela hora, naquele dia. A mãe não esperou pra conversar, acho que já precisava ou trabalhar, ela mora na chácara Santa Rita. Não sei nem se ela foi sozinha, não conheci a mãe nem nada. Ela tá introsadinha com todas as crianças, faz uns quatro ou cinco dias, foi hoje no passeio da mata, conversou, brincou com as crianças, normal. Eu não conheço a mãe porque a mãe não foi lá perguntar se a criança tava com algum problema de adaptação, nada. Eu percebo assim, que as crianças têm que se acomodar à situação, vão mudar, vão. Às vezes, a criança não se despede, às vezes, elas falam “ah, professora, eu acho que eu vou mudar de escola”. Aí a gente pergunta “por quê?”, assim, né, “ah, porque acho que meu pai... eu vou morar com a minha vó, o meu pai perdeu o emprego”. Às vezes, eles vão e, às vezes, você começa a sentir a falta da criança, ou você vai na secretaria, ou a secretaria vem “ah, foi transferida”. Às vezes, a criança não chega a falar nem tchau pros amiguinhos dela.

Isso era muito freqüente?

R: Eu... já era na minha... eu lembro, pra mim já era. Pra você também?

M: Não muito porque naquela época, há três anos atrás, quatro, eu tava com pré-escola, então, as crianças ficavam mais.

E hoje?

R: Hoje parece que a... sair até que é um número razoável, né, uns cinco, parece que os meus saíram de quatro a cinco.

M: Os meus foram três.

R: Acho que foram quatro... quatro, acho, mas só um que foi lá esses dias, conversou com os amigos, aí eu falei “fica aqui um pouco”, ele ficou, sentou na sala, se despediu novamente de mim. Mas a maioria a gente nota, pelo menos eu percebo que a criança tem que se adaptar, a mãe tem que ir, ela vai, a mãe tem que voltar, ela volta. A mãe diz que aquela sala era a dela, ela tenta... dificilmente, a gente tem alguma dificuldade de adaptação.

Pra onde que elas vão, vocês sabem, não? Pra cidade ou pra outras cidades?

R: Elas mudam de bairro, geralmente de bairro. A gente nota que é mais questão financeira, não é.

M: Ah, sim.

R: Ou porque teve que mudar porque a casa não tava em condição, assim, não tinha condição de manter financeiramente, né.

M: Financeiramente, ou porque o pai mudou de emprego, então, eles vão morar mais perto.

R: E fica um pouco distante pra eles virem pra nossa... porque a escola é um pouco... nosso bairro é um pouco fora de mão, né. Não é um bairro que dá acesso, é um bairro que vai e não tem acesso muito a outros lugares. E eles mudam, às vezes, você não fica nem sabendo, “por quê que criança tal não tá vindo?”, “ah, tia, ela mudou de escola”, a criança que traz a notícia.

M: É, eles mesmos trazem. E eu não notava muito isso na pré-escola, não. Eu noto mais... eu notei mais a partir do ano passado, que tava uma segunda série, que aconteceu isso, inclusive, o que... o ano passado, eu sentia muito, foram o contrário, a chegada de novas crianças. Com a expansão do bairro, então, chegou muita criança. E chega criança o ano todo! Eles transferem até quando é possível, se a transferência é possível até o mês de outubro, né, me parece, setembro, eles vem até quase no final do ano. É o tempo todo chegando gente nova no bairro.

Isso é uma orientação? Que recebam as crianças?

M: É, a gente...

É direto, né?

M: É, é direto. O ano passado, inclusive, eu tava com muita dificuldade porque as classes eram numerosas. Eu tinha trinta e oito alunos, a Rita tinha quarenta.

R: Nossa, eu acho que eu tava com quarenta e... mais de quarenta eu tava.

E recebendo mais alunos ainda?

M: Recebendo alunos e...

R: Não pode negar até a matrícula, né. Enquanto tiver um espacinho físico, inclusive, a minha sala, você lembra, minha sala era pequena e nós tínhamos duas terceiras, uma terceira que não dava mais pra colocar e iam colocando na minha, não tinha mais de quarenta, acho que eu fechei com quarenta e dois o ano. E quantos tivessem... porque a outra escola acima já tava lotada, né, e...

M: É, o Geralda, né.

Geralda de Souza Espin.

R: E o Angerami foi recebendo. E a Regina, ela tem isso, né, ela não consegue negar.

M: Ela não nega.

R: Ela... não dá, ela fala que ela fica com dó de não poder acomodar, da criança ficar sem escola, que eles vêm.

E ainda tá assim?

R: Esse ano parece que...

M: Tá um pouco mais calmo.

R: Um pouco mais calmo esse ano.

M: Eu não sei se o bairro deu uma estabilizada, aqueles conjuntos novos, né, que foram inaugurados, se já estão completos.

R: O Jaime inaugurou, vê o Erberto.

M: É, também teve...

R: O Aliança... a gente atendia o Aeroporto e todo o complexo do Ribeirão. Aí veio, eu acho que o Geralda, né, que já pegou uma boa parte, a gente fica só com a primeira etapa, não é isso.

M: É.

R: Aí depois o Jaime, que é no Aeroporto, também ele inaugurou.

M: Nós tivemos... foi há dois anos atrás que nós tivemos uma... quando abriu a escola do Aeroporto, que saíram muitos alunos nossos?

R: Não foi ano passado, foi ano retrasado.

M: Foi ano retrasado, há dois anos, foi.

R: Cinquenta por cento da minha sala saiu.

M: É, eu não tive, eu tava com a pré-escola, eu não tive essa vivência.

R: Na ocasião a gente tava com uma terceira, tinha uma terceira série de manhã, uma terceira série à tarde. Cinquenta por cento da minha terceira série foi pro Jaime, cinquenta por cento da terceira série da tarde também foi. Cinquenta... e aí o restante da turma da tarde veio pra turma da manhã. E a professora da tarde foi pro Jaime, pegou o cinquenta por cento meu e o cinquenta por cento que era dela, montou uma sala lá e uma sala aqui. Aí nós ficamos com uma terceira e o Jaime, acho que montou outras, não sei, mas essa terceira foi pra lá. E eu fiquei com os alunos, isso no meio do ano, lá pra junho parece, ou julho.

M: Foi julho.

R: Quando as crianças voltaram, eles saíram de agosto, saíram das férias e já iam retomar... o Jaime. E quando eles vieram pra mim eu fiquei com a minha turma e com a turma da professora da tarde. Era... foi quase que como começar o ano de novo porque as crianças tiveram que se adaptar a mim, o conteúdo meu não era o conteúdo da professora da tarde, lógico, porque as realidades eram diferentes. Aí, mas deu pra levar, as nossas crianças se adaptam muito facilmente, pelo menos eu acho isso.

M: É verdade.

R: E, o que... não sabia se mudava do conteúdo... eu tive que retomar com os meus porque eles já tinham visto, eles tiveram que tomar um pouco de consciência que eu tive que dar pros meus, né. Mas não foi... no começo eles ficaram um pouco difíceis, porque não era... eu não era a professora deles, né, mas num instantinho a coisa... mas foi difícil porque você começa, é, adaptação, você faz uma avaliação diagnóstico, tudo que você prepara, né, porque você recebe uma... cinquenta por cento da sala...

M: Com outra realidade, né.

R: É, com outra realidade e mudou, mudou bem. Mas eles se adaptam muito bem, eu pelo menos, eu acho isso.

M: É verdade.

R: Eles, se precisa, assim, eles se entrosam. E é difícil na sala você perceber aquele que não brinca muito com aquele, né, Marisa.

M: Eles se enturmam...

R: Se enturmam.

M: É verdade, eles têm um bom relacionamento, assim, não tem assim...

R: É, não tem, eu noto, as meninas até brincam com os meninos bem, tem uns garotinhos que são mais calmos, uns um pouco mais sapeca, seria, porque eles não chegam a ser difíceis.

M: Não, eles não chegam. São crianças que a gente consegue ter domínio sobre eles, entende. Então, eu tive um pouco de receio um dia de deixar a pré-escola porque com os pequenos é muito fácil, né, porque com os pequenos a professora é um ídolo deles, né. Então, eles acabam, tudo que a gente fala e o que a gente fala é lei. Inclusive, eles chegam em casa e comentam com as mães “não, porque não pode ser assim porque a minha professora falou que não é assim”. Então, eu tinha um pouco de receio com os mais velhos de eles serem mais rebeldes, mais teimosos, mas são crianças dóceis, isso eu também acho.

R: A grande maioria... é um caso...

M: São crianças dóceis, são crianças, assim a gente não tem, assim, problemas de comportamento gritantes, de jeito nenhum, isso são casos...

A escola inteira?

M: São casos esporádicos.

R: Eu acredito que seja na escola inteira. Na escola, contando com a escola toda a gente nota alguns comportamentos pouco inadequados, mas a gente nota que é ou falta de orientação, né, ou a falta de uma família mais atuante.

Que tipo de comportamento mais inadequado?

R: De adap...

M: Eles são mais agressivos.

R: Agressivos, às vezes.

M: São mais agressivos, são mais rebeldes e a gente percebe uma falta de...

R: Um pouco de desinteresse.

M: Desinteresse e uma falta de limite.

Falta de limite?

M: Falta de limite. Então, aí quando você vai investigar você percebe que isso vem de casa. Então, eles têm um desajuste na família. O que é muito comum lá que a gente vê nas famílias é, por exemplo, a mãe separa do pai daí ela vai viver com outra pessoa, aí ela tem filhos com outra pessoa, então, ficam os filhos, as crianças do primeiro casamento, as

crianças do segundo casamento e isso, às vezes, tumultua um pouco porque o do segundo não combina com o padrasto, o primeiro não combina com o padrasto, então, gera uma série de problemas, então, as crianças ressentem.

Isso é freqüente?

M: Ai, olha, acontece bastante.

R: Nós fomos fazer uma entrevista, família, né, com os dados trabalhados da família porque é uma das partes, a gente trabalha família pra depois o bairro. Aí eu comecei a ouvir assim, né, “ah porque eu moro com a minha mãe, não, não é desse meu pai, do meu outro pai”, “não, mas a minha..., não é esse meu pai, é o outro...”, “não, não é esse meu irmão, esse meu irmão já tá casado, já é grande, é esse aqui”, ou então aluno que fala assim “ah, minha mãe agora tem dois pequenos e meu pai me bate muito porque eu... ele acha que eu tenho que cuidar, acatar o que os pequenos fazem”. Então, eles tanto têm irmãos mais velhos como eles têm irmão... tem um lá que ele tá bem rebelde, assim, de comportamento porque ele tem a mãe, o pai, tem irmãos maiores. Pelo que parece, apesar que casa muito cedo, mas já saiu pra casar, ele deve tá em torno de uns vinte, eu acredito, o pai. Aí o pai separou, casou-se com a mãe que já tinha esse garoto, que tá em torno de nove, e agora eles têm dois pequenos, que deve ter dois, três, que é desse pai. E o menino tá com dificuldade porque os pequenos estragam as coisas dele, a hora que ele vai argumentar a mãe vem e fala pra ele ficar quieto porque o pai, que não é pai dele, mas é pai dos pequenos. Então, ali tem vinte, nove e pequenos, só que o vinte já foi embora porque é só do pai. Então, é muito comum isso “ah, meu pai não manda dinheiro pra minha mãe, mas meu outro pai”, eles usam termos até assim “meu outro pai”. Então, na época das Palmeiras eu percebia menos isso.

M: É verdade.

R: Eles tinham o pai, a mãe e os irmãos, às vezes, uma família até numerosa.

M: É, muitos filhos, acontecia bastante.

R: Bastante filhos, mas da mesma mãe e do mesmo pai. Hoje eu percebo também muitos filhos, mas, assim, o pai que era casado, a mãe que tinha que agora...

M: O primeiro pro segundo casamento, às vezes, até um terceiro casamento.

R: E aí tem criança que, às vezes, fala assim “então, mas meu pai não manda dinheiro e, então, meu outro pai tá ficando bravo porque tá difícil manter a casa”, eles usam o termo “meu outro pai”, “minha outra mãe”. Tem um garotinho que ele mora nas Palmeiras, o pai

foi casado, teve filho, depois casou de novo, teve filho, e agora é o terceiro casamento. E tem ele e mais duas... parece que é umas cinco. Ele trabalha nas chácaras.

M: É o Gilmar?

R: Gilmar.

M: Foi meu o ano passado.

R: É, é uma gracinha. Só que ele fala... às vezes, ele fala “eu não fiz a lição porque não deu tempo, porque eu fiquei trabalhando na chácara”, né.

M: É, ele falava.

R: “Eu não vim na escola porque não deu”, aí eu comecei a segurar um pouquinho, eu falei pra ele que não e tal, parece que ele tá mais... porque ele fala “não fiz a lição porque não deu tempo porque eu tive que cuidar da horta”, “eu tenho que dar comida pro porco”, “nasceu os porquinhos...”. Ele trouxe sabão feito em casa, uma gracinha, barra de sabão, ele me traz peixe, agora ele falou que vai me trazer um frango que ele mesmo vai matar, ele mesmo limpa e vai trazer pra mim. Aí eu falei “olha, eu quero que você traga o frango pra mim, só que eu também quero que você traga a lição, tá bom”, porque ele... Aí ele argumenta comigo “é, eu vou ver se eu começo mesmo porque a gente cansa muito de trabalhar na chácara, é serviço pesado”.

M: É, a mãe dele comentava comigo, olha, na sala, também que ela ficava com dó das crianças porque é um serviço pesado. E é um serviço, assim, demorado, de horas, parece que eles têm uma chácara grande, então, uma hora é comida pras galinhas, outra hora são os porcos, outra hora... então...

R: A horta.

M: A horta, eles vão, às vezes, pro pomar pegar fruta, então, é pesado pra ele.

R: Ele falou pra mim “é, então, você vai também estudar pra que você consiga fazer tudo aquilo de uma maneira, talvez, mais fácil”, ele começou a pensar sobre isso também, mas ele não garantia que talvez, né. Ele fala, inclusive ele não foi no passeio na mata hoje.

M: Ah, não foi?

R: Até eu vou perguntar amanhã pra ele por que é que ele não foi, porque passeio ele não é muito de ir não. Eles vão... e outra, sabe o quê que eu noto também, quando a gente fala em passeio, pra eles saírem de lá do bairro e vir pra cidade é uma viagem, não é.

M: Com certeza, tem muitas crianças que nunca foram ao cinema, não conhecem shopping, não conhecem o centro da cidade, tem muitas crianças.

R: E é uma viagem pra eles e é, assim, entra num outro lugar. Quando, às vezes, eu falo “eu moro ali no centro”, “nossa, mas a senhora mora lá!”, né, pra eles é, assim, é muito distante, porque são crianças, a distância fica grande mesmo. Mas eu sinto que eles pouco vêm pra cidade, acho que eles ficam, apesar de ter urbanizado mais, o Ribeirão Verde trouxe a cidade, mas ele trouxe a cidade... a cidade foi pra lá e ficou lá. Eles não têm, assim, pelo menos, não sei se... o quê que você acha?

M: Não, eles tão muito distantes, né.

R: É, eles... a cidade chegou nas Palmeiras. Chegou, chegou com alguns problemas, né, algumas dificuldades, que eles falam que não tem posto de saúde, não tem transporte, e tal, às vezes, a escola acaba sendo pequena, nossa escola tá sempre aumentando sala e tá sempre precisando. Mas eu noto assim, a cidade chegou no Ribeirão Verde, com o Ribeirão Verde, mas ela chegou e ela... dificilmente eles conseguem... ficam ali, eles ficam ali e não vão trazendo constantemente o que tem da cidade pra lá. Eles... urbanizou em relação ao que era Palmeiras, mas a gente nota que eles brincam na rua, coisa que criança da cidade não faz, eles vão sozinho pra escola, muitos meus ainda vão sozinhos.

M: Os meus também.

R: Coisa que criança da cidade, cidade que a gente fala, assim, mais central, não vai muito. Eles brincam muito, às vezes, eu falo assim “por quê que o, tal, Felipe não veio?”, “ah, mas eu passei, viu, da porta da casa dele, ele tava...”, então, eles moram próximos.

M: É, eles moram... eles dão notícia, né, um dá notícia do outro. “Ah, eu vi fulano na rua”, “ah, eu vi fulano na igreja”, “ele não veio?”, “não, mas ele tava brincando ontem na rua”. Então, você percebe que é uma comunidade ali, né.

R: É, ou então, não fez a lição “mas por quê que você não fez a lição?”, “não deu tempo”, “ah, mas você tava ontem brincando na calçada”, ou então, né. “É verdade isso?”, “não, mas eu brinquei só tal hora, depois eu tive compromisso com a minha mãe”, né. Aí você fala assim... então, eles trazem notícia porque eles moram próximos. Pra ir ao passeio da mata tinha que ter autorização, então, na segunda-feira faltou a Brenda. Aí eu fiquei, assim, preocupada porque se ela não trouxesse autorização ela não iria e era pra trazer hoje. Aí eu falei “quem mora perto da Brenda?”, aí a Caroline falou assim “eu moro”, “e você leva

autorização?”, “levo”, levou mesmo e a menina veio com a autorização assinada, marcadinho, tudo o que precisava. Ela passou na casa, assim, eles não... não tem contato, que a gente nota que não tem contato diário mesmo, não brincam juntos um na casa do outro, assim, parece que não.

M: É...

R: Se tem telefone um do outro porque parece que eles não têm uso de telefone. O contato deles é na escola, é no caminho, encontrou porque tinha ido ao supermercado ou, então, porque foi em algum lugar, mas eles se vêem, né.

M: É, são poucas as crianças que brincam juntas fora da escola, acho que tem uns dois ou três só.

R: Eu acho que eu tenho... eu não vejo muito, eu não percebo muito isso. Eles não brincam fora da escola, mas eles sabem que o amiguinho ficou brincando. Ele, possivelmente, também tava brincando na rua dele ou passou, então, se eles não fazem... se eles não fazem a lição e inventam uma história, o amiguinho conta.

M: É verdade.

Interessante.

R: Ou então “ah, ela tá doente”, “como que você... quem mora perto de tal criança?”, “ah, eu moro, mas ela tá doente, por isso que ela não tá vindo”, “você não pede pra mãe vir aqui falar, por quê que a gente quer saber, né”. Aí daí uns dias a mãe vem mesmo “ah, a criança tal me avisou”...

M: Agora, uma coisa que eu notava, que nesse ano ainda não aconteceu na escola, não sei bem a época, mas os pequenos acontecia muito, talvez também por causa da idade deles, eram os surtos das doenças. Eu não tenho notado de uns dois anos pra cá, por exemplo, quando eu fui pra lá as crianças tinham catapora. Mas todas as crianças tinham catapora, então, aquilo ia pegando em série. Eu não sei se era por causa da moradia, que eles tinham contato uns com os outros. E, então, eu notava, por exemplo, caxumba. Aí uma porção de crianças ficava, não sei se você notava isso ou se os meus eram menores.

R: Acho que os seus eram menores, Ma.

M: Agora, quer dizer, o ano passado eu tive dois casos só de catapora. Uma criança teve, a mãe veio avisar, daí a pouco outra criança pegou, a Maria Helena veio avisar, acabou. Eu não sei se foi por causa da organização, se foi uma mudança de postura, esse tipo de

epidemia comum em criança ou também vacinação, né, com certeza deve ser vacinação. E porque eles não têm posto de saúde lá, mas eles têm próximos, posto próximo, postos próximos, e onde as mães levam e, outra coisa, eles passaram... tão passando a exigir na escola a carteira de vacinação. Eu não sei se naquela época, há cinco anos atrás ou seis anos, era exigida essa carteira porque as condições eram muito mais precárias, né, mesmo pra matrícula, tal. Então, esses surtos de doenças infantis, eu não tenho mais percebido, sabia. É uma mudança, assim, né, que geralmente deve ser por causa da vacinação, que eles tão tendo mais acesso.

R: Sabe o quê que eu percebo também nas crianças, não sei se você, quando eu falo assim “fazer um... vamos resolver uma situação problema”. Aí dá uma encrenadinha “mas é assim, não, é assim” a gente vai, tal, mas se eu transformar isso “se vocês forem ali no bar do Galego”, ou então “vamos lá no supermercado Sorriso”, “aí sua mãe pediu pra você comprar tantos filões”, aí na hora “ah, dá tanto em dinheiro, em centavos”.

M: Eles mexem bem com dinheiro.

R: “Onze centavos, né, professora?”, “e se você comprar quatro?”, “ah, dá tanto”, “e se sua mãe te der um real?”, “ah, eu vou trazer tanto, eu tenho que trazer o troco certo, tanto”. Aí na hora que a situação problema, né, pra resolver, aí, então, dá uma encrenadinha. “E aí é conta de mais, é de menos?”, né, e vai, e vai.

M: Na hora que passa pra vivência do dia a dia.

R: Aí eu falo assim “acabou a aula”, “mas se você tivesse que comprar quatro pacote de bolacha e esse pacote de bolacha custaria tanto”, eles fazem. Porque a vivência deles... eles têm... eles não são crianças muito... eles não são tão bobinhos nesse sentido, né.

M: Não, você percebe que ainda tem aquele hábito de bairro menor que as crianças vão na padaria, vão ao supermercado, então, aqui nos bairros mais centrais as crianças já não fazem mais isso, né. Quer dizer, os pais vão, saem, compram, a criança não anda sozinha, é o que a gente tava falando, eles não saem sozinhos de casa, eles não ficam muito na rua, lá não. Quer dizer, eles vão pra mãe na padaria, eles vão ao supermercado, então...

R: Eles sabem o supermercado que tá mais caro, que tá mais barato...

M: Que tá mais caro, que tá mais barato.

Eles sabem?

M: Sabem.

R: Eles falam pra mim “não, não”, “vamos por o preço...”, às vezes, nós vamos montar uma tabelinha “vamos por o preço tal do arroz?”, né, às vezes, eu nem me lembro do preço, “não, não, lá no Sorriso o arroz tá tanto”, “ah, mas lá no Oliveira...”, “ah, mas minha mãe não quer que eu compre o...”, vamos por uma suposição “o pão ali, porque lá é mais barato”. E aí eles sabem o valor do troco, aí eu falo “tá vendo o valor da tabuada, né, pra vocês, vocês vão crescer, “se sua mãe pedir pra você fazer assim, você vai fazer errado, ele vai te enganar”, “ah, mas eu faço, eu conto”. Eu falo “você vai ficar contando com o lápis”, né, pra dinheiro, pro cotidiano deles, que eles são espertos.

M: Eles são espertos.

R: Agora, na hora, assim, de uma produção de texto, na oralidade...

M: Eles têm uma oralidade boa.

R: É, é.

M: Mas na hora de passar isso pra escrita, inclusive uma coisa que eu venho batalhando nas crianças, eu notei que eles melhoraram, é a questão do português. Então, eles falam exatamente como os pais, como os avós, então, não tem concordância de verbo, não tem conjugação, “nós vai”, “nós fui”, “nós comprou”, “nós comprou”, “nós voltou”.

R: Ou, então, assim, hoje nós fomos escrever vários outros... né, mais um exemplo, a gente fala “vamos passear”, né. Aí elas... a criança põe “passiar”. A gente fala “não, mas é o “sear”, né, “mas não é “suar?”, “num pode pôr assim, escreve assim mesmo, a gente fala assim”, né, “não, mas tem uma maneira que a gente escreve que fica mais bonita”, né. Pra eles é natural aquela... eles não tem contato, né, o contato deles em casa é esse, inclusive...

M: O ano passado eu tive um caso que eu me recriminei muito porque eu acho que foi assim, ingenuidade minha, né. Eu tinha uma criança com muito problema, eu tava tentando alfabetizar na segunda série e eu não tava conseguindo, eu não tinha começado ainda o PAC, programa de reforço, então, eu pedi pra mãe vir conversar comigo. Aí a mãe veio, né, no dia seguinte e eu expliquei e falei “olha, sua criança tá precisando de uma ajuda em casa, então, tá precisando de um ditadinho, tá precisando de um alfabeto novo, a senhora conta, assim, assim, ajuda, faça umas continhas, tal”, falei, falei, falei com a mãe. A Hora que eu acabei, ela olhou pra mim e falou assim “mas professora, eu também não sei ler”. Quer dizer, então, neles eu noto isso menos do que há quatro anos atrás, há cinco.

R: Ah, sim, eram muitos.

M: Mas ainda a gente tem essa realidade dentro da escola.

R: Ou se não sabem, às vezes, não é que não sabem ler, elas falam “ah, mas eu só fiz até o terceiro ano”. Escrevem muito mal, às vezes, um recado que mandam pra gente, né. Não, têm alguns, não. Têm alguns até que...

M: Um pouco melhor, uma letra melhor, né.

R: Mas, às vezes, uma assinatura a gente não sabe se é da criança, que a criança que...

E como que vocês lidam quando existe esse problema dos pais serem analfabetos, pra passar em casa, pra pedir tarefa ou pra pedir que venha à reunião?

M: Olha, a gente... felizmente, atualmente são poucos, né, Rita.

R: Atualmente, sim.

M: Os casos de pais analfabetos.

R: Mas na época...

Na época era mais?

R: Era mais.

Como que vocês faziam?

R: A gente mandava bilhete, só que, eu pelo menos, lia “óh, vai ter uma reunião”, eu lia comunicado, eu lia “óh, bilhete”, eu lia parte por parte do bilhete pra criança, que aí a criança iria transmitir e o pai só iria assinar, né. E aí, mas muito... a criança não passava muito, na minha época eles não passavam muito o recado.

M: O que eu costumava fazer, que eu percebia que dava resultado, eu avisava algumas mães que vinham buscar.

R: É, eu também.

M: E eu pedia pra elas falarem pras outras. A notícia corria rapidinho!

R: Corre.

M: Sabe, a notícia corre rápido.

Corre rápido?

M: Corre rápido.

R: Corre tanto a notícia boa quanto até aquilo que nem muito aconteceu e aumentaram.

M: É, os boatos, né, um pouco.

Que tipo de boatos?

R: Ah, algum problema que tá acontecendo com alguma série, ou então, às vezes, uma criança que... às vezes, sei lá, né, fala assim “ah, aquela criança apanhou”, né, bateu. Então, você vai verificar, não é que a criança apanhou, é que teve uma discussão, essa criança levou, talvez, um murro, ou, então, um tapa, ou, então... Aí você vai apurar, não é tão grande quanto se iniciou.

M: Agora, uma coisa que eu acho que ainda acontece, mas acho que diminuiu um pouco a frequência é... são as reclamações das mães, porque até uns dois anos atrás elas falavam bem assim, que elas iam “na rádio”, lembra disso.

“Na rádio”?

M: “Na rádio”, não é “no rádio”, era “na rádio”. Então, que elas iam “na rádio” pra contar o que tava acontecendo na escola, entende. Então, e isso saía muito.

Quê rádio que era?

R: O programa do...

M: Eu acho que era o programa do Toni.

R: Do Toni, um programa de rádio, inclusive, ele já foi na nossa escola.

M: Foi em várias escolas.

R: Porque ele não usa muito de critério, se tem alguma coisa ele quer notícia, né, não que ele não tenha... acho que tem o lado bom, têm umas coisas que ele até fez obra mesmo, né.

M: Ele consegue, né.

R: Mas é muito... era muito comum, agora parece que nem tanto.

M: Parece que deu uma diminuída, mas a Regina teve uma luta grande no começo com isso, mesmo as outras diretoras, de denúncia porque elas iam “na rádio”, né.

R: Na Secretaria.

M: Na Secretaria, elas iam muito.

R: Contava a versão que nem sempre era verdadeira, não que tinha, assim, não que não era... aconteceu aquilo só que pendeu um lado, aí você ia ouvir tinha um outro lado também, né.

Hoje diminuiu?

M: Diminuiu.

R: Parece que elas vão mais na escola primeiro, antes não iam à escola, né, resolver.

Quê tipo de reclamação que era “na rádio”?

R: É, lembra aquele ano, acho que você não tinha descido. Teve um ano que essa sala teve um pouco de problema porque a professora assumiu no início do ano e, por algum motivo, ela assumiu do outro cargo e deixou a sala. Aí veio uma outra professora, essa professora tava esperando nenê, você lembra disso.

M: Não, eu não tava lá em baixo.

R: Aí ela pegou uns meses e foi ter o nenê. E aí nossa escola é um pouco distante, quando você pega licença pequena ou licença gestante, que são menos meses, as pessoas... não compensa muito ir lá, então, fica sem professor.

M: É difícil arrumar substituto.

R: É difícil porque nossos colegas... distante, então... E essa classe ficou assim, ia um professor depois não tinha, ia outro. Acho que até eles tinham razão, até certo ponto, mas não foram resolver na escola e nem... acho que nem foram conversar se esse problema... que o problema não era da escola, era um problema fora da escola porque a professora se ausentou, a outra também se ausentou, foi pego mesmo, uma sala boa até. Os pais começaram... ao invés de tentar ouvir a versão da escola, acharam que, talvez, a escola não tivesse fazendo o que ela deveria fazer, que não era. Então, já foi direto na Secretaria, foi no rádio, né, aí depois veio professor, aí eles queriam... aí quiseram resolver com mais prontidão, aí a professora voltou. Nesse meio tempo, então, foram uns três meses, né, de licença. Então, esse tipo de problema é comum, mas eu lembro desse na época. Qual o outro que teve? Era questão de não deixar entrar na escola, né.

M: É, tinha muito problema, assim, se aconteceu alguma coisa com algum professor, que você chamasse atenção e a mãe não gostasse, ela ia “na rádia”.

R: Ao invés de tentar... também eu acho que isso ajudou muito porque agora tem coordenação, né.

M: É, a partir... no final do ano passado, desse ano, as coisas já mudaram, a partir da chegada da coordenadora.

Vocês acham que por causa da coordenadora... falta de uma coordenação que acontecia isso?

R: Não sei, mas a coordenação ajudou.

M: Foi, é porque...

R: Tem um intermediário agora, né.

M: Exatamente, tem alguém pra intermediar os problemas. E, agora, uma coisa que eu notei que a Regina sempre fez foi colocar um anteparo pra chegar no professor. Então, e era uma coisa que a Márcia também fazia, não sei se você lembra disso.

R: Lembro.

M: Quer dizer, as pessoas chegavam pra reclamar, chegavam na diretora. Aí a diretora passava pro professor ou chamava o professor, mas ela era a autoridade, então, as pessoas tinham que resolver ali, quer dizer, ou pelo menos passar por ela. Ninguém chegava na gente... então, era uma forma de poupar o professor dependendo do tipo de problema pra gente não ter que sair da sala de aula pra resolver problema lá fora, né. Agora...

R: Porque ao sair, a sala fica sozinha, né, fica complicado. O professor tem coisa que não tem mais... não tem como sair pra resolver. Tendo a coordenação, a coordenação você chama, uma criança não tá passando bem, precisa levar embora pra casa, a coordenadora resolve isso, né, ela mesma leva. É uma pessoa que não tá dentro da sala de aula, ela tá ali pra resolver a parte de... tem a coordenação pedagógica, os problemas...

M: Claro, as eventualidades que acontecem.

R: E antes tinha que, às vezes, olha, eu lembro que eu já levei criança, olha minha sala pra levar a criança porque não tá bom, vai deixar lá, a distância é muito grande, não tem telefone. A criança, às vezes, não tem telefone pra você chamar. Outro dia aconteceu um caso, minha criança não tava muito boa e eu não tinha um telefone pra avisar porque ele era da chácara, não tinha celular, não tinha nada. Aí eu falei “então, você tem que ficar aqui esperando...”.

Documento produzido de Carlos Faustino de Oliveira

Bom, hoje é dia vinte e dois de julho de dois mil e quatro...

Dois mil e quatro.

Estou com Seu Carlos Faustino...

De Oliveira.

De Oliveira.

Tamo aqui pronto pra conseguí falá como é que foi aqui antes atrás e agora o momento também, né.

Pode falaá do jeito que o senhor quisé, viu, esquece que tem a câmara, tal.

Em mil, novecentos e oitenta e quatro eu fui convidado pra vir administrá essa fazenda, Santa Maria que é um engenho dos Pômpolo, das Parmerinha, né. Então, o Ricardo comprô aqui e mandô me chamá lá no Paraná, eu trabalhava muito bem lá no Paraná e eu vim olhá a fazenda, gostei muito, né, do lugar, lavoura interessante. Aí eu pedi a conta na usina e vim e foi que se dei muito bem aqui. Trabalhei seis anos com o Ricardo Titoto, mil novecentos e noventa eles venderam pra o grupo Eletrorio.

Ricardo Ditoto?

Ricardo Titoto, primeiro patrão meu.

Titoto?

Titoto, isso. Então, trabalhei seis anos com ele, administrei aqui a fazenda. Era meio abandonado, deixei tudo em ordem, né, administrei a cana, tava com noventa arqueire de cana e em mil novecentos e noventa eles venderam pra o grupo Eletrorio. Então, o Doutor Carlos Eduardo fa... disse que eu ... se eu queria continuá com eles. Falei “continuo”, né, eu conheço desde mais melhor que foi toca ele ainda. Bom patrão, né, e trabalhei até... tô até agora. Administrei cana mais quatro anos com ele, em mil, novecentos e noventa e quatro começaram o loteamento, né, foi noventa e quatro.

Noventa e quatro?

Aí começaram o loteamento, aí cabemo com as cana e conseguí administrá pra ele muito bem, me prestaram muita confiança, arrendemo as terra da várzea ali pro japonês, tocaram dois anos, aí começaram o loteamento e pararam. E o Doutor Carlos Eduardo foi homem que me ajudô muito, né, honestamente, a família dele, pessoal muito sincero, compraram o animal, que eu tinha muitos cavalos com eles também aí, eles vinham, montava a cavalo

aqui, né, passeava. Eu tinha esse prazer de deixá tudo prontinho pra eles, né, que eles merece mesmo. Então, aí depois começô o loteamento mesmo, aí nós vendemo os animal tudo, né, tinha charrete, tinha muito porco aqui, né. Aí ele pegô e “óh, Seu Carlos, agora o senhor vai abri o loteamento aí, nós tá abrindo e vou lhe prometê ajuda muito boa”, né. Aí começaram trabalhá, eu morando... eu morava nessa casa, eu morei aqui doze anos. Aí ele pegô e falô “olha, eu vou te dá um terreno, construir sua casa, qué dizê, vou precisá disso aqui, né, pra fazê meio ambiente, como faz e fez, né. Aí mudei pra... construí minha casa, me ajudaram bastante, né, eles acham que eu mereci, né, me ajudaram e tô até hoje, continuo a trabalhá com eles na fazenda aqui, na... loteamento. E aqui o primeiro nome aqui da fazenda era Santa Maria, que era dos Titoto, né. Depois o... a... o Ricardo comprô, não, o Doutor Dado comprô, puseram Flora Agrícola, mudaram pro loteamento, né. Então consegui criá meus filhos, né, consegui muitas amizades aqui, porque aqui é um lugar de pessoal muito honesto, muito unido, né, muito gente boa, muita graças a Deus eu arrumei esse lugar tão bom pra nós que acabei de criá minha família, meus filho tudo casaram e estou muito bem, continuo trabalhando com eles, né. E o Doutor Carlos Eduardo falô que eu, né, que eu ia aposentá aqui na fazenda dele, no fato aconteceu mesmo, né. Trabalho aqui a vinte ano, um lugar muito bom porque consegui construir minha casa, né, com o meu trabalho, a necessidade que eu sempre tive e tenho, né, eles me ajudaram bastante, aí o... pegaram eu e me puseram pra trabalhá no viveiro aqui, tomá conta do meio ambiente aqui e tô conseguindo. Tem essa mata que nós formemo, né, que era cana, hoje, então, a cidade dentro de uma mata dessas, né, uma coisa muito importante, né, que são uma fazenda de cana e mata e hoje tem esse grande Ribeirão Verde que nós tamo morando aí, né. Cidade é muito boa e tem família aqui que eu conheço quase tudo, né, pessoal muito... gente que eu conheci em oitenta e quatro, tá morando a mesma coisa, do lado vizinho é a mesma coisa, né, então o meu prazer foi muito, tá aqui tanto tempo, né, graças a Deus tenho necessidade dos patrão, tenho conseguido, eles me ajudô muito, então encontro muito bem aqui.

Como que era no começo aqui a vida, no começo, bem no começo? Tenta lembrar lá atrás.

No começo é o seguinte, mudei aqui no dia doze de março de mil e novecentos e oitenta e quatro, até o horário que eu cheguei na fazenda eu sei. Cheguei umas seis horas da manhã,

né, e já comecei a fazê a limpeza, que era meio abandonado no tempo dos Pômpolo, né, que era os Pômpolo.

Os Pômpolos?

É, aqui era a fazenda Santa Maria que era o engenho dos Pômpolo, da pinga Parmeirinha. Eles conseguiram morá junto aqui nós aqui na fazenda uns dois ano, continuô vendendo o produto deles, né, até terminá e foi fazendo, trabalhando, né, organizei o campo que era abandonado, ficô bom, bem arrumado, né. E amizade num posso nem falá porque era aqui, pessoal tão bom.

Como que era essa amizade?

Amizade era assim, prosseguindo assim, os vizinhos, eu cheguei, né, vieram uns na minha casa passeá, comecemo já pegá conhecimento, cantá moda de viola pros colega, né, esse é um prazer que eu tenho sempre, né, jogá baralho, né, vinha o finado Chico, vinha o Ciro Pômpolo, o Zé Ricardo, o pessoal, Seu Alfredo que mora ali ainda, né. Ia mas ficava até de manhã cedo jogando baralho, comendo polenta com carne, com frango. Agora acabô, né, porque...

Todo dia?

Não, sábado, no sábado, né.

Sábado?

No sábado, né. E baile, fazia brincadeira, tudo família, tudo família unida, né, brincava até de manhã cedo.

Quantas famílias tinham mais ou menos?

Mais ou menos aqui, do conhecimento meu que tinha perto aqui, nós era umas vinte família, né, da quais muitos anos muitos morreram, muitos já morreram, né, igual o finado Chico, Seu Alfredo, né, agora Seu Chico mais Dona Geralda que era comendadora da igreja Santa Rita, né. Hoje tem os filhos dela ainda, tem os neto, mas num é mais igual era antigamente, a gente tinha aqui, né. Mas tão tudo aí, muito bem ainda.

Por que não é mais como era antigamente?

Porque aqueles antigo faleceram, né, outros mudaram, né, esses mais novo... a juventude num... não vai atrás disso, né.

Me conta mais um pouquinho como que era antigamente?

Aqui é assim, a estrada aqui era de terra. Ônibus... circular, né, jardineira, tinha três por dia: seis hora da manhã, as onze hora, qué dizê, três fazia, ia e voltava assim, né, e as meia noite que os aluno vinha da escola, né, era esse horário. Pra í na cidade gastava uma hora e meia mais ou menos, só que dá muita vorta, passava aqui, ia nos feirantes, ia no Salgado Filho, virava, ia no Quintino, dava três hora e meia. Olha, dá quanto? Dá catorze quilômetros daqui, né, no centro, né. Hoje vai com vinte minuto, né, e agora modificô muito porque...

E a vida, como que era a vida das pessoas?

A vida das pessoa era muito boa.

Como que elas trabalhavam?

Trabalharam na agricultura, né, plantando... (interrupção do telefone celular)

Pode falar Seu Carlos, desculpa.

Pode atendê aí.

Não, desliguei já, não é pra atrapalhar, esqueci de desligar.

Então, vivo falando, né, o pessoal tudo tinha sua chacinha, né, muitos ainda tem ainda, um pessoal que eu nunca vi, melhor assim num precisava, né. Fazia uma diversão, uma brincadeira, um aniversário, todo mundo dormia na casa de um, na casa de outro. Aqui na minha casa mesmo eu fazia aniversário dum filho, aqui até a casa enchia, né. Tinha churrasco, né, tinha piscina, as mãe... da piscina... das criança, né, os filhos, netos, os vizinho e os Pômpolo mesmo, o Ciro Pômpolo foi o vizinhos dos melhor que eu tive aqui que foi, né, o Ciro, o Zé Ricardo e... Então afastaram um pouco, mudaram de cima um pouquinho, né. Os filhos também era muito unido com os meu, criado tudo junto. Tem o Alfredo, tem o Marcelo, o Cirinho, o Rogério que é filho do Ciro, né, e é uma molecada criô tudo com nós aqui, tudo. Todo sábado, tudo tava aqui em casa, né, as menina a mesma coisa e meus filho criô num ambiente muito bom porque foi um lugar que eu consegui, né, os filho aprenderam alguma coisa, né, cabei de criá eles muito bem educado, né, meus... a família tem... melhor num precisa. O prazer que eu tenho na vida é tê uma família tão honesta que eu tenho, né, porque hoje tá difícil, né, cê conseguí uma família assim pra tê unido com todo o mundo, com os vizinho tudo, né, e criá junto tudo numa família só. Tem o Galego, né, uma das família muito prestiva que nós... nas Parmera são os Galego, viu.

Já morava faz tempo?

Morava faz tempo, né, Galego uma das fa... é ainda, tá tudo aí, né. Uma das família mais que nós têm mais amizade, mais... consideração hoje, assim, de amizade, um precisá do outro, né, é um pessoal muito servidor, é uma das família mais prestiva que existe aqui nas Parmera.

Como que um ajudava o outro?

Assim, óh, naquele nós não... ninguém tinha uma condução. Condução era bicicleta, outros de cavalo, outros de charrete que nós ia pra cidade, né, ou de circular. Esses, eu precisava deles, tava pronto pra tudo.

Por exemplo.

Pra levá adoecia as pessoa, pra levá no médico, né, qualquer coisa que precisasse era só falá pra eles, vinham, né. A minha pessoa mesmo socorreram uma pá de vez, né. Minha mulhé quando acidentô do órgão foi os primeiro que veio socorrê foi eles, né, o pai do Julinho, né. Então cê viveu e tá vivendo com muito... com amizade, né, e a coisa que deixa muita lembrança na gente é isso aí, porque hoje cê num consegue mais tê essa amizade com essa juventude, num é mesmo. E é... que foi o que começô foi isso aqui, né, plantava, tinha muito era boi, tinha muita galinha, porco, nossa, tinha de tudo. Pessoal vinha visitá aqui, pessoal ficava muito... assim... olha, eles ficava tão contente de vê o lugar, né, eu limpava muito bem, tudo bem tratado, né. Tinha de tudo, nego pedia um frango, nós dava, né, tudo, matava porco, vendia pra turma, nós comia, tinha de tudo, né. E hoje num consegue mais porque cê num tem mais aquela voz ativa pra criá mais, né, porque o loteamento, as COHAB, né, muita pessoa de longe, né, e cê pega uma coisa às vez sem tê mais liberdade pra tê o que cê tinha, mas tô muito bem ainda, né, porque os vizinho tá aí, nós têm muita amizade, o Ribeirão Verde igual ao Ribeirão Verde aqui, óh, tem muitos que morava vizinho nosso tá morando aí, mesma coisa.

Tá morando aí?

Mesma coisa, morava aqui na fazenda e mora vizinho meu. Então é uma felicidade pra gente, né.

E antes eles trabalhavam todos na fazenda?

Trabalhava na fazenda, tinha outros que era trabalhava com o trator, tratorista, motorista, mecânico.

E hoje, o quê que eles tão fazendo?

Hoje, a maioria deles do tempo atrás do... da Eletrorio trabalha na Brascopper. Mesmo meus filho, tem dois filho, tenho dois neto... três neto que trabalha lá, tem dois genro, tem os vizinho que morava aqui, mas essa casa ali, óh, o Zé... Seu Zé, o Carlinho que morava lá em baixo, tudo eles que do tempo do Ricardo... não, do Ricardo foi embora, do... da Eletrorio tá tudo trabalhando na firma, quase tudo, né. E eu que sou o principal, né, foi o fundador disso aqui, pode dizê fundador, né, porque quando eu peguei isso aqui cê via só cana e mato, né, pomar tudo abandonado, tudo, né. Hoje, né, depois que a Eletrorio comprô isso aqui, melhorô muito, do tempo que tinha... dá, conhecia as coisas, né, fizemos um lugar muito bom, as árvores que têm aqui eu plantei tudo, né, tem de tudo, eu mostro, né, tá aí a semente, né, tá a árvore que tá dando a semente, né.

E a escola?

A escola.

Como era antes?

A escola no começo quando eu mudei pra aqui?

Já tinha essa escola? A Angerami, né?

Tinha a escola, a escolinha era pequenininha, dava quarenta e cinco, cinqüenta criança, né, tinha o período de cedo e da tarde. Até minha filha fez o... até a quarta série aí, aqui, né, depois continuô na cidade. O meu filho também, o mais novo, estudô aqui um ano e depois o... o pessoal ninguém ajudava, prefeitura, nada, isso aqui quem...

Ninguém ajudava?

Ninguém ajudava, quem conseguia aqui tudo na escola era nós, né.

Conseguia o quê, por exemplo?

A limpeza, organização, água, luz que faltava, tudo, né, tudo que precisava dentro da escola, né, nós ia e ajudava, fazia reunião com os pais, né, ia tudo enquanto é casa, nós pegava e ia na escola, né.

Quem que organizava a reunião?

A reunião era a Dona Geralda, finada Dona Geralda, ela faleceu. Depois que ela faleceu ficô a neta, mas a neta quase num... escolheram, né. Encanamento de água... quando... qué dizê, tiraram... o Ciro, tirô a água aqui que abandonô aqui e foi embora, então nós fizemos a caixa d'água nossa, furemo um poço, aquele encanamento da água nossa pra escola, fizemo tudo por conta nossa, tudo. Cada um dos pais ajudô um pouco, compramo

mangueira, compramo tudo, né. Tinha dia que vinha dez, quinze pai de família, até as mulhé vinha ajudá.

Até as mulheres?

E as mulhé ajudava.

Quê que elas faziam?

Faziam, né, barrê, limpá, né, lavá a escola, tudo, né, que era duas professora só, né.

Duas?

É, duas, né, pouquinho, né, tinha a coordenadora e a Dona Geralda, finada Geralda.

Dona Geralda de Souza Espin?

É, Dona Geralda que era coordenadora da igreja Santa Rita Cássia, né, que é a mãe da Neli, a vó da Neli, a Fernanda. Então era muito organizado isso aqui, viu, era uma coisa muito bacana. Ainda tem o pessoal que... vinha gente da Barra, Messias mesmo trazia as filha dele de charrete, longe, né, cinco quilômetro. Uns vinha de trator, outros vinha de a pé.

Todo o dia?

Todo dia, as criança vinha tudo de a pé, da Barra aqui, do Peripau, né. Agora mudaram tudo, num existe família lá mais, só tem uma família... só o rapaz, filho da Dona Célia e o...

Eles foram pra onde? O que aconteceu?

Mora tudo aqui no bairro.

Tudo no bairro?

O Messias, o Messias trabalhô aqui na escola, cê sabe, né. Então, trabalho indenizô eles, né, cada um comprô uma casinha e mora aí, cada um tem sua casinha. Só que os filho formô tudo, né, e cê vê como que é as coisa, hoje a gente... é tão fácil pra estudá, tudo dentro de casa, bem dizê, né, e esquece de estudá. Hoje tá tudo aí pertinho e muitos num... num qué aproveitá a oportunidade, né.

E por quê que o senhor acha que tá acontecendo isso?

Olha, uma coisa que eu num... num... num... num sei nem dizê porque a juventude num tem aquele amor mais, nos respeito, né, na obediência, né. Muitos, né, cê vê eles agredi a professora, num tem aquela união mais no namoro, tinha aquele respeito, né. A professora falava com a criança “cala a boca” eles ficavam quietinho. Hoje se ela falá, né, já num obedece, num tá mais ligando, né.

E por quê que tá acontecendo isso, hein?

Olha, é a mudança, acho que é o jeito de vivê.

De viver? Por exemplo?

Por exemplo, né, cê vê por aqui, tem muitos pai que os filho obedece, né, obedece muito, mas a maioria, a base de uns, num vô pôr muito, quarenta por cento obedece os pais, sessenta, não.

Mas por que será?

Não sei porque... a ilusão da perdição, né, vem pelo... num queria nem falá isso, mas... das drogas, essas coisa, né, um induz o outro, aquele que num obedece cai no caminho errado, né, aqueles que obedece, respeita, tem muitos que intercedeu, nasce, né.

E por quê que antes não tinha tanto assim?

Num tinha.

Por quê que o senhor acha?

Porque a maioria do pessoal, as pessoa, é tudo proprietário do sítio.

É tudo proprietário?

Então, é, tudo tinha... né, e da cidade é poucos. E hoje, tá tudo na cidade, né, os chacreiros mesmo que morava aqui num têm mais que mora aí, porque é empregado, emprego tudo na cidade, né. Cê põe uma chácara, dessas chácara que tem por aí, que as crianças é tudo obediente, então dá pra cê vê.

Mas qual a diferença de ser proprietário e não ser proprietário?

Vaidade, ué! Vaidade, né, vaidade da cidade.

Vaidade?

Vaidade, é uai, né. Cê qué vê, pega qual criança que anda um quilômetro de a pé pra í na escola, num vem. Também num precisa, né, porque é tudo pertinho, né. Aqui tinha a escola longe e agora tem... tem quantas? Tem quatro escola, pó pôr quatro, né, porque era o... a Espin lá em cima, tem aqui, né, e tem a escola... essa pequenininha aqui, né, essa escola aí, e aqui ia ter um... pra cê pagá é difícil, né. Só que tá bom, tudo mundo tem sua casinha, tá aí, né, morando, tudo gente trabalhadora, tá na rua que mora... olha, um pai de família duas horas ali é difícil, quase num existe uma rua pra tê família honesta igual a minha. Num é porque eu moro, não, porque eu reparo muito é isso aí, viu.

Como que é o pessoal da rua lá?

Tudo gente honesta, trabalhador, né, tudo, como diz, pessoa com trabalho fixo, num lembro caso de ninguém, né, conversando coisas que num deve, né, o pessoal... cê pode passá lá cedo que cê num vê ninguém em casa, tudo trabalhando. E a maioria trabalha na Brascopper, na firma. Olha, qué vê, na rua mesmo ali tem oito família que trabalha, oito não, nove, mais ainda, tem dez. Tem o Chiquinho, Luiz meu genro, né, então pro cê vê, já é uma vantagem grande, né. E um lugar aqui que... nossa, viu, mas que foi uma coisa muito honesta que eles fizeram foi esse loteamento aí. Que num existe aqui dentro de Ribeirão igual o Ribeirão Verde.

Ah, o senhor acha?

Eu acho sim.

Qual que é a diferença?

Diferença porque no começo tava meio perigoso, agora melhorô muito.

Tava perigoso no começo?

Tava, eu comecei aqui, vinha muito bandido pra cá demais e negócio, teve semana de matá seis final de semana, conhecia os cara, né. Hoje acabô tudo, cê num vê mais isso, tá com um ano, né, melhorô. Aqui mesmo, cê vê como é que era, né, no comecinho, roubava as coisa tudo aí, né, e agora acabô, ué, num tem mais isso.

Por qué que o senhor acha que tá acabando?

Cabando isso daqui, acho que é a autoridade que tá ajudando um pouco, né, tá tendo mais cobertura, tá andando mais, né, tá andando mais, acho que é isso, né.

Sr. Carlos, me conta um pouquinho, naquela época, quando que começou... as pessoas a saírem da fazenda? Quando que começou?

Saí das fazenda?

Das chácaras, assim.

Uma que o pessoal daqui, conheci muitos que morava e mudô pra cidade porque, num sei se é por causo do conforto, né, tinha, mas é a maioria. E os empregado também, a maioria das chacara, o empregado mora um ano na chacara, depois passa e eles qué sê o dono daí. Se o chacreiro num gosta qué mandá embora, já qué recebê indenização que num merece, né, e os proprietário, os dono, foi afastando isso aí.

Foi mandando embora?

Foi mandando embora porque num tinha condições, cê vê, o cara trabalha dois ou três ano numa chácara aí e num queria saí mais, né. Então a maioria passô a pagá por contrato, né. Venceu, ficô pouco porque criô pouco, cê pode vê que num tem um chacreiro antigo mais aqui, difícil.

Isso acontecia muito?

Acontecia muito, né, nas fazenda, os fazendeiro, eles... cê vê que os fazendeiro... tinha família que criava os filho na fazenda, né, daí embora... embora num tinha num... empregado... aí começô esse negócio dessa... desse direito, né, que os trabalhador têm, foi isso que foi tirando as família das fazenda, né, da lavoura, a cidade, por causa disso aí. As casa aí tá tudo vazia, né, das fazenda. A usina mesmo, na usina ali trabalhava naquele tempo do doutor Ricardo, tinha uma base de umas sessenta família.

Setenta?

Sessenta família, então, agora, de uns quatro ano pra cá num existe nenhuma, nenhuma, uma turma depois de Serrana, por causa disso aí, né.

E aí quando começou o loteamento, como que era quando tava começando, assim?

No comecinho foi o seguinte, isso aí, a firma já falava, “ôh, Seu Carlos, vamo fazê o loteamento, as cana, nós vamo... num vamo mais entregá pra usina, vamos entregá pra usina Santa Lídia, né, esse último corte de cana, nós vamo entregá as cana pra usininha. Nós nem vamo cortá a cana, esse último corte de... a cana do brejo vamo dá tudo de graça porque dá muito trabalho pra tirá, né. Aí vendeu as cana do Ado ficô pra usininha e a cana do brejo pra eles entregá.

Do Dado?

Dado, foi, da Eletrorio, né, o Dado. Aí o doutor Dado falô “olha, vamos entregá as cana... a parte velha pra usina, eles se vira lá tira o que eles pudé, que era brejo”, né. E iam do lado nas cota, cortô, entregô as coisa tudo e aí começaram, meteram a grade, o trator, já foi... o engenheiro foi medindo as terra, foi medindo e começô o loteamento. Só foi rápido, loteamento dentro de um ano tava tudo prontinho, já começô a vendê. Tinha gente aqui ôh, que fazia um cômodo, cobria com lona...

Lona?

Pra entrá de baixo pra num pagá aluguel, saí do aluguel. Seu Lazinho foi um que também que construiu a casa sem..., né, pode perguntá pro cê vê, Lazinho, o Maurício, foi que

construiu do lado a casa dele, na laje ainda sem rebocá, sem nada, foi fazendo devagarzinho, né. Aqui em baixo, a do Luiz foi a mesma coisa, conheci muitas família que fazia assim.

Muita família?

Muitas família assim, que entrô na casa sem rebocá, sem nada, no chão só com o contrapiso pra livrá do aluguel, né, e aqui foi bem três ano, tá o Ribeirão Verde uma cidade, né.

E como que foi esse começo assim, das famílias assim?

Como cê fala?

Como que era o dia a dia no começo? Vocês estavam construindo...

Então, muitos passaram apurado, né, porque é difícil, né, e comprando material, às veiz pouco, né.

Como?

Comprando material meio de..., né, comprando aos pouquinho pra..., a firma também ajudô muito também, né, agora o doutor... no caso do Ado, ele ajudô muita gente, o doutor Ado, né, num podia comprá nem tijolo ele dava um pouco, né.

Mas e quem não era da firma como que fazia?

Ajudava assim óh, igual a água mesmo, ninguém tinha água.

Ninguém tinha?

Ninguém tinha água, o poço abriu muito depois, né.

Quando que abriu o poço?

Depois foi... depois que começô a fazê as rua, né, tinha o poço assim, o poço que era da fazenda dava um pouquinho pro pessoal mais de perto, da pra socorrê ainda, né, maioria buscava aqui em baixo, ligava a bomba aí, né, pegava o tambor, né, e doutor Moacir, doutor Dado falava “o que precisá pode ajudá aí porque nós que que o bairro vai pra frente”, e foi ajudando, né, o pessoal sofrendo, padecendo, né, e hoje tem gente aí que a casa sempre que cê passa perto num... ninguém disse que era..., né, tudo terminado, né. Conheço muitas pessoas assim que num... morô na casa sem piso, sem nada, sem rebocá e hoje conseguiu terminá, né. E tá construindo, Ribeirão Verde tá indo, o bairro que mais cresceu mais rápido foi esse aí. Cê pode tirá a diferença, pegá a Recife, né, eu conheço, a Recife há vinte ano.

Há vinte anos?

Vinte ano, né, tinha três casa na avenida ali, tinha o aeroporto, que é o bairro Aeroporto, tinha a casa do Seu Fernando e ali... três casa tinha. E pelos ano tá quase na mesma, né, a água e o esgoto na rua principal, o Salgado Filho também num tem quase nada, né, então e aqui, dentro de poucos ano, né, então aumentô demais, virô cidade mesmo, né, mas a ajuda da firma, né. Então, Ribeirão Verde tem lugar que num existe, lugar que ninguém percebe que é uma cidade aqui, a mata..., muito mato, né, e o pessoal passô a ponte ali, caiu aqui dentro estranha porque é uma cidade, né, dentro do mato. E vai cada vez melhor, viu, abrindo a terceira etapa vai melhorá mais um pouco, né.

Você acha que vai melhorar?

Acho que vai melhorá sim, viu, vai melhorá porque movimenta muito, aqui olha, já tem uma farmácia, tem posto de saúde, né, tem escola, pode num tá suficiente, mas tem escola, né, tá mais ou meno e muitas coisa tá indo, supermercado grande, né, supermecado tem três, né, onde é que cê vê nesses outros bairro, num tem, né. Então acho que tá produzindo demais aqui, né, bom mesmo.

E antes, assim, quando começou o Ribeirão Verde, foi crescendo as coisas, quais eram as principais dificuldades?

Ah, dificuldade era... pra ir na cidade era difícil.

Era difícil?

O ônibus era pouco, né, a maioria do pessoal tudo, né, dependia do circular, é difícil. A turma reunia o pessoal e o pessoal fazia reunião e pedindo, né.

Pessoal fazia reunião?

Fazia reunião pra..., né, porque na...

Quem que fazia reunião?

Tudo, tudo o pessoal, né, organização.

Quem que organizava?

Óh, isso eu num posso explicá, eu sei que ali na firma foi uma... a Rose, né, chamô as quatro mulhé lá e foi, né, na Cetes... na... como é que chama lá o... como é que chama o nome ali da empresa ali da Andorinha?

De ônibus?

É.

Transerp?

Transerp, reclamação, então, e foi aumentando, hoje cê vê, hoje tem sinal o horário de seis hora até às sete passa quatro ônibus, né, um atrás do outro, né, e num tá dando ainda pro pessoal, tava indo cheio de gente. Das quatro hora até às sete hora cê... é cheio de gente direto, né, e antigamente não, o quê que era, né, era quatro ônibus, daí aumentaram pra cinco, né, ainda era difícil, ia nos feirantes, o ônibus num passava aqui dentro.

Não passava?

Não, o pessoal ia tudo lá na estrada, estrada de terra lá das Parmera tomá o ônibus e agora, cê vê a diferença, agora tem as... os ônibus num anda na estrada de terra, a van pega, o Leva e Traz, né, deixa aqui no ponto e anda demais.

Quais as outras dificuldades que tinha nesse... no tempo em que começou o Ribeirão Verde até hoje, assim? O quê que foi aparecendo de dificuldade?

Óh, da floresta aí, boa parte foi meio difícil também sobre o transporte que eu falei e quando adoecia a pessoa, né, pra í no médico na cidade, né, tava... um sempre socorria o outro, né, nós mesmo, de vez em quando ainda precisa de gente, né, e tudo moramo lá, e todo mundo, aí pedindo, né, pessoa pra o circular aumentá mais, né. Reduziu carona, né, que hoje em dia ninguém dá carona pra ninguém mais, antigamente dava, cê tava indo na estrada....

... a bandidagem, né, assalto, essas coisas, né, por causa disso aí, tem hora que cê vai lá, a pessoa perde, por causa de uma pessoa mau ou ruim, o bom sofre, num é. Porque cê tá na cidade, cê é muito conhecido, conhecê sempre uma pessoa pra... num pega... eu falo, mutias vezes eu fiquei ali no ponto esperando, né, ou é o tempo demorado, ninguém pegava, que num passava nenhum conhecido, né. Agora, hoje não, se eu ficá no ponto de ônibus lá esperando passa um e já...

Já leva...

“Pra cidade Seu Carlos?”, né, leva, porque conhece a gente, né. Antigamente num era assim, não. Bom, pegava mesmo que num conhecesse, aliás, no começo. Começô a entrá pessoas estranha, aí... Minha esposa... assalto, né, dentro do ônibus mesmo cê vê como é que é, né, minha filha foi assaltada duas veiz.

Aqui?

A Nina, é, na Andorinha aí, né, e documento dela perdeu tudo, tudo, duas veiz. A Iraci também, né, tentaram tirá a bolsa dela.

Dentro do ônibus?

Dentro do ônibus.

Do Ribeirão Verde?

Ribeirão Verde. Agora melhorô um pouco, eu mesmo nunca vi, nunca fui... aconteceu comigo, né, mas elas já, viu. Até disso aí melhorô, viu, num tá acontecendo mais igual acontecia, era toda semana, todo dia, cê ouve falá, né, cê ouve falá... nego que roubô... atacava o ônibus, acabô isso aí. Acho que a autoridade tá... melhorô muito também, né. Então um pouco melhorô e outros ficô ruim sobre isso, né.

Que outros pontos ficaram ruins?

Assim, cê num tem mais aquela... aquela confiança mais na gente mesmo, né, porque uma pessoa vê uma senhora, então a senhora parô, eu tava no ônibus ali, né, esperando o ônibus, aí ela passô “ôh, Seu Carlos, vamo pra cidade?”, “ué, eu vou, ué”, cê sabe quem que é, a dona da farmácia ali, óh. Por quê que ela parô e me levô? Conhecimento, né, o respeito que a gente... que a pessoa, né. Podia nem pará, né, então, pra cê vê, né.

Que mais que piorou?

Então, o que piorô é isso aí, qué dizê, se cê num tivé condução própria pra cê í na cidade, cê tem que dependê do ônibus, né, porque conhecido mais meu filho que tem mutias pessoas, num leva mais, não. Isso é um negócio que piorô muito isso aí, que muitos têm, né, que outros num têm, né. Só que o conhecimento que nós temo, precisá de um ali na... qualquer lugar que for, nós... qualquer um socorre a gente, né, naquela rua lá, qualquer um, se chamá, que nem o dia que precisa, vai, só se tivé em serviço trabalhando, né. Chegô em casa, precisa de um pra socorrê, cê pede um, vem dois ou três. O conhecimento, a amizade, né, respeito um pelo outro, que nas outras rua num é assim.

Ah, não é assim?

Num é, nós nunca... mesmo na rua do outro lado, eu num conheço quase ninguém, poucas pessoa. Ninguém anda a noite, cê passa, cê num vê porta aberta quase, né, tudo porta trancada, né, até uma pessoa conhecida de vê, se num conhecê de vê, cê num vai abrí o portão pra ela entrá, né, por causa do perigo, por causa do assalto, por causa de..., né. Então, já hoje piorô por causa disso aí, num tem aquela liberdade igual antigamente, cê dormia, largava a porta aberta, largava tudo, né, chegava pessoa na sua casa de noite, podia

pousá dentro da sua casa, cê num tinha..., né, já dei muito pouso pra pessoas estranha, né, aqui mesmo. Hoje num pode mais.

Hoje não dá mais?

Num dá mais, num dá porque..., né, igual mulhé, onde cê vai pôr mulhé pra dentro de casa, né? Cê sabe o quê que é que ela vai trazê atrás dela aqui pra...? Num tem jeito mais, então, isso aí piorô nisso aí, num tem mais aquela liberdade que tinha igual uns quinze anos atrás, nós num têm mais porque morreram gente, muitas pessoa estranha vem, né, pro bairro, vem... vem de famílias boa e vem de famílias..., né. Traiz os filho, também que é tudo perigoso, né, então é isso aí que acaba... acabô, num tem mais sossego, né. Nós temos, na rua que nós mora, nós temos, mas às veiz num tem, tem lugar aí que o pessoal num sai nem mais de noite, né. Cê sabe porque nós temos essa felicidade de arrumá aquela rua tão boa? Foi por causa da Eletrorio, do doutor Dado que arrumô assim. Ele que conseguiu tudo os proprietário, todos trabalhador trabalhava com ele, empregado, fechô aquelas duas rua, que duas quadra, pra todos funcionário.

Ah, interessante.

Foi uma ajuda muito grande isso, num foi? Então, coisa que eles fez muito bem feita foi isso aí. Agora mesmo nós ia pra marcá o terreno lá na COHAB, os funcionários tudo já têm os... já tinha gente morando lá quando foi... já tinha muita gente morando lá no loteamento. Então, daí chamaram nós na Engindus, tudo nós, tudo funcionário, cada um marcando, cada um marcô o lote dele, pousava o mapa lá e..., né. Eu peguei, óh, o vizinho, óh, tem o Seu Zé, o Neguinho, o Luizinho... não, quem pegô foi o Zé Augusto, meu genro, porque o Luiz num morava aqui, então ele pediu pra o Zé Augusto tirá um terreno no nome dele, né, e ele ia pagando. Então, o Luiz cê sabe, né, o terreno, né, foi no fundo. Só avisei ele, peguei seis que morava aqui, Seu Zé, Maurício, o Carlinho, Chiquinho, o pai do meu genro ali.

Tudo que morava aqui nas Palmeiras?

Tudo que morava aqui na Flora Agrícola.

Aqui no bairro a maioria que construiu a casa?

A maioria?

Construiu?

Nas Parmera ou no Ribeirão... no loteamento?

No Ribeirão Verde.

A maioria construiu, construiu, ué.

Tem gente que não construiu?

Tem muitos, que num construiu ainda, né, tem, uma base de uns vinte por cento ainda que num construiu, essa base.

Mas tem gente que mora aqui que não construiu? Tem muito inquilino, não?

Tem, tem muitos, na rua... na minha rua tem uns quatro, venderam, cobriram as casas, trabalham na Brascopper, saíram, né, então os pais dele saiu também, né, mas quem comprô, tudo família... outros comprô e alugô, outros construiu e alugô, né, lá na minha rua tem uns quatro assim lá que alugaram a casa, e ficaram alugado. Só nós temo sorte, tudo gente boa, tudo família... trabalhador. Cê num vê ninguém na rua, né.

Tem algumas famílias que o senhor conhece que dá muito problema?

Bom, vizinho meu num... tem o... tem o vizinho, o (...), mas... os filho mexe com negócio de droga, mas num... num... nunca deu problema com nós, respeita muito nós, tem muito amizade, nós sai de casa deixa a chave com eles, então nós num pode nem falá, né, porque são gente... todos o negócio dele é pra fora, num tem... tem muito respeito pra com eles, são gente muito boa. Respeita a gente, fala com eles, eles... quando tá assento lá, fala com eles, né, atende bem, mas pra fora é outra coisa, né, mas na... vizinho nosso são muito bom, bom mesmo, viu, e eles... gosto muito deles, o (...), então só faltava pra gente, né, cê tá despreocupando, né, com eles ali. E chegô mais duas família também lá na... pra cima do Seu Zé, tudo gente boa, nossa, nós tamo de parabéns aquilo lá. Do outro lado também na avenida, tudo família boa.

Tudo família boa?

Família boa. E têm os padrinho trabalha na Brascopper, né, trabalha na Eletrorio, né. E, terreno, vizinho meu também, se construí é gente trabalha na Brascopper, né. O rapaiz vendeu, vendeu pra o rapaiz que trabalha na Brascopper.

A casa do senhor, o senhor que construiu?

Construí, a firma ajudô bastante, né.

A firma ajudou?

Ajudô, deu cinco mil tijolo, me deu uns dois caminhão de areia, caminhão de pedra, ferragem, me deu trezentos reais de ferragem, né, e me ajudô... dinheiro, Dado também me ajudô. Quando eu... acabô aqui o arrendamento do japonês, deu mil, oitocentos reais. Eu fui

lá levá o pagamento pra ele, né, me deu oitocentos reais em... falô assim “cê põe no banco, da Caixa, qué é pra construí sua casa”. Vendi os cavalo pra ele, me deu mais trezentos reais, né, foi mil e cem, né. Então, e num deixei lá nenhum, a casa... comecei construí já, então.

Quem que ajudou a construir, assim, lá?

Foi a Engindus, né, Seu Ado.

Mas quem fez assim?

Ah, quem fez? Ah, eu arrumei pedreiro particular, né, isso eu paguei, né, paguei. E, materiais me ajudô muito, em ferragem, me deu cem sacos de cimento, gastei duzentos e quarenta saco de cimento ali, eu comprei cento e quarenta, ele me deu cem saco de cimento.

Quantas pessoas moram com o senhor lá na casa?

Hoje nós têm cinco.

Cinco?

Cinco, mas todo sábado tá tudo em casa.

Tá tudo em casa, mas antes morava mais, não morava?

Antes, lá em cima? Não, no começo da vida, nós entrô aí mudou em cinco mesmo, e que é cinco assim, porque tem a namorada do Zé Augusto, né, que ela trabalha no Ribeirão.

Zé Augusto é seu filho?

É, e namorada do meu filho, vai casá esse ano, né, então ela trabalhô em Ribeirão, então pediu se nós podia dá uma pousada com arroz, dá um arroz, então, é como uma filha, né.

E quem mais que mora lá?

O Zé Augusto, a Rose, e a Celina e essa menina, cinco, né. E a Celina, o Zé Augusto, e a Rose, a namorada dele, são cinco pessoa.

Quê que o senhor acha que tá faltando no bairro ainda?

Olha, aqui no bairro tá faltando, primeiro lugar, o posto policial, né, uma creche, muitas mãe trabalha e precisa, né, então muito principal é isso aí, muito principal isso aí, né, a creche pra essas mãe que trabalha, pra deixá os filho, né, e num tem ainda, né. Acho que isso é a coisa que já providenciá rápido é isso aí. Tem muita mãe que sem podê paga, né, cinqüenta, às vez cem pra..., né. O posto de saúde já tem, tá indo muito bem, né, e o mais, tá bom, né, e porque a coisa importante aqui é a autoridade que tá precisando muito, já

melhorô bastante, né. O França que é nosso presidente de bairro aí, né, ele tem dado a força fora de série aí, França ta... ajudô muito isso aqui, né. Ajudô e tá ajudando, né, agora se ele se candidatô a vereador, eu acho que ele vai eleito que ele merece, então vai sê mais melhor ainda, viu. Cê vê essa escola aqui que chama... escola em baixo aí?

Sathya Sai.

Então aí foi ele e o... o nome lá, o Rosa, Donizete Rosa, né, conseguimos isso aí, óh. Já é boa coisa, né, agora tão falando em aumentá a escola que era lá em baixo, já é pra trabalhá nisso já, né, que a escola também tá meia... pouco pequena a escola pra pôr o volume de aluno que existe, né.

Já tá pequena, o senhor acha?

Pequena, eu acho sim, viu, tem muitas criança que tá precisando de vaga e num tem, então. Agora emprego, emprego no começo tá bom, Ribeirão Verde tá de parabéns, que nossa, num esperava.

Não esperava, o quê que o senhor esperava no começo?

No começo quando eu vim pra cá administrá aqui que era cana e era mato e hoje tá o que é, é o sonho porque eu pensava um dia morá no meio do canaviá. Então no passado podia levá nhami, nós administrva a lavoura de cana e hoje, né, é cidade.

O senhor, o quê que o senhor esperava naquela época?

Então, eu esperava de continuá a mesma coisa, né, cana, né, agricultura, né, que eu num sabia do presente que tinha isso aqui, quantos ano que ia sê loteamento, essas coisa, né. Que quiseram comprá outra fazenda, foi os filho, né, queria fazê esse loteamento, porque o doutor Dado ele foi lá na Fazenda da Barra, ele queria comprá cem arqueire, ele num passava aqui ainda. Quando a sinhazinha resolveu vendê aí nós fomo falá com ele, juntô a equipe, nós foi lá olhá e comprá cem arqueire, acho que eles ficaram com medo, fazê mais loteamento, aquele canto pegava a divisa, né, aí a mulhé num quis vendê, vendia só tudo a fazenda. Agora num pode vendê mais, né.

Por quê que não pode vender mais?

Olha, tá em leilão isso aí, né, acho que sim, né, e a fazenda... a Usina da Pedra arrenda isso aí, né, cê viu que os Sem Terra num vai conseguí isso aí não, porque tira a... planta cana, cana, soja, né, e num pode invadí agricultura, né, e os Sem Terra... eu num sei o que se passa deles aí não. Cê num sabe o que eu tô com medo deles?

O quê?

Invadí a granja, cê sabe que eles tá no loteamento aqui, né, isso aí a firma num podia deixá eles. Doutor Ado precisa tomá providência isso aí, óh. Num é que os Sem Terra num tá... principalmente o Nilsão, é que fica ruim isso aí, né, depois vai invadí área verde todinha. Agora pega... eu penso assim que se a autoridade num tomá providência, eles invade até a granja. Vazio, num tem nada, né. Que os Sem Terra o seguinte, vou explicá pro cê como é o Sem Terra, setenta por cento num trabalha, trinta trabalha plantando, mas em riba eles têm cesta básica, eles têm tudo, têm água. Eles qué sabê de trabalha, né? Tendo a esmola, tem tudo, né, aí nessa favela, eles têm tudo. Nós têm essa casa, nós paga cem real de luz, cento e tanto de telefone, quarenta de água, eles num paga nada, essa vida que eles qué levá. Se for pôr aí, por isso que eu falo pro cê que ali um setenta por cento num trabalha.

O senhor tinha dito que a cidade veio, né, tem as matas, tem... aí a cidade veio, o senhor achou... quê que o senhor achou disso?

Olha, isso aí eu achei um presente muito bom, que as Parmera... as Parmera ficô, ficô as Parmera, né. O Ribeirão Verde num prejudicô o bairro aqui das Parmera, nada, melhorô.

Melhorou?

Melhorô, claro que melhorô.

O quê que melhorou?

Melhorô porque a... já veio com o estudo das criança aqui pertinho, já veio o transporte pessoal, né, então as família, proprietário, têm de tudo, né. Então, óh, antigamente cê ficava ali na estrada, passava quinze, vinte minuto pra passá um carro. Hoje, tá passando... tem hora que passa até cinqüenta carro por... né, por minuto ali. Num melhorô? Acho que melhorô muito, né. Os proprietário de chácara, né, melhorô muito pra eles, não, não... nada no movimento deles num estragô nada, melhorô pra eles, tá tudo filho, né. Igual aqui o... ali o... o doutor, professor mesmo, ali tá ainda, tá ainda tudo largado, mas a firma cedeu tudo pra eles ali, óh, pra conseguí seis metros de terra pra fazê a avenida, foi obrigado deixá tudo organizado pra eles, feiz água, encanamento, feiz tudo pra eles ali, cercô tudo de alambrado, né. Ficô que num ficô bom pra eles, né? A estrada das Parmera ali num asphaltô tudo mas já adiantô bem, né, pro cê í na igreja, pro cê í, né, tá tudo bom, tudo facinho, né, nas chácara a estrada melhorô, tá tudo bem, ué, melhorô muito, né. Até... eu mesmo pra mim ficô muito bom que eu trabalhava aqui na fazenda conseguindo e minha família tem

conforto, né, aquela casa boa, graças a Deus, né, e continua trabalhando. Pra mim essa felicidade que eu tenho é... então, agora se tivesse acabado tudo, prejudicado, né, os proprietário, né, quantas família que tem aí que vinha, né, quantos dizia que ia na cidade de bicicleta, ia tudo. Hoje num... cê num vê, difícil cê vê uma bicicleta na cidade, no começo ia, né, o transporte aqui era de charrete ou de bicicleta, cê ia na Engindus, cê ia de a cavalo, arriá o cavalo e ia, né, hoje tá tudo favorável, muito melhor. Bom, se eu tivesse cavalo até hoje eu ia ainda, né, num tenho. E, mas o resolveu foi um... pra saúde daqui pras família.

O senhor falou quando a gente tava conversando aquele dia, né, outro dia quando a gente tava conversando, que o senhor tinha cavalo, porco e hoje não tem mais, né. Eu queria que o senhor me explicasse por quê que não tem mais, por quê que...

Eu vou explicá, tinha muito porco, tinha de tudo, muito cavalo bom, tinha seis animal, tinha charrete, agora foi só começá o loteamento, começaram a roubá meus animal, roubá os porco, aí desacustumei, aí vendi, depois vendemo, né. Tem vez que rouba três animal meu, se eu for atrás é cadeia, né.

E acontecia muito isso por aqui?

Acontecia, ah, antes não.

Antes não.

Num tinha perigo, animal nosso criava tudo solto aí, óh, galinha no sitinho, ninguém nunca, nunca pegô nada, né, doutor Dado tinha dois animal.

Isso começou quando veio o loteamento?

Veio o loteamento, né, só no começo quando já tem uns dois ano, e agora melhorô, num tem mais isso. Num tem, né, antes tinha animal aqui na... aqui em baixo no brejo, toda semana sempre sumia um.

Outro dia o senhor falou também que o senhor cuidava da fazenda e falava do pomar, falava das cercas, falava de tudo aqui dessa parte da sede. E agora como é que tá?

Agora acabô num ponto.

Acabou em que ponto?

Acabô assim, a limpeza, a maravilha que a beleza que era, organizadinho tudo, né, cê via, esse campo mesmo, esse campo num tinha uma falha de terra, tudo gramadinho, tudo bem arrumado, né, tudo limpinho, cê num via uma folha, tudo bem barrido, né, as árvore tudo bem podado, eu podava tudo. Hoje num tem mais isso, né, o campo tá... passa aí três ou

quatro mêis sem podá, num tem uma máquina pra podá, né, cabô tudo, né. E então o pomar era bem zeladinho, bem arrumado, matava formiga, deixava tudo organizadinho, tudo limpo, cabô tudo, cabô que o pessoal invadiu, então cê...

Por quê que acabou?

Acabô porque cê num tinha condição de cê tocá mais, né, passô pra prefeitura isso aí, né, eu num... eu participei do campo, participei ali uns dois ano, né, depois passei... entreguei pro presidente do bairro, né, a função do campo, eles que têm isso aí, né. Então é uma coisa que eu num posso intrometê nisso porque até minha parte, né, o meu serviço é cuidá aqui dentro nas área, plantá, né. A mata aí óh, essa mata mesmo eu chamei o senhor a atenção ali, com vergonha mas foi obrigado, ele cortô dois cabo de enxada dentro da mata aí, falei aí que cabe até processo isso aí. Se cortá outra veiz, né, fui lá, o senhor me avisô, falô “óh, cê num fala que fui eu que falei nada não”, “tudo bem”. Fui lá, achei um tronco, achei o galho, pegô o galho e cortô e tocô pra cima, né. Aí fui lá alertá ele, “posso meu senhor, isso aqui eu num quero que acontece mais, essa mata aqui, óh, é pra olhá ela, tê carinho, o trabalho de bagunçá ela, é pra vocês isso aí”, “o senhor pega dois e cinqüenta, vai no Damata, compra um cabo de enxada, isso é o lucro que o senhor tem”, “se cortá outra veiz eu vô processá o senhor, num vô falá pros biólogo nada disso, vai ficá entre nós aqui”. “Ah, o senhor desculpa, achei que num tinha condições”. “O senhor sabe que tem, porque eu num deixei o senhor entrá na mata mais é por causa disso aí óh”, “cê vai pedí um cabo de taquara, cê tira um cabo de enxada de árvore, né”, “senhor pegá uma vara de anzol, cê vai lá e tira um cabo de enxada de árvore e tráiz”, “então, o senhor é proibido de entrá na mata e num acontece mais não, porque vamo dizê essa que o senhor qué que o senhor ajuda conservá isso aqui, não estragá”. “Não, o senhor me desculpa, num acontece mais”, (.....), aquele que trabalha na Cidade Limpa. Aí falei pro Gerardino pra conversá com ele, né.

Acontece muito disso aqui no bairro?

Não, não, esse foi o primeiro que eu vi, se o pessoal pega vara de anzol, vai lá, tira, nunca aconteceu isso.

Acontece muito de as pessoas, não só o (.....), mas outras de não respeitar a mata, as áreas verdes?

Nada, aqui não, aqui por enquanto num vi, num tem problema. A mata aí num... a pessoa se quisé... pra visitá mesmo isso aí, né, eles têm que ví aqui e pedí pra visitá, cê vê a hora que

tá os biólogo aí, eles leva você lá, né, porque se quisé í lá eles entra, a cerca tá quebrada, quebrô até cano, mas nunca achô uma pessoa ali dentro ali, que eu sempre dô a volta lá, né, nunca achei. E o senhor vem pedí um cabo de taquara, eu deixo tirá, só de cê vim limpá aqui abrindo o portão, cê num limpá lá fora, pessoal vê abrindo a cerca, né, vara de anzol. Então o bambu é um vegetal que cê corta um, nasce cem, né. Então... pessoal honesto também, né, num é quarqué um que eu deixo entrá aqui não. Agora, se cê entra e vira, que num sai daqui mais, se entrá, entra escondido, é isso aí. Num pode, né, essa mata aí é uma coisa que tem muito carinho por ela, né.

E o pessoal tem respeitado?

Tem, tem respeitado bastante, isso daí tem, viu.

O que o pessoal fala, assim, sobre?

Acha muito interessante, muito bonito, né, vê uma área dessa aí que era cana hoje tá uma mata, né, tá uma mata dessa com sete, oito ano, né, isso daqui mais uns dez ano vai sê exemplo isso aí.

Quê que o pessoal tem falado assim?

Limpô, é bonito, né, bom trabalho, né.

Eles falam?

Fala, todo mundo, tem gente que vem visitá aí, vem aqui, fica olhando, né, a coisa interessante isso aí, a mata, essas trilha, essas trilha foi uma coisa muito bem feito que fizeram aí, né, que antigamente num existia isso, né, num tinha, tem os bichinho aí, tem o soinsinho que sempre ta aí.

O senhor acha importante essas trilhas?

Eu acho sim.

Por quê que o senhor acha importante?

Importante por causa disso aí óh, isso é uma coisa, isso num é pra ficá isolado, isso aí é pra fazê uma visita.

Por quê? Qual a importância de fazer uma visita?

Importância, porque a mata é uma coisa que..., cê vê óh, a mata tem muita gente que nunca num sabe o que é um pé de árvore, né, se ele entra aí dentro, ele fica... acha interessante, né, de vê aquelas árvore bonita, né, limpa pra ele passá, né, rodeada pela água. Aquilo lá foi um mistério ali dentro, pra quem entende e quem sabe aquele respeito, né, é uma coisa difícil, é

que pras criação lá, em vez de uma passarinho, um animal, em vez de um rato, tudo precisa da água, tudo. O beija-flor foi beijá a flor, sai da pontinha das folinha e descê pra tomá água do orvaio, num é, e agora vai, né, tem água bastante. Mas lá só tem um bicho grande esses tempo aí, uns ano atrás, aquele... como que chama? Arara, Irara, sabe que é? É igual cachorro do mato, o cara pegô ele na ratoeira e trouxe aqui. Soltemo, qué dizê que num teve nada e aí foi embora, sumiu. E então, essa área verde, essas trilha aí no meio, eu acho que num tem só isso aí, tem que conservá sempre limpo, né, tem duas trilha sem limpá ainda, tem que falá pro França mandá os home limpá ela lá porque... depois daquela vez que saiu eu mandei abrí mais duas enquanto eles tava limpando, eles abriram as duas trilha. Ficô bom, um cruzô naquela água, naquela água de cá, tem uma trilha saiu nela, só tinha uma só, né, e outro dia saiu na estrada, no asfalto, só tinha barranco só, né, porque ficô bom, viu, e tem mutia coisa interessante ali, tem um pé de Óleo Pardo, cê viu mas cê num conhece, né. Agora eu quero mostrá pro cê lá, aquilo lá é uma árvore pro cê tirá foto dela, viu, firmá, tão linda que ela é, viu, é difícil, é Cabreúva.

Cabreúva.

Cabreúva, tem lá também aquele muito bonito onde tá aquela torneira d'água.

Antigamente ainda tinha bastante mata aqui, não?

Tinha, tinha mata, mata aqui na fazenda mesmo não.

Não.

Aqui tem só essa mata mesmo. Na Fazenda da Barra tinha uma mata ali de setenta arqueire que vinha no Corguinho.

Vinha até o Córrego?

Tinha, até cateto tinha aí. Cateto, veado, esse... esse quati tinha muito. Aí esse pessoal pegaro e derrubaro, em vez de eles... pegamo, liberô pra eles derrubá, mas de lá pra cá pra sobrá a área de mato beirando a vazante aí, né, o córgo, eles pegaro daqui pra lá.

Derrubaram tudo?

Derrubaro tudo, caiu numa murta que até num deu pra pagá. Essa terra... essa terra aí é da prefeitura, num é dele não, num é da Fazenda da Barra mais. Então cabô, né, os bicho sumiu, o mato... o mato maior, né, ele tinha só aqui pertinho setenta arqueire de mato, capivara, paca, tinha muito, muito mesmo. Então acabô o mato, né, aqui mesmo matô muito bichinho aí que vinha, passava aqui óh, quati, raposa, veado tinha muito.

Aqui nessa mata?

Vixe, aqui matô muito, tinha trilha aí que ia pra horta lá do homem, o rapaiz tinha uma horta ali, ele trouxe uns passarinho pra comê, capivara tem até hoje, tem mutia capivara aqui, aqui na fazenda mesmo, no brejo aí.

Que mais que tinha?

Então, tinha quati, paca, tinha esse caixeiro do mato, o guacho, cê num sabe o que é o guacho, o bicho que chupa cana, eu num sei o nome dele, um tal de guacho, né, que tinha aí, num tem mais. Cabô uai, sumiu, né, que cabô com as mata, né, cabô com as cana. Pássaro de pena, até seriema tinha aqui. Sabe o quê que é seriema?

Sei.

Então, agora num tem mais, depois nós vai em cima no brejo ali, num tem mais porque a mata principal cabô, né, tudo soja, soja e cana, então, num ficô muito, né.

E qual que é a importância dessas que sobraram aqui que o senhor acha?

Ah, como? Da mata que sobrô?

É.

Ah, isso aí é uma coisa que precisa tê isso aí, né, que é amostra, né, da fazenda, da reserva, precisa tê amor isso aí, né, num cabá nunca isso aí, acho que é pra perdurá pro resto da vida, né, porque num tem jeito de formá uma mata dessa mais, tem árvore aí que tem mais de cem ano, muito mais, né, então uma coisa que tem que zelá, que tem que cuidá, até pelo bairro aqui, pra uma cidade dessa tê uma mata dessa importante aí, né, vizinha. A paiz, né, porque é a paiz do Ribeirão Verde, sobra isso aí é difícil, né, coisa que tem que tê muito amor isso aí, procurá pra podê ajudá melhor ainda, né. E plantá mais árvore, né, que precisa, né...

O senhor tava falando que precisava plantar mais árvores nas áreas verdes?

Isso mesmo, precisa plantá sim.

Por quê?

Plantá porque as área verde é uma mata pra cidade, precisa, né.

Mas não tem nas áreas verdes?

Num tem, esse ano num tem, plantaro tudo.

Plantaram?

Plantaram, mas o gado destruiu, né, o gado tá destruindo, a formiga também destruiu um pouco.

Mas gado, como assim gado?

O gado que tá sorto aí, come tudo o gado.

Da onde que vem esse gado?

Gado vem do (...), aquele que tem a casa verde lá. E outra coisa, o pessoal, né, tem muitos que num tem amor isso aqui, pega, roça, a firma manda fazê, põe fogo, caba... caba tudo. Então, isso aí que eu achava que precisa tê uma pessoa, a firma deixá uma pessoa só pra isso aí, pra zelá, né, igual no começo, que teve um ali que ficô bom, deixô uma pessoa sempre cuidando, por causa que num tá cuidando suficiente isso aí. Precisa deixá um aí, eu achava que agora que é a Protenco, deixá uma pessoa só pra esse fim, que eles têm compromisso com isso aí, num tem? Ou cê acha que não?

Não sei.

Aqui tem, né, porque num inaugurô o terreno ainda, né, que a prefeitura, o Cidade Limpa num cuida isso aí.

A prefeitura não cuida?

Por enquanto não, eu acho... deu... até uma coisa eu acho que tá indo muito bem, em vez de eles tá limpando aqui em baixo, cuidá das área verde. Cê num acha melhor?

Eu acho.

Acho que é isso aí que precisava, né.

Que mais que precisava, assim, pra essas áreas verdes ficarem...?

Então, eu tô te explicando, tá faltando tê uma pessoa pra cuidá, pra olhá isso aí, igual eles tão cuidando agora daqueles canteiro da frente do Mialich, né, tem uma senhora cuidando direto da Cidade Limpa aí, o França põem, tá formando ué.

É do Cidade Limpa que tá cuidando em frente ao Mialich?

É o Mialich, é ela que tá cuidando, é só a negrinha, é nossas muda, ela agoa, o que eles precisa de muda nós temo, né, o tanto que precisá, né. Só pra ele eu já dei mais de mil muda, mais de mil. Pras área verde aqui saiu mais de... a beira dumas dez, doze mil muda, mais ainda, só aqui eu já construí quarenta e duas mud... mil muda.

Quarenta e duas mil mudas?

É.

E se já entregaram tantas mudas assim, por quê que o senhor acha que não foi muito pra frente, assim, em alguns lugares?

Então, eu vou explicá a realidade porque num foi pra frente. É que agora abandonô, abandonado, num põe ninguém pra cuidá. Planta mais num cuida.

E por quê que morre?

Então, abandono, e outra, né, planta lá certo e depois num cuida, num tem uma pessoa pra cuidá, precisa sempre pra molhá, né, um caminhão principal, né, pra tê uma pessoa depois pra tá cuidando, molhando, desbrotá elas, né, sempre pra fazê uma coroa bem feita no pé delas. Faiz uma veiz, pronto, larga, né, aí vem o fogo...

Fogo? Mas quem que joga fogo?

Ué, pessoal do bairro mesmo ué, aqueles que num têm consciência, né. Cê vê que a área verde perto da caixa d' água memo ficô uma coisa bonita, cadê, roçaram, num puseram fogo, chamaram até bombeiro pra apagá aí, mas num adianta nada, cê num vê quem põem.

E quando, por exemplo, já não for mais da função das empresas, o quê que o senhor acha que vai acontecer?

Então, porque é o seguinte, agora veio cêis aí, cêis dois, cê e o Wellington, eu sei que cêis batalham sobre isso aí, o Wellington veio até abrí buraco pra plantá, ele já feiz isso aí, as crianças, plantaram tudo, né. Cêis feiz o possível, mas depois que... a firma é que tinha que deixá uma pessoa aí atrás já cuidando, porque a prefeitura disso num cuida. Só se passá pra eles, a firma passa pra eles, porque se a firma foi e tivé que cuida dela ainda.

E quando passar pra eles?

Aí eles cuida, tem que cuida ué.

Cuida?

Cuida... tem que tê uma pessoa pra tá em cima deles pra eles..., né, tomá providência, aí quem vai cuidá disso aí num é eles, é o pessoal do bairro que vai em cima, né, começo pega ele, né, e vai...

Pessoal do bairro vai em cima?

Tem muitos que ajuda, ajuda sim.

Tem muitos que ajuda?

Tem muitos, muitos mesmo, aquele Seu Ciro, Seu Ciro é um dos pioneiro aí por causa disso aí é ele, é fora de série o homem, começô a ajudá aí, óh. Então, arruma uns quatro aí

óh, né, que aqui tem que tê uma pessoa pra tá..., tem que tê uma pessoa pra tá, né, ajudando, né, pedindo, porque tem uns que tá pedindo pra gente, né, a Cidade Limpa aí, que sabe trabalhá, cuida, os que sabe trabalhá precisa de duas pessoa que trabalha. Cê vê aquela senhora que trabalha lá, quanto que aquela mulhé cuida sozinha, né, e ganhando dinheiro ainda, ela trabalhô com estágio aqui, e ela ficô... se for precisá pode vim buscá que nós doa mesmo.

Pessoal vem muito buscar árvore aqui?

Vem, até o pessoal da chácara eu dô, né.

Das chácaras.

Da chácara, né, das área verde que têm os canteiro aí pra plantá na frente da casa pra ajudá um, né, tem muitos lugar que tá bonito, tá bem cuidado, mas muitos num cuida, né. Uns num cuida porque diz que o gado tá estragando as planta, as arvrinha... o gado quebra e pisa em cima, animal, né, cê tá vendo cheio de animal, né. Então isso aí foi uma coisa que o presidente de bairro podia tá providência isso aí, né. Esse gado num é nada com a Engindus, é com eles, não com a firma, porque o responsável pelo bairro aqui é o presidente, né, e eles têm que tomá providência isso aí. Se não, vai virá tantos loteamento pra fora, bairro aqui novo, né, já tem uma praça pra cê soltá a noite, né, aqui num tem nada, nem um banco na praça cê num vê, né.

Você acha importante uma praça?

Acho importante porque depende também das árvore, tê as árvore formada, é o que precisa. Tem uma arvrinha formada, cê já vê um banco, cê já vê, né, igual lá cê vê, lá tá tudo cheio de banco. Por quê? Porque as árvore tá cuidada, né, eu tirei ali... o bairro aí.

Primeiro as árvores e depois...?

Primeiro as árvore, isso aí óh, é o mais principal, então.

Por quê que o senhor acha que é importante uma praça?

A praça é a reunião do... amizade, do descanso dos... até pros idoso, né, ali os antigo do bairro têm seu vício. Vamos supô, Serrana que é uma cidade que se aproxima, cê passa numa praça daquela, né, o que é que o pessoal aposentado brincando com baralho, né, jogando uma dama, né, um dominó, né. Aquilo é uma coisa muito importante aquilo lá, né, o pessoal de noite, um casal, ali senta, né, é tudo importante uma praça, né. Na avenida ali, ali precisa de uma praça ali, viu, todo lugar precisa. Tem esse canteiro aqui no... que eles

tão fazendo agora de frente do Mialich, já era pra tê árvore formada, né, ali, então. Agora tem o pessoal que tá todo dia, tem umas árvore boa, aquelas muda tudo foi eu que fui lá e doei pra eles. E quem plantô ali naquela barraquinha são cuidadoso, viu.

São, né.

São cuidadoso, e agora o França pôis essa mulhé lá pra cuidá, vai melhorá ainda. A rotatória, cadê? Num era pra tá prontinha? Num tá, começaram e num continuô, o bairro, né, o presidente do bairro, e tinha que tê continuado aquilo. Plantá uma árvore, na rotatória num pode plantá árvore, jardim tem que pôr, porque na rotatória num pode... tira a visão, né, do veículo que vem, né, num pode, mas jardim tem que tê. Então que precisa tomá providência aí, viu, as área verde tem hora, nossa, que eu mais sinto é num tê uma área verde pronta aí, faiz... nós tamo com oito ano já, isso... Ribeirão Verde, né, oito ano e era pra tê uma praça aí já, viu. E falta de árvore essas coisa num é, nós..., né.

O quê que precisa pra cuidar de uma praça?

Ah, o que eu falo, pôr gente pra cuidá e dá atenção, então, num tivé... cê vê essa mata? Essa mata ela veio com o loteamento aí, mais antes que a praça, primeira plantá que nós fizemo, num é, mais antes pouca coisa. Ólha como tá a mata aí, tá mata e nas área verde num tem nada, cabaram tudo. E óh, se cêis põem uma pessoa pra tomá conta pra corrigí vai pra frente, que só plantá, sai e larga num adianta nada. Na avenida, ali perto no ponto de ônibus, ali foi o Seu Sílvio que plantô aquilo lá, tanto que ele cuida e tem gente que destrói ainda, quebra um galho, alguma coisa, né, ali se ninguém destrói, tá muito lindo aquilo lá. Os vizinho ali óh, sempre tá cuidando, aquele rapaz da sorveteria, o João da mata ali, é tudo eles, sempre tá ali olhando, o João já podô ali umas duas, três vez, eu vi ele podando, bonito é isso, né, até ajuda. E os pessoal também, os proprietário de morador, é os que mais ajuda também, né, que cada frente da sua casa tem direito do pessoal cuidá, né. Tem uma casa ali, logo ali pra perto da... do Esquinão, ele pediu as árvore, passa lá pra cê vê que gosto lá, dá gosto cê vê. Já tem os banquinho porque é interesse, né, todo mundo precisava sê assim.

Tem muita gente que tem interesse?

Tem mutia gente.

E tem muita gente que não tem interesse?

Também tem muita num tem.

Por quê que elas não têm interesse?

Se cê passá na frente da casa dele cê já vê, o povo que tem interesse de..., interessa, passa na frente da casa, cê vê uma árvore, tá sempre bem cuidada, aquele que num interessa, cê planta e cê num vê, tá morta, tá seca, morre de sede, isso aí ué. Isso aí que tem que vê, igual aqui, tudo o que cê vai fazê aqui e cê abandoná, né, cê vê o jardinzinho que eu tô fazendo aí, tá todo... num tem dois mês, né, cê olha pra cê vê como é que tá.

O quê que o senhor acha que precisa ser feito para que as pessoas tenham interesse?

É o seguinte, eu acho, assim, que pras pessoa tê interesse, os proprietário, os moradores, é chegá na casa de cada um, né, chamá a atenção, mostrá o local dele que precisa, né, isso aqui óh, isso é preocupação dos... do senhor seu morador, zelá seus interesse, né, cuidá até a parte do vizinho, né. Se o seu vizinho de baixo tem uma coisa importante, cê vai lá na casa dele, olha a sua, num tem nada. Pessoa sem vergonha cuida, tá certo, porque um vizinho cuidadoso, o outro fica... vai virá igual a ele, se um vizinho num cuida, se eu fô acompanhá ele, ele fica a mesma coisa ou vira pior, né. Agora eu tenho um vizinho que lá mesmo que mudô ali, o (.....), ele ficô bravo comigo, o cara é ruim, conhece tudo, né, fui mostrá a árvore que ele cortô, até abusô um pouco, né, ele quis dizê que ninguém manda lá, que ninguém num manda lá na frente da casa dele, cortô uma árvore muito importante, né, fazê aquele quartinho na frente da casa dele. Eu falei “ôh, (.....)”...

O quê?

Um barzinho que ele feiz lá, uma lojinha. É o seguinte “cê acha que... mas essa árvore num precisava corta ela, ela tá grande, tá alta, num atrapalha nada”.

E por quê que ele cortou?

Cortô, sabe o que é, a pessoa qué sê uma coisa que ele num é, é orgulhoso, né. Nesse ponto, né, que eu falei pra ela “num corta, né, tem que sê... num faiz isso não”. “Que eu vô fazê um barzinho aqui”, aí num falo pra própria pessoa, pra vendê aquilo lá na casa dele, porque quem mandava era ele. Também num... cortô, cortô, né, pelo menos isso aí é uma coisa que é injustiça, fazê isso aí. Custô pra ela crescê, plantado com muito cuidado, né, ele cortô. Aí começô a sujeira, né, limpa na casa, podô, né, limpei tudo, né, o rapaiz me deu o terreno tudo limpinho. Conforme virô do passado ele chegô, feiz a carçada dele, feiz e largô tudo a sujeira do moço lá dentro. Aí eu ia falá pra ele, falei “olha, isso aí tem que pegá e pôr na sua carçada, num joga no canto que tá limpo não, viu”. E aí ele deixô, cê fala num vai

começá enfiá não. A mulhé dele falô pra mulhé em casa que ele ia pagá a carroça pra puxá. Tá com três mêis, tá lá um monte de coisa, sujeira. E tô chegando, eu sô obrigado a falá pra limpa outra vez. Isso é uma pessoa desobediente, né, isso aí é... qué dizê que é... num tem superior que a gente, né. Porque o outro de baixo, cabô a terra e areia, veio pedi, que ele tá... Que eu limpo tudo, né, é quatro terreno aqui da Brascopper, né, nós limpa tudo, tem tudo plantadinho, tem couve lá plantado. E o senhor que foi lá, ele cuidô bem, limpô e montuô o tijolo pra arrumá a caçamba pra í lá, né. O rapaiz que limpô a pedra e a areia “pior lugar que o senhor podia pôr”, ele falô “olha, tem que vê com Seu Carlos, quem limpa aqui é ele”. Falei pra ele “pode pôr, pode pôr, num quero que põem aí é tijolo, sujeira de...” né. Igual o (.....) feiz ali óh, tá com dois mêis, quase três mêis. E essa semana eu falei pra ele “ou cê vai pôr, aí eu vô chama o França pra vê isso aqui”.

Quê que ele fez lá?

Ta lá um tijolo, tudo uma pilha desse tamanho assim, óh! Que o terreno é limpo, sabe, em vez de pôr na carçada dele, põem na carçada que tá limpa. Num pode, ué! É limpo, eu quero limpo aquilo lá, porque é, bem dizê, hoje tá... o terreno aqui de frente eu limpo tudo, né. O Carlos quis jogá sujeira, falei “num jogá, né, pega isso aí, põe uma caçamba, aluga uma caçamba e põe, é vinte e cinco real”.

Tem muita gente que faz isso, que joga entulho assim?

Tem, tem, tem, tem o terreno, eu carpi, tá tudo cheio de coisa.

Por quê que o pessoal joga assim?

É falta de respeito, ué, né, acha que pode, quem manda é ele, é isso aí, óh. Por quê que eu num faço? Por quê que o outro vem pedí, né? Porque o outro tem respeito, sinceridade, né, tem moral. Tivesse respeito, ele num chegava aqui, a pedra lá, a terra lá e areia, mas ele teve consciência e... Fui até a casa dele, ele foi na nossa casa, limpinho, né. Já os outro não, vixe, tem casa que feiz o telhado, que o feiz tudo quanto é jeito pra construí, só que a Engindus vem limpá, né, duas caçamba de pedra, sujeira. Rato, essas coisa que junta, barata, escorpião, então. Mas é um vizinho, ué, tem mulhé lá que tava assim, óh, jogando sacola, sacola.

Ah, jogando sacola?

É, sacola, no terreno lá do...

Mas por quê que joga assim?

E a coragem de pôr dentro pra vim pôr pro lixeiro pegá? Carcinha de mulhé, negócio de... como que chama, essas mulhé, que põem em criança? Fraldinha, essas coisa, jogam muito entulho, jogaram lá. Aí um dia eu falei “mas a senhora faiz favor, olha que coisa feia isso aí, sacola branca tudo cheia das coisa”. “Ei, isso é o menino, perdoa, num vai descê mais”. E num aconteceu mais não, todo dia se dé, dia de passá o lixo, num tem lixeiro, mas põem num saco de plástico bem amarrado pra o lixeiro pegá. Então...

E acontece muito isso?

Bastante mesmo.

Por quê que acontece isso?

Ah, porque passa gente na casa toda vez.

Senhor acha que é só por causa da falta de educação?

Falta de educação, o (.....), o que passô na casa do Luiz, óh, veio com duas sacola de... sacolinha cheio de estrume de cachorro na frente da casa do Luiz. Igua, pegô e pôs o saco plástico. Toda semana, um saquinho plástico amarrado pra rua e jogado na frente da casa dele lá, tudo quanto é coisa num prestá tá lá dentro, né. Um gato morreu, ta marrado lá, chapéu de coisa, juntô ele e o vizinho, juntô tudo, aí abriu a sacolinha cheio de papel e tirô um papel e achô o endereço da casa, da rua, né, e do número.

E não era da rua lá do Seu Carlos?

Não, Seu (.....), lá pra cima lá, (.....) não sei do quê mais.

Então ela veio lá de cima e é jogado aqui em baixo?

De carro, passa de carro.

De carro?

De carro, é, vai e joga. Isso aí num é uma pessoa não, é todo dia.

Todo dia?

Todo dia, aí ele... falei então, tem que entregá ele pro França. Ela “num vai não, não, não”, ela “num vai não, vai caçá confusão”, falei “vai caçá confusão, filha, mostrá pra ele, né, que ele sabe que num faiz força”, que num foi nem eu. “Ah, mas tá tudo feia a casa”, e a mulhé num gosta de... Tá bom, porque tem muitas coisa que os filho é o exemplo pro pai, né, num é mesmo, porque se fô, como diz, caçá de briga, tinha puxado ne eu, né. Falei pra ele que eu tenho respeito, e assim ficô o contrato no meio, né, de ele sabê respeitá os outro e... ela pegô e tá bom. Aí voltô os dois, lá o Luiz e o presidente, juntô tudo, os dois saíram de

plástico, perto da casa do... três casa pra baixo, perto do campinho mais nosso e juntaram tudo, limpinho. Vai lá essa semana outra vez, tá a mesma coisa.

Tudo sujo?

Tudo sujo, o mesmo negócio de uma cachorro amarrado.

E vai jogando?

Vai jogando, então.

E o quê que vocês fizeram?

Ué, foi o Luiz na avenida, na avenida depois parece que é limpo, num é, aí foi no sábado lá, fica olhando, mas num pega quem que é, cê num vê, ou passa cedinho de noite, de manhã cedo, passa à noite ninguém vê. Igual eu peguei uma vez aqui, nós tava fazendo a limpeza aqui, já tinha já aqui o... nós tava na fazenda, foi em noventa e... noventa e um... nós tava limpando tudo as beirada, Seu Ito mandô limpá tudo a beira do campo, deixamo tudo limpinho. Aí passô um caminhão, aquele um... aí chegô um lixo, um negócio de perigoso, aquele negócio que faiz pra fazê cadeira, perigoso que até num contrói, né, chegô e... eu tava cortando grama no campo, um rapaiz falô “óh, Seu Carlos, tem um caminhão descarregando ali um negócio”. Negócio fedido, cheguei lá tava acabando levá. Falei “óh, isso aqui”... Lá tem aqueles buracão de segurá a água que vem da enxurrada, pra segurá água que... Encheu aquilo lá, falei “num pode na frente da fazenda aqui óh, tem o lixão pro cê leva”. “Ah, jogo e daí!”. Tá bom, deu meia hora, liguei lá pro Seu Ito, né. Seu Ito “antes de o senhor chegá”... que era o coronel da polícia, né, passô, veio direto aqui em casa. Eu falei “o senhor num sai daí não, hein, espera um pouquinho aí, eu num vô discuti com o senhor não”. “Eu espero sim”, aí o coronel chegô, coronel chegô, eu falei “olha, o que tá acontecendo, o Seu Ito te chamô aí, né, o rapaiz é meio mal criado, eu num tô aqui pra discuti mais ninguém”. Pegô o nome da chapa, pegô o nome dele, o nome da firma, falô “óh, eu dô um prazo de duas hora pra num tê um negócio disso aqui óh, né, se vira aí”. Pegô, mostrô a carteira pra ele “óh, com que cê tá falando”. Vixe, o rapaiz ficô vermelho, falô “não, péra aí, eu vô lá buscá outro caminhão, outro basculante, vô limpá isso aqui”. Aí veio com uma máquina, é empresa grande, jogava entulho no lixão onde era aquele posto de gasolina, vai tudo pra baixo. Aí cê fica de olho aí óh, aí veio o dono, chegô o dono “olha, agradeço muito o senhor, num levá nada na polícia, o carregador errô mesmo, mas num vai ficá ainda aqui, a máquina já tá vindo já”, e deu o telefone dele, falô assim “liga

pra mim, se daqui a duas hora num tivé tudo limpinho cê chega pra mim que eu ligo pra polícia”. Ei óh, veio nego até de mão, de enxada rapando tudo, tudo limpinho igual isso aqui óh. Pediu desculpa e foi embora, nunca mais, viu. Se passa nesse meio da chácara, né, do sindicato, depois cê vê um monte de papel, papelão, papel, essas coisa aí, sindicato deles lá, né, e eu num sabia o quê que era. Aí desceu eu mais meu genro, trabalha de guardadô à noite, levantô. Rapaiz, era umas seis hora da tardezinha, né, veio a caminhonete, encostô, “ôh!”, um gritô, né, “e mais logo cê, logo cê trazê isso aqui”. “Ah, mas”..., “num joga aqui em cima não, cê vai limpá isso aqui, viu, aqui tem quem manda, viu, vai limpá agora num sai de jeito nenhum”. “Ah, mas eu tô sozinho”. “Ué, cê pôs na casa sozinho, agora cê limpa a casa sozinho, ué, se num pegá eu vô ligá na firma agora mesmo, né, vai vim a polícia agora mesmo”. “Não, não, deixa comigo”, pegô os papel de noite, limpô, né, pegô a caminhonete e sumiu. Uai, nunca mais, né, eu num via quem que é, nós pegava e limpava, e aí cabô, né. Depois o (.....), conhece o (.....), né, investigador de polícia, o (.....), chegô e falô “é, tu tá entrnado muito lá”. “Por que?”. “É, ta reclamando muito da turma, de lixo”. “É claro, ué, tomo conta, vejo lixo toda semana”. “É, mas prejudica que eu sô inspetor de polícia lá e...”. “Tenho nada com isso aí não, negócio do senhor é pra lá, quem manda aqui é eu, aqui na fazenda quem manda é eu”. “Ah tá bom”, pegô, foi embora. Depois pegô amizade de jogá no campo aqui, né, cabô, ué, né, negócio, se cê deixá, né, eles toma conta.

E no bairro, assim, o pessoal joga muito entulho?

Ãh?

No bairro aqui no Ribeirão Verde joga muito?

Joga, joga, joga.

E ninguém vê?

Tem um senhor aí e tombô a carroça lá, falô que ia buscá depois e tá lá ainda na avenida, na frente da casa do Luiz, ta lá que o moleque me mostrô, eu briguei com ele, num veio buscá isso aqui óh, e num tirô, até ontem num tinha tirado. E nos terreno dos outro cê pode dá um... passá olhando pro cê vê, cê num vê o tanto de lixo que eles põem, é encostando eles lá e joga de lá, encosta de cá, joga de lá, né, joga memo, num tem jeito, viu. Já pôis plaquinha, o França pôis placa aí olhando, né, nas área verde, vixe, nossa...

Tem muito ainda?

Tem, tem, aquele terreno meu lá do... do canto do meu genro, sempre eu tô limpando pra ele lá, né, teve um dia eu fui lá, num podia... num podia carpi, pra cê vê de tanta sujeira. Agora...

E como o senhor acha que dá pra resolver esse problema?

É conversá com os morador, né, conversá com eles, né, vai, né, tem que falá pra eles num... chamá a autoridade, né, pra ele tem que sê assim, ué.

Autoridade.

Então, chama ele e fala “olha, num pode acontecê isso, zela pelos seus interesse, zela pelos seus...”, né, “seu meio ambiente aí porque o vizinho da frente, cada um depende do outro”, né, acho que é isso, né, conversá com ele, né, que o vizinho lá, tem uns três lá que... nossa, o que eles pudé ajudá eles ajuda, viu. Isso que manda é isso aí óh, se o cara é mal criado num adianta brigá, né, se é pra criá bruto, larga ele lá fazê sozinho e sai, né, deixa que autoridade toma conta. Porque tem muito que tem compreensão, tem gente que tem, né, fala, né, com simplicidade cê fala com ele, ele atende, né. Mas tem muitos que não, né, que olha, é muita falta de higiene demais, viu, num soube respeitá o... a frente lá do outro, num respeitá o lado, né. Ali em casa, de vez em quando, a mulhé limpava, vinha de manhã cedinho, vinha merda de cachorro, vinha tudo correndo naquela água, “que negócio é aquele lá óh, vô vê quem que é”. Levantei cedinho, a enxurrada, aí saí com a vassoura na mão, vi da onde que é que saiu a enxurrada. Ah, chamei a mulhé, falei “olha, num acontece mais não, viu, faiz o favor, num acontece isso mais não, pega, faiz igual a mulhé faiz em casa, pega uma pázinha, compra se num tivé, compra, pega teu cachorro, limpa, pega a pázinha, pega no lixo, né, pôr no... o lixeiro leva isso aí, mas num precisa de tá cheirando na frente da casa dos outro. Cabô ué, nunca mais aconteceu, num precisei brigá, num precisa nada, né, que precisa evitá de arrumá briga, precisa chamá atenção com carma, a pessoa entende sim, que tem pessoas que às vez não, mas a maioria entende.

A maioria?

A maioria entende sim, viu.

E aqueles que não entende, o que tem que fazer?

É o que eu falo, entregá pra autoridade, né, tem a pessoa responsável pelo bairro, né, que tem que tê, precisa tê, né, porque é o presidente de bairro, esse é o que é o mais responsável pelo bairro, pra limpeza e tudo. Então, um tá pondo escondido, um negócio de pô

escondido, dizê é obrigado a chamá, num é o dono da casa chama a DAERP pra vim limpá, né, é o presidente de bairro que é obrigado a chamá. E chama, o pessoal faiz, eles memo chama, né, eles vieram... tem... tem um ali perto da granja, tem uma caixa lá que num passa um mês, ali perto ali do Mialich, daquele tampão que tá transbordando. Qué dizê, liga lá e limpa toda hora, tem que ligá memo ué, né, que às vez num prejudica mas um monte coisa pra fazê, né. É mesma coisa do patrão, o patrão num interssa fazê o trabalho dele, que se tivé, se ele por um pra fazê é porque ele..., né, num é mesmo. Assim é o presidente do bairro, o quê precisa ele aí? Né, pra tomá conta do bairro, né, pra administrá, né. Igual administrava a fazenda aqui, doutor Dado pôs eu aqui pra administrá, eu tem que dá conta. Nunca precisô tê vindo, “ôpa, tá faltando tal coisa”, “cê precisa fazê isso”, num precisava, que é eu que tinha..., né, sabe do meu trabalho, né, com’ é que faiz, se eu num sabia eu perguntava ele, né, “com’ é que faiz isso aqui”, mas até no momento nunca me chegô e falô “não, tá errado isso aí óh”. Trabalhei de pô carga durante seis ano, mesma coisa, administrava tudo, nós sabe trabalhá com o pessoal, tem toda a vida pra proseá, o cara num quis obedecê, num vô discutí com ele, né, tem outro maior aí que mandava, né, que é o... que é o gerente, né, que é teu é teu, num tinha oficial, num precisa nada, toma conta de tudo, memo tendo do Ricardo, né. Ricardo tinha um gerente, morava em Serrana. Tinha coisa assim, tinha um tratorista meio... que era meio perigoso, né, home bibia, o dia que viero o hóme de qualqué jeito, eu falei “não, eu num brigo com ninguém, né, aí ninguém falô quis vim, eu vim vê, né, falei “óh, senhor, é o seguinte, cê vai obedecê ou então eu vô mandá cê embora daqui, mandá cê lá pro Canta Galo”, lugar ruim menino. Falô “não, eu tava bebendo, num acontece mais não”, de fato aconteceu, né, um serviço de um cara em ordem, eu fui lá conversá com o tratorista, ou que seja quem tá carpindo, né, tem que fazê assim do jeito que eu quero, né, e assim o... consegui todo o meu trabalho.

Seu Carlos, retomando uma coisinha só, só pra terminar, eu tô satisfeito com bastante coisa que o senhor já disse, né, seus filhos moram aqui no Ribeirão Verde, né?

Mora, um bocado deles mora, outros mora fora, aqui tem o Virso que mora aqui na fazenda ainda, depende da casa aí da... aí, mora aí, né, mas fez já falado com os dono, quarqué momento que precisá da casa, quarqué hora que precisá ele.... Tem o Zé Augusto que mora comigo, tá com a senhora, né, e tem quatro filha, mora aqui, né, não, cinco, duas mora em Serrana, um mora...

Tem alguma coisa que eles reclamam daqui?

Não.

Não?

Não, todo eles sempre fala bem, tudo tem seu... tá proprietário de casa, sua própria casa, né, tudo bem empregado na mema firma, os que mora aqui dos filho tudo trabalha lá na Brascopper, né, tem o... dois... aqui daqui tem dois neto, tem o Luiz, o genro...

Não tem nada que é ruim pra eles?

Nada, né, nunca chegaram a reclamá de nada.

O que o pessoal reclama, assim... assim... o que o senhor conhece da vizinhança, assim? Tem alguma coisa que eles reclamam?

É, muitos... muitos reclama às veiz assim óh, sobre o... tá desempregado, né, tá dando trabalho, né, passam por causa disso, outros tá desempregado, mas num pode de deixá a casinha pra morá, tê a cobertura, né, pra tá debaixo, né, que é uma coisa muito importante é a moradia do chefe de família.

O senhor tem escritura da casa?

Tem não.

Não tem?

Tem não, isso é uma coisa que eu queria tê, pedi pra firma isso aí, pra ele me dá a minha escritura.

Tem planta?

Tem, tem tudo.

Foi feita com a planta?

Foi feito com a planta, é que é assim, num foi o doutor Ado, que tem arquiteto, né, ia pagá setecentos reais pro advogado... não, o engenheiro assina, ele falô que ele vai dá pro senhor.

E a escritura, é muito caro?

É caro, a minha escritura lá, pela planta da casa, ela ia ficá nuns dois mil e pouco.

E as pessoas que o senhor conhece, a maioria tem escritura?

Não, poucas pessoa.

Poucas pessoas?

Pouca pessoa tem escritura e poucas pessoa têm planta.

Poucas pessoas têm planta?

Poucas pessoa, naquela rua minha mesmo perto da minha... assim óh, que eu conheço tem só uns cinco.

Cinco?

O resto não tem.

Como que eles construíram?

Essa planta da prefeitura, sessenta metro de construção.

Ah, planta da prefeitura?

É, da prefeitura, é, mas igual eles qué aumentá a casa aí vai dá problema pra eles, né, quando eu fiz na planta deu noventa e dois metro de planta, em cima cê num conta, pode fazê o quanto quisé, pra cima é só terreno. Agora eu construí tudo porque tem a garage, né, deixei quatro metro e meio de garage, cinco metro, deixei um metro e oitenta de corredor que eu vi na planta, né, então só pra garage eu calculí também, né, podia fazê a garage por cima. E pago o IPTU direitinho, tem três IPTU eu paguei porque naquele tempo a firma tava... num tinha liberado a casa, eles tava pagando, aí veio três IPTU pra mim pagá, mas falaram que aposentado num pagava, então eu num fui atrás nem... aí me chamaram lá, né, e falô “o senhor tem que pagá, hein”, eles foram vê os bem que eu tenho em casa, tudo, falô que tem que pagá, aí esse um emprego da... tentô pagá, eu paguei dois ano.

Tem alguma coisa que o senhor não gosta na sua casa?

Não, tudo eu gosto, tudo eu gosto, tudo eu gosto, eu gosto que meu sonho mais é isso aí, é tê a casa pra... né, pra mim realizá até o fim da vida tem, né, graças a Deus. Se um filho meu fica sem sua casa ele tem onde morá, né, um ou dois filho que... né, na época igual tem dois filho que eu tenho pra casá, falei pra ele “olha, não preocupe com casa que cada um... quem casa... quem casa qué tê casa, né, mas até cêis melhorá a situação pra podê construí a casa tem seis cômodo em cima que dá pra duas família inteira morá”, só a chave, eu tenho que agradecê a Deus e... né.

Então tá, Seu Carlos, muito obrigado, acho que eu tô satisfeito com a entrevista, é...

Tem muitas coisinha que tá tudo pra trás ainda, né, porque...

É, depois a gente pode conversar de novo. É, quantos anos o senhor têm mesmo?

Esqueci.

Setenta e um.

Setenta e um?

Já fiz setenta e um.

Obrigado Seu Carlos.

De nada.

Documento produzido de Pedro Alberto Aniceto

As coisas de praxe, né, qual que é o nome inteiro do senhor?

Pedro Alberto Aniceto.

Quantos anos? Aniceto?

Aniceto.

Um, dois esses?

É, eu, na verdade, eu tenho dois aniversário, eu nasci em mil, novecentos e trinta e seis, só que meu documento tá que eu tenho... eu sou de quarenta e seis, então, porque eu deixei o documento com o cartorário, o papelzinho, e ele fez o do registro errado. Então por aí já perco dez anos na... sô mais novo dez ano.

E onde que o senhor nasceu?

Nasci no município de Sacramento.

Sacramento, que...

Minas Gerais.

Minas Gerais.

É, Minas Gerais, saí daí em mil, novecentos e cinqüenta, fui pro Paraná.

Foi pro Paraná?

É, morei ali na região de Londrina, Rolândia, Arapongas.

Quê que os seus pais faziam lá?

Trabalhava na agricultura, mexia com a lavoura de café, formando lavoura de café, derrubando mata, é... cortando tora de madeira, mato.

E o senhor sempre viveu lá no campo?

Sempre no campo, né, porque a..., sei lá, vida no campo é uma vida mais e... a pessoa leva uma... uma vida... num tem dinheiro, mas num é o dinheiro que faz a pessoa sobrevivê, às vez você passa seis meses sem pegá no dinheiro, mas cê num precisa de dinheiro pra vivê no mato.

Precisa do quê?

Uai, é, precisa de coragem e saúde porque às vez a pessoa tem dinheiro, mas num tem coragem e num tem saúde, então num dianta nada o dinheiro, então... e aqui no mato a pessoa tem alimento, tem roupa, ninguém... se ele anda com uma roupa rasgada ninguém

acha feio, é... sapato pode tá furado, corta um pedaço de pneu faz uma sandália, então num depende de dinheiro.

E quando que o senhor veio pra Ribeirão Preto?

Ribeirão Preto, eu vim pra cá em mil, novecentos e setenta e nove.

Por quê que o senhor veio pra cá?

Bom, minha... minha sogra mudô primeiro pra Ribeirão Preto, que ela era... tinha parente nessa região. Aí os menino... ela morreu e os menino ficou sozinho e const... tinha construído uma casinha e a turma tava roubando, até os vitrô, as porta da casa deles, que tinha que trabalhá e era menino pequeno, tudo de menor. E minha esposa nunca tinha me pedido nada, aí quando foi um dia ela pediu se a gente num podia vim pra cuidá dos irmão, porque se não eles ia ficá só com um monte de broco, porque o povo tava levando até as porta, as veneziana, as porta. Aí eu falei pra ela que com quinze dia que eu ia dá resposta. Quando foi com quinze dia eu falei que podia arrumá a mudança que a gente tava pronto pra mudá pra Ribeirão Preto.

Quê que o senhor fazia lá na outra cidade?

Lá, trabalhava na agricultura.

Na agricultura?

É.

E aqui, como que foi...?

Eu cheguei aqui... eu cheguei aqui, Ribeirão Preto é... foi até meio esquisito porque a gente que trabalha na roça todo serviço que a gente acha na cidade é maneiro, carregá lata de concreto pra quem trabalha na roça é maneiro. É porque a roça num é igual cidade, na roça o cara trabalha pelo dia, a cidade o cara trabalha por hora, o relógio que manda o cara trabalhá, num é o serviço, então essa é a novidade. Eu cheguei, o primeiro serviço fui fazê bróco, aí machuquei um braço, aí uma pessoa que vendia sorvete na onde a gente fazia bróco, é... eu tava triste na porta da casa, ele falô “quê?...” por quê que eu tava triste que na cidade num é igual roça, que a pessoa com um braço só ainda sobrevivéi.

Por quê que o senhor tava triste?

Ah, porque tem família e no... e num tinha condições de trabalhá por causa com o braço machucado e aí eu num sabia que a cidade tinha médico de graça, eu num sabia é que na cidade o cara pega um carrinho, vende um sorvete e ganha o dinheiro. Lá na roça a gente

num tem essas mordomia, então, sofrimento pra um na cidade na roça num é sofrimento, é... é mordomia ainda, porque lá o cara tem que fazê o serviço, num importa se ele é uma pessoa ou duas pessoa, ele tem que fazê o serviço, então o serviço que é de dois, um sozinho faiz e aqui na cidade não, aqui o cara tendo coragem de trabalhá ele vévi até razoável, num precisa mexê no que é dos outro pra sobrevivê aqui. Aí eu peguei na... o cara me levô numa sorveteria, inclusive é... ele falô pra mim arrumá a minhas coisa pra chegá na sorveteria, eu peguei, coloquei uma roupa um pouco melhor porque eu num sabia o quê que eu ia encontrá pela frente. A gente é da roça, vem pra cidade é barriga verde. Aí pus uma roupinha melhor, um sapatinho melhor, cheguei lá o cara pensô até que eu ia comprá a sorveteria dele porque o sorveteiro nunca chegava bem arrumadinho. Aí peguei cem... é, queria pegá uns duzentos picolé, ele falô era pra pegá só cem. Quando foi duas hora cabô o sorvete, vendi tudo, queria pegá mais, o cara num quis dá. Falô que era só pra pegá no outro dia, aí no outro dia só me deu cento e vinte, e foi aumentando assim a venda de sorvete. Inclusive muita gente na cidade me conhece como *Pedro Sorveteiro* por causa da profi... que aí depois virô uma profissão, dava mais que trabalhá de empregado pros outro, a venda do sorvete. É, trabalhei...

Isso era aonde mesmo?

É, no... isso aconteceu comigo no... eu morava no Ipiranga, na... eu morava na rua Tupinambá, esquina com a rua Itaguaçu, no Ipiranga, perto da Coca-Cola. Eu trabalhei em todas as sorveteria de Ribeirão Preto, inclusive na Bimbo que nós até andô descontrolando um pouco no primeiro dia de serviço. E nas outra sorveteria todas eu trabalhei, na Yopa, na Kibon, na... naquela sorveteria que veio de Jardinópolis, uma porrada de lugar a gente trabalhô, aonde oferecia um melhor ganho a gente tava lá. Aí com o Bimbo que num deu certo porque ele queria o dinheiro tudo pra ele e eu precisava tratá da minha família.

Quantas pessoas têm na sua família?

Ah, eu criei o... cinco menina... é, três minino e duas menina, é... dei até oitava série pra eles, é... tudo vendendo sorvete, então, o dinheirinho que a gente ia fazendo ia vendendo sorvete e gastando com a menina.

E sempre morou lá no Ipiranga?

Não, do Ipiranga aí eu peguei um serviço na Fundação Itaú Crube, inclusive trabalhei o... é uns seis ano lá pra eles e aí depois fui pro Portal dos Ipê, do Portal dos Ipê peguei aluguel

n'arguma chácara lá, fiquei desempregado novamente, aí resorvi... saiu esse loteamento novo aqui, resorvi comprá um terreno aqui pagando à prestação, antes de terminá de pagá o terreno a gente construiu esse barraco.

Mesmo desempregado?

É, se eu contá a história toda pra você, a...

Pode contar.

Eu tinha trabalhado pro Itaú, eu trabalhava de dia o horário normal e eu fiz mais de vinte mil hora extra, é... à noite, às vez trabalhava à noite inteira inclusive eles num pagava a hora extra. Aí quando foi no final eles mandô eu embora do serviço sem direito a nada, é... só chegou com uma carta, falô "ó, assina aí". Inclusive eu num era nem funcionário de Ribeirão Preto, era funcionário da Fundação Itaú de São Paulo, num trabalhava por Ribeirão Preto, fui ajustado aqui, mas contrato por São Paulo.

Isso depois de trabalhar com sorvete?

É, depois de trabalhá com sorvete, aí eu fui tomá conta de um clube, um pouco antes de eu vir pra cá. Aí umas pessoas me orientô pra mim procurá, eu num gosto muito disso de procurá a justiça, acho que a justiça, sei lá, fica misturando uma coisa com a outra, muita gente fica, às vez, fica marcando as pessoa, mas aí me falaram e eu falei... achei que era justo eu recebê minhas horas extras que eu trabalhei a noite inteira. É cuidando de festa, é... tem vez de eu cuidá de mil pessoas sozinho, distribuir camisa de futebol, juntá bola, juntá roupa, tomá conta de festa. Aí eu coloquei na justiça e recebi doze mil real na época do URV pro Real, e foi o dinheiro que eu apliquei e fiz a casa aqui no Ribeirão Verde.

Que ano que era mesmo?

Ôh rapaz, agora você me apurô, a... o computador tá um pouco meio usado.

Foi na época que construiu a casa aqui?

Que começô... é, começô o bairro, é. Inclusive quando começô aqui a turma trazia água pra gente construir no caminhão a pipa.

Não tinha água no bairro?

Num tinha água ainda, estava terminando de fazê os... os buraco, assim, pra colocá os cano.

O senhor que escolheu aqui em cima o terreno, não?

Óia, a gente, é...

Como que foi a escolha do terreno?

Óh, rapaz, deu sorte que já saiu os terreno que a gente tinha vontade que saísse aqui em cima.

Tinha vontade?

Tinha.

Por quê?

Ah, por causa do mato, é, fica um lugar assim, por causa de sê perto da praça, é, tem mais condição de formar árvore, o mato... é, tem um ar assim até cheiroso, quando as árvore flora a gente sente até o cheiro das árvore do mato, então pra quem morava em roça, morá mais afastado é melhor, né.

E quem que construiu a sua casa naquela época?

Não, foi nós memo.

Nós mesmo, vocês quem?

É, nós memo, eu, meus moleque, é... muié, menino, nós fazia mutirão, tinha veiz que nós trabalhava lá, é... trabalhava até oito hora da noite aqui.

Lá aonde?

No outro serviço.

Ah, sim.

Pra modo de ganhá o pão de cada dia, e aí trabalhava aqui também.

Durante a semana?

É, final de semana também, durante a semana nós trabalhava só a família e final de semana nós fazia o mutirão.

Mutirão com quem?

Aí vinha os parente, primo, tio, cunhado, o genro, e fazia o mutirão pra fazê o barraco. Foi rapidinho, nós construiu.

É... quem projetou a casa?

A família mesmo.

A família mesmo.

A família mesmo.

Teve planta, alguma coisa?

Óh, rapaiz, nós fez a... o rascunho e o engenheiro, é... aprovou o rascunho que nós fez, a planta nós mesmo que fez.

Engenheiro da onde?

Óh, é um colega dum... é do meu minino, que ele trabalha de pedreiro, então tem um colega engenheiro, e agora no momento eu esqueço o nome do cara, num tenho o nome dele.

Quê que vocês levaram em conta pra projetar, assim, a casa? Ficou do jeito que vocês queriam?

Ah, rapaiz, ficô do jeito que a gente queria, mas por causa de sê a primeira casa que a gente faiz de material, construção assim de material, é... nós tinha costume de fazê casa de madeira, de tábua, né, então por... ficou faltando algumas coisinha, mas a gente dá graças a Deus, quando a gente deitô a primeira noite na casa nova a gente achava nem que era a gente que tava ali, pensava que era um sonho.

Me conta um pouquinho mais como é que foi.

É, porque sempre a gente morou em casa dos outros, pagando aluguel, ou se não, casa que nem lá no sul, as casa são casa de madeira e a gente nunca tinha morado numa casa de... de assim, de material que fosse da gente mesmo, e o terreno sendo da gente, a casa da gente, cê acha que é um sonho, a gente nem credita no que tá acontecendo, né. Ah, eu olhava pra muié, assim, no canto da cama, olhava pra casa, falava assim “não, um sonho num é porque se eu tivé sonhando eu tô vendo duas coisa, eu tô vendo a casa nova e a muié do meu lado”.

E o quê que ela falava?

É, também pensava isso aí, mesma coisa.

E qual que é a diferença, o quê que o senhor sente a mudança de uma casa de madeira pra uma casa...?

Ah, tem mais segurança, né, é porque casa de material tem mais segurança, porque cê vê, casa de madeira se o cara tivé vontade, ele puxando a tábua com a mão e tira, desprega a tábua. Aquilo lá é memo só pra lugar civilizado, né, que a pessoa deixa uma porta aberta, o vizinho vai lá e fala pro outro “ôh, cê esqueceu a sua porta aberta”, lá não tem veneziana, tem, é... janela de madeira, né, então o vizinho vai lá, bate na porta, bate palma, fala pro outro vizinho “ôh, vizinho, esqueceu sua janela aberta”, “cê esqueceu seu portãozinho aberto”, agora aqui num acontece isso, né, aqui às veiz a pessoa coloca até uma trava na porta, quando vê tá aberta, tem visita inesperada dentro de casa.

E o quê que o senhor pensa disso, assim, que antes o vizinho falava, assim, e hoje não fala mais?

Óh, eu no meu modo de pensá, aqui nessa minha rua mesmo aqui, quando eu mudei pra cá os vizinho num tinha o costume de comprimentá uns aos outro.

No começo não tinha?

Não, passava um perto do outro parecendo um toco... um toco com perna porque ninguém comprimentava ninguém, eu acho que o ser humano num é por aí, ele tem que comprimentá os outro porque até fica mais alegre o dia, né, pra pessoa. E a pessoa tem que sabê que, às vez a pessoa tando proseando, comprimenta o outro, o que num serve pra um é mercadoria de primeiro lu... é pra outra, porque pra um pode tá encostado e pra outro pode ser utilidade que tá precisando no momento. E se o cara comprimenta “bom dia, como é que vai, tudo bem”, aí ele tem a tendência de conseguir a coisa mais fácil.

E o quê o senhor sente... o quê o senhor sentia quando as pessoas não comprimentavam?

Ah, a gente fica achando meio estranho porque lá da onde a gente veio o povo tem outro tipo de formatura, é formado deferenti, aqui o povo é muito ganancioso, cada um pensa é no bem estar dele e num pensa no bem estar dos outro, e num é por aí que a pessoa tem que pensá, ela tem que pensá no bem estar dele e do vizinho, porque o vizinho só mexe no que é do outro se ele num tivé. Pra quê que eu vou tirá do meu vizinho uma pá de areia se eu também tenho areia? Pra quê eu vou tirá um pé de cebola dum vizinho se eu também tenho um pé de cebola? Então num é por aí, eu acho que as pessoas têm que pensá desse jeito, que se pensá dessa... nessa forma, cada um com as suas coisa, até diminói muito o trabalho das... da autoridade. Aí vai dá muito pouca ocorrência porque aí cada pessoa vai mandá nas suas coisa, num precisa, num vai mexê um na... no quê é do outro. E aqui a gente pelega pra que o povo tenha essa consciência de cada um cuidá do quê é seu porque aí fica mais bem organizado, né, e um bairro que pode até sê modelo pra outros bairro. Já fiz parte do conselho de segurança do bairro, é...

Aqui do Ribeirão Verde?

Aqui do Ribeirão Verde.

Quando que foi isso?

É, na época que o França foi na primeira... é... mandato dele de associação de moradores. Inclusive os cabo, sargento, vinha dá instrução, é, pra nós na sede, então é muito bom a pessoa tê... aí junta dois conhecimento, o conhecimento da autoridade e o conhecimento de

vida que a gente já tem, né, então mistura uma coisa com a outra pra podê fazê uma administração razoável que num prejudica as pessoas e cada um vévi bem.

E como que foi essa experiência do conselho de segurança, como que... me conta um pouquinho mais, como que eram as reuniões, o quê que vocês faziam...?

Ah, é, a gente fazia a reunião da associação e no final da reunião da associação eles participava, via como é que tava o andamento da associação, depois a gente fazia a reunião, porque eu acho que é só a comunidade, a população unida junto com a autoridade é que tem condições de tê um bairro... é... é que num depende nem tanto de polícia, depende mais é da consciência das pessoas, né.

E vinha bastante gente participar?

Participava, tinha... não tanto porque o povo hoje, muita gente num gosta de deixá duma novela, de esfregá a barriga é numa mesinha de bar, eles acham que é muito importante, mas eu acho que mais importante pra... pra cada família, pra sociedade, que o povo tão esquecendo hoje, é que a pessoa tando arreunido numa reunião, ele num tem perigo de acontecê uma briga, ele evita que um filho ou o filho do vizinho teje fazendo coisa errada. Então eu acho que é importante pras pessoas melhor participá de uma reunião do que ir num crube ou ir num barzinho ou se não ficá visitando novela, né, que aprendendo coisa que num dá futuro.

O que o senhor sentiu dessa experiência?

Ah, rapaiz, é bom, com a experiência que a gente já tem, a experiência que a gente já... é, mais esse pouco de experiência, a gente, às veiz, até quando vê as pessoas vindo pro lado da gente, cê já tá sabendo mais ou menos o quê é que a pessoa vai querê, né, já mais... num é que adivinha, é que faz uma análise do tipo da pessoa, o jeito que ele tá, o modelo que ele tá andando, você já fica mais ou menos sabendo quase o quê que ele tá querendo, muito difícil a gente errá.

É isso que vocês aprendiam lá no conselho de segurança?

É, a gente aprendia isso aí porque até o jeito da pessoa andá, é... chama muita atenção, o ser humano é... ele acha que num tá mostrando as coisa que ele faz, mas ele no andar ele mostra o que ele faiz, o que ele pratica.

E o quê a comunidade discutia?

É, tem muita gente que, às vez, discutia coisa que, às vez, num tava, é... na... na pauta da discussão, mas fazê o quê, a formatura das pessoas, cada um tem uma formatura e tem gente que mistura as coisa porque, vamos supor, a segurança, a segurança faiz parte quase que de tudo, ela faiz parte de saúde, segurança de saúde, ela faiz parte de segurança armada, ela faiz parte de segurança de trânsito, então a gente aprende muita coisa, eu acho que é importante pra caramba, as pessoa que pudé participá é bom.

E o quê que essas pessoas discutiam que era fora do assunto que você falava?

Ah, tem as muié que discute, vai lá falá se viu a novela fulano de tal, a muié beijando o fulano, a outra fazendo... tomando o marido do cicrano, quer dizer que é aonde que eu falo que as pessoas têm a cabeça muito balanceada, ele tá num lugar pensando em coisa que num dá futuro. Porque eu num sô contra a informação, a novela, essas coisa, mas eu sô contra o modo que essas coisas passa pra cabeça do ser humano. O ser humano tem a cabeça muito leviana, tem pessoas que cê fala na cabeça dele a semana inteira, chega no final de semana, duas ou três prosa que mostrá na novela ele aprende aquilo e num aprendeu o quê você falou pra ele.

E por quê que o senhor acha que acontecia isso, de as pessoas não centrar na questão da segurança?

Eu acho que isso aí começa com a educação de berço, se você somá memo as coisa, toda as coisa, você vê as pessoas que participa de reunião. Por quê ele participa de reunião? Porque os pais deles falava ou participava d'arguma coisa. Então vamos supor, se eu quisé que meus filho participa d'arguma coisa, o quê que eu tenho que fazê pra eles? Contá como é que eu fiz, como é que eu participei d'argumas reunião, o quê que eu já fiz até hoje. Então o quê que as professora faiz numa sala de aula, a gente faiz dentro de casa ensinando pros filho. Inclusive meus moleque, tem moleque já foi pra Brasília em movimento, já foi pra Belo Horizonte, São Paulo, é... eu incentivo a molecada porque... sei lá, faiz parte da vida das pessoa, né, cada pessoa tem que incentivá aquilo que ele acha que dá futuro, e eu acho que se a pessoa tivé conhecimento ele aprende muita coisa que dá pra aproveitá.

E me conta um pouquinho mais como foi o começo aqui do bairro, do Ribeirão Verde, da sua vida aqui, o relacionamento com os vizinhos, com o bairro.

Ôh, rapaiz, a gente sofreu um pouco quando nós veio pra cá porque quando nós veio num tinha água, o caminhão pipa vinha colocá água pra nós na caixa, caixa d'água, mas a

pessoa morando no que é dele, num lugarzinho igual é aqui, quando nós veio já tinha asfalto, tinha... logo já tinha telefone, já veio o... a energia já tinha quando a gente veio pra cá. Então, é um bairro assim, foi planejado pra fazê bom e a vizinhança é uma vizinhança boa. Aqueles um que, às veiz, num tá na convivência que a gente gosta a gente deixa ele quietinho dum canto e vai proseando com os outro pra que... as pessoas vai proseando... É, cada um tem um modo de vivê e a gente pejeja pra que todos vivam bem e faz aquilo que achá que dá certo pra ele, porque chefe de família é difícil porque, às veiz, num tem... ensina as suas família dum jeito, outro ensina de outro, mas a gente vai, na medida do possível, se vié alguma coisa errada falando pros pai que aquilo os filho dele... Que os pai hoje em dia também sai cedo pra trabaiá, quando é a noite que chega em casa, às veiz, chega o moleque tá até dormindo, né, então nem fica sabendo o quê que tá se passando, mas eu aqui mesmo já falei pra muitos pai que se quisé no dia de amanhã a pessoa tê um filho de acordo a gente vai... enquanto a gente tivé por aqui, a gente vai falando que... eu sou um cara... tem gen... Às veiz, tem pessoas que falam que eu falo demais. Num é que eu falo demais, é que se eu vê uma coisa errada eu chego no pai do moleque e falo pro pai dele “óh, que o moleque tá praticando isso”, se o pai quisé corrigi, tá na hora certa de corrigi porque corrigi... Eu tenho uma tendência assim, um cipó a gente só cóxa ele enquanto ele tá novo e verde, depois que ele ficá véio cê vai coxá ele quebra, e moleque é a mesma coisa, cê educa ele enquanto ele é pequeno, depois que ele crescê cê vai inducá ele é perigoso até te batê. Eu acho que é muito bom as pessoas... é cada vizinho fiscalizá, oiá o quê os filho dos outros tão fazendo porque um óia os quê os meus filho tá fazendo, eu óio o que o outro tá fazendo, então é agindo em comunidade, né, eu acho...

O senhor falou pra mim que convive com os vizinhos e os que têm atitude que não condiz, evita. Quê que são essas atitudes que não condiz?

Ah, rapaiz, é engraçado que...

Como são esses vizinhos, assim?

É, tem vizinho que cê fala pra ele que o filho dele tá pondo fogo num pé de uma árvore e ele num toma providência, ele é um dos primeiro, às veiz, até jogá um entulho numa praça, um trem quarqué. Então essas pessoas, acho que num dá pra modo de cê tá convivendo com ele, porque se for pra convivê com uma pessoa assim é perigoso até pegá essa doença de fazê essas coisa errada na gente também, né.

Tem muita gente assim no bairro?

Não, num é muito, mas um só fazendo sujeira já suja muita coisa, né. Então acho que tem que pelejá pra educá e acho que o poder público, qualquer coisa, fiscalização, tem que tomá providência dessas coisa porque a gente tem vontade de formá uma praça, um troço bem ajeitadinho, limpinho, mas como é que forma se o outro joga o entulho, aí também num tem jeito, né.

Jogam muito entulho aqui na... nas praças?

Olha, já teve vez do caminhão vim tirá o entulho, igual agora mesmo tirô... tá com um mês e pouco, tirô o entulho daí, já tem dois caminhão de entulho, então e aí... e a mesma pessoa que jogô da outra vez, jogô agora. Eu acho que tem... arguém tem que falá pra fiscalização pra tomá atitude que se não suja a primeira vez a prefeitura limpa, suja a segunda vez a prefeitura limpa, aí o cara fica viciado, né, aí acha que a prefeitura é obrigado a fazê tudo, a prefeitura é obrigado a fazê argum tipo de coisa, mas limpá entulho dos outro não.

E aqui nessa praça que a gente tá, como que foi? Sempre foi assim?

Olha, esse pedacinho de praça que nós tá nele aqui, e tem mais um pedaço aqui pra baixo que eu tô querendo prantá as árvore, inclusive o Ado, que é o engenheiro aqui, deu um rolo de cano pra podê fazê instalá uma água, a mulher do prefeito colocô uma ligação de água que no prefeito passado eu pedi mais de dez vez e eles num tiveram atitude de colocá uma torneira na praça.

Ah, não tinha torneira na praça?

Ah, num tinha torneira na praça, eu carregava água da minha casa num regador é pra podê moiá o pé das árvore, por isso que têm essas árvore aqui porque se não elas tinha morrido igual as outras morreu, essas aqui também ia morrê.

Igual as outras quais?

Ah, as outra pra baixo aqui que num têm, que vai prantá agora, num tem árvore porque morreu, mas que foi prantada foi. Só que num tinha quem muda moiasse, eu com essa perna manca num tinha condições de carregá água, além de pagá água pro DAERP, ainda mancando carregando galão de água, então aí ficô difícil, eu... a que eu conseguí moiá sobreviveu, a que eu num consegui moiá morreu.

Só por causa da água que morreu?

É, a água e... igual eu falei pro cê agora memo que tem gente que seu filho coloca fogo no pé da árvore e o pai num faiz nada, também aconteceu isso daí.

Aconteceu bastante?

Aconteceu, que quando tá seco o povo põe fogo, fazia... tinha mato, o povo colocava fogo e o fogo vinha e queimava as árvore. Quando num era o mato seco o moleque fazia um monte de gáio no pé da árvore e punha fogo, e os pai olhava e num falava nada, aí eu acho que é uma coisa errada pra caramba porque a pessoa num pranta árvore, e a árvore que tá escapando ainda o cara coloca fogo, aí comprica tudo.

Eram vizinhos aqui?

É vizinho, inclusive é o mesmo vizinho que é do monte de lixo, é o mesmo cara.

O mesmo?

O mesmo cara.

Tem gente que conversa com ele, não?

Meio estranho, a gente num entende muito essas coisa.

Por quê? Como que ele é?

Ah, é, sei lá, é um cara que no começo comprimentava a gente, agora parece que ficô mei rei, num comprimenta mais os outro, deixa ir embora num é memo.

Ele mora aqui faz tempo também?

Ah, tem uns qua... três ano, quatro ano que tá morando aqui, entrô bem dispois que a gente já morava aqui que ele veio pra cá e... O mais é... agora que a muié do prefeito, a Teresa Maggione colocô a água que... com a ajuda do Ado, e a gente plantá essas árvore, o resto de árvore que precisa eu acho que vai ficá uma pracinha até ajeitada. Porque o ser humano tem que pran... fazê alguma coisa no dia de hoje pra amanhã ou depois, quando ele batê as bota, que eu falo, a muita gente num entende pode sabê a morrê, ele deixa alguma coisa aqui, o vizinho vai oiá, vai falá “quem feiz isso?”, “ah, era um cara que morava aí, um que andava com o regador de água...”

... num pranta porque demora crescê, quando é no fim os moleque novo num vai tê nada porque, vamos supor, um pé de jaboticaba, demora muito pra produzí, demora. Por quê que hoje o povo come jaboticaba? Porque arguém prantô. Se num tivesse prantado, os novo agora num tava comendo, então eu penso nesse meio, eu acho que cada ser humano tem que deixá alguma coisa prantada pra outros. Demora muito? Demora, mas arguém vai

comê, se arguém também num queimá, num cortá, então se todo mundo argi assim eu acho que tem condições de... E os vizinho também têm que ajudá, né, porque vê um moleque cortando ou pondo fogo, se o vizinho vê e num falá nada ele em vez de num ajudá e pode ser cúmplice do negócio, né, porque eu acho que o moleque num tem muita idéia, mas quem tem idéia tem que ensiná pra eles que aquilo num pode ser feito.

E como o senhor acha que o senhor pode conseguir adesão dos vizinhos assim?

Não, aqui já tem uns quatro ou cinco vizinho que até já manifestô que interessa ajudá a cuidá das coisa, agora vamo vê se mais pessoas ajuda a cuidá, porque eu fico pensando assim, tem uma carrera de casa em vorta da praça, se cada morador prantá uma árvore e cuidá dela, óia, já forma a praça. Num precisa ninguém prantá dez árvore, é só cada um prantando uma, porque os terreno são sete e meio por vinte, todos os terreno têm dono, então se cada um que mora em vorta da praça prantá, quando for no final todo mundo tem árvore pra pô o carro de baixo da sombra. E fica baratinho pra cuidá, dois litro d'água por dia o cara jogando numa árvore, ele num deixa ela morrê, mas isso é um compromisso que é assim, o sábado, o domingo, dia santo, é feriado, todo dia tem que í lá jogá água. Igual comê, o cara num pode ficá sem alimentá e a árvore também num pode sem um pouco de água que ela depende pra sobrevivê. E agora com a água que temo, a água, aí num tem a discurma do cara que ele vai gastá o dinheiro que ele vai pagá a água, porque aí a água é por conta dos parques e jardim.

E por quê que o senhor acha que tem pouca gente que faz isso?

Ah, é, farta de tê um pouco mais de amor pela natureza, né, educação de ambiental, essas coisa, porque a árvore ela... muita gente pensa que é uma coisa seca, mas num é uma coisa seca, ela fornece um gás, um ar puro, filtra o ar, né, eu acho que as pessoa que estragam uma árvore, ele tá estragando a própria vida, porque aí fica só uma la... uma pedra pura, um negócio, uma lavra, então a pessoa tem que prantá umas coisa verde pra podê tê um ar mais puro, né. Porque onde que dá muita deferença da onde que nós mora aqui pro centro da cidade, porque o centro da cidade num tem quase área verde e aqui é cercado por área verde, né, então por isso que aqui esse... o ar aqui é mais puro.

E o quê o senhor sente aqui quando o senhor vê uma área dessa assim em formação?

(olhando para a praça que o senhor Pedro cuida)

Ah, eu fico pensando se cada pessoas que mora perto das área que tem... que aqui tem bastante área de prantá árvore, ele num... ele, além de ele prantá as árvore, ele pode também prantá no intervalo das árvore alguma coisa de alimento, né, prantá um pé de abóbora, prantá um pé de chuchu, ele prantá uma cebolinha, um pé de mandioca, o dia que ele num tivé um dinheiro ele tem argum alimento. Então num é só... porque muita gente pensa assim “ah, vô só prantá árvore”, não, mas no vão da árvore que num tem nada ele pode prantá outra coisa, num vai estragá. Eu acho que dá pra tirá muita coisa, muito alimento do lugar onde tá zelando uma árvore, ele já tá moiando a árvore, então aproveita com o regador d’água e já móia a prantinha também.

O senhor falou assim, que precisa de educação, né, ambiental, precisa de ter amor, como que nasceu o amor pelas plantas no senhor?

Óh, rapaiz, a pessoa que mora na roça, tem muita gente que... num é misturando uma coisa ca outra não, tem muita gente que detesta gente sem terra e eu acho que tão andando errado, tem que valorizá o homem que mexe com terra, porque eu nunca vi ninguém comê pó de ferro, eu só vejo o povo comendo feijão, arroz, batatinha, essas coisa, agora ferragem, eu acho que é só ferragem que come ferragem. Quando eu fui eleito em Ribeirão Preto pra representá Ribeirão... é... agricultura em mil, novecentos e oitenta em São Paulo, eu falei pra arguém muito grande lá em São Paulo que a política brasileira tava errada e os cara falô que eu era lôco, porque eu ensinei pra eles como é que prantava um grão de café até a época da coieita do café. E eles acha que... ele como era presidente dum sindicato e defendia só metalúrgico, então ele achô que só tinha que defendê a categoria dele. Quando eu falei pra ele que o homem num vivia de pó de ferro, vivia de alimento, eu fiquei envergonhado, porque nunca na minha vida achei que uma pessoa da quarta série fosse dá autógrafo pra arguém, e fazia fila de gente pra pegá autógrafo dum coitado dum bobo igual eu, porque eu considero bobo, eu tenho quarto ano de escola e mais um conhecimento agrícola que eu aprendi na fazenda experimental e com uns professor que vinha de Jaboticabal. Então é por isso que eu tenho amor às árvore, por causa disso aí que a... se a pessoa tivé sem um carro e tendo terra ele vévi, e se o cara tivé carro e num tivé terra ele num vévi, então por isso que eu tenho amor nas árvore, por causa disso.

E por quê as pessoas, você acha que não tem amor à natureza?

Óh, o ser humano ele só pensa no bendito dinheiro, ele acha que o papelzinho é que é tudo, e o papel num é tudo, o papel faz parte de alguma coisa da vida da gente, que dinheiro num é tudo, dinheiro é composição pra sobrevive. Se o cara tivé com a bolsa cheia de dinheiro igual eu já passei, três dias sem cumê e com a bolsa muito grande cheia de dinheiro, aí que ele vê que o dinheiro num é tudo, dinheiro é composição da vida, mas tudo ele num é.

Quê mais que faz com que as pessoas aqui na cidade não tenha o amor?

Óh, eu acho que um tanto tem que... no meu modo de pensá eu acho que tinha que começá educá, se a gente quisé tê uma sociedade um pouco melhor, mais bem educada, tem que começá agora pra daqui a vinte ano tê uma sociedade bem educada. Mas eu num sei se vai acontecê isso porque tem que mudá tudo que tá aprendendo... quase tudo que tá aprendendo na escola tem que mudá.

Por exemplo.

Ah, amor à terra, como é que pranta, em veiz de ficá fazendo física na hora que tá a molecada descansando, por quê não pegá esses moleque, ensiná ele prantá um pé de alface, um pé de couve, acho que é mais rendável.

Você acha que tá faltando isso nas escolas?

Tá fartando, tem algumas escolas que tá ensinando já, algumas, mas por isso que eu tô falando que tem que mudá quase tudo. Eu sô a favor que tem que ensiná o moleque pra depois que ele crescê mais um pouquinho valorizá árvore, valori... dá mais valor, é, ambiental, começa a tê que ensiná na escola porque quando o moleque é pequeno é fácil de ensiná as coisa, depois que ele cresce, ele começa a pensá outras coisa, aí num vai aprendê mais aquilo que a gente tinha vontade que ele aprendesse.

Mas como que ensina a gostar na sua opinião?

Aí depende também dos professor, né, os professor, os pais, têm começá a mudá atitude.

Quê que os professores precisam ter pra poder ensinar a ter amor pelas plantas?

Óh, rapaiz, óia, é um conjunto de coisa que pra explicá dá trabaio, porque...

Pode tentar explicar.

O funcionário público ele gosta muito de falá que faiz as coisa porque é pra bem do próprio povo, é muito difícil acreditá que um funcionário público faiz as coisa só pra bem do povo, porque cê vê, tem gente que agora na... nessas úrtima greve a gente tá vendo por aí, pessoas ganha até sete, oito mil real e fazendo greve, e falando que disse que é pra bem do povo,

óh, o coitado do que carrega uma lata de cimento aí de concreto ganha trezentos real. O cara ganha sete mil real, ganha quase quinhentos real de ajuda pra modo de comê a coxinha dele, o café dele, e acha que tá ruim. Então é difícil educá pro ser humano, falá pra ele que ele tem que ensiná o outro mais bem, porque um cara ganhando um dinheiro desse ele nem vai oiá pro cara que carrega uma lata de concreto, num óia. Por quê? Ele tá com a vaca na sombra. Então é muito difícil, óia, eu acho que política é... agora parece que tá dando uma revira vorta na coisa, porque já tem... a gente já tá vendo muita coisa mudando, tem delegado indo pra cadeia, tem polícia presa, uma polícia prendendo a outra, tem juiz devorando dinheiro, diz que vai vim mais dinheiro, esse país nosso tem que mudá bastante coisa, é um conjunto de coisa que tem que mudá pra modo de podê acertá, aí a gente pode até chegá num país de segundo mundo, por aí assim. Num vô falá de primeiro porque se tivesse começado a mais tempo podia chegá num país de primeiro mundo, mas a gente... Eu mesmo tenho certeza que eu num vô encontrá isso aqui muito bom não, tô encontrando umas mudança que eu achava que num ía acontecê, já tá acontecendo umas mudança bem boa, mas ainda farta bem coisa pra ser mudada ainda.

E na escola, na educação que o senhor tava dizendo, quê mais que o senhor acha que precisa tá mudando pra que o aluno tenha esse respeito pelas plantas assim, ou essa consciência?

Ah, tem que levá os aluno, o professorado, em veiz da, vamos supor, visitá, vamos su... visitá os parque e ensiná pra eles, num é só andá na carçada e andá, passá pra lá e pra cá, vê parquinho essas coisa. Tem que chegá num pé duma árvore e falá assim “óh, cê conhece isso aqui?”, “isso aqui quando prantô era pequenininho, era assim, prantaro, formô, tá desse tamanho, cê tá vendo aquela fruta lá, aquela fruta lá dá uma semente, aquela semente cê pranta, ela vai dá uma árvore desse tamanho”, é por aí que ensina as pessoas. Mas eles sai com um bando de criança, uma professora na frente e uma professora atrás, só passa na carçada mostrando as coisa, mas num fala nada pra ninguém, menino nenhum vai aprendê desse jeito. Eu acho que tem que começá, se quisé daqui vinte ano tê um país com bastante jovem de boa cabeça tem que começá a educá agora, educá ambientalmente porque educá mecanicamente igual os povo anda educando aí num é educá uma sociedade e um povo não, a nação não.

Como seria uma educação mais voltada pra aquilo que o senhor falou que tem que mudar, a política, da mecanicamente, como deveria ser essa educação?

Não, cê vê, começa no próprio presidente da república, eu vô falá do próprio Lula, se ele tivé um pouco de cabeça, que ele não vendê aço, num vendê essas coisa bruto, ele beneficiá as coisa aqui pra vendê a condução, vendê as coisa pronta, já dá emprego pro povo. E o nosso país tem uma forma de país agrícola, então o quê que nós têm que fazê, num é vendê o nosso aço, a nossa gasolina, a nossa coisa, nós segura isso aí e vende a produção agrícola. O povo lá fora também come arroz com feijão, come verdura, come fruta, né, tão assinando até com o Japão pra levá até manga pro Japão. Então é uma boa coisa porque cê vai vendê uma coisa renovável. Por quê não vendê o álcool e segurá a gasolina? É, é futuro, porque o álcool, corta cana esse ano, o ano que vem produziu de novo e aquela que nós queimô não, aquela se queimô acabô. Agora quando o país tivé que comprá uma lata, que nós num tivé mais nenhum ferro aqui, num tivé nada, aí tem que comprá dos americano e nós vamo pagá o que eles qué. Sabe por quê? Porque vendeu tudo pra eles a preço de banana.

E como ensinar essas coisas na escola?

Ah, mas aí... aí que é... por isso que eu falo que a mudança tem que ser feita, tem que educá... começá de base, enisná da terra até chegá em cima.

E como que você acha que deve ser essa educação assim?

Ah, eu... é difícil porque, vamos supor, eu sozinho num tenho condições de mudá, eu pelejo, bato papo com muita gente, eu sô rádio amador, eu proseio com bastante gente de noite e falo pros cara que as coisa num é feita desse jeito, as coisa têm que tê base, uma casa sem alicerce, se tirá a terra de... fofá um pouquinho, aí ela cai. Então cê formando uma nação com alicerce aí tem condições de guentá, mais se não, num tem condição, porque num é só livro que ensina a gente, é livro e experiência, porque aprendê só no papel, tem visto adevogado trabaiá na roça, eu já vi, eu já vi pá de coisa deferente, então eu acho que o cara tem que aprendê no papel e na experiência, aí a coisa funciona.

Voltando um pouquinho pra história do bairro, durante a sua vida aqui, o quê o senhor foi vendo que foi ficando bom e o quê o senhor foi vendo que foi ficando ruim?

Óh, rapaiz, aqui até... até melhorô bastante, porque escola a gente tá contando... escola, associação que cedeu a sede pra fazê escola, tá com cinco escola, então tá bom pra

caramba. É, saúde também eu acho que tá bom pra caramba porque nós ia num posto de saúde do outro bairro, agora nós tem o nosso.

Aonde que o senhor ia quando não tinha?

Ah, eu ia ali pra diante da onde que é aquela CETERP na avenida do Brasil, lá é... eu esqueço o nome daquele bairro lá, é... perto daquele meio d... do João Gilberto Sampaio lá, esqueci o nome do... ah, depois se a gente alembra a gente fala o nome do posto de saúde. E agora a gente já tem o posto de saúde da gente e a minha patroa foi hoje lá e até foi muito bem atendido, eu acho que tá mudando muito bem.

Quê mais que foi mudando no bairro desde o começo?

Ah, formô rápido.

Muito rápido?

Rápido, muito rápido, óia, nunca vi um bairro formá tão rápido igual formô esse, e eu acho que tem que fazê, igual tá saindo esse outro loteamento novo aí, é incentivá que o próprio povo faça as casa do jeito que eles qué.

Por quê?

É, porque se o cara qué morá numa casa boa, se ele tivé condições, ele faiz uma casa boa, se ele num tem condições ele faiz uma casinha mais fraca, e ele mora e valoriza porque se ele vai trabaiá na casa, no dia do amanhã ele num vende a troco de banana, porque ele deu a mão suor pra ganhá aquilo lá e fazê aquilo lá, e hoje em dia o cara num valoriza as coisa que ganha muito fácil porque num sofreu. Se o cara sofreu igual...entrando noutra área, igual... é... esse dinheiro que o cara recebe fácil, assim, de herança, num tem... ninguém guarda dinheiro de herança. Mas por quê que num guarda dinheiro de herança? Porque ele num sofreu pra ganhá, ele gasta a toa, se ele sofre pra ganhá, eu falo “não, eu vô gastá devagarzinho porque deu trabaio pra ganhá” e é mesma coisa do bairro aqui, o cara sofreu pra fazê a casa, eu num vô vendê ela a troco de mais pouca coisa, porque eu sofri pra fazê a casa.

O senhor acha que isso faz diferença então?

Nossa, e como faz deferença, cê vê tem bairro aí que tem vinte ano de idade e num tá formado igual o nosso, o nosso em vista tá formado pra caramba, só farta o povo incentivá mais agora e formá as árvore, né. Porque eu acho que... bom, a prefeitura também num faiz porque num qué, se tivesse... tivesse um vereador meio macho aí que pusesse uma lei, a

pessoa tem uma árvore prantada na frente da porta da casa dele, paga tanto de IPTU, num tem a árvore, num qué sofrimento, pode pagá a mais. Cê vai pô o carro debaixo da sombra da árvore do vizinho, mais cê vai pagá a mais, ué, eu queria vê se o bonzão da boca lá num ia... cada um tinha uma árvore, agora os cara num tem uma árvore porque também num tem lei obrigando, e eu acho que meio é... coisa que defendê o meio ambiente tem que defendê de unhas e dente, porque se o nosso país for deixando vivê uma selva de pedra dessa, daqui um pouco todo mundo tá assado. Aí vai aumentá o calorão e vai fazê o quê? Quando for acordá já é tarde.

Verdade. O senhor falou que o bairro cresceu muito rápido. Quê que o senhor sentiu com essa situação?

Óh, o negócio é engraçado, porque tem muita gente falando que a situação financeira do país tava ruim e cresceu rápido do jeito que cresceu, eu acho que tem gente que até chora de barriga cheia porque, ou tinha algum dinheiro guardado... Porque como é que o cara faz uma casa? Ele depende de dinheiro, então num tinha tanto desemprego igual o povo fala que tinha tanto desemprego, porque o cara desempregado, sem dinheiro ele num faiz casa, ou alguém faiz a casa e alguém a banca o gasto que ele feiz na casa, ou ele deixô de fazê alguma coisa e feiz a casa. Porque eu principalmente, graças a Deus, a hora que eu terminei de fazê o barraco já tava... também já tava pronto, paguinho. Mais e sofri pra caramba.

Sofreu como?

Trabaiando fora de hora, né, porque o cara trabaia o dia inteiro, depois trabaia até as oito, nove hora da noite, mora dezessete quilômetro longe do bairro é... num é fácil, né, até que chega em casa, cê vai tomá banho, já num dá fom... nem vontade de jantá mais.

Isso influenciava na sua vida, assim, no começo, não, aqui no bairro?

Ah, não, eu acho que o ser humano tem que lutá e lutá com coragem, né, porque se ele qué tê alguma coisa ele tem enfrentá as... num é só mordomia, mordomia é quando pode, agora quando num pode tem que defendê... o dia de amanhã tem que deixá alguma coisa pros moleque, num é memo.

Tem muita gente aqui que mora em casa que já tava pronta?

Óia, tem algumas pessoas que comprô casa pronta, mais é pouca gente.

Pouca gente?

Pouca gente, agora que a... depois é que a Engindus começô a fazê umas casinha e vendê pronta, é, diz a turma que é financiado pela Caixa, mais as casa feita memo assim é pouca gente que... os que feiz as casa têm elas até hoje, uma parcela boa.

Boa parcela?

Boa parcela.

Pouca gente de aluguel?

Aluguel tem pouca gente, pouca, aqui é casa pra morá memo.

Qual que é a diferença que o senhor sente de... o senhor falou que era melhor construir, qual que é a diferença de... dessas casas que já vêm construída?

Ah, rapaiz, o negócio da... é porque a pessoa faiz do jeito que ele qué, se ele qué um banheiro no fundo ele faiz, se ele qué lá na frente ele faiz, e a casa que vem construída, o cara pega ela pronta, né, e construção, cê vê, toda vez que cê mexe nela quebra, aí se quebrá já é prejuízo. Então eu acho que isso aí... e num tem jeito de falá que vai fazê uma casa do gosto do dono porque nem sabe quem que vai sê o dono daquela casa. A construtora faiz e depois que o cara vai vê o quê que vai caí pra ele, né, e a pessoa fazendo do jeito que ele qué, se ele qué dois banheiro, ele põe dois banheiro, num é memo, depende do gosto do cara. Agora, a casa fica bonitinha pela construtora porque fica ajeitadinha, né, faiz e acaba, o cara só entra lá pra dentro e já vai... fica tranqüilo.

E como que foi na hora da construção da sua casa, quê que o senhor levou em consideração?

Ah, rapaiz, a gente fica até meio emocionado, num tem nem jeito de falá como é que foi, né, porque parece que é até uma... nem sei se é milagre, eu sei que é um trem meio esquisito, o cara... quando eu vim pra Ribeirão Preto com... cheguei aí e fiquei até sem sabê se ia... se ia tê alimento pra comê e depois... mais logo a gente... as condições indireitá, que a gente pode tê até uma casinha, num é... num é aquela casa muito boa, mas também num posso falá que é uma casa ruim, né, é uma casa razoável. Então a gente fica até, assim, emocionado e agradeço muito tê vindo pra Ribeirão Preto, porque acho que se tivesse em outro lugar num tinha nem uma casa. Então eu acho que tem pessoas que, às veiz, recrama, recrama, mais se soubé aproveitá ainda dá pra modo de fazê alguma coisa.

Como que o senhor pensou a casa, assim, na hora de construir? O quê que o senhor queria na casa quando o senhor construiu?

Ah, eu queria fazê uma casa um pouco deferente, né, eu queria fazê uma casa germinada igual foi feito, só que era germinada com sobrado, mas eu fui até uma certa artura e depois quando eu vi, fiz a conta do dinheiro que tinha e fiz a conta do que ia gastá pra frente, só consegui fazê uma casa baixa, então aí eu fiz nem a laje pra sobrado eu num pude pôr, porque se eu fosse pôr uma laje pra sobrado eu ia ficá devendo, e eu num queria ficá devendo, queria fazê o que a minha força desse, até onde desse, né, e... que era pa mó de entrá dentro da casa e fazê igual eu falei pro cê, é um sonho, oiá pra cima e falá assim “mas será que é eu mesmo que tô morando nesse negócio aqui?”. Então pra fazê o sobrado num teve recurso, e eu acho também... sobrado agora pra mim num vai dá pra mó de fazê mais.

Por quê que o senhor queria um sobrado?

Ah, tinha mais espaço, a pessoa fica mais à vontade lá em cima, né, podia guardá minhas coisa lá em cima tudo no jeito, num precisava tá colocando os travial tudo na cama. Quando a gente qué falá a noite, que eu falo muito com as pessoas de fora de Ribeirão Preto, então quando eu quero falá eu posso só falá em antes da muié í deitá, que depois que ela fô deitá eu num posso mais falá, que aí perturbá o sono da véia, né, então aí comprica. Se eu tivesse um sobradinho lá em cima eu podia tê um quartinho só pra mim, né, eu num pude fazê isso, mais a esperança é a última que morre, enquanto a gente tivé vivo a gente pode ainda, uma hora ou outra, construí alguma coisa.

E quê mais assim que é difícil no dia a dia na sua casa?

Ah, rapaiz, o mais difícil do dia a dia que eu acho na minha... no meu barraco aqui é que eu sofri um acidente e num posso fazê aquilo que eu quero... queria fazê, então eu acho que é o mais difícil, mas o restante tudo a gente acha que é obrigação de quarqué dono de casa ou de quarqué dona de casa fazê, trabaiá pra ganhá o pão de cada dia honestamente.

O senhor tem registro do terreno?

Tenho documento de compra e venda.

Planta?

Planta.

Habite-se?

Ah, isso tá incruído na pranta, ainda num fomo pegá, não, num foi.

Quantas pessoas vivem na casa atualmente?

Óh, rapaiz, vivê na casa a noite a gente fica em seis pessoa direto, mais fica à noite porque durante o dia só fica eu e o meu netinho, o restante sai tudo pra ganhá o pão de cada dia.

Quem que mora junto com o senhor?

Ah, mora filho.

Filhos?

É.

Só filhos?

Filho, é.

E como tá o final de semana do senhor?

Ah, o final de semana é a véia indo pra igreja, eu fico aí porque vendo uns bolão, uns negócio dum geladinho aí pa mó de ganhá um dinheirinho, porque é o machucado, eu num tô... eu num sô encostado por tê machucado e também a minha firma que eu machuquei nela fechô, então foi vendida, eu num quis mexê com justiça pra... e coisa pública que é do município é chato a gente mexê. Aí fiquei quieto, então tô até hoje acidentado, mas eu vendendo as minhas coisinhas eu tô vivendo, a véia vai trabaiano, trazendo um pouco, né, faz uma... eu faço uma interazinha.

De quê igreja ela faz parte?

É aqui do Santo Expedito.

Santo Expedito?

É, Santo Expedito, tem uns que é... que vai na igreja de crente, é, todo mundo tem que tê uma religião, né, toda religião é boa, eu faço parte de todas, eu sô socialista, eu acho que a igreja num é... num sarva ninguém, eu acho que sarva as pessoas, o próprio ato de cada pessoa, num adianta o cara í lá na igreja, rezá e ficá com o joêio igual o joêio dum cabrito e saí na rua fazendo bagunça, então num adianta, ele tem que praticá, né.

Quantas comunidades existem aqui? De igreja, assim, desculpa.

Óh, rapaiz, igreja tem muito, tem... víxi, esse lugar aqui é o bairro que mais tem igreja.

Ah, é?

Acho que tem... esses dia atrás eu contei, parece que era dezesseis igreja.

Dezesseis?

Dezesseis.

Nossa!

Víxi, tem igreja evangélica que até o nome é difícil da gente falá de tanto que tem.

Evangélica, quê mais que tem?

Católica tem duas.

Mais alguma outra?

Ah, têm uns cara que vem cantá no meio do mato, eu num sei o quê que os cara vem fazê não, é uma igreja também.

Aonde no meio do mato?

Na reserva da Sinhá Junqueira aqui.

É, eles vêm cantá?

Nossa, mais canta rapaiz! Bagunceia a noite inteira, eu num sei também o dia não, é que é de vez em quando que eles vêm aqui.

E como que é o relacionamento das pessoas de religiões diferentes aqui no bairro?

Ah, rapaiz, é... é um negócio, eu pra mim pessoal... principalmente eu acho que todas religião são boa, é o que eu sempre falo pra eles, eles vêm fazê pregação eu falo pra eles, toda religião são boa, nenhuma religião sarva ninguém, então eu acho que cada pessoa tem que fazê seus atos. Eu, aonde eu vô, encontro uma igreja com a porta aberta eu entro, lá num é o meu lugar, agora se eles começá a xingá, falá bobagem, aí eu vó embora, né, porque aí num faiz a minha turma, eu vô, mais eu sô católico.

E como que é o relacionamento das pessoas aqui no Ribeirão Verde?

Cê fala da população em geral, tudo?

É, em geral.

Óh, rapaiz, cê sabe que... eu acho que é boa até, porque se ocê somá os outros bairro que têm por aqui e fizé uma análise do que a gente tem aqui e do que o povo daqui pratica é até razoável boa, num dá pra entrá no segundo... é no segundo lugar assim, porque tem, às veiz, algum lugar que pode tê bairro um pouco mais... né.

Como assim?

É, de mais... num é... eu num vó dizê gente civilizada, um bairro assim de mais... é difícil até de falá, mais sossegado.

Mais sossegado?

Mais sossegado.

Naquela conversa que a gente tava tendo de manhã o senhor tinha falado de algumas diferenças que o senhor notou em relação ao Ipiranga e aqui no Ribeirão Verde, em relação às pessoas, como que elas se organizam. Você pode falar um pouquinho mais sobre isso?

... mas o senhor tava falando as diferenças...

Não, não há diferença só desse bairro nosso aqui, eu acho que é uma deferença que tem numa boa parcela do povo paulista, o povo da cidade paulista, porque tem gente de roça também que até entende da coisa. Porque tem que sê mais unido, aqui eles têm um negócio de uní por categoria e é o erro da coisa, num é categoria que vai fazê uma administração que ajuda a população, o que vai ajudá a população é todo mundo tendo os seus direitos iguais, que num adianta um metalúrgico ganhá bem, tê as coisa e os outro num tê. Uai, e amanhã num vai formá um cara pa mó de mexê na casa do outro, vai, e se todo mundo tivê aí num precisa de mexê porque todo mundo tem. Então eu acho que a deferença da onde eu morava no Paraná com esse lugar aqui, tem essas deferença, lá os povo são mais organizado, mais unido, né. Lá cê bate uma coieita de feijão, deixa lá no meio da roça, ninguém mexe, que o do outro também vai batê o dele, vai deixá no meio da roça, ninguém vai mexê. Quando aparece um cara que faiz uma coisa dessa o povo... lá aconteceu um fato até engraçado, um cara ficô... feiz uns negócio errado aí perto... lá perto de Londrina e foi lá pro pedaço, chegô lá e começô a pegá moleque, tomá as marmita de comida dos moleque. Aí o quê que aconteceu, pegaram uns três ou quatro vaqueiro, uns cara lá que trabaiava na roça, pegô uns cavalo, foi lá, lançô o cara, pôs num caminhão de leite e mandô uma carta escrita pro motorista do caminhão de leite, levô e entregô pro delegado “óh, cê fala pra esse cara aqui sumí do pedaço se não ele vai desaparecê”. Porque eu acho que as pessoas que trabalha têm que tê direito de administrá aquilo que é seu, vamos supor, o pai tá trabaiando, a mãe põe a marmita de comida e dá pro pai... pro moleque levá pro pai, o malandro pega no caminho e toma, tá certo? Num tá certo isso aí, e eu acho... e aqui na cidade tem isso aí, as pessoas, cabô de fazê alguma coisa, chegô na porta da delegacia tem um adeogado pra sortá o cara. Tá errado isso aí, o cara tem que pagá pelos erro que pratica, e então é onde é que eu falo tem união, aqui tem desunião, porque um tempo lá, um prefeito num prestava, quê que o povo da cidade lá feiz? É, deixô de pagá os imposto, feiz boicote, de seis mês em diante foi colocando as máquinas em cima do estaleiro porque ele também num tinha como

arrumá as máquina que ia estragando. Então o povo... e lá num tinha uma rádia que fizesse uma propaganda, lá a propaganda era feita de boca em boca, um compadre falava pro outro, o leiteiro contava pro outro, aquele contava pro patrão e foi indo assim, e aconteceu isso. Então eu acho que a organização tá em primeiro lugar, se soubé aproveitá a organização que o povo tem, faiz coisa.

E por quê o senhor acha que aqui não tem organização?

É, aqui entra aquele negócio, né, tem o cara que... se ele tá comendo bem, o outro tá passando fome, ele num dá bola, e num é assim, aqui a gente vê umas coisa meio esquisita, então a gente fica achando que tá estranho isso aí.

Por exemplo?

Ah, vamos supor, fazê por exemplo, o cara num tem nada e sai pedindo as coisa por aí, ganha bastante coisa, tira aquilo que é melhor e umas coisa que pode até usá, põe no lixo e manda o lixeiro levá embora. Num tá certo, tem outras pessoa lá adiante que precisava daquela mercadoria que ele tá dando pro lixeiro levá embora, então é as coisa que eu vejo e acho que num tá certo. Mas tudo isso aí é educação, que se ele gastasse o dinheiro pra comprá aquilo lá, ele dava valor, mas como ele ganhô, num gastô dinheiro, ele num dá valor, então é isso aí, e o povo vicia nisso, tem o vício, é mais fácil cê í pedí do que cê í trabaiá. Cê faiz a base, cê sentá numa Praça XV, o tanto de gente que tem ali, se cada um que passá perto duma pessoa que tá com uma latinha lá, jogá cinco centavo, durante o dia quanto ele num arrecada. Arrecada mais... dá mais salário do que um cara carregando uma lata de concreto. Então, tem umas coisa que a gente vê o erro mais num tem como endireitá, cê vai endireitá de quê jeito, pegá o cara e carregá? Num dá. Cê vai falá pro cara que o cara tá errado? Também num tem jeito, cê num manda na vida do cara, é a formação dele. Então, é por isso que eu falo, tem muita deferença. Agora, que aqui o estudo é bom, a saúde é boa, isso aí num adianta ninguém detestá que é bom, cê pegá a receita, vai lá, tem até farmácia de gente, dá o remédio pro cara, remédio controlado pro cara, então vai falá que isso tudo num é bom, isso tudo é bom. “É, tá demorando muito pra atendê”, mais vem o povo da região fica... tomá os posto de saúde. E aí? Aí os que mora aqui vai ficá sem, porque tá atendendo o povo de fora, mais é o sistema que tá errado. Agora, aquele coitadinho que morreu que é o doutor Raia lá, que montô aquele... aquele cartão saúde, aquele cartão vai funcioná, porque aí, o cara passá aquele cartãozinho, vai sabê que ele

mora em tal bairro, ele é morador daqui da cidade, então ele vai... Aquele que é de fora, ele vai gastá, o município dele vai tê que arcá com o dinheiro, porque por enquanto nós só tá pagando a dívida e os outros tão pegando o dinheiro e aplicando em outra coisa. Tem cidadinha que tá nadando de braçada em cima do pouco de dinheiro que Ribeirão Preto arrecada, isso aí é certeza que tem. No dia que eu fui no posto de saúde tinha uma muié de Belo Horizonte fazendo consulta aqui. Por quê ela tava fazendo consulta aqui? Ela num mora aqui. É porque a saúde daqui é melhor do que a de lá, se fosse mais ruim ela tava lá, então eu acho que tem... a saúde de Ribeirão Preto num se discute e o ensino também num tem o que desejá, mais aí ele tá até fazendo pecado.

Tem alguma coisa a mais que o senhor qué falá aqui do bairro, do Ribeirão Verde?

Não rapaiz, acho que nós já falô bastante, né, já falamo até um pouco até fora do nosso bairro, mais eu acho que é esse bairro aqui, agora com essa outra terceira etapa que tá pra saí aí, eu acho que vai ficá um bairro bom, se o povo ajudá a administrá.

Quê que é um bairro bom pro senhor?

Ah, um bairro bom eu acho que é a população todas que convive bem, num sai brigaiada, num é aquele bairro bagunceiro, porque recebe gente de vários lugar, mais a pessoa que vem já topa um bairro que tem uma convivência deferente do outro, num é aquele bairro que... cê num escuta aquela gritaiada doida que cê escuta nos outro, num tem aquela molecada gritando, pulando pro meio da rua, cê... Os outro vendo isso, quê que acontece, ele vai ficá com vergonha, ele vai siguí o quê que a gente tá fazendo. Então, é por isso aí que eu falo, um bairro que, às veiz, tem uma adiministração um pouco deferente das outras, já serve de modelo, se é um bairro planejado a gente também planeja, e aí é a população que tem que fazê isso aí, pai, filho, vizinho, né, eu acho que é por aí.

Muito obrigado Seu Pedro, hoje é dia vinte e sete de setembro de dois mil e quatro, num é isso? Eu vou tá transcrevendo a fita, depois eu vou tá retomando pro senhor, pro senhor lê, pro senhor acrescentar alguma coisa ou tirar alguma coisa que o senhor acha que num tá legal, num tá certo. Tá bom? E aí eu vou pedí autorização do senhor pra tá usando essa transcrição na minha pesquisa.

Pode usá, tá.

Tá ok. Brigado, viu Seu Pedro.

Se servi pra comprimentá, ajuda de uma pessoa que só tem quarta série de escola e um pouco de conhecimento agrícola e de vida, aí é o que a gente tem vontade que muita gente faça isso, porque eu acho que o brasileiro tá precisando é de muito mais conhecimento prático, que de papel, muita gente que tinha conhecimento de papel bastante fazia só coisa errada. Tem gente que, às veiz, nem o primeiro diploma que tinha é que tá começando a pô o trem no trilho.

Brigado, hein, Seu Pedro.

Documento produzido de Geraldo Alves dos Reis (G) e Ramila Geralda de Paula Reis (R)

Vinte e seis de novembro de dois mil e quatro, né, eu tô aqui na casa do Seu Geraldo e da Dona Ramila, são quase oito e pouquinho, né?

R: Oito e dez.

Oito e dez da noite

G: Oito e deiz.

Então se vocês pudessem me contar um pouquinho de como foi a história de vocês desde que... bom, pode contar até da onde que vocês vieram, como que vocês vieram parar aqui no Ribeirão Verde e aí fica à vontade, tá. Eu só queria pedir uma coisinha, porque depois eu vou ter que transcrever essa fita pra... se alguém quiser falar, não falar em cima do outro, tá, porque aí eu não consigo entender nada, tem que falar separado, tá bom. Aí se alguém tiver atropelando um ao outro eu peço pra falar sozinho, tá bom. Quem qué começá?

R: Pode sê meu marido porque eu tenho pouca história.

G: Vai você, ué.

R: Pode sê você mesmo, você é mais velho.

G: É, vamos supô, a história que nós têm pra contá daqui... aí é meio complicado.

Da onde que vocês vieram que você tava me contando hoje à tarde?

G: É, a gente é de Minas, né, a gente considera ribeirão-pretano porque já faiz bastante tempo que a gente reside aqui, né, uns vinte e cinco anos.

Vinte e cinco anos já?

G: Isso, meus dois filho é daqui, e a história que a gente tem de contá do Ribeirão Verde no começo era difícil porque num tinha ninguém, né, foi um dos primeiro, né, Ronaldo.

Num tinha nada?

G: Não, num tinha nada, apesar quando eu vim pra cá num tinha nem energia ainda, tava só os poste. Tinha água, né, porque sem água nós num vive.

Quando que foi isso?

G: Quando foi, quando mesmo?

R: Noventa e sete.

G: Noventa e sete. Então, a história que tem pra contá daqui é que cada ano que passa tá melhorando mais, né, porque hoje nós tem aqui colégio, tem farmácia, tem padaria, mercado, né, e cada veiz a gente vai esperá que vai melhorá mais as coisa porque tá vindo a terceira etapa, né, então, falá mal daqui a gente num pode falá, tem que falá bem.

E como que foi no começo?

G: Ah, no começo foi um pouco difícil, né, a gente tinha que saí pra trabalhá, num tinha vizinho nenhum aqui, né, deixava ela e os dois menino pequeno, mas...

Já tinha os dois meninos pequenos?

G: Já tinha, aquilo que eu disse pra você, o pé de limão ali é a idade dele mesmo, do Ronaldo, do menino mais novo, então é uma marcação que a gente tem da época, a gente sabe a idade do filho, a idade da planta que a gente feiz, né.

Quê história que é essa do limão?

G: Não, a do limão é assim, quando a gente veio pra cá, então nós pegamo essa muda de limão e plantemo, que é da idade do Ronaldo, né, Ramila, então a gente sabe que aquilo ali tem sete ano, o menino tem sete ano, então... vamos supô, a gente fazendo as coisa, tê uma marcação é bom, né. No mais eu num tenho mais o que falá não, falá só bem do bairro, agora ela aí.

R: Ah, o que eu tenho de falá é assim, que no começo foi muito sofrido, igual eu te falei outro dia, que eu pegava ônibus lá em baixo quando ele num podia me levá, tem que tá trabalhando, num pode tá sempre ausente ao lado da gente, né, eu descia carregando um, rastando o outro, pegava o ônibus lá em baixo, e foi... pra nós conseguí o ônibus aqui na época num foi aprovada a primeira lista que a gente feiz porque era pouco morador, igual eu te falei, tinha que pegá lá em baixo mesmo, isso aí foi uns quatro, seis mês desse jeito até depois que passava de hora em hora, passava lá na última rua, a gente tinha que í de pé até lá, e foi muito sofrimento. Se quisesse comê um pão tinha que ligá no serviço do orelhão lá do Galego, “ôh, traiz um pão pra mim”, num tinha padaria, num tinha, assim, um socorro à gente num tinha, porque num tinha posto, num tinha nada, né. E a gente batalhava, né, a gente brigava, ficava indo atrás, indo lá na sede, que antes era um outro que tomava conta, né, num dava muita importância pra nós não, que era um outro presidente do bairro.

Outro presidente do bairro?

R: Outro presidente.

E quem que era “a gente” que você falava, assim, que ia atrás das coisas?

R: Não, nós mesmo que ia.

Nós quem?

R: Os morador, porque tinha uns trinta aqui, né, uns trinta, assim, no bairro inteiro, tinha umas trinta casa, uma aqui, outra lá, pra cê í na casa de um cê demorava cinco, dez minuto até chegá, né, e era complicado, mais e... o primeiro dia que nós mudô pra cá nossa casa mundô d'água porque num tinha calha, foi preciso dele trazê o pai dele pra tirá, tiraram mais de duzentos litro de água de cima da casa, teve que levá ele pra lá que eu tava de resguardo de onze dia, que a barriga tudo cheia de ponto, né, e era assim, muito difícil, no começo nós sofreu muito, um ano nós sofreu bastante aqui, né, até que nós conseguiu o ônibus, conseguiu o... assim, mais vizinho, né, porque graças a Deus, os vizinhos, cê pode vê que nós têm é vizinho só bom, né, graças a Deus. E a gente batalhava pra í assim, a gente queria que tivesse um presidente do bairro que ficav... que dava socorro pra nós, assistência, né, porque nunca teve, nunca teve uma pessoa que vinha na nossa casa perguntá “ôh, fulano, cê tá precisando disso”, que nem hoje tem ocê, tem o Wellington que trabalha pelo bairro, anseio, né, que cêis faiz muita coisa... e a gente mesmo, que a gente conta mesmo que vai melhorá o bairro através d'ocêis, porque eu sei que cêis trabalha com isso, né, com o bairro e tem mais força que a gente pra vê se melhora mais, porque já tem bastante coisa, mais ainda farta muita coisa pra melhorá, né.

Você me contou que vocês iam atrás, né. Como que vocês faziam? Como que era, me conta um pouquinho como que foi esse começo, assim, essa organização dos moradores pra conseguir as coisas.

R: Nós feiz baixo-assinada, fazia baixo-assinada, né, mais só que baixo-assinado num tinha ninguém pra assiná porque num tinha morador, cê entendeu, era pouco, então nós num tinha força, por causa disso, porque num tinha morador. Como cê qué que um ônibus passa no bairro se tem, vamos supô, cinqüenta morador que pega ônibus, um ônibus num vai vim pegá cinqüenta pessoa num bairro, num é, então cê tinha que descê lá em baixo. E a gente ficava procurando porque na época pra cê falá com uma pessoa que deministrava o bairro cê tinha que í lá na sede, cê tinha que í lá, num tinha outra opção. Ali naquela estrada era um caminhosinho, sabe.

E vocês falavam com quem?

R: Na época nós num falava, nós ía lá, nós falava c'um co'outro, com quem tava lá porque num tinha ninguém pra atendê, cê entendeu, era um e outro. Tentava que atendia a gente, mais cê pode vê que hoje melhorô bastante, mais tem muita coisa pra melhorá, né, porque o nosso sonho mesmo é vê essa frente aí uma praça bem bonita, né, que de fato nós tá batalhando, né, o Gerardo, o Seu Euripe, o Seu Adilson tá andando atrás de árvore pra vê se nós consegue, nós vai conseguí, se Deus quisé, bastante mata verde aí pra nós, né, nossos filho, né, Ronaldo, porque nós já tá bão o que nós já passô. E os filho que vem?

E ce tá falando isso da área verde aqui da frente, né, me conta um pouquinho como que foi, assim, o começo dessa organização aí da área verde, por quê que vocês começaram a fazê isso?

R: Primeira coisa por causa da água, né, porque eles fala que aonde tem mata num falta água, né, que é o que nunca faltô pra nós aqui, graças a Deus, e por causa que coisa verde, tudo as coisa verde é bonito, num é. Então é por isso que a gente batalha, o sonho nosso é de fazê uma pracinha, igual eu te falei, com banco, bastante sombra, né, porque o mais necessário é a sombra, né, você sai ali fora cê não agüenta, fica caçando uma sombra, né, e se Deus quisé, nós vai chegá lá, mais pra nós chegá, nós precisa de bastante ajuda, né, contando com cê, o Wellington, o presidente do bairro que é o França, né, que quase que acho que nem conhece a gente, num sei, mas é só.

E como que vocês começaram a organizá ali, o plantio lá? E os cuidados, quem que começou?

R: O Gerardo e o Seu Euripe, que depois que o Seu Euripe veio pra cá já tinha, né, já tinha aquelas três árvore, que você pode vê aquela que tá de par e o pé de limão, que aquelas três árvore e o pé de limão foi a gente que plantô, nem morando aqui nós num tava, tava construindo. E aí depois o Seu Euripe veio pra cá, né, que o Seu Euripe já tem uns cinco ano que ele tá aqui, aí foi ele e o Gerardo que... que mexe mesmo no canteiro é eles. Cê viu que o Gerardo trabalhou hoje o dia inteiro no canteiro, né, ele qué fazê a limpeza e pra aí vem vindo, né. E a gente qué batalhá mais, qué conseguí mais, né, mais se a gente num tivé uma ajuda pra tirá pelo menos essas vaca do canteiro aí fica difícil pra nós conseguí.

Tem muita vaca?

R: Muita vaca, muita.

Quê que elas fazem?

R: Ela pasta, vem pastá, vem pastá porque o ramo tá grande e tá verde, né, elas têm que vim alimentá, mais...

G: Fala direito.

R: Mais é...

Espera um pouquinho, quê que é?

G: Ela fala que a vaca vem pastá, a vaca destruiu as árvore várias veiz, pequenas árvore, ela vai coçá, num sei, e destrui as árvore, e todo mundo sabe, né. Se fosse só pastá até que era bom, pelo meno comia o capim, né, mais num estragava as árvore, elas ía coçá, derrubava tudo as árvore. E o outro detalhe também que num tá mais bonito porque pelas formiga que tem. Que eu tenho o pé de tamarindo, quanto veneno eu gastei? Eu comprei no Calef, vários pacote de veneno, que era tempo de chuva, tem até a bomba, eu jogava, por mostra que tem formiga até no meio do asfalto, falo no meio do asfalto, modo de dizê, mais cê pode olhá que na beirada no asfalto tem formiga, então num sei se você já viu as formiga, cê já sabe.

E não acaba mesmo com veneno?

G: Não, as formiga acaba sim, se pô veneno caba, quer dizê, a gente pegá de... né, cuidá mesmo acaba, porque num tem como. Se num acaba, mais pelo menos elas vai pra bem longe daqui.

E ninguém dá conta dessas vacas?

G: Ah, as vaca até... sobre as vaca até num de bico muito não, né, a gente vai cercá pra mantê o da área da gente cuidadinha, que nós fizemo aqui com aqueles fio de arame cê viu que as árvore formô, mais pra baixo, vocês memo, o Wellington prantô várias coisa ali, foi as vaca que destruiu. Se elas só pasta até as árvore fica bom porque tem um esterquinho dela, né, mais e elas derrubava as árvore, isso que é o pobrema, mais sobre outras coisa, pra mim tá ótimo o lugar.

Quê que é que você num bica que você falou?

G: ãh?

Você falou que você não bica o negócio das árvores, das vacas.

G: Sobre as vaca, isso aí é um detalhe que...

Quê que você acha que é?

G: Eu acho o seguinte, enquanto tá indo assim, mais depois que caçá um pobrema, eu tive lá na sede hoje à tarde, eu vi um cara que trabalha lá cercando as vaca que tava cheio de criança vindo embora e vindo com o gado ali, mais bastante mesmo, se num tem nenhum de maior com o moleque, tem uns que vai em cima das criança sim.

E ninguém faz nada aqui?

G: Nessa parte aí.

R: Num tem com quem reclamá.

G: Num tem com quem recramá, e também num precisa recramá não, o povão tá tudo vendo, né. Eu tava lá na sede agora à tarde, até um colega meu mesmo que trabalha lá, até eu esqueço o nome dele, ele tava segurando um pouco aqui as vaca pra elas num passá pra cá, mais num teve jeito não, vinha gente tocando, eles passaram. Depois os moleque, cê sabe, criança num tem esse juízo, às veiz, até insulta o animal, né, num tivé um de maior junto, mais...

Quê que você acha disso?

R: Eu acho que tem que... eu acho que quem tem que í atrás é o presidente do bairro porque o serviço dele é esse, né, ele tinha que í atrás e tirá essas vaca. Por quê? Porque essas vaca tá destruindo o que nós tamo fazendo, né, porque a gente pranta árvore, cuida com carinho igual a gente cuida dos filho da gente, depois vem aí cinqüenta, cem vaca e destrói tudo, que aqui no canteiro cê pode contá, a tarde tem mais de cinqüenta vaca no canteiro. Outro dia eu fui descendo com meu menino pequeno, veio um boizão que eles falam, marruco, né, correndo atrás de nós, quê nós tem que fazê? Entrá dentro da casa, abriu o portão da vizinha e entrá porque se não ele tinha catado eu e o menino na rua, porque o menino tava de camisa vermelha e disse que ele num gosta de vermelho, né, eu e o Ronaldo tava. Aí nós abriu o portão da Dona Maria e entrô. E se num tivesse esse portão pra nós entrá e ele me pega o moleque, como que faiz? Se acontecê um acidente com uma criança, e aí? A gente vai atrás de quem? Quem é o dono da vaca? A gente num sabe quem que é. A gente tá precisando mesmo urgente de cabá mesmo aqui é com essas vacaiada destruindo os prantio que a gente faiz e as formigada, porque as formiga vem, depena as árvore tudo, as vaca vem e quebra. E aí, como que fica? No prejuízo quem tá cuidando, quem tá plantando, né.

Sempre teve essas vacas ou foi depois de um tempo que apareceu?

R: Desde que nós mora aqui tinha, porque inclusive quando nós veio pra cá, que era terreno aqui, as vaca pastava, aqui era um pasto, né, era pasto, e depois que asfaltô, ficou tudo certinho, bonitinho, mais tinha os terreno sujo que elas vinham pastá. E elas vêm mesmo porque animal eles vêm mesmo, eles que sabê de se alimentá, né, e num vai sabê que tá estragando nem nada. Eu acho que quem tem que vê que tá dando prejuízo é o próprio dono, né, e isso aí eu acho... porque aqui tem cavalo, tem vaca, tem de tudo aqui no bairro, viu.

Tem de tudo?

R: Tem de tudo, têm coisas boa, mais tem coisa ruim também, né, coisa ruim que a gente diga é assim, porque a gente tá vendo as coisa que a gente tá fazendo í por água a baixo, né, porque que nem eles fala, né, quem...

O que você sente quando vai por água a baixo?

R: Eu sinto mal porque tem na reportagem, num sei se você já viu, tem uma reportagem que passa na televisão explicando que se... o próprio DAERP passa ensinando como cê tem que economizá água. Sem economizá água, mais pranta pra água nascê de novo, aí vem um monte de gado aí e destrói o que você tá construindo, né, porque a gente tem que vê o lado da gente e vê o lado de outras pessoa também, né, porque a pessoa que não entende isso tem que entendê, porque se um dia a gente tá sofrendo aquela pessoa também vai sofrê, né, porque a água eu acho que é em primeiro lugar, né, e se... a gente gasta água porque a gente agoa, você pode vê que, mexe e vira, a gente tá agoando essas pranta, a gente agoa, cuida com carinho, as criação vem e destrói. Cadê os dono dessa criação, né?

Você tava me falando à tarde também sobre quando as pessoas capinam e põe fogo, né, me conta um pouquinho o que você tava me contando hoje à tarde.

G: Não, tava contando hoje à tarde pra você que se a gente limpando o terreno e num pondo fogo, aquele capim vai virando esterco, cada veiz a terra fica melhor pra gente cuidá, passá enxada, tal, né, mais se queima a terra fica mais difícil pra cortá depois, né. Então eu acho... igual esse terreno aí, limpá tudo e deixá esse capim, ele vai acabá. Então depois que limpô uma veiz, deixa esse capinzão seco, assim, vai apodrecendo, os novo ano que vem passa a enxada até uma criança carpi, que é molinho, né. Então aí a renda é outra, é a mesma coisa cê pegá uma máquina com um trator pra gradiá uma terra, um trator pra ará, os disco tudo novinho, uma facilidade danada, cê anda pra lá e pra cá, serviço fica bem feito, né. Eu acho

isso aí, porque se limpá tudo esse capim aí, pô fogo... e se limpá e secá sempre vai aparece fogo, né.

Já aconteceu isso aqui?

G: Ah, já várias veiz ué, essas veiz que limparam aí pra baixo, do lado da bomba ali, igual esse fogo eles puseram, tem uma veiz ali pra baixo do Esquinão ali sapecô até aquela arvrinha bonita que tinha, eles puseram fogo, né.

Quem é que põe fogo, ninguém sabe?

G: Ah, aí num vê.

R: Ninguém tem pai.

G: No mais é só isso mesmo.

E me conta um pouquinho como que foi a época que cêis tavam construindo aqui.

Quem construiu a casa de vocês?

G: Ah, eu construí memo foi com uns colega memo, né

R: Foi, quase que mutirão, sabe.

G: Ah, eu paguei um colega meu pra levantá pra mim aqui dois cômodo e vim pra cá, depois os outros dois eu levantei devagar, paguei mais um pedreiro, que a gente num é pedreiro, né, levantô os cômodo, aí fui fazendo tudo os pouco. Quero vê se até lá pra dois mil e deiz eu cabo.

E foi rápido, assim, que vocês mudaram pra cá?

R: Dentro de dois mês.

Dois meses?

R: Dois mês.

G: Foi, porque eu num pagava aluguel, então a gente conseguiu isso aqui, igual eu falei pra você, agradeço primeiro Deus depois a ajuda dos amigo, porque a gente tinha bastante amigo bom, né, então se num fosse o rancho que a gente ficô lá um ano, né, Ramila, do Paulinho...

R: Dono do Infragáis.

G: Fui lá, o dono da... do gás ali, avenida Brasil, que ofereceu pra nós, igual eu falei pro cê, pra nós vendê gás, sem pobrema, mais, né, fazê o quê, né, tem que lutá, né, cê tá lutando e tá vindo a maré, cê tem que se virá, cê vai morrê, né. Então a gente comecemo a vendê gás, veio aquela greve, foi uma dificuldade danada.

Greve?

G: A greve do gás, ué, num teve uma greve aqui? Cê tava esse tempo, cê morava aqui, né?

Não, ainda não.

G: Não?

R: Morava sim, ué.

Eu só trabalhava, né.

G: Nós morava no... depois...

R: Não é aqui no Ribeirão Verde.

Ah, tá.

G: A greve do gás foi quando nós foi lá vendê gás, com um mês já começô a greve, né,

R: Então, mais ele qué sabê daqui.

G: Não, daqui não, a gente comprava e vendia do lote, mais num sabia nem como que era ainda, a gente vinha aqui só tava pasto, num tinha nada mexido, não.

Depois de quanto tempo vocês começaram a construir depois que compraram o lote?

R: Depois de um ano e meio.

Um ano e meio?

R: Um ano e meio, quando nós...

G: Um ano e meio.

R: É, um ano e meio, quando nós mudô pra cá, aqui a água era ligada... não tinha relógio, foi depois de oito mês puseram relógio de água, isso aí era por lei da DAERP, porque num tinha como porque era igual o que eu te falei, uma casa aqui outra lá adiante, num tinha como, a luz... é... o dono foi lá pedí pra ligá pra mim que nós ficô três dia com lampião aqui, com o menino recém nascido com lampião, num foi? E quando nós veio pra cá esses terrenaiada que tava, igual eu te falei pro cê, aqui num tinha liberação pra construí não, nós veio pra cá sem liberação pra construí, liberaram pra nós porque o dono da Infragás foi atrás pra liberá, mas não era liberado ainda e tudo que veio pra cá desse jeito, esses trinta morador que tinha, tudo fez sem liberação, que aí depois que o... que a COHAB é... liberô. Nós foi mais uns seis mês pra liberá, pra contruí, né, e difícil, foi bastante, nossa, num gosto nem de pensá nos primeiro dia, porque cê ficá num lugar escuro, mata, porque aqui era de frente pra mata, num tinha casa, cê dava de frente pra mata, escuro, cê só escutava grilo e sapo e passarinho cantá, gritá. De madrugada ele saía pra trabalhá, escuro, eu com o

menino recém nascido, sem luz, com lampião, cê ia no quarto cê tinha que pegá lampião, cê ia no banheiro tinha que levá o lampião ou vela, né, e foi muito sacrifício pra conseguí chegá nessas artura que nós tá, né, mais nós topô muita gente boa que deu força pra nós, né.

Quem que ajudava, os amigos, era aqui do bairro ou era de fora?

R: De fora, amigo aqui no bairro... nós num tinha amigo, porque nós num conhecia ninguém, tudo pra gente era suspeito, a gente num podia confiá, porque a gente num conhecia. O que ajudô mais bastante no começo aqui, que até ajudava eu levá os menino no ponto, pegá ônibus, é a Dona Maria da esquina ali, que nós e a Dona Maria é vizinho desde o início. A Dona Maria mudô pra aqui, ela veio morá de baixo de um barraco até ela construí, foi bem assim, bem disfarçado mesmo as construção aqui.

No começo.

R: No começo.

Você falou que não confiava, assim, nas pessoas no começo?

R: Num confiava porque a gente num conhecia, né, e era só gente boa.

O que você sentia?

R: A gente sentia assim, paiz quando a gente falava com eles porque sempre a história deles era a mesma da gente, “por quê que cê mudô?”, “ah, pra saí do aluguel”, né, que a maioria foi, que veio pra cá foi, porque quem num foi... que nem eu, eu mudei pra cá não porque eu num pagava aluguel, porque a Infragáis vendeu o depósito lá, ia me levá eu pra outra... pra outro lugar, e de outro lugar eu tinha que mudá pra cá, que eu já tinha o terreno compro, eu num queria ficá no que é dos outro sendo que eu tinha o meu cantinho, né, que é a coisa mais sagrada que nós têm hoje é, primeiro lugar, meus dois filho, meu marido e a minha morada, né, porque meu pai falava, quem tem um teto pra se abrigá já tá bom demais, né, e foi nisso.

E hoje, como que tá em relação aos moradores assim?

R: Bão, tudo bem, tem nada o que queixá de ninguém, todo mundo é amigo.

Como que foi acabando essa desconfiança assim?

R: Através de conversa, a gente conversava, via um “ôh, fulano, aonde cê mora?”, “ah, eu moro em tal lugar”, “por quê que cê veio pra cá?”, aí já vinha o assunto do ônibus “ah, num tem ônibus, o quê que nós faiz”, “ah, vamo fazê abaixo-assinado”, fez abaixo-assinado,

levô no DAERP, na... lá pra aprová duas veiz, não era aprovado porque num tinha, num tinha passageiro suficiente, né, porque num tinha morador como é que ia tê passageiro, nós tinha que pegá o ônibus das Palmeira mesmo, era de hora em hora que tinha ônibus. Mais tava passá ônibus seis hora da manhã, encerrava às onze da noite, num tinha corujão, num tinha nada.

E onde vocês se encontravam pra conversar assim?

R: Nos ponto de ônibus, não tinha ponto, o ônibus parava onde tinha gente, mas a gente fala assim, nos ponto de ônibus, assim, nas parada de ônibus, só que não tinha ponto aqui, pára o ônibus, parava onde tinha passageiro, de fato que se tinha que í na rua que ele subia, onde cê dava com a mão ele parava, porque num tinha ponto, só isso.

Como que vocês pensaram a construção dessa casa?

G: Ah, nós num pensamos nada não.

Não pensou em nada?

G: Peguemo um desenho lá da COHAB lá e programamo.

Eles forneceram?

R: Forneceu porque o patrão pegô.

Ah, o patrão pegou?

Pegô.

Mas cêis sabiam que tinha planta da COHAB?

R: Sabia, sabia.

G: Sabia, o povo do gáis e pegaro, até eles dava os vários modelo pra pessoa escolhê, só que nós não usemo engenheiro nem nada não, nós memo... porque num tinha como também, né, se num tinha pra cimento, pra levantá a casa como é que ía fazê pranta, né.

E por quê que vocês escolheram essa planta?

G: Ah, essa pranta foi escolhida porque a gente achô, assim, foi o modelo, o jeito melhor, né.

Por quê que é melhor assim?

G: Ah, eu num sei, porque é difícil, eu sempre falava tem essa casa, agora se pudesse tê outro do gosto da gente, sempre da primeira num sai do gosto que a gente qué, né.

Num sai, essa aqui não saiu do gosto?

R: Não.

G: Não, não saiu do gosto que a gente queria não, o terreno não é um terreno ruim, porque esse terreno é um, dois junto, se eu e Seu Euripe compra junto, conhece antes de vim pra cá, nós fazia um muro dupra, parede dupra de estrivada, ele fazia uma água pra ele, uma pra mim, mais sobrava um corredor, cabia um caminhão, num é verdade, fazia duas casa até lá na rua, área coberta, telha coberta. Num ficava coisa mais linda as casa? Aí ó, a minha foi feita na divisa do Seu Euripe, na divisa, tem esse corredorzinho aqui, então eu achava assim, que esses terreno a medida que era a gente fazê as duas casa gemiada, você num vê no Campos Elíseos, o terreno é tudo cinco por deiz, cinco por vinte, tudo gemiada as casa, né, e fica coisa bem caprichada, né. Então, procuro assim, talvez eu pense nisso sim, mas num é que ficou ruim não, tá ótimo, Deus me livre se a gente falá que tá ruim que é da gente, né.

R: Uma coisa que eu queria falá pro Ronaldo também, que nós foi enganado, Ronaldo, enganado assim, nós compramo terreno área mistra, é terreno comercial, né, nós pagô mais caro na época, os terreno residencial era noventa e nove, o nosso era cento e vinte e dois, nós continuô pagando mais caro até a última prestação, tem aqui, eu te mostro, só que nós comprô como aqui ía sê avenida, de fato que cê viu, a avenida interditaram lá embaixo, nós pagô nos terreno mais caro e a área de avenida mesmo foi tudo pra lá. Nós ficô aqui sem sabê o porquê que aconteceu, porquê que feiz isso, porque até hoje ninguém veio falá com nós nada disso.

Sobre?

R: Sobre nós pagá mais caro, que aqui ía sê avenida, ía sê uma área comercial, pra começá cê vê argum comércio aqui desse lado? Num tem, foi tudo de lá, e a avenida... inclusive quando começô a passá ônibus aqui, o ônibus subia a avenida lá, a principal ia sê lá. Aonde que tá a principal lá? Cê entendeu, isso aí a gente tem sentimento que a gente foi enganado.

G: Mais a avenida foi depois que foi, Ramila.

R: Eu acho que a gente foi enganado. Por quê? Se nós comprô o terreno, se eles... era pra sê aqui avenida, não deu certo, mudô pra lá, quê que eles tinha de obrigação de fazê com a gente, chamá a gente lá e explicá o que tava acontecendo. Num é que a gente tá falando que queria que devolvesse o dinheiro, que dismanchasse o negócio, nada disso, só que eles tinha que tê dado uma solução. Como eles deu a dica pra nós que ia sê aqui uma área com comercial, que aqui ia sê uma área comercial, que ia sê avenida lá e foi pra lá, eles podia tê

chamado a gente e falado “óh, a gente mudô de idéia”, né, não, eles só foram interditando a avenida ali que cê viu que parou, né, ali no Esquinão, eles interditou e num teve nehuma exprição até hoje.

Ninguém falou nada?

R: Ninguém falou nada, ninguém, ninguém, nós viemo no escuro sobre isso.

E a intenção de vocês era montar algum comércio, não?

R: Não, não era de montá, eu truxe uma área comércio pra cá, porque eu truxe gás, na época eu vendia gás aqui, cê entendeu, eu até truxe, eu vendia na época que nós veio pra cá, trinta, cinquenta butjão de gás pra trás porque o povo da chácara, a gente saía fazendo propaganda, saía falando “óh, eu vendo gás em tal lugar, assim, assim”, quando a chácara comprava nós, porque do bairro que morava perto comprava, mas num tinha morador pra comprá o gás. Aí, quê que aconteceu, um ano que eu tava aqui, nem isso, os fiscal veio aqui, chegô e falô pra mim, falô “óh, Ramila, cê tem trinta dia pra decidí, ou você fica com o gás e abre uma firma, ou você fecha, porque você não pode trabalhá clandestino”. Se eu vendia cinquenta butjão de gás, ia pagá cento e oitenta numa firma aberta, quê que era o meu lucro? Fechá. Foi o que eu fiz, só que eu queria uma exprição, porquê que eles fizeram isso com nós, vendeu área mistra pra nós, falando que aqui era e depois foi tudo pra lá e ninguém falô nada, como se diz, morreu, cabô. Não, né, é só isso que eu tenho a declará do bairro, a reclamação que eu tenho do bairro é isso, de eles tê feito isso com a gente.

Aí vocês tiveram que pará o comércio de gás?

R: Parei, parei, dentro de deiz dia, porque eles me deu uma... ele me deu, né, trinta dia. Ele falô “óh, daqui trinta dia nós volta, se a senhora tivé com o gás e tivé sem firma aberta, a senhora vai levá multa”. Aí eu liguei pro meu patrão que é o dono da Infragás e falei, né, e aí ele falô “Ramila, como que você vai abri uma firma se você não vende, cê num tem, cê num rebolsa esse dinheiro que cê vai pagá”. Ele falô “quê que cê acha?”, eu falei “acho, não vem buscá o gás”, “cê tem que mais é que fecha”. Fechei e a gente ficô parado, porque cê vê, que comércio desse lado num funciona, abriu aquela lojinha ali, já foi pra lá, porque aqui num tem movimento, o movimento que tem aqui é o dos morador.

G: No mais é difícil mesmo.

E como que era na época em que você vendia gás no bairro, você andou bastante no bairro?

G: É, no começo, vô dizê, só vendia pro povo da chácara, né, porque aqui num tinha ninguém ainda, né.

Conheceu bastante coisa por aqui no bairro?

G: É, conhecemo mais chácara.

Mais chácara?

G: Porque no bairro mesmo eu só conhecia os lote, num tinha gente. Mais é, sobre o que cê falô da avenida, Ramila tá falando da avenida, eu num fui atrás porque num compensa. A vez até melhor assim, né, vai sabê, né, mais que eu ainda vô vô, eu vô, que eu ainda num tenho a escritura disso aqui memo, né. Talvez a gente pode entrá pra tê um abatimento, né, na hora que eu fô registrá, eu vô atrás, porque esses terreno aqui mede oito e trinta por vinte e a avenida vem por fora da mata lá que aqueles terreno ali me disseram que é tudo deiz por vinte por o preço que eu paguei aqui.

Da onde?

G: Os terreno aqui da avenida aí principal, por fora, que ela vem beirando a mata, e esses terreno que é virado pra lá diz que é tudo deiz por vinte, foi o preço desse daqui, oito e trinta por vinte, qué dizê que tem uma diferença boa de metragem, né, e isso aí que eu precisava tê discutido, mais eu tô esperando chegá uma oportunidade, né.

Que oportunidade?

G: Oportunidade quando eu fô registrá a escritura...

Ainda falta escritura?

G: Farta escritura, nós num tem escritura não.

Habite-se tem?

R:...

Vocês mudaram bastante coisa depois que fizeram a planta aqui?

G: Não, não, num mudemo nada.

Retomando, quê que falta aqui, assim, pra você, Seu Geraldo? Você falava pra ficá melhor essa casa aqui. Você falou da geminada. E pra você?

R: Ah, eu acho pra mim a minha casa falta bastante coisa, falta o acabamento, né, a minha cozinha o pedreiro num foi bem no contra-piso, eu se eu lavo a cozinha a água vai tudo pro

quarto meu, né, então eu tenho que lavá a cozinha e puxá a água pra sala porque ela vai tudo pro quarto. E nós num aumentô nada a casa, foi a pranta mesmo da COHAB que nós feiz, a única coisa que nós feiz a mais aqui em casa foi a área, só a área.

A área aqui da frente?

R: É, mais a metragem da casa é a mesma metragem da pranta da COHAB.

Isso aqui também?

G: Só essa área mesmo, a laje.

A laje, tem uma laje, vocês vão construí em cima?

R: Não.

G: Não, só isso aí mesmo.

Deram alguma indicação no começo pra vocês como que tinha que sê o terreno, o quê que podia construir, o quê que não podia?

R: Tinha na pranta, né, na pranta que eu te falei que nós conseguimos antes deles liberá que foi o padrão nosso que pegô lá, a pranta constava que cê podia fazê daquele jeito, aí quê que nós feiz, eu aumentei, mais ficô o mesmo tamanho da pranta, só que eu diminuí na sala e no quarto e aumentei a cozinha, cê pode vê que o maior na minha casa é a cozinha, né, mas ficô o mesmo tamanho da pranta, eu diminuí os cômodo e pus na cozinha.

Por quê que você aumentou a cozinha e diminuiu os cômodos?

R: Ah, porque a cozinha, eu gosto... já é quente a cozinha, cê fazê uma pequenininha, uma caixinha de fósforo, num agüenta nem cozinhá dentro da cozinha de calor, né, então eu aumentei a cozinha pra tê mais ventilação, mais espaço, a família é grande, quando reúne a família que vem tudo de Minas pra comê na mesa, se a cozinha é pequenininha num cabe todo mundo em volta da mesa, né. Então foi a única coisa que nós aumentô foi a cozinha, mais a nossa intenção é de ficá desse jeito, só que precisa acabá, falta pintura, né, falta o reboque dos muro ainda, ainda falta bem coisa ainda, mais devagar nós chega lá, se Deus quisé.

E como seria a casa que você queria?

R: Não, a casa... eu gosto da minha casa, é só que pra cuidá dela ela é difícil, igual eu te falei, porque se você lava a cozinha a água vai pro quarto, do quarto a água num tem saída, do quarto, cê tem que rapá ela de volta, né, então eu acho que precisava melhorá o jeito da

casa, que num tem jeito, eu acho que num tem jeito da gente melhorá, então o quê que a gente pensa...

Mas como seria melhorá o jeito da casa?

Igual eu te falei pro cê, é se ela tivesse nevilada, que ela num tá nevilada, né, e eu tenho vontade se eu pudesse um dia comprá um terreno aqui mesmo do lado, que tem vários terreno, cê sabe que tem aqui na mesma rua, porque se for pra mode eu vendê daqui pra mim í lá pra segunda etapa, terceira etapa, eu num quero, que eu gosto daqui, né.

Por quê que cê gosta daqui?

R: Eu gosto daqui porque eu vi isso aqui de perto, nascê de perto, né, eu vi isso aqui nascê, crescê e amadurecê, tudo aqui, né, então eu vô saí de uma coisa que eu tô... me sinto bem. Eu só num sinto bem, igual eu te falei, com a casa, mais aí a mente da gente se pintasse um terreno que a gente pudesse construí, a gente fazia outra casa e pegava essa, vendia pra pagá o terreno, assim, melhorá, né.

E como seria essa outra casa?

R: Aí eu queria... podia sê igual essa, mais nivelada, o pedreiro bom porque tem que tê o pedreiro, o problema da casa tem que sê o pedreiro bom.

Vocês falaram que vem família de Minas?

R: Vem.

Vem sempre?

R: Vem sempre, quando vem, eles vêm de van, eles vêm na faixa de quatorze, dezesseis pessoa.

Nossa, e fica tudo aqui?

R: Fica tudo aqui, eles vai nas casa dos parente, mais comê, dormi, eles... principalmente os meus irmão, né. Eles vêm cá pra minha casa, eles gostam daqui porque aqui é a cara deles, cê sai ali fora, cê já tá vendo o mato.

G: Eles vêm do mato mesmo então aqui sente melhor. Mais aqui é uma área boa mesmo, né, ninguém pode recramá, né, cê num tá bem aqui dentro, cê sai ali fora, cê tem um ar gostoso, né. O povo de lá sente bem nos lugar assim, tem mais espaço, num é igual lá no centro, abafado, né.

Vocês falaram que vieram da onde mesmo?

R: Nova Resende.

Em Minas Gerais?

R: Minas Gerais.

Depois vieram pra Ribeirão...?

R: Ele veio pra Ribeirão, o meu marido, quando ele era rapaiz novo, ele tinha vinte ano, né, ele tem mais de vinte e cinco ano que ele tá aqui, e nós dois é primo, e a minha mãe é irmã da minha sogra, só que eu num conhecia ele quando ele veio pra cá, porque eu era criança quando ele veio, né, que ele é mais velho que eu deiz ano. Aí depois ele começô passá as férias dele na casa do vô, que é o meu vô, e muito pra lá e aí a gente se conheceu, namoramo uns deiz mês e casô, deiz mês só de namoro, a gente casô por causa da distância pra ele í, né. E aí eu vim pra cá em noventa e um, né, nós veio, eu fui morá no Simioni.

Simioni que vocês moravam?

R: Morava no Simioni.

Como que foi essa mudança pra você?

R: Ah, no Simioni eu num gostava muito, que até hoje eu num gosto muito do Simioni porque lá no Simioni é mais abafado, a gente sempre... porque nós sempre morô, assim, arejado, né. Aí do Simioni apertô muito porque o meu menino mais velho que tem deiz ano hoje, foi preciso de nós... pagava aluguel, foi preciso de nós í morá numa chácara lá no Peripau pra saí do aluguel pra gente construí. E graças essa chácara lá que eu tenho minha casa hoje, porque lá eu não pagava aluguel, eu tinha o meu salário e aí a gente... o salário meu que eu ganhava a gente depositava pra comprá um terreno, porque se eu num... se eu tivesse pagando aluguel, eu tinha que pagá aluguel e num tinha salário, né. E de lá nós pegô, foi preciso de eu voltá pra Ribeirão, um ano que nós tava lá porque o meu menino mais velho teve convulsão um dia lá dentro da banheira, só comigo, e lá não tinha socorro, tinha que sê a gente mesmo que se virasse porque era tudo caseiro, caseiro num podia ninguém socorrê um ao outro, né. Aí nós pegô, veio morá lá na Monteiro Lobato, na Vila Virgínia, num depósito de gáis. Lá no depósito de gáis melhorô mais, que eu ganhava mais e num pagava aluguel e tinha meu salário mais do que no rancho e meu marido trabalhava mais perto do serviço dele, né, porque lá do Peripau aqui é vinte quilômetro pra ele vim todo dia, porque ele ía trabalhá e de lá da Vila Virgínia do serviço era deiz minuto, ele tava no serviço, né. Aí de lá da Vila Virgínia a gente foi economizando e quando surgiu essa... esse terreno aqui foi do Palocci. Cê lembra do mandato do Palocci?

Sim.

R: Aí nós pegô, no dia da compra desse terreno foi uma confusão porque eu num podia deixá o depósito e o Gerardo num podia deixá o serviço, lá não podia fechá porque era na Monteiro Lobato, do lado do Sevegnago, era muito movimentado. Aí o Gerardo foi no serviço, picô o cartão, conversô com o chefe e foi pra lá pra fila. Chegô na fila era cinco e meia da manhã, o Gerardo conseguiu o terreno era deiz hora, a hora que ele conseguiu o terreno, e foi aquela compricação, que a irmã dele queria, o meu primo queria, e tinha que tê entrada do terreno, porque a entrada era na hora, cê tinha que tê a entrada porque cê não tivesse a entrada eles passava a tua área pra outro.

Era caro a entrada?

R: Não, era residência, noventa e nove, e área mista, igual nós comprô aqui, cento e vinte e dois.

E tinha muita gente que não tinha o dinheiro da entrada?

R: A maioria num tinha.

A maioria?

R: A maioria num tinha.

E como eles faziam?

R: Muitos foi pego de surpresa, né, que não sabia que tinha entrada, muita gente deu cheque, inclusive meu marido mesmo deu cheque pra irmã dele, pro meu primo, porque num tinha o dinheiro em mão, nós já tava orientado, nós ligô, porque quando nós ficô sabendo, nós ficô em cima do terreno, cê entendeu, nós ficô em cima porque nós queria tê o cantinho nosso, nós tinha dois filho, tinha que tê o lugar de mora, né. Aí foi... nós conseguiu pegá pro meu primo, pra minha cunhada que é irmã dele, inclusive era fundo aqui com nós, só que ela vendeu e tá na chácara hoje. Mais aí nós conseguimos, mais foi tudo aqui óh, sofrido mais sofrido mesmo pra nós conseguí, lá, né, porque lá, aquele solzão de rachá, dizie ele, e gente com criança na fila chorando, mulher grávida e foi aquele transtorno, né, mais graças a Deus, nós consegui e acho que todo mundo que tava lá conseguiu, conseguiu, mais não foi fácil não. Se a gente não tivé força de vontade, viu Ronaldo, a gente não consegue nada não, porque hoje cê batalha pelos filho, né. Cê ainda num tem, mais na hora que cê tivé cê vai vê. A gente, tudo que a gente faiz, a gente pensa nos filho, né, que nem no sonho nosso é pegá outro terreno, nós só num pegô aquele lá na

terceira etapa porque agora, no momento, ou nós compra um terreno e pára com tudo ou nós caba de construí, porque não tem condição, eu num trabalho, só ele, né, então foi aonde que nós desistiu de lá, mais eu tenho muita vontade e fé em Deus de conseguí um terreno aqui ainda pro meus filho. Porque nós têm dois, e a hora que nós morrê, eles vai brigá mesmo, né, um qué ficá, outro qué ficá, então vamos... se tem outro terreno, tá os dois amparado, tenho certeza que vai tá amparado, né. Cada um tem o seu, aí se vira pra levantá um barraco, levanta mesmo, né, mais tem que tê o terreno.

E vocês tava falando, é muito diferente da Vila Virgínia também?

R: É, muito diferente.

Quê que tem de, assim, de diferente?

R: Paiz, lá na Vila Virgínia nós num tinha paiz. Por que nós num tinha paiz? Porque lá tinha escorpião andando, assim, no quintal, cê via. E só de cê sabê que tinha demais eu num ficava sossegada porque eu tinha um menino de dois ano, que era o Roni, né, um dia eu acordei duas hora da manhã com escorpião aqui na minha perna andando. Aí foi pior, né, aí eu fui pegando trauma mesmo, né, então a gente num tinha sossego, todo mundo era bão, a gente tinha amizade igual a gente tinha aqui, mais num tinha paiz por causa do escorpião. Aqui eu nunca peguei um bicho, assim, bicho falá que é perigoso no quintal, nem ali no canteiro, nunca peguei. E a gente sente bem aqui porque é nosso, né, Ronaldo, aquela palavra, que é meu gruda no céu da boca, né, é meu, né, e se é da gente ninguém tira, né, porque aqui, óh, só Deus vai me tirá daqui, né, mais e quando cê tá no que é do outro, cê num dorme com a cabeça no travesseiro sossegado, cê sabe que no dia do amanhã a pessoa vai chegá “ôh fulano, eu vendi, cê tem que desocupá”, num é, então cê tem que tê seu canto. E aqui é um sonho nosso, desde quando nós pegô o mapa daqui, que nós veio vê, que na época o rapaiz que passava passando o terreno, mostrando o terreno pra nós, chamava Edvaldo, né, Lorival, o Lorival, nós conheceu esse terreno nosso aqui num mapa, que quando nós veio aqui no bairro num tinha loteamento ainda, era tudo terreno só, né, igual a cana ali, mais aí ele mostrô pelo mapa aonde que era, né, e tinha uma árvore de frente, assim, no nosso terreno, aí ele falô que era. E aí é que nós gostava porque já começô ali na sede, né, ali na sede, quando nós veio pra cá...

Quê que começou lá?

R: A inauguração dos terreno aqui foi uma festa muito boa lá, teve uma festa muito boa, o povo muito agradável, tratô a gente muito bem, sempre teve gente boa ali na sede, né. E lá no início quando nós veio pra cá, ali na sede era um casarão velho, sabe, num tinha mais nada, sabe, num tinha aquela escolinha que tem hoje, num tinha aquela escolinha mais pra baixo, que hoje tem aquela Sati Saite lá, tinha nada disso, era um cas... aonde que era a escola, do meio do campinho ali...

Como que era o nome da escola?

R: Sete Saite.

Sete Saite.

R: Num é? Sete Saite.

G: Nem sei o nome daquilo lá.

R: E aí quando nós veio pra cá a escolinha mesmo era um casarão velho, sabe, era um casarão velho e aí depois, logo que nós começô a... começaram a construção aqui, eles já foi levantando, porque as criança começô a estudá primeiro lá pra depois o Geralda Espin. Eu levei tanta sorte, Ronaldo, que o ano que o Roni começô na escola, inaugurô a escola Espin, a Geralda Espin, a escola aqui foi inaugurado o ano que meu filho começô a estudá.

Por quê, num tinha?

R: Num tinha, aqui no bairro num tinha.

E como que as mães faziam pra os filhos estudarem?

R: Tinha que levá lá em baixo, lá em baixo, se conseguisse vaga, né, porque quando nós veio pra cá a escola lá em baixo era só pras chácara.

Ah é?

R: Era só pras chácara, porque num tinha bairro aqui, né, então era só pro bairro, até as criança do Aeroporto também vinha pra cá. Quando nós comprô aqui num tinha asfalto, desde lá do posto de gasolina era uma estrada de chão, né, então nós pegô tudo isso, o Gerardo saía pra trabalhá naquelas estrada de chão, a estrada era ruim porque num tinha muito movimento, né, a estrada era péssima, e só foi asfaltá depois que nós veio pra cá, que asfaltô lá.

Depois que vocês já tavam morando aqui?

R: Tava aqui, morando aqui, nós tava morando aqui que asfalto lá.

E você Geraldo, o quê cê sentiu de diferente da Vila Virgínia ou lá do Simioni pra cá, pro Ribeirão Verde?

G: Ah, diferente é o sossego aqui, né, área mais livre, né.

Lá num tinha?

G: Ah, mais rua fechada igual lá no Simioni, né, lá na Vila Virgínia também num era ruim não, igual o que ela falô, ela reclamava porque era um lugar antigo, então escorpião, essas coisa, né, porque lá é uma avenida também, né, então era uma área mais aberta, né, mais igual esse lugar aqui num tem não, que é da gente, né, primeiro lugar que é da gente, segundo misto, uma área fresca, né, mais que ninguém fala que... todo mundo gosta dessa área aqui.

Todo mundo gosta?

G: Ah, gosta.

Tem alguém que você fala que não gosta?

G: Não, nunca vi ninguém falá, até muita gente que se pudesse comprá terreno aqui, que tenha a venda... num compra porque a situação tá difícil, né, gostaria de tê.

Ah é, quem que fala isso?

G: Ah, vários colega meu, né, esse Seu Adilson que mora aqui naquele dois cômodinho no fundo sem acabá também, o irmão dele se pudesse comprá.

Eles moram em outro lugar?

G: Mora, então é difícil, muita gente qué, mais as condição que num ajuda, né, é precária, mais se não, no mais...

Você tava falando lá da praça, né, você tava reclamando daquele morador lá da frente que num limpa nada, como que é, hein?

R: É, igual eu te falei pro cê...

Como que é? Me fala um pouquinho mais o quê vocês sentem sobre ele.

R: Não, eu acho que eles tinha que uni, igual eu te falei pro cê, se cada um limpa a sua porta, mantenha mais limpo pra todo mundo, né, o Gerardo limpa a frente nossa, o vizinho limpa a frente dele, mantém ali. Num pode limpá, tem argum problema, paga alguém pra limpá, né, Ronaldo, pra mantê mais limpo, né, porque, não, se a pessoa num cuida mais também num joga entulho nem nada, porque cê vê, as pessoa joga é resto de comida, é osso, é espinho, tudo quanto é entulho no canteiro. Ah, cê vê, a gente vê fazendo isso, a

gente fica triste porque a gente cuida com tanto amor na porta da gente, ele tinha que valorizá a porta dele. Cuidá, num tinha? Num cuida, pessoal não tem força de vontade igual a gente, assim, tem, qué vê o bairro subi, porque se você mora num lugar e cê gosta daquele lugar, cê qué vê ele produzindo mais, num é, não é indo pra pior.

Tem bastante gente aqui que cuida?

R: A maioria num cuida, a maioria num cuida, porque se cuidasse...

Quem que é que cuida?

R: Ah, que cuida aqui é pouco, uns quatro morador que cuida, que eu vejo que cuida, é. E outra coisa que eu queria te falá, Ronaldo, tem muito cachorro solto aqui, mais muito, cê passa direto, cê vê, né, cê levanta de manhã aqui, cê num pode pô o lixo no chão porque os cachorro devora os lixo da gente tudo. Cê tem que pô o lixo na lixeira e o horário quase que do lixo... do lixeiro passá porque se não os cachorro... porque tinha que vê tudo isso. Cê num acha que tinha? Essas cachorrada na rua? Abandonado, tudo doidinho de fome, as pessoa tinha que tomá consciência disso, né.

Quê que eles fazem com o lixo?

R: Rasga, rasga tudo pra achá comida, eles qué achá comida, aí eu acho que tinha que vê isso daí também, né.

E Seu Geraldo, você tinha falado que precisava de mais cuidado também, à tarde, num era? Me explica melhor o quê que é isso que o senhor tava falando.

G: Mais cuidado com o bairro, os bueiro, mantê limpo, sei lá, né, porque desse jeito aí...

Tá muito sujo?

G: Tá sujo, tem bueiro sem tampa, essas meio de rua, virando a rua, essa rua debaixo da esquina da Dona Maria, lá na frente tem no meio, sei se é registro de água, aquelas tampinha quadradinha cumprida ali.

Aonde você falou?

G: Ali na esquina da Dona Maria.

Da Dona Maria, ah tá.

G: Antes de chegá onde sobe do ônibus, dali faiz muito tempo que tem um buraco ali, que é aquela tampinha estreita, num sei se é registro d`água, o quê que é. Uma pessoa de idade, tá a noite, sozinho, num vê, tua visão é ruim, enfiá a perna aí vai quebrá.

E da onde que vem todo esse lixo, assim, que vai pra boca de lobo?

G: É, das rua, né, e que tá sujo, né, cê indo aqui pro grupo ali, tá fartando até a tampa, né, então pode caí um moleque de bicicleta, tudo isso aí tem que sê corrigido, né, mesmo, até muita coisa, é difícil, mais tem uma pessoa que vai tê que olhá isso aí e vê quem vai arrumá, quem que é o responsável, né.

Que mais que tem, você falou “muita coisa”?

G: Ah, essas boca de lobo tá tudo suja, então eu achava que tinha que sê limpo, tem que corriji essas tampa tudo.

Que mais que tem que corriji?

G: Ah, mais...

Sempre foi assim, as boca de lobo suja?

G: Ah, eles limparam, mais sempre tá suja, né.

Desde o começo do bairro?

G: O bairro foi crescendo foi aumentando mais, né.

Por quê que foi aumentando mais?

G: A população, vamos supô, vai aumentando mais, a sujeira vai aumentando também, né, e o que mais preocupa mesmo é esses lugar que num tem tampa, então a pessoa enfia um pé ali, quebra uma perna, alguma coisa, né. Agora sobre as boca de lobo sujo, o que vai acontecê é que muita chuva vai lotá, transbordá pras baixada, né, mais o... pelo menos, acidente num acontece.

Deixa eu falá uma coisa, você tava falando também das áreas verdes, né, que você ouviu falá lá da Cidade Limpa, como que era essa história aí?

G: Ah, você fala do Cidade Limpa?

É.

G: Ah, não, tem pessoas que fala assim “ah, num pode ficá limpando as frente não porque tem a Cidade Limpa pra limpá”, mais e...

Como assim? Por quê?

G: Ah, eles falavam que tirava serviço deles, né. Eu acho que tirá serviço cê limpá a frente da sua casa, cê num tá tirando serviço de ninguém, né, pelo menos eles passa, eles mexe com a terra só e fica na sombra pelo menos, né, esse calorzão do jeito que tá.

Que mais que eles falavam assim?

G: Não, isso é alguma pessoa que falava, então tem muita coisa seguinte, a gente faiz e... mais faiz sempre com aquele pensando “será que arguém vai enchê... vai querê falá qualque coisa, que num é serviço da gente fazê”. Porque hoje todo mundo faiz o que qué ,né, se você gosta de fazê, de carpi, limpá uma frente dum terreno, cê pode limpá, acho que isso aí ninguém vai proibi, vai acha é bão, né. Mais o resto, num tem mais nada pra reclamá não, que eu acho que o que tem que tomá atitude é quem é responsável por isso, né, igual a Cidade Limpa, Ribeirão pra Frente, essas coisa, assim, é tudo um... até pra dá serviço pro povo, se é pra mantê a Cidade Limpa, né. Enquanto eu tivé força, essas coisa, a minha frente eu vô cuidá, né, e também se alguém falá assim “óh, vamo juntá uma turma pra limpá a frente dos outro”, chamá também e eu tivé em casa disponível, eu vô também. Se eu tenho coragem, força de vontade suzinho de carpi, acho que uma turma de quatro, cinco, anima bem mais, né.

Cê acha que anima mais?

G: Nossa, sem dúvida, cê pega uma enxada, é um ou outro, quatro pessoa, qué dizê que o oito é bem grande, então a pessoa anima, né, com a turma unida, meu filho, nada vai pra trás, só tem que í pra frente. Suzinho cê faiz, mais é demorado, né, uma turminha unida. Coisa também pretende a partir da prefeitura, se vai tê gente suficiente pra mantê os lugar limpo, né, cê vê, o único lugar que é bem cuidadinho é só aquela rotatórinha lá, num é. Fica um home direto lá, num fica? Aquilo lá tá cuidadinho.

E no bairro, a prefeitura cuida?

G: Ah, hoje tá difícil, né, prefeitura tá terceirizando tudo.

R: Se a prefeitura cuidasse num tava esses bueiro tudo intupido, fidido aí, isso aí num é área da prefeitura? Eu acho assim, Ronaldo, que a prefeitura tinha que fazê o seguinte, num precisa um pouco mais do que um funcionário pra cuidá aonde, por exemplo, quem mora de frente pro canteiro, põe um funcionário pra cuidá daquele canteiro, num é verdade. Óh, se pô um funcionário pra cuidá daqui da esquina até na rua do Esquinão lá, um pra cuidá, mais pra falá “não, ele vai ficá ali só pra cuidá”, ele dá conta de cuidá, mais só que a maioria do povo hoje qué ganhá dinheiro, mais num qué trabalhá. E tem que trabalhá, se fô pra modo de... que nem, eu pego na enxada, se for pra mim carpi, eu carpo, só que eu tô com problema de saúde, eu num tô podendo pegá, mais se fô pra mim e o Gerardo, nós dois pegá da esquina ali, nós chega aqui, óh, num vai dois dia pra da esquina até aqui, nós

carpi tudo. Eu acho que tinha que tê... cadê o Ribeirão Pra Frente, cê num vê o Ribeirão Pra Frente, acho que Ribeirão tá indo é pra trás porque não num parece pra carpi.

O que vocês acham desse Ribeirão Pra Frente aqui no bairro?

R: Se eles colocasse pra trabalhá, pra carpi pelo menos as avenida era uma ótima idéia, uma boa... uma produção mais, mais só que eles fala que tem Ribeirão Pra Frente, mais cê anda aqui no bairro, pode andá no bairro inteirinho, cê num vê um funcionário trabalhando, tá fazendo uns três mês que eu num vejo, eu só vejo lá na rotatória, tem um senhor que cuida lá.

G: Não, mais tô dizendo, eles tão fazendo só pra lá só, e aqui não, e essa área aqui tá meio abandonada num tá, precisava sê bem cuidada. É que chegá lá eles vão chegá, demora mais chega, cê num viu o Simioni, quantos ano, né, muito demorado, né.

R: Porque se eu tivesse condição de trabalhá, o meu sonho era fechá esse quarteirão aqui óh, pegá lá em baixo, limpá a área nossa, o canteiro, desda esquina porque os morador daqui tudo é bão, morador tudo é bão, mais... daqui pra baixo a gente conhece tudo eles.

E daqui pra cima?

R: Eu num conheço tudo, num conheço tudo, daqui pra cima eu só conheço depois do Seu Euripe, dois vizinho, depois do Seu Euripe, que é só a Dona Joana e mais o Seu Cristódio, né.

G: A gente conhece todo mundo, mais num tem papo, conversá.

R: Num tem assim, num tem amizade de um í na casa do outro trocá idéia, conhece todo mundo, mais num tem aquela “ôh, fulano”, porque eu ainda tava conversando, hoje de manhã, a hora que eu fui levá o café pro Gerardo ali, Gerardo por quê que cê num pega você, o Seu Adílson, o Baltazar, o Mateus, que mora junto, e o Seu Euripe, pegá quatro home, ôh Ronaldo, da esquina até aqui num dá duas tarefa. Quê que é duas tarefa? Cê corta uma vara de seis braça e uma tarefa é doze vara quadrada, cê mede doze assim e doze assim, cê entendeu, num dá duas tarefa de lá até aqui. Que quando eu trabalhava na roça, eu e o meu pai tirava duas tarefa até uma hora da tarde, hoje eu num tenho essa estabilidade de fazê, né, mais eu acho serviço pra quatro home, até meio dia chega aqui óh, num podia carpi, mantê limpo. Se fala que é uma área de lazer, quê área de lazer que num tá cuidada? Agora fica difícil pra gente pegá a enxada, í lá e limpá a frente da casa do outro, né, e nem a gente ganha por isso, mais eu acho que tinha que tê um funcionário, ganhá por isso pra

cuidá. Porque é a coisa mais bom, cê saí na frente da sua casa, tá tudo limpinho, né, cuidá das árvore pra não deixá queimá essas árvore, esses tempo pra tráis, eu contei só árvore da esquina pra cá, eu contei, acho que tinha umas dezoito árvore até chegá nessas nossa, hoje cê num vê árvore mais, tá tudo perdida no meio do mato, tudo estourada que vaca quebrô, outras que puseram fogo e queimô, num recuperô mais, então tem tudo isso, né. Eu acho que eles precisava é vê mais essa parte, e outra coisa que eu queria te falá também, Ronaldo, eu sei que num é dessa área, mais que precisa muito é um posto de saúde, cê vai aqui no posto de saúde, cê só consegue uma consulta marcada, cê vai na urgência eles fala “não, tem que levá pro Simioni porque não tem vaga aqui”, cê vai lá no Simioni, cê fica cinco hora na fila esperando uma vaga. Eu acho que tinha que esse posto de saúde tê mais médico pra trabalhá ou eles trabalhá a noite inteira como Simioni, né, porque se tem uma criança com dor de garganta, com febre, cê vai aqui eles manda pro Simioni, eles leva, mais pra vim embora é dois ônibus, eu acho que tinha que tê mais a parte da saúde aqui pra nós, num tá muito bem esse posto, eles tinha que melhorá mais o atendimento aqui. Porque na política eles falô, o tempo inteiro, que vai melhorá a saúde, precisasse melhorá assim, na saúde quem tá doente ficá bão, aí melhorô a saúde, né, de uma pessoa que tá doente, melhorá, que eles fala que vai melhorá e nunca melhora.

Que mais que é melhorá a saúde pra você?

R: Atendimento melhor, sê atendido, cê tá doente, cê í no posto do teu bairro e sê atendido, que aqui é o que tá acontecendo, cê não é atendido, cê vai no bairro eles fala assim “não, aqui num tem mais agendamento, num tem como atendê, mais vai pro Simioni”, eles até leva, chama a ambulância e leva, mais num é o poblema de levá, o poblema é onde cê vai, óia distância que cê vai, né, eu acho que tinha que melhorá também isso daí. Posto fecha sexta-feira, às cinco horas da tarde, só vai abri na segunda. Se ocê fica, cê tem que ficá doente só de segunda a sexta, final de semana cê num pode ficá doente, porque se ficá doente cê tem que í pro pronto socorro do Simioni, né, então tá difícil.

E lá eles atendem direitinho?

R: Atendê, eles atende, porque lá eles é obrigado a atendê, se a gente vai do bairro pro outro eles atende porque... que nem a moça... outro dia eu fui lá levá meu menino, até foi o dia da eleição, com dor de ouvido, foi no domingo, chegô lá eles atendeu e muito bem, o postinho do Quintino, atendeu muito bem, mais a moça ainda falô pra mim “a senhora levô

sorte porque hoje num tem ninguém, é eleição e tudo num tem ninguém”, mais se tem muita gente eles atende a mesma coisa só que cê tem que ficá ali na fila esperando, né. Então é complicado, cê num pode ficá doente quarqué hora, tem que tê um horário pra ficá doente, ou cê tem que marcá uma consulta, cê vai ficá doente, cê tem que marcá consulta “olha, eu vô ficá doente”, faiz uma consulta, né, porque fica difícil.

Como que é a vida, assim, vocês freqüentam alguma religião, alguma coisa?

R: Freqüenta, nós freqüenta a igreja católica, inclusive o meu menino vai fazê a primeira comunhão domingo, de deiz ano, vai.

Como que é a comunidade lá...

... que ocêis que têm que í atrás pra ajudá nós, cêis que tem... nós têm que contá com ocêis, né.

Mas vocês começaram batalhando sempre antes da gente também.

R: Mais vocês têm mais força porque o serviço do cêis já é ajudando o bairro, né, já é melhora pro bairro, né, então tem mais força, cêis já, por exemplo, cêis faiz aí um monte de recrimação na cabeça, “ôh, fulano reclamô, ciclano reclamô”, vai tê tem mais força, né, mais pra nós, né, então a gente conta mesmo com a força do cêis. Mais vortando ao assunto da igreja, a gente tem que procurá Deus, viu Ronaldo, num adianta cê ficá de braço cruzado porque se cê não tivé fé mesmo e força de vontade, cê num consegue nada não, porque tá escrito na bíblia, né, Deus fala “faiz a sua parte que da minha eu ajudarei”, né. Porque cê num pode ficá esperando Deus vim ali fazê tudo na sua vida, né, cê tem que buscá, porque quando meu menino teve meningite, ele teve uma semana lá na Santa Lídi, a igreja entrô em oração, foi mais de duzentas pessoa, liguei lá em Minas, eles entrô na oração na sexta-feira, foi saí na segunda, ficaram direto em oração, e a oração é muito bom, né. Porque a gente tem mesmo Deus no coração, porque se num tivé já dava pra gente tê feito até besteira, porque a gente vê tanta coisa errada, né, Ronaldo.

E tem muitas religiões aqui no bairro?

R: Tem, tem muita, vixe!

Tem, muita?

R: Tem mais de deiz igreja nesse bairro.

Mais de dez?

R: Tem.

Tudo diferente?

R: Tudo diferente uma da outra, tem nome de igreja que eu num sei nem te falá o nome, só lendo lá na placa da igreja.

Quê que cê acha disso?

G: Ah, pra mim tudo bom, eu acho tudo bom, é, desde que num venha a ficá... eu acho errado as pessoa ficá em cima, falá da religião dos outro, uma porque Deus é um só, pra mim todas ela é boa. A pessoa pode sê crente, deventista, mórmon, o que for, desde que ele é feliz na igreja dele, eu sô na minha, eu acho que religião num tem negócio de discutí. Uma veiz a gente num dá muita atenção porque às veiz a gente num... pega uma coisa pra fazê e num é a minha, né, porque hoje tem o ditado, tem muita gente que leva as coisa pro lado errado, né, “ah, se ocê saí da católica e í pra minha religião, cê vai ficá mais junto de Deus”, eu fico pensando, pô, se desde que eu nasci, eu tô junto de Deus, então acho que num...

E tem, assim, muita gente diferente, assim, de religiões diferentes aqui no bairro?

R: Tem, tem.

E como é o relacionamento dessas pessoas diferentes?

R: A diferença tem é que eles é sempre melhor que nós, a religião deles é melhor do que a nossa, e eles põe a deles lá em cima e a nossa lá em baixo, é a diferença que tem, eu acho. Eu nem gosto muito de conversá com esses tipo de gente, nem dô muito conteto porque eles fala que a gente... se a gente num fô crente, que quando a gente morre que a gente vai pro inferno e que eles já tão garantido com Deus. Eu já acho que só de eles falá isso pra gente, eles tá pecando porque quem é eu pra falá assim “não, eu vô na igreja, amanhã eu vô pro céu”. Nada disso, quem sabe, quem tem a decisão é só Deus.

Acontece muito isso aqui no bairro?

R: Acontece.

Então é muito separado, as pessoas?

R: É, tem... não, os crente, eles é separado de nós, eles é separado.

Os crentes são separados?

R: É, é separado.

Cê sente isso?

R: Eu sinto não, é separado, porque eles chama a gente pra í na igreja deles, eu nunca desfiz, eu num vô mais eu num desfaço, mais só que a gente fala pra eles í na nossa, eles num vai, porque a nossa... nós é do mundo pra eles. Inclusive, eu só num vô citá o nome, mais tem uma crente aqui na nossa rua que falô pra mim que nós é do mundo, que a gente é do mundo porque a gente não é crente. E tem separação, eu tenho a minha cunha... eu tenho duas cunhada crente, uma é mórmon e a outra é da Congregação Cristã do Brasil, né. A mórmon num enche o saco, num empurra mais num puxa, só fala que a gente tem que fazê oração do jeito da gente. Já a outra já fala um pouco assim, mais eu num dô ouvido, né, eu tiro um pouco na cara dela assim, sabe, num dá muito ouvido, porque igual o Gerardo acabô de falá, Deus é um só.

G: Não, mais vamo falá um negócio agora, pra encerrá agora, eu vô falá, num é piada não, foi cunversado memo, então a gente tem que elogiá certas conversa que a gente escuta, gente que é estudado, gente de idade ainda, eu trabalho no Cemitério da Saudade já dezoito ano, né, então num dia de domingo eu tava sentado, já faiz tempo, um senhor já de idade, tal, o cara assim de alta classe, aí ele falô assim “eu posso ficá sentado aqui que eu vô esperá meu filho aqui?, tal”, eu falei pra ele “pode ficá sentado, fica à vontade”, até ofereci uma cadeira pra ele, pra ele num... ele sentô. Aí subiu um rapaiz bem arrumado com um livro embaixo do braço, né. “Pó tomá uma água ali?”, eu falei “pode”, ele vortô disse assim “vô atrapaiá a conversa do cêis”, “não, num atrapalha não, eu sô porteiro aqui, eu tô conversando com o senhor aqui, eu tem que te atendê você”, ele falô assim “não, eu queria sabê, qual que é a religião de vocês?”. E aí eu fiquei quieto, né, o velho falô assim... o velho falô tanta coisa, tal, depois ele falô assim “minha religião é o tronco”, o senhor falô pra ele.

Como?

G: É o tronco, o outro, o senhor de idade falô pro cara assim “a minha religião é o tronco”, aí ele falô assim “não, mais essa eu num conheço”, e tal, “cê me exprica pra mim qual que é essa religião”, que ele era de Jeová, esse cara. Aí o senhor falô pra ele assim “olha, a religião do tronco você sabe, num é que cê tá esquecido, é a católica, que ela é a primeira que eu conheci, qué dizê que ela é o tronco, as outra é gaio”. Falô pra ele, mais o velho falô tanta coisa, o velho é estudado, falô tanta coisa, ele disse assim óh, o rapaiz despediu numa alegria, ele disse assim “esse cara vai vortá de novo pra nós”, o senhor tava falando assim

lá no portão do cemitério, aí eu fiquei gravando aquilo na cabeça. Cê vê as pessoa que sabe conversá, fala tantas coisa que num ofende ninguém, né, que eu memo num esperava dessa, que a religião dele era o tronco, ele não falô católica, falô o tronco porque a deles é gaio, católica é a primeira, então num precisa explicá mais nada, dá pra entendê, num dá. E eu ainda fiquei o dia inteiro lá pensando “caramba, eu pensei que o rapaiz ia ficá nervoso, apelá, num apelo não. Óh, Ronaldo, acho que por hoje tá bão, né.

Tá bom? Então tá bom. Só pra terminá, só pra terminá, eu queria perguntá que eu num perguntei da Associação, como que é, como que tá hoje, cê falou que tava ruim no começo, né?

R: No começo tava ruim.

E como tá agora?

R: Pra mim tá bom, tá bom assim, porque cê vai lá tem atendimento bem, eu acho que tá bão, mais precisa melhorá mais, melhorá mais por quê? Porque a Associação que tem o presidente , num é isso, então o presidente tem que í atrás de coisa pra nós, né, é isso que eu acho.

Cêis têm participado da Associação?

R: Não, nós num participa não.

Por quê que não participa?

R: Ah, porque antigamente quando tinha reunião lá, essas coisa, era... eles vinha chamá a gente, avisava, dava... hoje num vê, quando fica sabendo já teve reunião, a gente só fica sabendo aqui quando tem festa porque eles passa com o carro anunciando, né, mais quando tem reunião, essas coisa assim, nós... mesmo eu nunca recebi um convite que tinha.

Quando tinha, como que era?

R: Ah, eles explicava que eles tava indo atrás e falava, tudo que eles falava era verdade, mais só nunca acontecia de coisa boa, né, porque sempre num teve mesmo aquele... porque o Ribeirão Verde melhorô mesmo de uns quatro ano pra cá, que melhorô bastante mesmo, né, que de primeiro as coisa era tudo devagar, mais tá bom, em vista do que tava já tá noventa e nove por cento de bom, né.

G: Vai melhorá mais.

Quê que o senhor acha da Associação, Seu Geraldo? Como que tava e como que tá hoje?

G: Ah, Associação pra mim eu num... pra eu principalmente tá bom, porque eu num entendo muito bem dessas coisa, eu num participei, participei uma vez numa reunião que teve no grupo aqui, que é dum policial lá que veio explicá sobre família, né, ele explicou lá o policial que, talvez e... num é o filho errado, é o pai ou é a mãe, né, que num dá atenção, num educa direito, ainda explicou se quem achá ruim é porque num educa direito. Então eu tive lá uma vez, lá que eu achei uma coisa boa porque orienta as pessoa, né, que eu acho que tendo reunião, uma vez em quando, igual da Associação mesmo, algum cara que num tá fazendo as coisa direito, ele corrige, né. Eu acho que, principalmente, o pessoal tem que uni, o pessoal do bairro, então tão unindo, agora tem que tê as pessoa pra olhá, né, pra olhá e puni. Se eu faço um negócio errado vai tê que sê punido, igual de mantê o terreno limpo, essas coisa, né, o principal mesmo é o que a prefeitura sempre fala, avisa, tudo, eles vão, os terreno limpo, vai sê multado, que paga mesmo, que vem no imposto, né, e cê pode vê, limpa, limpa, vai ali tá tudo sujo.

Continua sujo?

G: Ah, continua sujo, Ribeirão Verde mesmo, os terreno vazio tá tudo sujo, e nós aqui tá ótimo porque já vai cabando, né, tava vendo a casa aqui, só tem esse dois ali, tem o debaixo depois da casa do Jair, o cara já vai construí agora, já vai começá, disse que já vão murá esses dia, vai ficá só um no meio do Seu Adilson, a gente precisava era achá o dono, paga um pouquinho a gente limpa também, manti limpo, né.

Ninguém aluga caçamba pra tirá os entulho?

G: Ah, é poucos que põe caçamba.

Poucos?

G: A maior parte, o povão mesmo, ah, num preciso nem comentá isso, isso tá na... a população tudo vê, né, isso eu acho que é uma área que num preciso nem comentá, num é verdade.

Como que seria a solução disso daí, hein? Quê que o senhor acha que deveria ser feito?

G: Ah, aí Ronaldo, eu acho que tinha que vê qual que é o responsável de vê isso aí, a fiscalização, num sei como é que é, esse órgão aí, desse serviço, né, numa parte que essa aí, tem que tê a pessoa certa pra vê, né, puni e vê se as pessoa cuida, manti limpo, né.

Tá jóia então, qué falá mais alguma coisa.

R: Não, não, tá tudo certo.

Então tá, muito obrigado, eu vou tá transcrevendo, como eu já te falei, né, falei pra vocês e vou... depois eu retorno pra vocês tá, aí cêis podem fazer a correção que cêis quiserem ou acrescentar mais coisa ou tirá coisa, tá, e muito obrigado, vai ajudá muito a pesquisa do bairro aqui.

R: Ôh, num tá gravando não, né, Ronaldo, num quero que grava não.

Num qué que grava?

R: Não.

Tá bom, eu vou desligar. Por quê? É muito...

R: Não...

Quê que falaram?

G: Tem gente que fala assim “vai recramando de vaca pra quê, é até bom que elas dá esterco.

Pra que esse esterco?

G: Num sei, pra pôr no quintal.

R: Pra pôr nas pranta, o esterco é próprio pra pôr nas pranta, mais é igual eu te falei, se eu fosse presidente do bairro primeira coisa que eu ia vê é sobre essas criação que tá dando prejuízo nas pranta, segundo lugar...

Que criação?

R: As vaca, né, sobre as vaca. Segundo lugar, eu ia vê assim, tem uma pessoa própria pra cuidá pelo menos dos canteiro? Não, num tem, então vamo atrás, vamo vê se a gente consegue uma pessoa pra pô, quem vai pagá, se é a prefeitura ou quem que é que vai pagá, ou se é a Associação, num sei, pô uma pessoa porque num tem necessidade de cê colocá deiz, vinte funcionário pra trabalhá num canteiro, né, coloca então pelo meno, assim, cada canteiro, uma, duas pessoa, pra aquela pessoa sê responsável pra mantê limpo, né, Ronaldo, porque terreno vazio, sujo, é problema de quem tem o terreno, se levá murta, ele que vai pagá, mais um canteiro, quem que vai... canteiro num leva murta porque o canteiro é da prefeitura, então o que eu queria mesmo era o canteiro limpo. Limpo por quê? Pra evitá de bicho, fogo, porque se ocê limpa o canteiro, passa a máquina que nem eles já passaram várias veiz, vem neguinho aí, joga fogo, queima tudo as árvore. Se ocê tivé a pessoa que cuida, a pessoa direitinho que cuida, a pessoa vai cuidá, vai limpá e vai oiá e vai ciscá

aqueles mato, muntuá, ele pode até queimá o mato se num quisé que fica ali, mais ele tem o lugar adequado pra ele queimá, faiz as lera, igual a gente fazia lá em Minas, né, cê carpi, depois cê rastela, faiz aquelas lera, dá até pro cê prantá batata aonde cê queimô, nas lera, num vai queimá o canteiro inteiro, né. O que eu queria mesmo era que cuidasse, cuidasse melhor, uma coisa que é nossa, gente, né, num era bom se todo mundo cuidasse, todo mundo sentado na sua frente da sua casa vendo tudo limpinho, aquelas árvore tudo bonita, tudo cheirosa, no meio do limpinho. Quando cê tá muito sujo, cê toma um banho, cê... um alívio pro cê, num é, assim é as pranta, as pranta limpa, ela vévi melhor, é só isso que eu queria falá.

Que mais você faria se fosse presidente do bairro?

R: Eu ia consegui, eu num digo que ia consegui porque num depende só da gente, né, Ronaldo, mais que eu queria batalhá mesmo pra consegui é, igual eu te falei, posto de saúde funcionando, pelo menos os horário normal com toda pessoa, porque eu acho assim, o seguinte, cê tem gendamento numa consulta, tudo bem, tem gendamento, mais ele tem que deixá, pelo que eu sei, tem convênios médico que fala pra gente assim, cê tem que deixá pelo menos três vaga de cada médico, de cada gendamento dos médico pra urgência, né, porque se tá tudo lotado médico num pode atendê, mais tem que deixá as vaga pra atendê, é só isso.

Brigado.

Pode falá o quê que vocês tão achando dos Sem Terra.

R: Não, é igual eu te falei, né, é um bairro particular, num sô contra eles tão aqui, eu acho assim, que eles têm que tê o canto deles igual nós tem, só que eu acho que eles têm que batalhá mesmo, mais e cadê as pessoa responsável por eles, né. Porque eles tão aí, quanto tempo faiz, dá temporal eles tá aí, tem criança pequeno ali, num é justo eles vivê numa situação que eles tão ali se eles têm oportunidade de tê, então eles num devia de deixá eles na expectativa. Ou eles têm que dá uma esperança, falá pra eles “não, vai consegui, cêis vai consegui”, liberá ou falá “não vai liberá” e dá um lugar pra eles, adequado, próprio pra eles, num é. Porque aqui eles num vai ficá, porque pra começá eles num tá nem em terreno do Ribeirão Verde, ali é uma área da prefeitura, né, num é terreno ali, e como que eles vai ficá ali a vida inteira e nunca sai nada, cê num acha, então eles tinha que ou ganhá mesmo um lugarzinho, um pedaço pra eles e tê a vida deles, ou eles num ficá nesse jogo de empurra-

empurra, não vai ganhá, num vai, coitado fica aí, é sol, é chuva, eles enfrentando, porque num é justo, é muito duro a vida deles ali.

Cê falou que teve cadastro, como que é?

G: Eles num faiz um cadastro pra ficá assim?

Pra ficá aqui?

G: Isso, pra entrá no Sem Terra num tem que fazê um cadastro?

Não sei, cê já ouviu falá disso?

G: É, a pessoa tem que fazê um cadastro, a pessoa num entra ali de... eu num sei como funciona também, mais tem que fazê um cadastro.

Quê que o pessoal tem falado dos Sem Terras aqui no bairro?

G: Ah, eu num vi ninguém falá nada não.

R: Um homem falô pra mim, outro dia ali no ponto, muito bem deles, falô que eles é mais organizado do que o próprio morador do bairro, cê entendeu, porque eles não tem... eles têm uma norma ali dentro que eles não pode ficá com o som ligado mais de deiz hora, ele não pode perturbá ninguém, porque eles têm um chefe que manda neles, que vive ali no pé deles vinte e quatro horas sabendo de tudo da vida deles, então é muito duro, Ronaldo, cê tá num lugar que cê num manda, que cê num pode fazê o que cê sente, porque cê tá por mandá do outro. Cê acha que é justo isso? Os outro fala bem dele, e fala que num é justo eles ficá do jeito que tá, ou eles têm que dá um canto pra eles ou tem que tirá eles da área, porque a prefeitura deu essas casinha verde pra quem num tinha condição de comprá um terreno que é paga, hoje eu num sei quanto, mais na época a própria vizinha falô que era trinta reais por mês, né, então porque que a prefeitura num faiz um loteamento, num faiz umas casinha e dá pra eles conforme deu pros outro, por que os outro sim e eles não, cê entendeu. Porque eu num tenho nenhuma reclamação a falá deles porque eles nunca perturbô nós, a única preocupação é deles ficá aqui no bairro do jeito que ele está e sendo que eles podia tê o teto deles como qualqué um tem, porque eles num tem condição de pagá, faiz umas casinha igual tem essas verdinha, que pagaram mixaria por mês, né, eu acho isso.

Quê que o senhor acha dos Sem Terra aqui no Ribeirão Verde?

G: Ah, praticamente Sem Terra pra mim, num me perturbando, deixa pra lá, porque a gente num pode taxá nada, né, que num vai resorvê nada, ah eu acho... eles vão tê que tomá uma atitude disso aí, né, o outro... a gente vê, acontece muito essas coisa, né, esses dia mesmo a

gente tava assistindo televisão aí, lá pra aqueles sul de Minas, num sei aonde, morreram até gente, né, isso é uma coisa desagradável, tem criança no meio, essas coisa, né, mais o Brasil tá funcionando desse tipo, então, é difícil, a gente tem que lutá e tudo, mais nessa parte só opinião mesmo, num vai resorvê nada, né.

Então tá bom, obrigado.

Documento produzido de Rogério da Silva Alves

R: ... a fita tá errada, não?

Não, num tá não. Vinte e quatro de dezembro de dois mil e quatro, nós estamos aqui, véspera de natal, nós estamos aqui na beira do Rio Pardo, eu estou aqui com o Rogério...

COE.

COE, Rogério do quê?

Da Silva Alves.

Da Silva Alves.

Mais conhecido...

Mais conhecido como COE, e vai contá um pouquinho pra gente como foi a história dele desde os primórdios até ele chegá aqui no Ribeirão Verde, e como foi a vida dele até hoje aqui no Ribeirão Verde.

Bom, em princípio eu tinha...

Pó falá o que você tava falando lá pra mim.

A princípio quando eu tinha quatorze ano, vinha eu, o meu pai, os meus irmãos de bicicleta, eu morava no Jandaia, foi aí quando começô foi assim, né, pelas Palmeiras, pelo Ribeirão Verde foi começado aí, mais eu conheci o outro lado do Ribeirão Verde, vamos supor, a Fazenda da Barra já pela Vila Abranches, quando eu era bem mais novo ainda, meu pai me colocava na garupa da bicicleta e nisso ele atravessava a Vila Virgínia e ia lá pra Fazenda da Barra, ali, tudo. Mais nós saíamos ali do Jardim Jandaia e vinha... tinha... cê lembra que tinha três mangueiras lá no Ribeirão Verde, até que rancaram aquelas mangueira, tudo, lá em cima na segunda etapa. Então nós vínhamos ali buscá manga naquelas mangueira, meu pai tinha uma bicicleta de carga, eu tinha uma bicicleta barra circular, barra forte, nem lembro, eu e meus irmão juntava aquele monte de saco de manga e montava em cima da bicicleta e ia lá pro Jandaia de baixo de chuva, barro. Às vezes, foi poucas vezes que eu soltei pipa na minha vida, porque num tinha tempo, né, ia ajudá meu pai trabalhá, ia fazê alguma coisa junto com ele, quase num tinha tempo pra esse negócio de pipa, meus irmão já teve mais tempo, né. Então nós trazia as pipa, tudo, e aí as pipa acabava ficava aí, perdia a linha, tudo no meio do mato lá, né, trazia... dava preferência, trazia as manga. Uma vez

nóis fomo no meu tio, o meu tio tinha uma... uma lambreta, e a lambreta dele tinha uma carretinha... não, a carretinha era minha porque eu com quatorze ano, cara, eu vendia milho verde, eu tinha uma carretinha com roda de mobilete e eu vendia milho verde lá na Rua Javari com aquela Avenida João Goulart, entre o Geraldo de Correia de Carvalho e o Jardim Jandaia, e uma veiz nóis catamo essa carretinha, né, aí grudei a carretinha na... atrais da lambreta, aí meu tio foi pilotando a lambreta, meu pai atrais da lambreta e eu naquela rodinha que vai atrais, sentado no estepe da lambreta, atrais da lambreta tem o estepe, né. E aquele dia lá, cara, foi o maior barato, foi assim, os primeiro dia que fomo passá ali no Ribeirão Verde. Antigamente no Ribeirão Verde era tudo plantaçon de cana ali, né, tinha os engenho de pinga, tudo, era tudo canavial, mais mesmo assim nunca ia imaginá que ia fazê uma casa, né, em cima... Ribeirão Verde, que ia virá bairro, viu. Aí nóis fomo lá pra Fazenda da Barra buscá manga, só que de manga daquela veiz nóis num trouxe nada, né, que num tinha manga já, já tinha passado da época. E viemo, fomo... acabamo pescando lá, caiu da carretinha, trouxe até amendoim engastaiado, a carretinha tombô e eu lá atrais, cara, nossa, foi o maior barato, cara, e foi trazê, chegô em casa tava cheio de amendoim. Mais por isso, né, nóis fomo pescá, deixamo essa carretinha na beira da lagoa e tinha passando ali na beira da estrada, onde tinha aquela estradinha onde tem o campo do Calefe, né, ali no Ribeirão Verde, é um campo muito conhecido, a estrada que passa ali que sai na porteira da Fazenda da Barra, e passando lá tinha algumas oferenda lá, né, de santo, tal, tipo... eu acho que... pra mim era macumba aquilo lá, né, cheio de vela, tal, né, e nóis távamo lá passeando lá, resolvemo pará porque meu tio viu alguma coisa mexê no mato. Paramo ali, de repente, cara, um frango branco apareceu lá. Eu num sei, eu acho que alguém foi tentá fazê uma macumba com o frango, o frango foi mais esperto e escapuliu. E nóis cá pegamo esse frango e levamo embora pra casa, né, só que aí meu tio deixô nóis em casa com a carretinha e fomo... meu tio foi embora com esse frango, diz ele que comeu o frango, eu nem vi, né, mais nóis chegô em casa, tinha uma cobra, a cobra, aquelas jararaquinha, saiu de dentro da carretinha, minha mãe quase teve um treco, cara, nóis foi levá pro mato e trais as carretinha, né.

E cê tava falando que vocês compraram no início, foram dois lotes no Ribeirão Verde, me conta aqui como foi essa história no começo do Ribeirão Verde aqui.

É, no começo meu pai comprô um lote, né, na quadra oito, lote trinta e dois, da primeira etapa, a segunda etapa ainda num tinha lote pra vendê, eu lembro quando ele foi pagá a primeira parcela da primeira etapa já tinha feito a inauguração da segunda etapa, já tava pronto pra entregá, pra ven... qué dizê, tava querendo vendê os lotes, né, então num tava a venda ainda, então quando ele foi pagá a primeira parcela ele pegô e começô... conversô com a gente e falô assim “vô comprá outro lote, que lá tem um lote bom, diz que é de esquina, tudo”, e nós fomo vê esse lote e gostamo, e acabô comprando, né. E aí começamo a fazê a casa na primeira etapa e o lote da segunda ficô lá parado alguns dias lá, e eu lembro que eu trabalhava dia e noite pra ajudá eles lá, o pessoal em casa, comprei material de construção pra pode fazê, ajudá fazê. Lá no segundo lote, cara, lá na segunda etapa lá, então eu resolvi fazê uma casa lá pra mim, né, eu tava namorando, ah, pára... volta aí, acho que num vai dá certo... ah, eu num quero contá essa parte, acho que num tem graça.

Ah, se você não quisé contá você não conta, mas... cê tava contando que, quando cê tava construindo, você tava trabalhando no Parque Ribeirão Preto, era isso, cê ia de bicicleta, estudava no SENAI também, como que foi essa história?

É, na verdade eu morava no Parque Ribeirão Preto e trabalhava, né, já com construção civil, sou eletricitista, né, então eu trabalhava nessa área faiz tempo, e eu sempre tive facilidade de aprendê as coisa, até hoje numa construção civil eu sei fazê quase tudo. Eu já trabalhei de ajudante de tudo já, eu já trabalhei de ajudante de... quando eu comecei trabalhei de ajudante de eletricitista, ajudante de pintor, ajudante de gesseiro, ajudante de pedreiro, ajudante de calheiro, ajudante de marceneiro, de carpinteiro, eu já ajudei... de tudo isso eu tirei uma parte pra... tudo isso eu tirei um pouco, né, e tinha muita facilidade, né, de aprendê as coisa, hoje eu num tenho mais essa facilidade, eu num sei se o tempo, já passô bastante... muito tempo e eu num consigo mais aprendê com facilidade, né. Então foi aí que eu comecei a construí lá na segunda etapa, fiz uma casa lá na segunda etapa, meu pai morando lá na primeira, né, só que essa casa, eu comecei fazê ela logo que meu pai começô fazê a dele, e depois de um mês, mais ou menos, eu comecei a fazê essa casa. Então essa casa nós fazíamos assim, eu trabalhava e às vezes num recebia, então eu tive uma idéia, né. Chegava na construção o pessoal falava assim “mais eu num tenho dinheiro pra te pagá, cê faiz depois eu te pago”, mais às vezes eu num recebia, então eu ficava com pé atrais de fazê. Aí eu via um saco de cimento lá, “pessoal vamo fazê o seguinte, meu serviço vai custá

tanto, você vai pegá e vai me dá esse cimento em troca, faiz de conta que cê tá me pagando, vamo fazê uma troca”, “ah, tudo bem”. E aí isso foi viciando, cada veiz que eu encontrava alguém eu levava um pouco de tijolo, ferro, pedra, areia, e aí eu fui fazendo a casa. E depois de um certo tempo eu comecei a trabalhá ali no bairro mesmo, num tinha mais como saí do bairro, eu vi aquele bairro crescê, num tinha nem telefone. Eu lembro que tinha um telefone... dois telefone na primeira etapa, né, e o terceiro orelhão que tinha era na segunda etapa lá em cima e esse orelhão ele era um orelhão celular, ele num tem linha... num tinha linha porque ficava muito longe, num tinha quase nenhuma casa lá na segunda etapa, então tinha um orelhão celular. Eu lembro que todo mundo descobriram que o orelhão celular que tinha lá no Ribeirão Verde, ele... você conseguia falá de graça nele. Aí foi o caos, né, ninguém conseguia falá mais, ficava aquelas fila do pessoal ligando, Pernambuco, Alagoas, Bahia, lá pro norte... Minas, Goiás, Mato Grosso, e ficava aquela fila de gente. Você discava no orelhão, né, então você discava os primeiros número, depois você escutava uma gravação da CETERP na época, que falava “CETERP celular informa, não foi possível completar essa chamada, favor ligue informações”, tal, aí você ligava de novo, ligava de novo, aí o telefone dava linha, cara, aí, cara, tuuuuuu. Aí, íxe, todo mundo fazia a festa, né, foi indo até trocá o orelhão lá. O Ribeirão Verde no começo do bairro era bom, tinha um monte de cano estourado de água, tinha água, eu ficava nadando nas poça d’água, cara, a caixa d’água lá da segunda etapa, aquela grande que tem lá em cima lá, a água ficava vazando, cara, era o maior barato, a água ficava esguichando lá de cima, todo mundo ficava nadando, porque tinha tanta água e num tinha casa, né. E na hora que eu vi por mim assim o Ribeirão Verde já tava fechado de casa, parece que duma hora pra outra, na hora que o pessoal já tava quase acabando de pagá os terreno, né, acho que foi quarenta parcela, começô, duma hora pra outra assim, ó, enchê de casa. Ixe, foi uma coisa... aí eu fui me afastando do bairro, né, assim, num fui trabalhando mais no bairro, começô a vim concorrente de fora, né, vinha outros eletricitas de fora pra trabalhá, tudo, então fui me afastando. Mais eu conheço inúmeras pessoas, eu conheço o Seu Carlos, né, eu conheço o Seu Carlos, eu vi os primeiros bar que começô no Ribeirão Verde. O Seu Carlos foi o primeiro sobradinho que foi feito no Ribeirão Verde, a casa do Seu Carlos foi o primeiro. Eu lembro quando começô a fundação lá, primeiro sobrado, né, não a primeira casa. Mais o negócio bom pra caramba, morá no Ribeirão Verde é uma coisa... eu num tenho vontade de

mudá do Ribeirão Verde, mesmo tempo eu quero mudá, né, que eu quero mudá de vida, todo mundo acho que qué mudá de vida, né, mais se fosse pra mim não querê mudá de vida eu ficaria no Ribeirão Verde. Infelizmente cê tem que deixá as coisas boas pra conseguí algumas coisas melhores, né, às vezes cê tem que sacrificá algumas coisas se não você nunca... às vezes cê pode também pode tentá arriscá, às vezes perde, às vezes num dá certo, você volta no mesmo ponto, né, na verdade a gente anda em círculo, né, cara, num é a toa que a Terra é redonda, né, nós anda em círculo, cê pode vê que cê sai daqui, cê pode dá a volta no mundo inteiro, cê vai voltá no mesmo lugar, cara. Mesmo se você ficá rico, ficá pobre, ficá mais pobre ainda, ou ficá mais rico, sei lá, cê vai chegá no mesmo ponto.

Rogério, me conta um pouco mais o que você lembra da época do começo do Ribeirão Verde. Como que era a vida?

Era difícil, cara, a padaria mais perto cê tinha que í lá no Jardim Aeroporto buscá um pão pra comê. É, era brabo, no começo, no começo era difícil, depois foi saindo, né, as primeira padaria, tudo. Nossa, o ônibus era terrível, pra cê andá de ônibus no Ribeirão Verde... num existia ônibus primeiro, né. No Ribeirão Verde o ônibus era o ônibus Palmeiras, e eu lembro que tinha um motorista que fazia essa linha no horário que eu saía a noite e era quase todo o dia era esse motorista, o apelido dele era “gato”.

Saía à noite pra onde... de onde?

Saía do Ribeirão Verde pra passeá à noite porque no Ribeirão Verde num tinha nada, cê escutava só os grilo cantá, cê num ouvia... cê num tinha vizinho, era tipo um filme em 3D, né, pra onde cê olhava cê via estrela, cara, parecia Holywood, né, só tinha estrela só e astros, mais era... E quando eu pegava o ônibus Palmeira, pra chegá no centro era uma luta, o ônibus das Palmeiras ele passava pelo Ribeirão Verde, ele ia até aquela avenida do Mialich, voltava, ele num ia na segunda etapa, voltava por outra rua, subia uma rua, no terceiro quarteirão virava e descia de novo, ele ia até no Clube do Feirantes, fazia uma parada lá, você ficava de saco cheio de tanto esperá o ônibus até ele saí de lá, ele saía de lá, ele pegava a Rodovia Anhanguera e ia pro sentido do Quintino II, onde tem dois viaduto na Anhanguera, fazia o retorno aí no Quintino II, saía no Quintino I, do Quintino I ele passava ali na Hípica, Jardim Salgado Filho I, passava ali na Avenida Recife, no Jardim Aeroporto, daí ele passava por trais da FEAPAM, saía no Jardim Iara, ele descia lá em baixo no Jardim Iara, lá na beira da pista de novo na beira da Anhanguera, voltava tudo de novo, saía atrais

da FEAPAM ali, pegava a Avenida Brasil pra chegá no centro, mais eu acho que eu andava mais ou menos uma hora e meia dentro daquele ônibus, eu nunca marquei não, eu num sei se demorava tanto ou... num sei, veio, era um sofrimento. Uma vez eu... o Ribeirão Verde já teve quase bom, né, hoje tem muito roubo, né, qué dizê, dos bairro que tem tanto roubo hoje o Ribeirão Verde é um que tem pouco, mais todo lugar tem roubo, né, mais antes o Ribeirão Verde não existia roubo de jeito nenhum. Uma vez eu fui no orelhão à noite de bicicleta... que o Ribeirão Verde antes num tinha nenhuma violência, né, eu peguei a bicicleta uma vez, né, como eu tava falando, e fui no orelhão telefoná, num tinha nenhuma casa lá na época, num tinha nada, então subi na bicicleta, fui descendo a rua, descí, coloquei a bicicleta do lado do orelhão e fiquei telefonando. O que eu fiz? Fui embora pra casa, cheguei lá em casa minha mãe teve quase um treco, falô assim "ah, aconteceu alguma coisa com ele, cadê a bicicleta?", eu tava tão tranqüilo que a bicicleta ficô lá no orelhão, e fui a pé embora pra casa. Na hora que eu voltei lá a bicicleta tava lá ainda esperando eu lá pra pegá, então num tinha quem roubasse, essas coisa, se bem que hoje o Ribeirão Verde aconteceu poucos roubo, né. Depois de um tempo morando no Ribeirão Verde, às vezes depois que eu afastei um pouco do Ribeirão Verde, eu mudei de uma casa ali na João Vandrúsculo e fui morá na chácara na beira do Córrego das Palmeiras, uma chácara...

Por quê que cê mudou pra lá?

Ah, se eu for falá a verdade... eu acho que vai ficá ruim se eu for falá a verdade, vamo falá assim, eu mudei pra lá que eu gosto do mato, né, vamo falá mais assim, que eu gosto do mato por isso que eu mudei pra lá. E então eu mudei pra lá e vi aquilo ali um lugar muito triste, né, um lugar muito largado, eu acho que todo mundo quando larga um lugar, deixa ele abandonado, ele fica um lugar triste. Depois que você começa a limpá, carpi o lugar, começa a plantá algumas coisa, algumas plantas, o lugar toma uma vida, né, então lá tava muito triste, muito morto. Mudei pra lá, aí lá nós tivemos um... junto com o Welington, o Aranha, o Kami, o Ronaldo, tivemos a idéia, né, num sei de quem que foi a idéia de montá aquela ONG lá que... num sei, até hoje nunca funcionô direito, mais montamo, era uma ONG, trabalhava no viveiro de muda da Ibiré, e tivemo a idéia de fazê o reflorestamento da mata ciliar do Córrego das Palmeiras. Aí eu tive um interesse maior, como eu já tinha já algum interesse pela terra, parece que eu já era da terra porque eu sempre vivia no meio do mato, né, mais aí nós tivemo um interesse maior. Daqui um tempo atrais nós fomo pra

Serra da Canastra, tudo, isso aí foi aumentando o interesse de nós mesmo, né, até o Welington que num tinha nada a ver com natureza, era roqueiro, tudo, né, começô... a natureza começô, vamos supor, falá assim, atraí o que é dela, né, porque quem... todo mundo tem um pouco de natureza, mais tem algumas pessoas que gostam mais da natureza, então quem gosta da natureza se sente atraído pela natureza e a natureza atrai quem gosta da natureza. É, nós mudamos... eu mudei lá pra chácara, né, começamo a fazê as mudas, até as mudas lá do viveiro de muda foram... algumas foram plantadas lá no Ribeirão Verde, eu num sei cara, eu to perdido...

Como cê começou a gostá de natureza?

Num sei, eu sempre gostei da natureza, aí foi ficando mais forte porque eu fui vendo... é a mesma coisa quando você tá vendo alguma coisa nascê, você vê a planta nascê, você plantô aquela planta e viu ela nascê, e vê história de outras pessoas que plantaram e viram crescê, aí depois se você vê o neto falando assim “ah, foi o meu vô que plantô aquela árvore”, a árvore tem cem ano, é uma história, entendeu, então você vê por esse lado aí, que você vai gostando da natureza às vezes sem sabê. É uma coisa que num tem explicação, é que nem você apaixoná por uma pessoa, todo mundo fala que num tem explicação, né, quando cê fala que tá apaixonado pela pessoa, né, então é a mesma coisa, a natureza você começa a gostá dela sem sabê, num tem explicação você gostá dela, eu acho que o que é da natureza... nós somos naturais, então nós temos que se aproxima. Infelizmente tem pessoas que num tá nem aí pra ela, acha que “vô cortá essa árvore aqui, meu neto que se dane, meu filho que se dane”, então tem que... essa mentalidade, infelizmente são poucas pessoas que tem.

No Ribeirão Verde você já viu muito algum acontecimento desse tipo assim, de desrespeito?

Já.

Tem algum “causo” pra contá?

É, no Ribeirão Verde o pessoal direto põe fogo, né, nas mata aí, direto coloca, eu já fiz bastante minha parte de chamá o bombeiro pra apagá o fogo, já saí com espingarda atrais da molecada aí pra podê pará, mais infelizmente, como em todo o mundo inteiro, a parte social tá diretamente ligada a parte sócio... a parte ambiental, por isso que chama sócio-ambiental, né. Tá muito diretamente ligada, porque se a criança ela nasce vendo o pai dele

cortá uma árvore, se ele continuá vendo aquilo todo dia até ele crescê, ele num fala... “meu pai cortava árvore, eu também tô cortando”. Agora se ela vê o pai dela plantando uma árvore, ela vai aprendê a plantá uma árvore, entendeu, ela num vai aprendê cortá uma árvore. E tem outra coisa também, às vezes tem pessoas que... acontece muito aqui no Ribeirão Verde, às vezes ninguém fica sabendo, num denuncia, eles cortam muita lenha, aqui como tem muito Angico, eles cortam a lenha pra podê vendê, vende direto, cê pode vê que às vezes cê vê um caminhão de lenha saindo aí, é o pessoal fala assim “ah, mais essa árvore tá me estrovando, vai caí em cima da minha casa”. Em vez de chamá alguém especialista pra podê verificá, dá uma olhada na árvore, analisá pra vê se a árvore vai caí mesmo, não, eles já chega, o cara fala assim “óh, eu já corto e já limpo o local pro cê”, então vem o cara, que eles vão tê o lucro maior nessa parte, vão lá, derruba toda a árvore pro chão, pica ela, coloca em cima do caminhão e vai vendê. Então infelizmente, hoje as pessoas vê tudo pelo dinheiro, né, talvez até pela falta de serviço, de emprego no mercado, cê vê, eu já vi, eu já vi esse pessoal que corta árvore aí, ele vai com os filho, com os sobrinhos, molecada vai ajudá, já vai aprendendo a cortá a árvore, um negócio fora de sério. Então se eles nasce dentro disso... eles tenta sobrevivê, né, porque eles vão fazê o quê, eles vai... eles acha melhor cortá uma árvore do que roubá, se cê perguntá pra eles ele vai falá assim “óh, cê num pode cortá árvore”, vão falá assim “óh, pelo menos eu num tô roubando”, a resposta da maioria vai sê essa, né, que na verdade tá errado também o cara chegá e saí demolindo tudo que vê pela frente. O Ribeirão Verde existia um Angico atrais dumas casas ali na granja, o Angico acho que tinha mais de setenta ano, cara, era um Angico muito grande, enorme, até foi quando chamaram o bombeiro pra cortá. O bombeiro veio e podô a árvore dum jeito que a árvore num crescia mais, cortô tudo. O bombeiro, por sê o bombeiro, ele tinha que tê uma educação ambiental que num podia fazê aquilo, eu acho que o bombeiro também tava... tá muito despreparado, acho que todo mundo tá despreparado pra podê fazê as coisa. Eu acho que como tem... é obrigatório você tê aula de português, aula de matemática, aula de ciência, aula de geografia, história, no ensino médio, você tinha que tê também... seria obrigatório você tê algumas outras matérias, cara, como ... a ciência... eles dá uma aula de ciências pra criança falando que é bichinhos, mais não são bichinhos, cara, ele tem que aprendê que aquilo lá é uma vida, é um ser, um animal, cara, cê... eles ensina aquilo ali que é bichinho, então a criança aprende “aquilo é bichinho”,

índio comia então eu vô comê também, entendeu, mais num é assim, hoje tá escassa, animais, plantas. Eu acho que é o seguinte, o governo tem que tê mais autoridade, eu acho que ele não tem autoridade, na verdade ele fala que manda e num manda nada. Não, pêra aí, é cara, eles fala muita borracha.

Que mais que cê acha que precisava mudá na escola, que cê tava falando, pra que as pessoas tivessem...

Conscientização, deveria tê não só as aulas teóricas como existe, tê aula prática, né, como nós temos junto com vocês aí tentando levá as crianças, né, pra aula prática, plantá as árvores, fazê... fabricá as mudas. Vamos falá assim, fabricá as mudas, né, porque as mudas quando ela nasce na natureza ela é espontânea, o passarinho vai lá, cai a semente, tudo. Nós, indiretamente, fabricamos, nós coletamos a semente e industrializamos ela, né, mais na verdade o fim vai sê o mesmo, né, pra podê fazê o reflorestamento, mais se nós num fazemos isso, é... os passarinhos não vão dão conta de reflorestá como antigamente faziam, então... os passarinhos, os tatu, que contribuíam com isso. Infelizmente vamo tê que fazê isso, então nós tá precisando mais de ajuda na verdade, né, ajuda de pessoas maiores, que tenham mais dinheiro, num sei, cara, eu tô perdido. Não, pêra aí, volta aí, volta aí, volta aí.

Não, não, tá bom, eu só queria que cê contasse um pouquinho mais como que... o quê que foi mudando no Ribeirão Verde com o tempo assim? Tenta relembrá ano a ano, quê que cê chamou atenção na sua vida...

Acho que o Ribeirão Verde não podia nem existi, cara, pra falá a verdade, porque ele foi feito em cima da área de recarga do aquífero, né, Aquífero Guarani, mais um tempo as pessoas foram desrespeitando leis, projetos que existiam pela COHAB, então existia projetos e leis que não foram cumprida. Por ser uma área de recarga do aquífero não poderia os quintais sê totalmente construído. Hoje o Ribeirão Verde inteiro, cê olha cada terreno, eles são construído inteiro, cimentaram inteiro, num tem mais área pra fazê infiltração da água.

Tinha essa lei?

Tinha lei, cê tinha que deixá recuado cinco metros do terreno da frente da casa e você tinha que deixá, acho que, eu num tô lembrado se é quinze ou vinte por cento da área total do terreno, você tinha que deixá área livre, entendeu, num podia cimentá, num podia fazê

nada, asfaltá nada, você tinha que deixá aquela área livre pra podê fazê a infiltração do solo.

Como que você ficou sabendo disso?

Desde quando... todo mundo ficô sabendo, quem comprô o terreno na COHAB já ficô sab... já sabia disso, a COHAB mandô um papel dizendo que você não poderia construí, mais teve, eu não sei quem, mais teve uma lei votada na câmara, tal, um vereador que aprovô uma lei que poderia construí a área total, entendeu, aí desrespeitô. Então como é uma área de recarga do aquífero não poderia sê feito, mais foi feito, infelizmente. Agora não sabemos como voltá atrais, né.

Teve uma lei que permitiu que construísse no Ribeirão Verde?

Bom, eu não me lembro, assim, não me lembro diretamente quando foi votado, mais eu lembro que eu vi essa lei sim.

E o pessoal quando constrói as casas, eles deixam esses quinze por cento de área sem construção? Como que é aqui no Ribeirão Verde?

Bom, pelo menos lá em casa quase num tem concreto lá, pode vê que tem um monte de planta plantada no quintal, mais precisa fazê um levantamento, se você pegá o pessoal e fizé um levantamento você vai vê que mais de cinquenta por cento dos lotes do Ribeirão Verde eles foram totalmente construídos, então o solo ficô totalmente impermeável pelo concreto, né. E tem um outro problema muito sério no Ribeirão Verde, ninguém dá muita importância pra isso, que a maioria das casas, eu trabalhando, fazendo... eu já montei mais de setecentos padrão da CPFL aí no Ribeirão Verde, então eu tive um grande contato nas obras, sempre no começo das obras, o pessoal não deixô a galeria de água pluvial, que é a área de descarga de chuva, a chuva vai caí, vai entrá por essa galeria, né, a maioria das pessoas, ela deixam isso caí no esgoto, então a água pluvial caindo no esgoto ela leva as folhas que cai das plantas, ela leva alguma sujeira que tem no quintal, pêlo de cachorro, leva saco plástico e entope toda a galeria de água plu... a rede de esgoto, com isso a rede de esgoto hoje do Ribeirão Verde por sê pequena, uma rede pequena, uma tubulação só, ela não suporta o volume de água que tem, entendeu. Aí o quê que acontece? Você pode vê diretamente no Ribeirão Verde que cai o esgoto... como acontece em Ribeirão inteiro, né, as tampa de esgoto sobe, o esgoto entope e a água vaza pelo asfalto. A água vazando pelo asfalto, ela vai pelas guia, ela vai juntá com a água da chuva e vai caí na galeria de água

pluviais do DAERP, que elas são as grandes galerias que vão caí no Córrego das Palmeiras. Então o esgoto diretamente está poluindo o Córrego das Palmeiras, que por estar perto do Rio Pardo, o Córrego das Palmeiras está poluindo, antes da rede de tratamento de esgoto, todos os dia tá poluindo o Rio Pardo. Então num diana só você fazê um grande rede de tratamento de esgoto em Ribeirão, como tá sendo feito, se você também não tivê conscientização que não... também num diana você conscientizá a pessoa que num tem dinheiro pra podê comprá um tubo, cara, pra podê fazê a galeria de água pluvial. O governo, ele tem que dá o tubo também pra pessoa que num pode comprá, como dá cesta básica, dá alguma coisa pras pessoas que num pode comprá, ele também tem que, além de instruí as pessoas na parte social, ele também tem que instruí na parte ambiental, e também tem que dá o dinheiro. Que como que a pessoa, cara, num tem o que comê dentro de casa, ele vai colocá um tubo de água pluvial na casa dele? Ele vai ligá diretamente no esgoto, então tudo isso, tudo essa parte que acontece não só no Ribeirão Verde, no Brasil inteiro, às vezes no mundo inteiro. Brasil tem muito pouco saneamento básico, eu acho que nós precisamos mudá. Se o governo não mudá, nós mesmo vamo tê que mudá isso, cara.

Por quê que cê acha que no Ribeirão Verde, por exemplo, o que você tem visto as pessoas constroem e...

... primeiro que eu acho que os lotes do Ribeirão Verde são lotes pequenos, né, então a pessoa faiz uma casa, geralmente, e fica só um corredor, o corredor é um lugar de passagem, então se é um lugar de passagem, vamos supor que ele coloque um piso branco na casa dele, ele num vai querê deixá o quintal com terra porque ele vai sujá o piso, então cê sabe como é mulher, cara, vai virá aquela lambreca, ainda mais agora nessa época de chuva, então ele vai lá e mete um concreto no quintal, infelizmente, ele mete o concreto no quintal. Mais existe bairro em Ribeirão igual o Flamboyán, que foi construído depois do Ribeirão Verde, que tem uma mata grande igual o Ribeirão Verde, tem as tela pra podê cercá os animais pra eles num saí, ou vice-versa pras pessoas não entrarem e mal tratá a própria mata. Lá no Flamboyán tem alguma coisa a mais do que no Ribeirão Verde, o Flamboyán e o Parque dos Servidores, existe alguns tanques feito pelas máquinas, alguns bolsões de água, são alguns bolsões de água feito pelas máquinas porque essa água da galeria de água pluvial, lá ela escorre diretamente pra esses bolsões de água, e lá ela vai podê infiltrá na terra e voltá todo o reinício da absorção de água do Aquífero Guarani, né.

Infelizmente aqui no Ribeirão Verde não tem isso porque foi falta de planejamento, num sei, a terceira etapa também num vai tê isso, né, acho que não, os bolsões igual tem lá, né, num vai tê, mais se eles tivessem feito... porque demanda muito das construtoras que fazem, né, as construtoras que têm que desenvolver esses projeto, e o governo, mais uma vez, ele vai... ele tem que pegá no pé de construtora, pegá no pé desse pessoal porque se não vai construí, vai construí, vai fazê igual ao Alexandre Balbo, José Sampaio, Procópio, vai virá aquele monte de casinha, cê num vê nenhuma árvore lá. Cê vê São Paulo, São Paulo cê num vê árvore, cara, cê num vê, num sei.

Quando você tava construindo a sua casa, bom, já foram três, né, que cê falô, você seguiu alguma planta, vocês que fizeram, como que foi? Vocês projetaram?

As primeiras plantas, as primeiras casas, pegamos as primeiras plantas da prefeitura, né, essas últimas casa você pode vê que lá em casa eu cimentei o fundo e deixei já três canteiro sem... três canteiro pra fazê uma horta, então quase não teve cimento nessa área, então essa parte com certeza vai tê uma absorção de água pequena em vista dos meus vizinhos que são totalmente cimentados, né, piso. Mais o problema maior não é você seguí a risca, que nem eu falei, o projeto, execução, porque o projeto, se você pegá um projeto hoje dum arquiteto, ele num tá preocupado se você vai poluí, se você vai fazê alguma coisa em prol do solo, ele num tá nem aí, ele qué que cê constrói mais, que quanto mais você fazê no seu terreno, a planta vai sê por metro, ele vai cobrá por metro, cara, o arquiteto, engenheiro, ele vai cobrá a planta por metro, então se você fazê mais no seu terreno ele vai cobrá tudo isso aí, cara. Ele num vai... ele num tá te vendo a parte ambiental da coisa, se você vai plantá um limão, alguma coisa, ele já faiz um jardim pequenininho pra você plantá só meia dúzia de planta lá, aquelas florzinha, tudo. Se você falá assim “óh, quero plantá uma laranjeira, isso e isso e isso”, ele vai falá “ah, não, vai ficá feio, e tal, cê num faiz ali um quiosque, cê num faiz uma piscina naquela área ali”, é isso que ele vai querê fazê, infelizmente é assim. Desliga aí, depois eu falo.

Quê que cê... fala o quê que cê quisé aí. O quê que cê pensa dos lotes do Ribeirão Verde, você que construiu bastante casa?

Bom, são lotes pequenos porque, vamo imaginá, que quem construiu uma casa num lote inteiro lá forrô todo o quintal de lajota, cimento, o que for, pedra, o que for lá, de qualquer jeito ele feiz a impermeabilização do solo. Se ele tivesse mais um lote do lado da casa dele,

o que cê acha que ele faria? Vamos supor que ele tivesse dois lote, um lote ele fez a casa e fez ali. E o outro lote, o que ele faria? Vou contá um caso então.

Pode contá.

Vou contá uma caso, meu tio tem uma casa, a casa dele é inteira cimentada, é inteira com piso, quintal, tudo, casa acabada, pintada tudo a casa. Depois de um tempo ele juntô um dinheiro e comprô o terreno do lado da casa dele. Aí ele comprô o terreno do lado da casa dele, murô o terreno, então na frente da casa dele num tinha nenhuma árvore plantada, num tinha nenhuma, ele comprô o terreno do lado, murô, cimentô a outra calçada do outro terreno do vizinho que é dele agora, e num plantô mais nenhuma árvore. Aí, quê que ele fez? Lá no fundo ele fez uma área de churrasco, colocô lá os pilar, tudo, e fez uma área pequena, vamos supor, a área tinha sete e meio como é os terreno lá no Ribeirão Verde, por quatro... acho que é quatro metro, três e meio mais ou menos, acho que é três e meio, ele fez. Ele não ficô satisfeito com aquilo, rancô tudo o telhado e aumentô o telhado, ele já cubriu mais pra frente, já fez já sete por sete e meio. Ele tinha uma área que tinha uma horta, uma área verde, metade do terreno lá. Quê que ele fez com essa metade do terreno? Então era uma área verde, era uma horta, tinha infiltração da água, tudo. Como a área que ele puxô do fundo aumentô, o espaço de cimento que ele tinha pra frente onde ficava as cadeira, o pessoal da festa no sol diminuiu, então ele já cimentô mais um pedaço dessa horta. Então antes ele tinha o vizinho dele, um terreno de cento e cinqüenta metro de absorvição de água, agora ele tem quinze metro quadrado, acho, então eu acho que se o cara tem uma casa acabada, ele vai comprá um terreno, ele num tá satisfeito, o terreno é pequeno, ele vai pegá um terreno maior, ele vai cimentá tudo de novo, entendeu. Então, além de o cara tê um terreno maior pra ele podê fazê a casa dele sobrá espaço pra fazê uma horta, ele tem que tê uma con... conscientização que aquele espaço que ele tem é um espaço obrigatório, cara, aquilo ali, tem que... é obrigatório que num... num é só pra ele, uma nação inteira, é uma coisa muito grande, cara, ninguém pode descrevê o quê que é uma... o que é um aquíífero. Alguém consegue imaginá o que é um aquíífero? Consegue, na hora que num tivé mais água pra bebê todo mundo vai sabê o que é morrê de sede, o que é num tê água potável pra bebê, enquanto tem ninguém dá valor mesmo, entendeu, só vai dá valor depois que perde, todo mundo é assim, isso é do ser humano mesmo, cara, isso aí num vai mudá, ninguém vai conseguí mudá, cara, duma hora pra outra. O ser humano ele vai tê que nascê

aprendendo a sê diferente, vai tê que aprendê a sê diferente porque se não ele vai aprendê com os outro ali do lado dele e sempre vai tê só a minoria que vai sê aquela que vai tê conscientização, só a minoria, sempre vai sê assim, se não mudá, sempre a minoria. E a minoria é fraca e num vai dá conta de evitá toda a coisa que existe, tudo quanto existe, num adinata corrê atraís, óh, eu mesmo, cara, eu num vô deixá de comê, eu vô aqui pra ganhá o meu dinheiro pra mim comê a semana inteira, eu num vô deixá de comê pra podê fazê alguma coisa em prol da natureza, cara, num tem jeito, eu vô fazê o quê, eu vou deixá... eu vô ficá a semana inteira sem comê pra... esses dias eu tinha que trabalhá, eu num fui trabalhá porque eu tinha que fazê uns negócio pra natureza, eu vô ficá a semana inteira? Então é todo mundo é assim, é auto sobrevivência entendeu, é mesma coisa do leão, ele vai matá um pra comê porque ele tem que fazê isso. Eu acho, tem muita gente no mundo.

Tem muita gente que se mudô do Ribeirão Verde?

Eu acho que mudaram poucas pessoa, eu conheço muita gente que começô no bairro e ainda tá lá no bairro, foi poucas pessoas que mudaram no Ribeirão Verde, eu acho que as pessoas no começo achavam que o bairro era longe, né, só que depois que inventaram carro, moto, ônibus, bicicleta, nada é longe mais, né. Pra cê vê, né, Ribeirão tem quase um carro pra duas pessoa, qué dizê, um carro não, vamo falá, um veículo, moto, caminhão, carro, caminhonete, seria pra uma pessoa, tem trezentos e sessenta mil veículos rodando em Ribeirão. Ribeirão, cara, tem quinhentos mil habitante, por isso que o pessoal fala que o trânsito de Ribeirão é caótico, né, não consegue andá, imagina quanto emissão de gás poluente que tem em Ribeirão, já pensô se de uma hora pra outra num tivesse nenhuma árvore dessa pra filtrá esses gás carbônico, esses gases poluente aí, metanol, se num tivesse as árvore, cara, nós tava morando em São Paulo, não em Ribeirão Preto.

Essas poucas pessoas que você viu mudá do bairro, cê sabe o motivo que levou elas... que levaram elas a mudar do bairro? Cê tem alguma história, assim, pra contá?

Algumas pessoas que mudaram foram pessoas que vieram de longe e não se adaptaram, entendeu, eu falei por achar que o bairro era longe do centro, dificuldade. As pessoas que moram hoje no Ribeirão Verde e moraram em outros lugar, que nem eu morei, Parque Ribeirão Preto, Jandaia, Recreio Internacional, Vila Virgínia, num sei, morei no Quintino II, eu morei em vários lugar aqui em Ribeirão, eu num trocaria o Ribeirão Verde por esses lugares, mais que nem eu falei, eu tenho uma chacinha lá em São Sebastião do Paraíso, eu

trocaria o Ribeirão Verde por lá, trocaria por lá porque lá é... num tem asfalto, lá... lá em Minas quase num tem, vamos supor que aqui a área ocupacional... habitacional é muito grande, em Minas não, você tem um habitante por não sei quantos mil hectares de terra, então é um aqui outro lá na China, né, vô falá assim, é bem longe, né, muita nascente de água e lá... lá eu no mato, eu queria conseguí vivê do mato, vivê do mato, virá um eremita.

Mas qual que é a dificuldade de você não ir pra lá tão já?

Maior dificuldade de eu í tão já pra lá seria, assim, saí dum nada, qué dizê, saí duma vida... eu precisava se adaptá, como eu tô tentando se adaptá, convivê com pouco, contentá com pouco, entendeu, contentá com pouco, aí eu conseguiria vivê lá, e conseguí vivê sem dinheiro, essa é a maior dificuldade, fazê roupa de saco, essas coisa.

Quê que é difícil no Ribeirão Verde?

Eu acho que num tem nada difícil no Ribeirão Verde, num tem nada difícil, tudo que eu falei dos problemas que existe no bairro existe em quase todos os bairros, né, a vantagem nossa nós num tem enchente, já pensô se nós morasse na enchente, nós mora num tem dificuldade, você pega um ônibus, vai trabalhá, pega a moto, vai trabalhá, pega o carro, vai trabalhá, vai no centro, aqui tem quase tudo, supermercado grande, tem igreja pra querê rezá, tem tudo, acho que num tem nada difícil no Ribeirão Verde, pra mim num tem nada difícil.

Tem algum problema entre as vizinhanças, os moradores?

Tem os vizinho, meu vizinho tem os cachorro lá que late a noite inteira, ninguém guenta, e eles num desconfia, cara, é foda, num desconfia de jeito nenhum, aí cê já vê por aí que as pessoas num tem uma educação com ele mesmo, tem que respeitá os vizinho, já pensô cê tá dormindo, uma hora da manhã, o cachorro à noite inteira latindo. Meu cachorro pelo menos num late, se ele latí eu sento o pau nele. De veiz em quando tem uns bêbado caído na rua, é mais problema com vizinho assim num tem, graças a Deus num tem. Precisa falá sobre o Ribeirão Verde, pensá sobre o Ribeirão Verde...

Você falou que nós conseguiríamos fazê o Ribeirão Verde um bairro diferente.

Diferente em quê e como?

Já fala o nome, Ribeirão Verde, né, nós tinha que fazê o Ribeirão ficá verde, diferenciá de todos os bairro.

Que ele não tá verde ainda?

Não tá totalmente verde, tá meio amarelado, tá com cara de banana podre.

Por quê que ele tá assim?

Então, como eu falei, nós precisamos continuar o nosso projeto de educação ambiental, num pode pará, nós já parô, cara, nós tá devagar, tem que continuá, nós precisa corrê mais atrais, mais, í atrais da escola, cara, cada dia pegá sala de aula aí e plantá árvore, plantá árvore, o teatro, isso aí, cara, tem que corrê, num pode pará. Tá difícil, tá difícil, todo mundo precisa trabalhá, todo mundo precisa comê, todo mundo precisa fazê um monte de coisa, mais nós precisa arrumá tempo pra fazê isso. Imagine só, hoje, você começô com projeto de educação ambiental, hoje no Ribeirão Verde, um projeto que vai alavancá mesmo, entendeu, que cê vai enfiá o pé, falá assim “oh, daqui a deiz ano num arreda o pé desse Ribeirão Verde”, fala assim “eu vô do jeito que for, eu vô fazê”, imagine que cê vai tirá deiz ano da sua vida, cara, pra investi como o pessoal faiz, vai, pra ONU, que vai lá em missão de paz pro Haiti, Camboja, pra aqueles lado, os cara tira a vida pra podê fazê isso aí. Imagina você tirá deiz ano de sua vida, né, pra fazê um projeto, imagina as criancinha hoje que tem sete ano e você tá com esse projeto deiz ano convivendo com eles, daqui deiz ano eles vai tê dezessete ano, eles vai tá aí querendo já entrá na faculdade. Quê que cê acha, cê acha que vai mudá alguma coisa ou cê acha que vai ficá na mesma? Num sei, vai mudá muito, cara, vixe, cê vai conseguí fazê muita coisa. Agora se ficá assim, óh, cê vai lá, uma temporada cê vai lá, pega umas criancinha lá só pra fazê que nem político, né, vai lá, só dá uma lambida lá só pra falá que feiz alguma coisa. Mais num pode fazê isso, tem que... tem que pô o projeto até o fim, ou vai ou racha. Tão precisando de alguém, cara, assim que nem a Engindus, né, que colabora um pouco com isso, precisa de algumas empresas que ajuda colaborá, cara, com esse projeto porque só a gente num tem jeito, né, nós precisa comê, precisa pagá conta, nós tamo precisando de empresas que ajudá a gente, cara, ajudá mesmo, ajudá de coração, cara, ajudá pra nós... Eu, cara, se eu ganhasse quinhentos real por mês só pra mim ficá atrais disso aí, ixé, tava bom demais, mais se eu ficá atrais disso aí eu num como, eu preciso trabalhá, eu trabalho pra ganhá seiscentos real por mês, eu trabalho o dia inteiro, eu saio de casa seis e meia, sete hora da manhã, volto seis e meia, sete hora da noite, entendeu, então num tenho tempo pra isso. De sábado, domingo, eu tava indo pra São Sebastião do Paraíso lá, saí daqui, ia daqui lá debaixo de chuva, sentava tijolo, sabe, eu fiquei um mês sem í lá, fiquei um mês, então eu fiquei quatro final de semana

sem í, economizei todo esse final de semana, então esse dinheiro que eu deixei de gastá indo lá, eu juntei e dei entrada na laje pra mim colocá lá se não eu não conseguia comprá a laje. Agora, nós precisamos, cara, o Ribeirão Verde, nós precisamos mais de educação, cara, pra fazê um bairro diferente, educação sócio-ambiental, é isso aí que nós precisa, falando isso é a base de tudo, é a base de tudo, cara. Se você tem educação sócio-ambiental nas escola você num vai tê criança jogando lixo na rua, aí cê num vai precisa do Cidade Limpa pra í limpá a rua, então o governo vai gastá menos, ele pode colocá o Cidade Limpa pra podê monitorá as criança, entendeu, então qué dizê que num vai falta emprego porque fazê uns curso de capacitação, qualquer um pode tê um curso de capacitação, qualquer um, num precisa tê estudo, se ele fazê um curso ele vai tê a capacidade pra podê fazê aquilo, entendeu, virá um monitor, alguma coisa. Porque cê vai na Bahia, nesses lugar, cê vê aqueles molequinho, cara, falando, falando sobre os fortes, falando sobre os museu, sobre as igrejas, os molequinho num tem... eles nem na escola eles num vai lá porque tá trabalhando pra ajudá a família, mais eles sabe porque eles teve um conhecimento, entendeu. Porque é a capacitação, se você capacitá uma pessoa pra fazê qualqué coisa você tem mais emprego, se você vai tirá a pessoa pra fazê um serviço bruto, pesado, e vai dá um serviço mais leve, serviço educativo, né, que isso é bom pra todo mundo, pessoa que consegue fazê... transmití alguma coisa pra outra ela se sente aliviada, eu acho que todo mundo se sente aliviado quando conta alguma coisa pra outra, num sei.

Na sua opinião, cê falou muito em educação sócio-ambiental, o que seria uma educação sócio-ambiental pra você? Como seria?

Educação sócio... social seria ensiná as pessoa a convivê com o pouco que ela tem, seria o social, a pessoa conseguí... vamo falá assim “ah, mais eu num tenho o que comê”, né, ah, tem, ela tem uma melancia, a pessoa come a melancia e joga a casca fora, se você ensiná ela comê a casca ela vai tê duas coisa pra comê, num vai tê uma coisa só, entendeu. Então a parte, pra mim, social é você ensiná a criança... porque num adianta você querê ensiná o adulto, cara, ensiná adulto é difícil, é complicado, você tem que ensiná a criança, por isso que eu sempre falo em criança, porque o adulto, depois que ele aprendeu alguma coisa, não é que num vai aprendê de novo, é mais difícil você ensiná ele, então você ensinando a criança é muito mais fácil lidando com criança, porque a criança será o futuro, ou seja, os velhos. A parte social seria você ensiná a criança a num jogá aquela coisa fora que aquilo

ali dá pra fazê uma mesa, dá pra fazê um criado-mudo, dá pra trabalhá em cima no artesanato, em cima daquilo ali ela vai aprendê que o caminho dela num é usá droga, num é ficá com mau companhia, que a criança ela tem que tê essa base, ela num pode logo cedo começá aprendê as coisa errada. Que às vezes ela vê em casa faltando as coisa pra comê, as coisa pra vestí, tudo, ela vai querê pro caminho mais fácil, vem... infelizmente tem traficante, tem pessoas que qué levá as criança, né, porque como eles são impune pra podê fazê malandragem, né. Então se você tem uma educação social, que tá ligadamente ligado com o ambiental, você vai mudá o futuro, mudá o futuro que é tudo. A criança ela... se ela nasce numa favela, ela vê o esgoto caindo, se aquele esgoto num for tampado, ela vai lá pisá no esgoto naquela água, entendeu, vai tê mais medicamentos, remédio, vai tê problema sério, o governo vai gastá mais com aquilo ali, se a criança pegô... aprende na escola que ela pode tampá aquele esgoto, pode pegá um bambu, fazê um cano, às vezes num tem dinheiro pra fazê, faiz um encanamento com bambu, então ela pode aprendê a fazê alguma coisa, entendeu. Isso ela mostrando pros pais dela que ela tá fazendo aquilo, os pai vão olhá aquilo “mais onde que eles aprenderam aquilo?”, e vai começá a aprendê com as criança, vai se interessá. Você pode fazê alguns curso pra adulto porque os curso pras criança os adulto eles vão vendo aquilo, eles vão se interessá, eles vão lá querê vê o que tá acontecendo, o que eles tão aprendendo, vai acabá interessando fazê. Na verdade você precisa, pra você juntá os outro você precisa fazê uma grande amizade entre eles, quando eles todos virarem amigo você conseguirá trazê eles pra perto de você. Você tem que conquistá os adulto porque as criança com qualqué balinha você consegue conquistá elas, né, agora o adulto não. E se nós conseguimos diretamente, como existe reciclagem, Rio de Janeiro, né, eu vejo vários projeto de pessoas famosas que tem, eles pegam retalhos de calças jeans, roupas jeans e fazem cada coisa bacana, cara, roupas, fabricam roupas, né, isso tudo dá pra sê usado. Então se nós conseguimos fazê a parte social que é educá, social seria, principalmente, educá as crianças, a reciclá os lixo pra fazê essas coisa, você já tá junto com a parte ambiental, porque se ela num tá jogando lixo na rua o lixo não tá indo pra galeria de esgoto, num tá entupindo, o lixo num tá indo pro rio, o lixo num tá cobrindo uma semente na beira do rio, o plástico às vezes cobre uma semente, aquela semente ela podia nascê, ela tá sufocada, né, aí...

Como que você conquistaria um adulto aqui no Ribeirão Verde?

Chamá ele pra tomá uma cachaça, ah, eu acho que pra conquistá o adulto, primeiro nós temo que fazê com que ele se una a família dele, que num é... porque num adianta o adulto... se ele tivé desligado da família ele num consegue í nesses lugar bacana, se ele tivé ligado... diretamente ligado com a família eu acho que aí ele consegue. Às vezes o cara é meio separado da mulher, tudo, né, fica lá no boteco tomando umas cachaça, a muié fica lá, mais eu acho que a família quando ela tá junto, né, eu acho que aí o cara... Vamo... passeio ecológico, ué, vamo fazê o passeio ecológico, vamo distribuí algumas coisa, vamo começá as ... ué, nós precisa de tempo, né, pra pensá, numa hora pra outra é difícil, né, cê pegô eu de surpresa, perguntá como conquistá um adulto é...

Como que cê faiz amizade aqui no Ribeirão Verde, como que as pessoa começaram a se encontrá, se... no seu caso como que foi?

Mais no meu caso foi mais por serviços, né, como eu ia fazê o serviço dentro da casa da pessoa, automaticamente a pessoa tinha que confiá em mim porque eu tava dentro da casa dela, e foi gerando... Eu tava trabalhando na Capacitec, cara, eu cansei de levá muda de maracujá pros outro, pimenta, então eu ia fazê um serviço, eu via o cara plantando lá, tal, eu falava assim “eu tenho umas muda de maracujá”, “ah, cê tem?”, ah, eu levava muda de maracujá, cara, falava sobre as planta, falava sobre como plantá aquela muda, ele falava assim “eu planto num nasce”, “você tem que fazê assim, assim”, explicava pra ele, “ah, mais você entende, por que você tá trabalhando aí com isso?”, “ah, mais num tem outro jeito, eu vivo disso, se eu num trabalhá disso eu vô vivê do quê?”, entendeu. Então acho que cê... pra você conquistá um adulto cê precisa de oportunidade, ele vai tê que dá oportunidade pra você conquistá ele, e você vai tê que analisá, pra você sabê quem é as pessoas, com o longo do tempo, você vai tê que analisá as pessoas. Euziard Boufier, cê tem que sabê no fundo, no fundo, cê tem que analisá. Então você vai um dia na casa, marca numa reunião, óh, uma, duas, três, deiz pessoa aqui, nós vai fazê alguma coisa ali, vai tê uma festinha, vamo lá, aí no meio dessa festa você começa a comunicação. Na verdade pra você conquistá cê num pode í uma veiz só, se você for uma veiz e largá ele de lado ele vai achá que você num... que ele num serviu pra nada, você só queria usá ele. Então você vai tê que í lá, vai tê que cativá ele e vai tê que sabê do... aprendê o que ele gosta, e através daquilo que ele gosta você ensiná ele a gostá da natureza, ensiná ele gostá duma planta, duma árvore. Porque, às vezes, a pessoa acha preferível plantá flor do que plantá uma

árvore, então você vai tê que compartilhá, você num vai podê magoá ela falando que a flor dela é feia, cê vai tê que falá pra ela que a planta e a flor vai ficá bonito junto, aí você vai ganhá ela, se você falá “porque ó, ranca essa planta, essa flor aí, vamo enchê de árvore” ela vai se senti magoada, né. Então cê vai tê que sê um pouco de filósofo, fazê uma filosofia do negócio, se você não fazê uma filo... filosofia, vai sê difícil, você vai tê que estudá a pessoa, cê vai tê que ganhá a pessoa na conversa e vê o que ela precisa.

Como assim, o que ela precisa?

Num sei, as pessoas necessitam de várias coisas, as pessoas são muito carente, né, eu acho que as pessoas, a maioria das pessoas mais antigas, os idosos, ela começa a afastá das pessoas, das pessoas mais novas e fica isolada, ela se sente isolada e fica cada vez... porque quem fica isolado cada vez mais vai se distanciando. Eu conheço um senhor...

Conta um pouco a história dele.

Ele era dentista e morava em Santo André, São Paulo, então ele aposentô e num conseguia mais vivê em cidade grande...

Ele... ele toma remédio pra amnésia, né, até eu tô ficando já meio amnésico, esquecido das coisa. É, então, eu falo no caso dele, saiu da cidade grande pra vim aqui pro Ribeirão Verde, né, pras Palmeiras, um lugar... o clima de paz, tranqüilidade, que... um lugar muito agradável, né, o Ribeirão Verde. Ribeirão Preto... poucas lugares que eu vi desse jeito, todos lugar que tem em Ribeirão, Parque Curupira, Tom Jobim, eles fizeram da selva, cidade, né, eu vou falá assim, asfaltaram lá dentro, né, então aqui no Ribeirão Verde, não, óh aqui, cê tá na beira do Rio Pardo, apesar de tê algumas construções, mais ainda é o lugar mais fresco que tem aqui, cê viu, lugar fresco pra caramba aqui. Eu tô ficando tonto, ah assim, num sei, deixa eu pensá.

Cê tava falando do senhor que veio morá aqui no bairro das Palmeiras pra fugí da cidade, que ele tinha amnésia...

Então, aquele ali, é que nem eu falei, negócio de idade, né, e toda vez que eu vou lá e ele tá triste, aí eu falo “ôh, senhor Artur, por que tá triste, né?”, ele “ãh, não, num é nada não”, “ah, outro dia...”, “ah, seu Artur, cê tá triste?”, “ãh, num é nada não”. Aí um dia eu perguntei pra ele, e aí acho que ele falou assim “esse cara tá me perguntando demais, eu vou falá pra ele que ele tá me enchendo o saco já”. Falô assim “óh, sabe o que é, eu vim pra cá, o tempo passa, né, meus amigos, num vejo mais eles, eu fico sozinho aqui, eu fico aqui,

eu tenho amnésia, eu tenho que ficá andando com bilhetezinho no bolso, eu esqueço as coisa, as pessoa me fala eu esqueço, meus amigo num me liga mais, por isso que eu fico assim, eu fico sozinho, né, a minha mulher vai passeá, vai fazê compra, eu fico aqui. Aí ele falou assim “cê sabe de uma coisa, eu acho que eu acho bem ficá aqui sozinho, me sinto bem”. Mais na verdade ele num se sente bem, ele precisa de alguém que vai lá e conversa com ele, então eu acho que também todo mundo deveria fazê um grupo aí, tirá um final de semana por mês aí, fazê um mutirão, escolhê uma pessoa, ligá, fala assim “óh, final de semana nós vai na sua casa, nós vai conversá, vai aprendê coisa diferente”. Eu fui na Serra da Canastra, cara, lá, tinha o Zezito lá, Zezito, aí eu fiquei trocando uma idéia com ele, ele começou contá história, né, que ele mora lá na Serra, os filho dele foi criado tudo lá, ele foi criado lá, nasceu lá, só que os filho foi pra cidade, ele continuô, ele falô assim “eu num saio daqui, eu vô fazê o quê na cidade, vô ficá lembrando daqui, é melhor eu ficá aqui que eu num fico lembrando de nada, entendeu, então eu num fico triste”, então uma coisa depende da outra. E aí ele conta que lá esse lugar, como é um lugar turístico, todo dia ele vê uma pessoa nova. E é engraçado ele contá as história, que ele... caminhonete lá, ele comprô a caminhonete na década de cinqüenta, tirô zero, uma rural, ele falô assim “óh, eu comecei a andá, foi até que eu já num tava mais agüentando andá com essa caminhonete, que eu comprei uma nova, e ela ficô lá em baixo do telhado aí, ficô aí no quintal”. E foi um cara de São Paulo “óh, cê me vende essa caminhonete?”, “ah, não, vai ficá aí”. Aí falô assim “ah, eu vô tê que vendê porque vai ficá aí, eu num ando mais com ela, né”. E ele contô assim que, naquela caminhonete, ele fez muita aventura, muita amizade, e ele só num fica triste porque hoje ele faiz o que ele gosta, então ele fica lá na Serra lá, se ele tivesse ido pra cidade ele tava levando tudo isso aí, então ele teve muita coisa por isso que não queria vendê essa caminhonete, mais ele acabô vendendo a caminhonete por causa que o lugar que ele tá lá ajuda ele a não lembrá das coisa do passado, aquelas coisa ruim, e tal. Agora, as pessoas sai de um lugar, vai pra cidade, as pessoa acaba morrendo de depressão, então nós precisa ajudá esses velhinho, né, precisa aí, montá um grupo, conversá, eles têm muita coisa... eles têm muita idéia... idéia útil, às vezes tem idéias que eles não conseguiram fazê, né, não conseguiram colocá no papel, e pode sê passado e a gente pode pegá um pouco dessas idéia e virá... fazê alguma coisa útil disso aí.

Interessante.

Í no asilo.

Mudando um pouquinho da água pro vinho, quantas pessoas moram lá na sua casa?

Na minha casa? Num sei, oito.

Oito?

Não, sete.

Sete?

É.

Quem são? Você...

Eu... eu, minha muié, meu pai, minha mãe, minhas duas irmã e meu irmão, são sete.

E por quê que vocês mudaram da casa lá da segunda etapa pra essa que cê tá agora?

Ah, foi mais assim, porque em frente de casa tinha... o primeiro fator foi o problema de barulho, vizinho da frente fez um barzinho na frente, né, então ficava semana inteira aquela barulheira, ninguém guentava a barulheira, e mais assim que nós morava numa casa de telha, né, e queria morá na casa de laje, e eu morava no fundo da casa, mais a minha casa era grudada naquela casa do meu pai. Então eu fui... peguei um papel, fiz um desenho duma casa, vamos supor, lá em casa eu tinha dois cômodo e um banheiro pra mim, meu pai tinha mais dois cômod... mais quatro cômodo pra ele, né, então faltava um quarto pra minha irmã. Então eu peguei... e lá em casa era tudo grudado, quase não tinha espaço, foi muito mal planejado porque quem fez o desenho da planta lá num fui eu.

Quem que foi?

Meu pai, e eu fiz um desenho assim, eu boleei assim, um desenho assim, de uma hora pra outra, assim de noite, tive uma idéia, eu peguei um papel, eu falei assim “eu preciso de um quintal pra mim, um quintal pro meu pai e mais um quarto pra ele”. Então tá, como que eu vou fazê? Comecei a fazê o desenho, entreguei pra ele, “ôh, é isso que eu tô precisando”, foi lá e fez a casa, nem discutiu, entendeu, fez um quarto pra minha irmã e sobrou um quintal pra mim, um quintal pra ele e minha casa ficou separado, cê viu como é que é.

Antes a casa era junta?

Era junta, era junta a casa.

E agora?

Agora é separada, tem um quintal pra mim, né, e um quintal pra ele.

Por quê que cê quis a casa separada?

Ah, porque eu tenho os meus bicho, tenho minhas ferramenta, tenho... tem... tenho tê minhas coisa separada, acho que chegô uma época da sua vida que cê tem que sê um pouco independente, tê as suas coisa ali, às vezes meu cachorro ficava indo lá pra casa do meu pai, aí cê sabe, fazia uns cocozinho ali, e tal, agora em casa não, é tudo mais fácil, ele tá ali, faiz os cocozinho dele, já limpa tudo, né, aí ele ficava fazendo cocozinho pra o quintal inteiro, agora ele só faiz lá no fundo, e chegava gente na casa do meu pai e o cachorro ficava avançando, então agora eu tranco ele lá no fundo e ele só fica só lá no fundo, então fica mais difícil, né. Eu acho que...

Que mais que é interessante de tê a casa separada?

Eu acho que mais interessante que tê a casa separada é tê uma casa pra mim, né, um lugar sozinho, separado, sei lá, queria tê o quarto com... que eu pudesse fazê bastante barulho na hora que eu quisesse, na hora que eu num quisesse também num queria nenhum barulho me enchendo o saco, mais ou menos assim, acho que cada um tem um momento e cada um tem uma hora diferente, cada hora que você tem no seu dia cê tá dum jeito diferente, você precisa adaptá daquele jeito, às vezes cê tá mais triste, cê tem que tê uma coisa mais alegre, aí cê tá mais alegre, cê tem que ficá um pouco mais triste também porque se cê ficá muito alegre, cê enfiá a cana na boca, cê também cê fica muito alegre, aí cê cai e desmonta, né.

E quê que cê sente quando isso não é possível?

Ah, quando não é possível, ah, eu começo a fazê alguma coisa, eu fico andando pra baixo e pra cima à toa.

Mas o quê você sente?

Eu? Ah, eu sinto vontade de saí, né, eu queria tê dinheiro, assim, eu queria tê dinheiro pra mim saí, conhecê os lugar diferente, conhecê vários parque nacional, queria conhecê várias cidades histórica, eu queria conhecê o Butantã em São Paulo, eu já tive oportunidade de í e num fui, né, meu primo foi, eu lembro que nós estudava lá na escola, na quinta série, lá no Espineli, lá no Quintino II, e aí ele foi e eu num fui, e era o ônibus escolar, e ele foi conhecê o Butantã e eu não conheci. Eu queria conhecê, acho... eu queria conhecê, cara, acho... queria conhecê... se bem que eu conheço também o zoológico de São Paulo e ele não conhece, mais eu queria conhecê muita coisa, cara, eu queria saí, catá a moto assim e í...

Cê qué falá mais alguma coisa do Ribeirão Verde? Uma coisa que cê passô aí?

Olha, das coisas ruim que eu passei no Ribeirão Verde eu num quero lembrá de nada, acho que isso aí já foi já, num vai voltá atrais, mais eu queria que... eu queria que o pessoal investisse mais no Ribeirão Verde, não em política, como o presidente de bairro é tudo safado, esses presidente de bairro é... eles é... isso aí óh, nem começô já pra sê presidente do bairro, querê fazê alguma coisinha, já se candidatô a vereador, então acho que... acho que a pessoa num pode querê parecê em cima de uma coisa social que seria... o presidente do bairro ele vê só mais o lado social, né, tá precisando, o Ribeirão Verde mais... não sei, cara, o quê que tá precisando no Ribeirão Verde, faiz tempo que eu num fico aí.

Por quê que cê fala isso do presidente do bairro? Me conta um pouco mais do quê que tá acontecendo no Ribeirão Verde.

Ué, que depois que se candidatou a vereador cê num vê mais nada acontecê no bairro, cê via ele pra baixo e pra cima, né, fazendo as coisa, agora cê num vê mais, eu num sei se eu tô afastado do bairro, eu num tô vendo, eu acho que ele num tá fazendo mais nada em prol do bairro, eu acho que não, cara, eu num vejo mais ele, eu via ele direto, agora eu num tô vendo mais.

Como que era antes?

Antes eu via ele direto com a população, né, via, todo lugar que eu passava eu via ele conversando com a população, hoje eu num vejo mais ele, então eu acho que ele se afastou, isso eu num sei se aconteceu por causa da política, eu acho que sim porque depois da eleição num vi mais ninguém, então acho que se ele tivesse ganhado, tá, talvez ele ia fazê alguma coisa, num sei porquê que ele sumiu, acho que ele desistiu, né, cara, eu acho que desistiu. Eu acho que no bairro tá precisando de pessoas mais forte, porque se você colocá uma pessoa fraca pra podê construí alguma coisa ela num vai guentá levantá um saco de cimento, então cê tem que conseguí uma pessoa forte se não num vai levantá a casa, então cê tem que pegá uma pessoa que dá conta de fazê as coisa, né. Eu acho que nós precisamos... o pessoal do Ribeirão Verde precisa se organizá, se organizá, se juntá, precisa fazê algumas reuniões, porque como é difícil da pessoa se locomovê dum ponto pra outro, pra juntá todo mundo, você tem uma reunião e aquela reunião ela pode sê dividida em vários dias. Cê vai um dia e faiz uma reunião aqui ó, nesse quarteirão, você vai fazê nesse quarteirão, você vai pegá todo esse quarteirão aqui. Semana que vem, cê vai num outro quarteirão, cê vai falá a mesma coisa que aconteceu ali só que você vai captá idéias novas,

que ali cê tá do outro lado do bairro, aí o quê você vai falá sempre vai sê quase a mesma coisa na reunião, entendeu. Cê vai tentá chegá as pessoa num... só que cê vai tê que ouvi porque as pessoas têm opiniões diversificadas, né, e isso é bom, só que se ficá um confrontando com o outro, num vai chegá num ponto nenhum, cê vai tê que sê o mais breve possível, conversá com um aqui, conversá aqui e conversá nesses ponto, juntá essas idéia, fazê dessas idéia, mil idéia, fazê uma idéia só, e pô em prática pra vê se resolve. Pôs em prática, num resolveu, vamo tê uma outra idéia, num vamo também ficá levando isso à frente aí porque num vai chegá em lugar nenhum. Então vamo vê, acho que as pessoas têm que se juntá, as pessoas têm que fazê mais contatos, né, í na reunião de bairro, e num é difícil, né, porque o Ribeirão Verde tem quinze mil habitante, eu acho, quinze mil, então num é muito difícil. Num é difícil porque quando tem uma festinha lá no Mialich lá, todo mundo vai lá, então... mais também nós podia sê um pouco mais oportunista, né, chegá nas festa do Mialich lá, tivé um monte de gente lá, já catá o microfone e óh “aproveitá vocês moradores do Ribeirão Verde, já estão todos aqui, né, ah, que é difícil nos encontrá, tal, óh, precisamos fazê isso, isso, isso, isso, o que vocês acham”, e tal, sei lá, igual tinha aquele projetinho lá, que tinha aquelas menina trabalhando aí no Ribeirão Verde, batendo de casa em casa pedindo opinião, tudo, acho que isso aí seria legal, cabô tudo, né, cara, é foda. Nós precisa começá o ano aí diferente, esse ano foi muito ruim, o ano passado foi muito melhor que esse ano, nós conseguimos fazê mais, nós deixamo muito a desejá, e nós num... nós temos capacidade de fazer muitas coisas melhores pro bairro. E é isso aí, um dia nós chega lá.

Valeu, muito obrigado, falá mais alguma coisa, não, cabeça cheia já, né.